1952

JANEIRO - N.416

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS





...te número: DEFENDA-SE DA INFLAÇÃO

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.

2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.

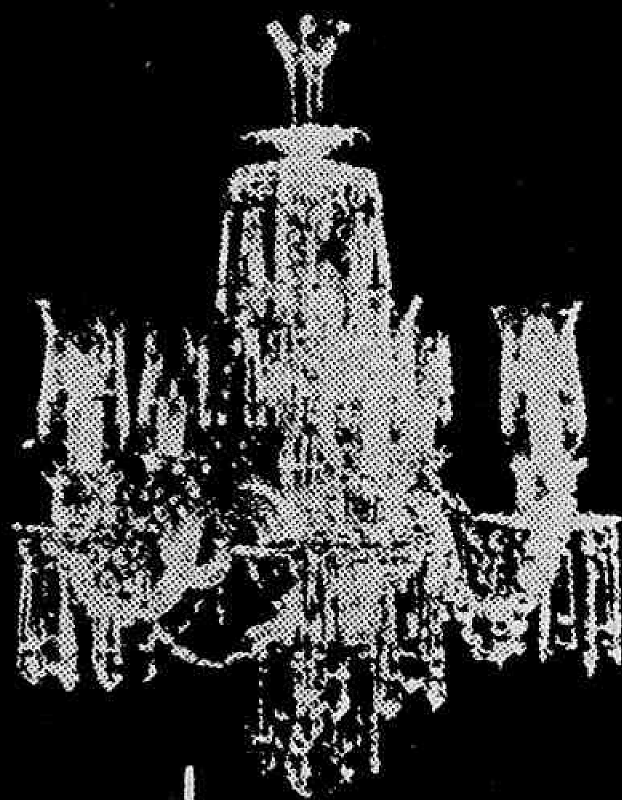
3.ª — Material de 1.ª qualidade.

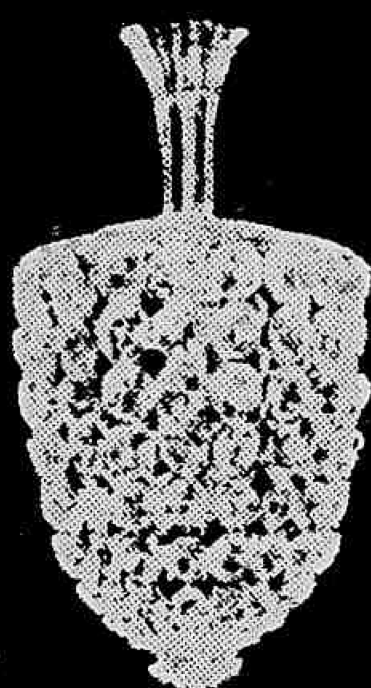
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.

5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

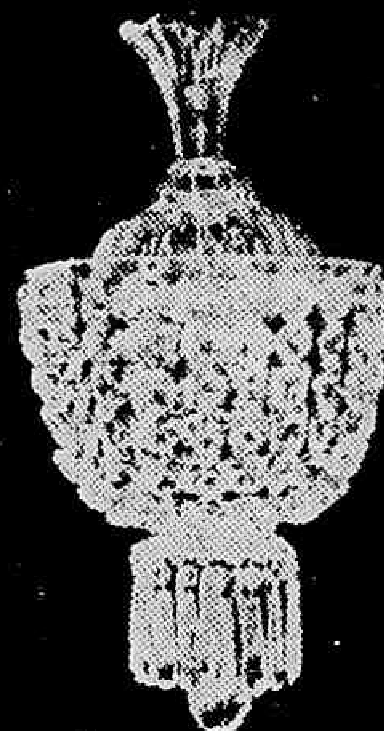
GALERIA SÃO PEDRO

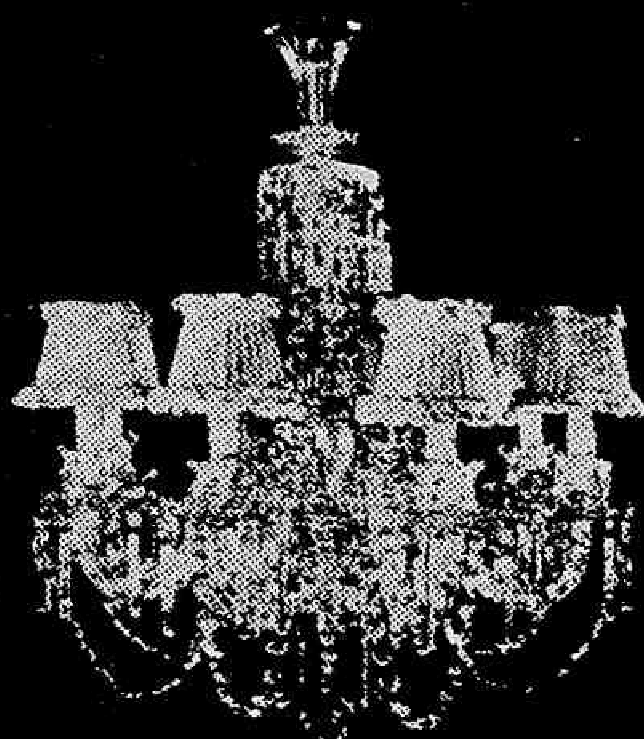
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 - 37-3428

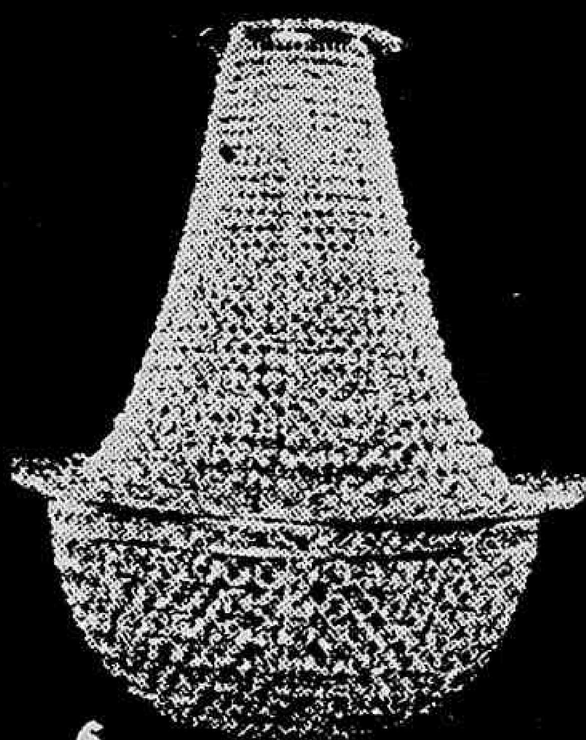

1


2

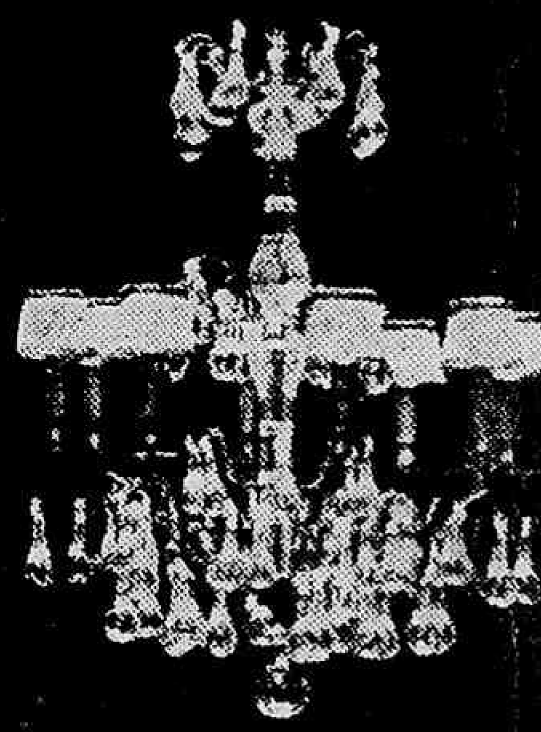

3

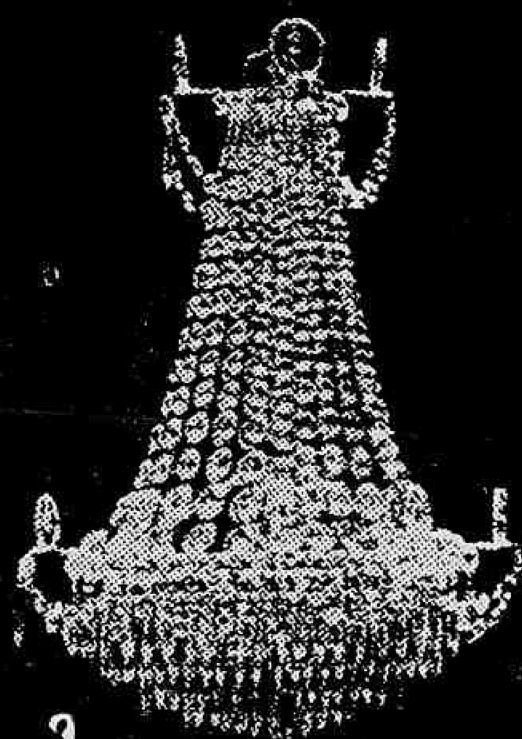

4

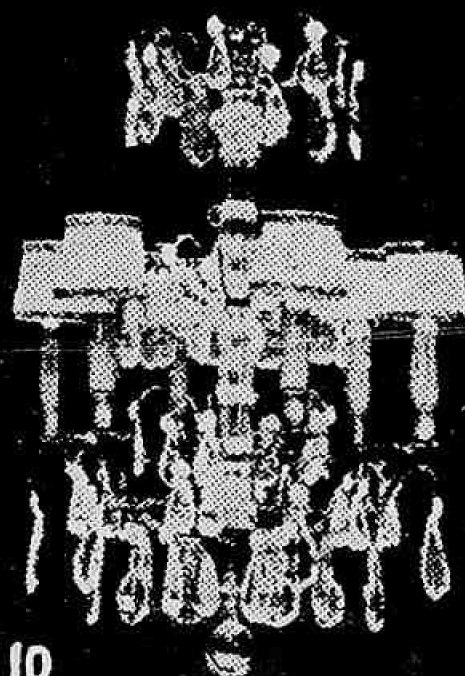

5

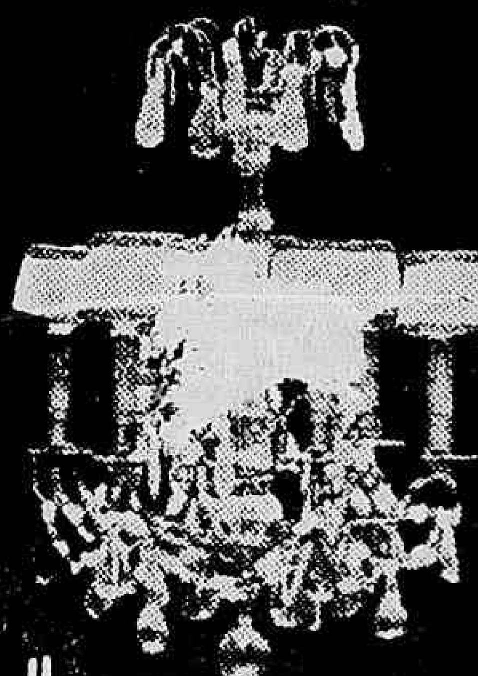

6

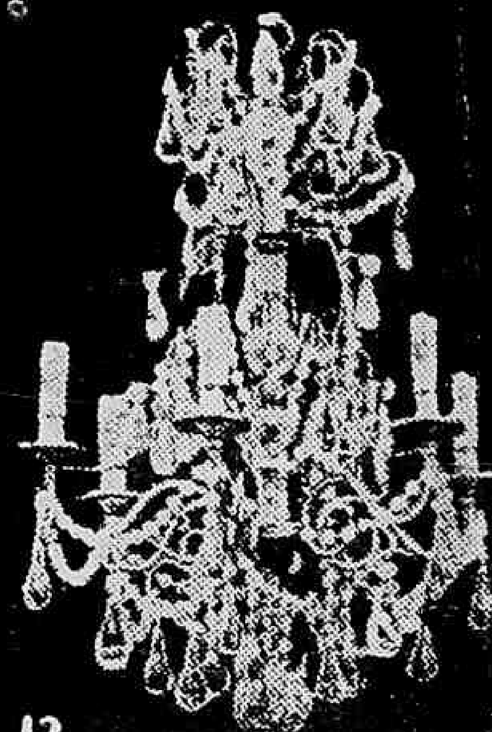

7


8


9


10


11


12

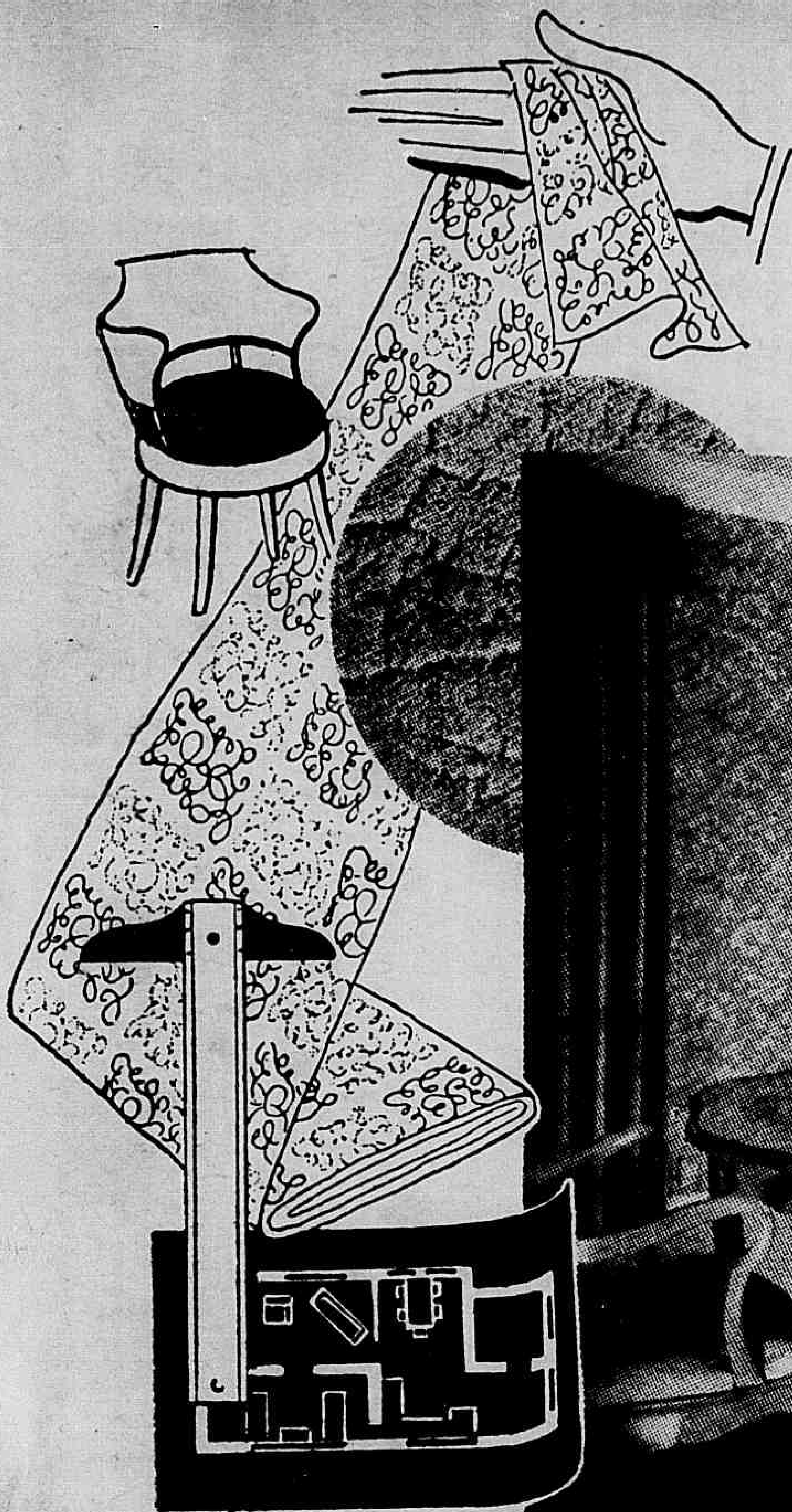
ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

MÓVEIS
Decorações

orçamentos por
técnicos especializados







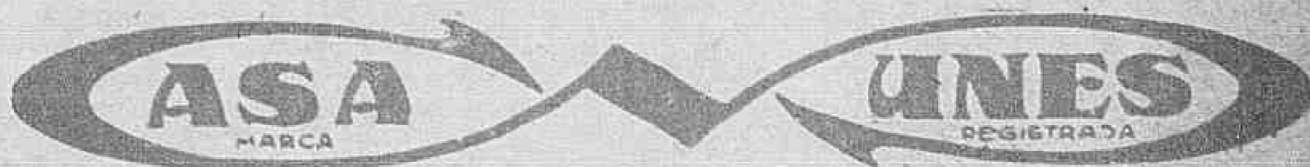
Tapêtes e Passadeiras de forração

Tapêtes feitos
à mão.

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de
nossas oficinas



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

arte — ciência — ocultismo — sexo — amôr — línguas — português

NÃO ME ACONSELHE! será fácil achar no mínimo 3 livros interessantes

Problemas sexuais dos solteiros — Nº 66 — 15,00
Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
Certo ou errado? Tira-dúvidas de português — Nº 69 — 15,00
Instalações elétricas — Nº 38-60,00
Guia íntimo da sexualidade — Nº 5 — 15,00
Testes de inteligência — Nº 78 — 15,00
Os melhores pratos da cosinha francesa — Nº 79 — 10,00
Estimulantes sexuais — Nº 67 — 15,00
Dicionário da mitologia — Nº 9 — 15,00
Como tirar a sorte — cartas, dados — Nº 39 — 15,00
Enciclopédia industrial ocultista — Nº 10 — 15,00
As chaves ocultas do poder — Nº 11 — 15,00
Como interpretar os sonhos — Nº 12 — 10,00
Como ler os pensamentos — Nº 13 — 15,00
Quiro — Como ler as mãos — Nº 14 — 15,00
Hipnotismo prático — Nº 15 — 15,00
Dicionário de citações de frases célebres — Nº 80 — 15,00
Segredos de Hollywood para a beleza feminina — Nº 33 — 20,00
Manual do motorista — Nº 36 — 15,00
O nú através da arte — Nº 1 — 20,00
Cartas de Amôr — Nº 20 — 15,00
Correspondência amorosa — Nº 21 — 15,00
Quebra-cabeças, mágicas e passatempos — Nº 22 — 15,00
Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
Lições de italiano sem mestre — Nº 24 — 12,00
45 lições — Francês sem mestre — Nº 25 — 12,00
Dicionário moderno de sexo e amôr — Nº 7-15,00
Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
Fala e escreve corretamente a tua língua — Nº 27 — 15,00
A felicidade sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
Manual do detetive amador — Nº 29 — 10,00
Alemão sem mestre — Nº 30 — 12,00
Aprenda espanhol em quadrinhos — Nº 31 — 12,00
Yes Sir! Inglês sem mestre — Nº 32 — 12,00
A arte de desenhar — Nº 70 — 30,00
Teste para os seus conhecimentos — Nº 34 — 15,00
Calendário do jardineiro amador — Nº 16 — 15,00
Como evitar a solidão amorosa — Nº 18 — 15,00

Contos - Poesia - Literatura dos melhores autores a preços populares

O banho, o beijo e outros contos (Emile Zola) — 65 — 15,00
A dama de espadas — contos — 35 — 10,00
Cenas de amôr dos melhores romances — 81 — 10,00
Pensamentos sobre o amor (Stendhal) — 19 — 15,00
Contos fascinantes — Os seis Napoleões — 63 — 10,00
Mortes curiosas e estranhas — 17 — 10,00
A moreninha (J. Manoel de Macedo) — 84 — 15,00
O papa negro — 83 — 40,00
Espumas flutuantes (Castro Alves) — 46 — 10,00

A arte de desenhar a mulher — Nº 42 — 30,00
Desenhar caricaturas — Nº 43 — 30,00
Costumes sexuais estranhos — Nº 4 — 15,00
Técnica e prática sexual — Nº 2 — 20,00

Peça pelo Reembolso

(não mande selos, dinheiro nem Vales Postais)

Não podemos atender pedidos de qualquer forma adiantada de pagamento. Basta mencionar Reembolso

TAMBÉM À VENDA NAS LIVRARIAS

(Não temos catálogo)

EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.

Rua México, 128 - Dep. 30 - RIO

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de Cr$100,00 há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

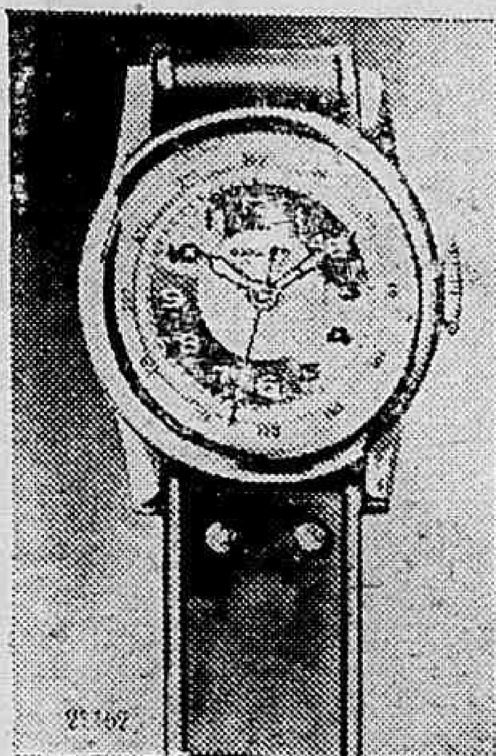
SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

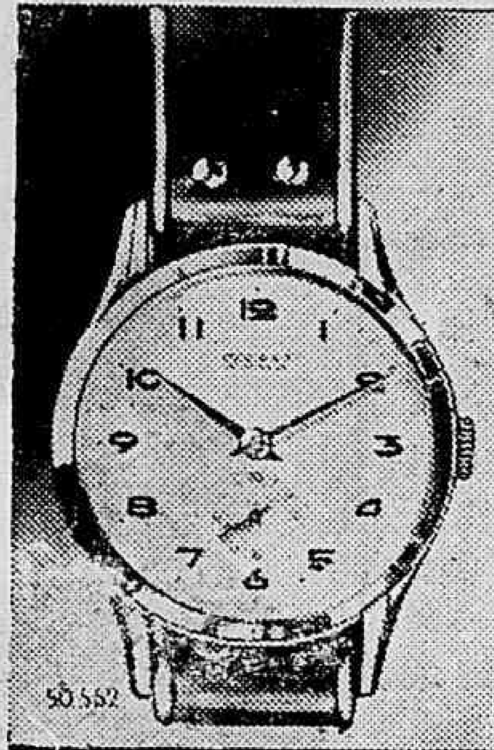
IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO
C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"
VENCENDO EM TODO BRASIL



46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fosco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ **158,00**



21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. Cr$ **95,00**



50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox, bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial Cr$ **255,00**



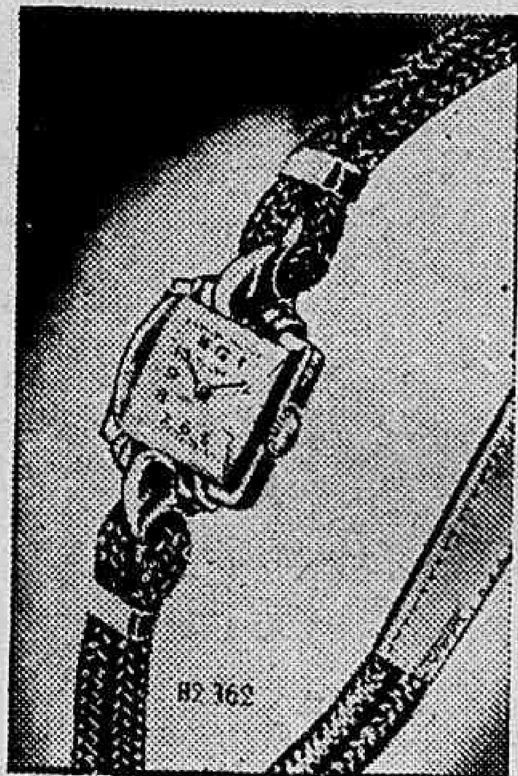
51.662 - Apresentação belíssima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial Cr$ **438,00**

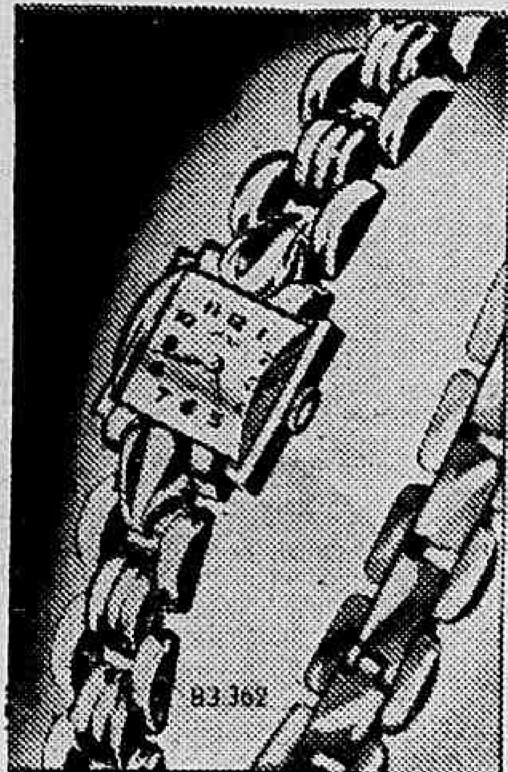
82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

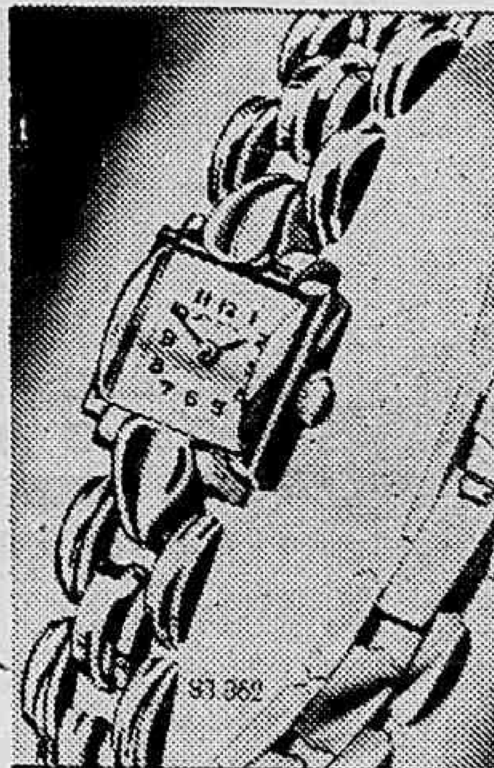
83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**









DESPACHO RAPIDO PELO REEMBOLSO POSTAL

ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO



SOC. **HERMES** LTDA.
RIO DE JANEIRO
R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"



CUPOM E.S.T.
NOME ____
RUA ____
CIDADE ____ ESTADO ____

RUA MEXICO, 31
12.º And.

ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS-JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

Sapatos que seus filhos adoram!

ATSEMOG

insinuante
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA AS SUAS ORDENS.

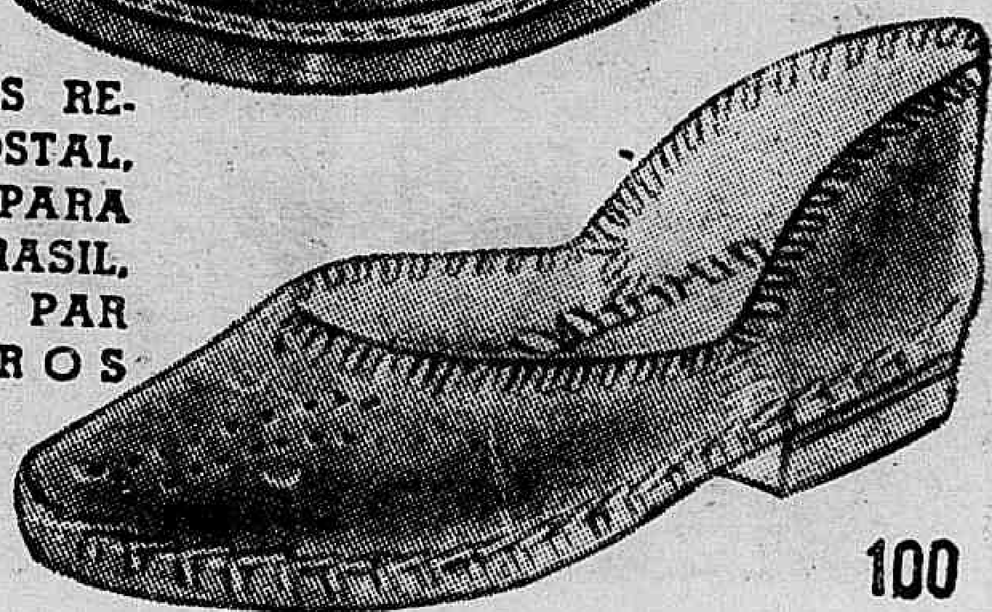
098





099

NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS



100

098 — Cr$ 98,00, «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 - SETE de SETEMBRO, 199-201



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Endereço Telegráfico: "Revista". Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Representante em São Paulo para distribuição: rua Capitão Salomão, 67, telefone: 4-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida. 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

DIVIRTA-SE, MEU BEM

Conto de **FLORENCE JANE SOMAN**

O salão de "cocktails" estava repleto. Ali se reunia, invariàvelmente, àquela hora, uma multidão ociosa, brilhante e tagarela. Dominando, porém, o ruído das conversações, ouvia-se algum "blue" ou "bolero", executado pelas orquestras da esquerda e da direita, que se alternavam a fim de que os pares, mais amantes de Terpsicore que de Baco, não cessassem um só minuto de dançar. Nesse instante executavam uma velha e dolente canção, entremeada de "of you..." ou "to you..." e que escorria dos saxofones como se fôsse melado; Fran, sentada lado a lado com Gordon, pensava que essa canção era a mais apropriada para o ambiente e para aquêle momento.

Porque, afinal, ela e Gordon tinham pensado, certa vez, que se amavam... E, agora, a música parecia levá-los de volta a êsse passado — ou trazer êsse passado para êles, até ali, até àquele cantinho discreto e mais calmo, como um oásis no imenso salão alegre e ruidoso.

Fran olhou em redor da própria mesa, achando tudo muito bonito e muito brilhante. Depois de dois "Martinis", sentia-se bem, muito bem mesmo, como a música no ar e a multidão risonha, que a cercava, além do próprio Gordon, um tanto diluído na sombra daquele recanto e na luz nova que o "cocktail" pusera em seus próprios olhos e que a cegavam um pouco.

Sim. Era uma deliciosa sensação de completa felicidade. Desejava poder abrir os braços e gritar:

— "Ó! Adoro todo o mundo!"

Os olhos escuros de Gordon sorriram, presos aos dela.

— Está gostando? — perguntou êle.

— Ó, sim! — falou com um prolongado estremecimento que a fêz semicerrar os olhos.

Fôra tudo tão inesperado! Saía de uma loja, com alguma pressa, quando quase foi cair nos braços de Gordon! Depois das mútuas exclamações de surprêsa encantada, êle a tomara por um braço e dissera:

— "Isto merece ser comemorado com um "drink", não acha? Afinal, há doze anos que não nos víamos..."

Ela se sentira ligeiramente perturbada e encantada; depois pensara: "Por que não?" *Bill não se importaria, e até seria engraçado."*

E, de fato, foi *engraçado. Ela se sentiu, de novo, com dezenove anos, e muitíssimo alegre. E ficou pensando, então, que tudo parecia um sonho. Dizer que, duas horas*

antes, estava ela comprando aventaizinhos de borracha para seus filhinhos!

— Fran — disse Gordon repentinamente. — Não seria possível prolongar isto... um pouco mais? Por exemplo: jantarmos juntos, em algum local agradável, em que haja música?

Sua voz se fêz mais grave; e acrescentou:

— "Música sim, mas com intervalos maiores."

Ela ficou espantadíssima consigo mesma por não estar ofendida com o que ouvira.

— Bem... — disse ela. E parou. Depois sorriu com os lábios e com os olhos; parecia-lhe ser impossível parar de sorrir. — Está bem... Bill é o primeiro a dizer, dia e noite, que é preciso ser mais moderno com essas coisas."

Apanhou a bôlsa sôbre a cadeira ao lado.

— "Esta é a primeira oportunidade que tenho de seguir os métodos dêle" — acrescentou.

Gordon também se ergueu. Repentinamente, seus olhares se encontraram e, a um só tempo, desataram a rir. Fran exclamou:

— Ó, Gordon! Isto é engraçadíssimo. Eu me sinto tão... tão ousada! Quase como outra qualquer.

Em caminho para a saída, riam muito ainda. No "foyer", fechada na cabine telefônica, enquanto compunha o número do seu telefone, sentia-se alegre e emocionada como uma criança que é levada, inesperadamente, ao circo ou ao jardim zoológico. Aquêle jantarzinho tinha para ela o sabor de uma grande e alegre aventura.

Houve um ruído característico na outra extremidade do fio e uma voz forte atendeu: "Alô!"

— Bill? — disse Fran. — Como vai, querido? Você nunca seria capaz de adivinhar onde estou!

— Sim... Não adivinho mesmo! Onde você está?

— Tomando "cocktails"... no "Tony". E com um homem! Um bonito rapaz... (Fran sorriu para a parede, deliciando-se com a surprêsa que ia causar). Gordon Hale !Mas não precisa ficar enciumado...

— Hum! — disse Bill. — Pela voz, estou notando que você está com o entusiasmo próprio de dois "Martinis"...

Fran estremeceu de surprêsa e de indignação. Como pudera êle saber que tinham sido dois "Martinis"? E, sentindo estragada a sua tentativa de impor ciúmes, decidiu insistir e desforrar-se.

— Encontrei Gordon... acidentalmente, é claro! — disse com intonação reticente. — Você se lembra dêle, hein?

— Sim, sim. Você costumava passear com êle, em solteira.

— Ora, Bill... Nunca houve nada de sério entre nós dois. E estar com êle, agora, também não vai alterar a minha pressão sanguínea, tolinho...

Silêncio, no outro fone.

"Mas, Bill, é tão engraçado! Você sabe — conversar sôbre os velhos tempos... e o resto! (hesitou um instante e prosseguiu) Bill... Foi um encontro casual... Eu estava fazendo compras... E já que estou na cidade e é tarde... acho que vou jantar aqui mesmo... Você sempre disse que essas coisas são sem importância e que jamais se zangaria se eu...

— Ora... Claríssimo! — disse Bill, interrompendo-a. — Se você está gostando deve prosseguir.

— Ó, você é um encanto, querido! — disse Fran. — E' que, você deve entender... Isso — ó — é como se eu voltasse a ser uma menina!

— Compreendo, sim — disse êle carinhosamente. — Divirta-se, meu bem... (Hesitou e, depois) Ó, Fran! — perguntou. — Você sabe se o meu terno azul voltou do tintureiro?

Fran fêz rápida marcha-à-ré, *até ao recesso de sua memória. — Sim, já está em casa — disse, finalmente.*

— Sabe se pregaram os botões que faltavam?

Novo recuo ao passado e, depois de franzir a fronte, refletindo, ela afirmou:

— Pregaram, sim.

— Ótimo. Pois então...

— As crianças estão bem?

— Muito bem — respondeu Bill com desinterêsse. — Bruce, apenas, provocou um pequeno desastre... Mas você mesma verá, quando chegar...

— Desastre? Como? — perguntou Fran com repentina apreensão e procurando "ver" como fôra êsse desastre. *Segundo se lembrava, o filho tinha a mania de correr e de mexer em tudo. E rememorou tôdas as curvas e côres dêsse rostinho querido.*

— Ora... Não foi quase nada... Apenas alguns salpicos de tinta vermelha no pano da poltrona verde...

Repentinamente, tudo pareceu irremediável no espírito de Fran.

— Ó! — falou apressadamente. — Você acha que é alguma coisa séria?

— Hum... Não deve ser muito séria! — afirmou Bill. Pigarreou para clarear a voz. — Sim... Não deve ser muito séria. Agnes já está providenciando...

— Ah! Mas diga a ela para lavar bem, antes que a tinta pegue, ouviu Bill?

— Okay. *Direi a ela. Divirta-se, meu bem.*

— Debbie está bem?

— Esplêndida! — respondeu Bill. — Acabei de vê-la neste minuto. Tem os olhinhos lindos e brilhantes e as faces coradas como se tivessem sido queimadas.

— Debbie? — repetiu Fran, com voz agoniada. — Mas, Bill, ela está sempre



— Como vai, querido? Você não será capaz de adivinhar onde estou...

tão pálida. Você diz que ela está muito vermelha?

— Ora essa, meu bem! — exclamou Bill. — Ela está bem! Deve ter brincado e corrido exageradamente, creio... (Nova hesitação) Ou você acha que...?

— Acho que você deve tomar a temperatura dela imediatamente! — declarou Fran. — Assim, ao menos, ficamos descansados.

— Está bem, está bem. Se você assim quer... Ah! A que horas você pretende vir para casa?

— Lá para as nove horas, mais ou menos — disse Fran maquinalmente.

— Ótimo! Divirta-se, meu bem... e até logo mais.

— Até logo.

Fran pousou o fone com gesto vagaroso e o ar preocupado. Abriu a porta da cabine e caminhou, devagar, pelo corredor. Quando voltou ao salão viu que o mesmo esvaziara consideràvelmente e que os dois pianos, emudecidos, recebiam capas de pano verde. O ar era abafado e desagradável.

Gordon se ergueu, quando ela se aproximou. Ao chegar junto dêle, ela pensava: "Não sei por que imaginei que êle não havia mudado. No entanto, está muito diferente e envelhecido. Os cabelos começam a rarear no alto da cabeça."

— Então? — perguntou êle, risonho.

— Conseguiu o "passe livre"?

"Passe livre"... Fran sentou, sorrindo sem vontade. Logo depois, ao baixar os olhos para os copos vazios, êsse sorriso morreu de vez. Fêz uma carêta e, devagar, levantou a cabeça e olhou para Gordon.

— Gordon — disse ela, hesitante. — Você ficaria muito zangado se eu desistisse dêsse jantar? Estou pensando que será muito melhor eu ir para casa...

Em casa, depois de conversar com Fran, Bill recolocou o fone no aparelho e caminhou com ar pensativo para o "living-room", com as mãos nos bolsos das calças. Em caminho desviou-se para não atropelar os dois filhos, que brincavam tranqüilamente no soalho, e lançou um olhar para Debbie, pensando: "Realmente, essa garôta é pálida". *Êle reconhecia ter exagerado a respeito do colorido de suas faces.*

Bruce levantou a cabecinha para perguntar:

— Mamãe vai ficar zangada comigo?

Nesse momento, Agnes voltava da cozinha, a fim de preparar a mesa para o jantar. Foi ela quem respondeu a Bruce.

— Fica tranqüilo, amorzinho — disse ela.

— Era coisa à-toa, e já limpei completamente, com um pouco de água quente.

Bill reconheceu que também havia exagerado um pouco ao se referir à mancha no pano da poltrona. Nesse instante, Agnes se voltava para êle, perguntando:

— A patroa vem jantar?

Bill ficou olhando para a criada um instante, depois:

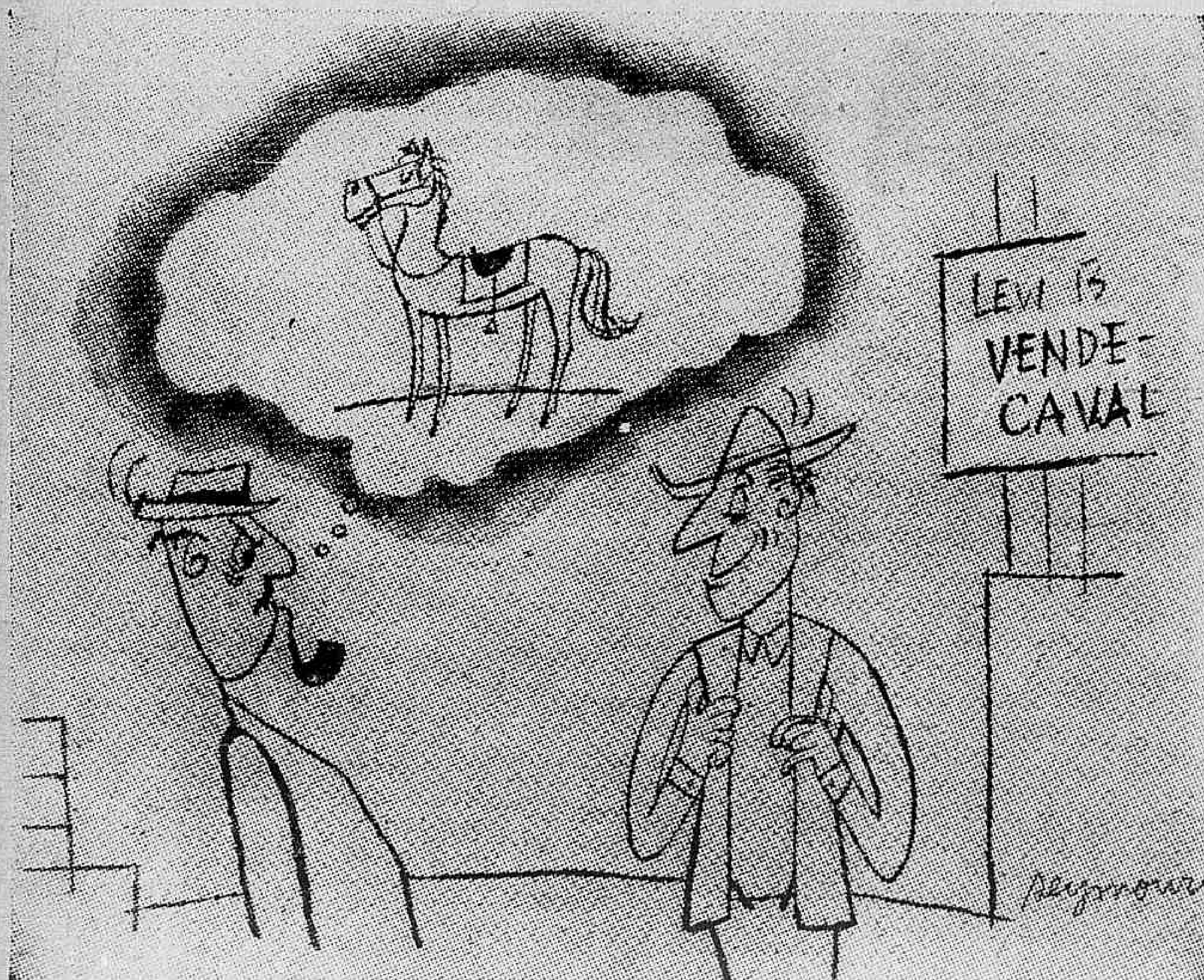
— Bem — disse êle, coçando a nuca.

— Não tenho muita certeza. Mas penso que ela já está a caminho para casa.

A lembrança da conversa telefônica voltou à sua mente e agora êle se sentia um pouquinho culpado. Começou a passear de um lado para outro, no "living-room"; depois, estacando no meio da sala, murmurou entre dentes:

— "Com mil demônios! O lugar da mulher é em casa!"

★



A "BOA RESPOSTA" DO MÊS

— Desejo um cavalo de alta-escola — declarou o homem que desejava comprar um cavalo — que seja novo e tenha espírito. Porém deverá ser bastante manso e capaz de obedecer a uma palavra de ordem, de modo que uma criança possa estar garantida sôbre êle. Quero que seja bom de sela, macio e ligeiro e, ao mesmo tempo, bastante robusto para arrastar a carrocinha de vegetais e sacos de milho, que vamos colher pròximamente. Só estou interessado num animal sadio, de bom sangue e de preço razoável. Antes de tudo quero um animal de classe e estilo, embora calmo, pois deverá também transportar bagagens, mantimentos, além de outros pequenos serviços pelos arredores.

Quando o homem, finalmente, acabou de enumerar as particularidades do animal que desejava, o vendedor de cavalos, com voz arrastada, perguntou:

— Não quererá o senhor ordenhar também êsse cavalo?



VOCÊ É "ALGUÉM"?

Por MARGARET STEEN
(Autora de "The Sun Is My Undoing")

"A verdadeira grandeza é como uma moeda — de um lado glória e exaltação; de outro, humildade".

HÁ muitos anos, sendo eu ainda uma pequena colegial, escrevi essa pequenina sentença num *ensaio* de menina.. Agora, passado tanto tempo, encontrei nisso a verdadeira *pedra-de-toque* de valores.

Só aquêles que tiveram muitas e difíceis experiências podem saber quão forte é a tentação de tirar vantagem dos privilégios que se supõe ganhar com o desenvolvimento, em qualquer sentido.

Essa tentação me assaltou, também, quando repentinamente e sem mesmo esperar, ocorreram fatos que me removeram das fileiras imensas dos obscuros escritores para a pequena categoria dos que são classificados como *"bem conhecidos"*. Se, então, não perdi completamente a cabeça, deve ter sido porque, em tôda a minha vida, tive o privilégio de conhecer alguns dos verdadeiros "Alguém", o que me deu uma agradável perspectiva da celebridade.

Em todos os acontecimentos pude distinguir entre notoriedade e genuína grandeza, tudo bem claro em meu cérebro para que não mais tivesse ilusões. Aprendi, nos meus distantes vinte anos, a separar o trigo do joio e a conhecer que são apenas os *tolos*, os *pseudos*, os que "fazem pose", os que se agarram à precedência e tudo estragam com a mania de impor a própria importância. Mesmo na minha mocidade, tive horror a essa espécie de gente e jamais pude conciliar sua presença com a lenda de sua "grandeza".

Para quase todos surge um momento de celebridade ou destaque, mesmo que seja curto. Poderá ser simplesmente um aniversário, uma formatura, uma promoção, um novo emprêgo ou matrimônio. Qualquer coisa nos eleva, e por alguns instantes, ficamos em destaque no nosso mundo particular. Seja qual fôr a causa, é muito fácil alguém se deixar levar pela onda sorridente da adulação e, com isso, vir a perder todo o senso do próprio valor. Quando isto acontece, é tempo de olhar para o outro lado da moeda...

Por mais festivo, luminoso e cheio de aplausos que seja o palco em que nos movemos, por maior que seja a tentação para fazer pose, lembremo-nos sempre: devemos ser humildes; devemos ser verdadeiramente grandes!

DEFENDA-SE DA INFLAÇÃO



A Sra. Gayle realizou sua maior façanha conseguindo jogos educativos, para suas filhas, mediante «trocas de interêsses». Também realizou uma «combinação» com a maternidade, para ter um leito e assistência médica absolutamente grátis por ocasião da chegada da segunda filha.

Os preços elevados atrapalham os planos do leitor no sentido de reformar a casa, comprar um automóvel ou passar as férias no campo? Aqui está o que procuram. "ouçam a lição de uma dona de casa que achou um meio de comprar tudo... sem dinheiro!"

"Nossa casa, finalmente, ficou pronta!

"Essa é uma notícia que pode soar maravilhosamente para qualquer casal e, principalmente, para qualquer dona de casa. Digo, "para a dona de casa, porque, uma casa nova significa, por certo, o fim de mil pequeninas agonias sofridas **"na outra"** e a obtenção de mil pequeninas delícias com **"a nova"**. Entretanto, para um jovem casal, em início de vida, pertencente à classe média e com uma filhinha de dois anos, vivendo numa cidade populosa, progressista... e difícil, isso também significa muitos compromissos — e a perda de outras pequenas maravilhas, para atender à queda repentina e quase total do montante das economias durante muitos anos guardadas no banco. Para cortas despesas, Bill estêve arranjando o jardim e eu mesma, trepada em escada alta, coloquei quadros, cortinas e sanefas.

Porém, a despeito dêsse nosso programa de maior trabalho doméstico, Bill andou fazendo cálculos, furiosamente e concluiu, dramático, que melhor seria adiar um pouco mais a vinda do nosso segundo filho. Essa, seria uma solução lamentável, no meu modo de entender. E odiei-a tanto que decidi, por minha vez, afastá-la definitivamente. Era preciso, porém, achar outro meio de cortar despesas e enfrentar a crise. Pensei furiosamente a fim de encontrar um meio de converter minhas horas vazias, dentro de casa, em horas rendosas, que tivessem o poder de deitar dinheiro no cofre.

Na verdade eu não tinha muito tempo livre, porque ensinava "sociologia", como voluntária, a um numeroso grupo de moças que seguiam um curso de enfermagem. Mas, repentinamente, uma luz brilhou no meu cérebro.

— Por que não me darão hospitalização, quando meu filho nascer? — pensei, falando em voz baixa.

— Hein? Hospitalização em troca das suas aulas? Vocês, mulheres, imaginam cada negócio que só mesmo rindo! — comentou meu marido.

— Não fará mal nenhum perguntar — respondi, sem saber que com isso eu me lançava inteiramente no campo dos "negócios".

O superintendente das enfermeiras não se surpreendeu com a minha proposta, e até mesmo o Diretor do Hospital considerou-a interessante, acrescentando que aquêle era "um comércio interessante para ambas as partes"". Por isso mesmo, tôda têrça-feira, à noite, durante mais oito meses e dias, ensinei sociologia para duas dúzias de sonolentas enfermeiras.

MAS NÃO ERA A ÚNICA! — Quando chegou o momento, meu filhinho nasceu como devia: com tôdas as facilidades e confortos. Não apenas tive um quarto excelente, como ainda tôdas as **nurses**, que haviam sido minhas alunas, revezavam-se nos cuidados comigo e confortavam-me por todos os meios. Creio que não houve parturiente mais bem tratada do que eu. Nem sequer as que se instalavam em apartamentos, com dois ou três médicos sòmente para atender ao seu caso particular.

Essa minha primeira experiência foi tão exitosa, que resolvi tentar novas "trocas de interêsses e vantagens". A troca, segundo entendia, era um meio de se obter coisas que não era possível comprar com dinheiro. Ocorreu-me, então, contar a algumas pessoas amigas o que havia conseguido e... descobri, com grande surprêsa, que muitas delas também vinham apelando para êsse sistema de trocas. Muriel Brent, por exemplo, falou-me

de sua viagem a Hollywood. Viajara de automóvel, com um casal idoso, e pagara-os, ajudando a dirigir o veículo em longos e difíceis trechos da estrada. Mas não foi só isso!

"O negócio acabou sendo duplamente lucrativo" — disse-me ela — "Uma noite, enquanto jogava "bridge" na casa de um irmão, ouvi um seu amigo se queixar de que estava necessitando de fazer uma viagem à Califórnia, a fim de comprar roupas esportivas, mas que, estando com bastante serviço, no momento, não podia deixar a cidade. Eu havia trabalhado nesse ramo, justamente, antes do meu casamento. Assim, ofereci-me para realizar a viagem e fazer as compras que fôssem necessárias. Êle aceitou e prometeu pagar-me a comissão normal para tais serviços. Pouco depois, tendo comprado um bom **guia-de-estradas,** encontrava-me com o mesmo casal idoso e continuávamos viagem.

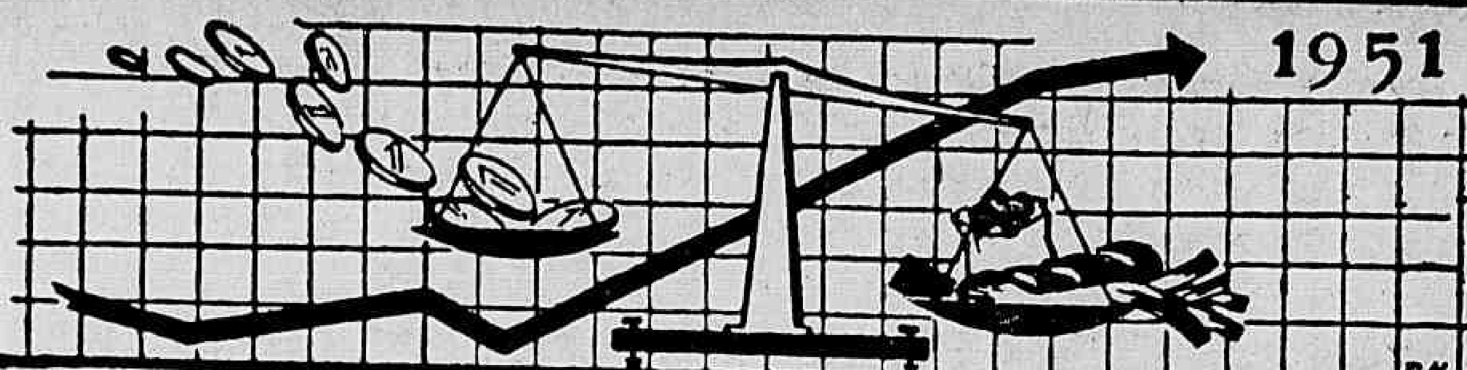
Evelyn, cujo marido era o Diretor de Diversões de um centro social, contou-me:

— "A vida passou a ser muito mais fácil desde que aprendi a **despertar.** Você conhece êsses "sandwiches" baratos, que costumo fazer, enchendo uma grande bandeija para a garotada que brinca com o Alex? Pois bem, muitas mães vieram pedirme que fizesse êsses "sandwiches" para seus clubes e festas. E você sabe o horror que tenho pelo coser e o remendar... Pois bem, agora, fazendo êsses "sandwiches" ganho o suficiente para pagar quem cosa e remende para mim... E ainda sobra dinheiro!"

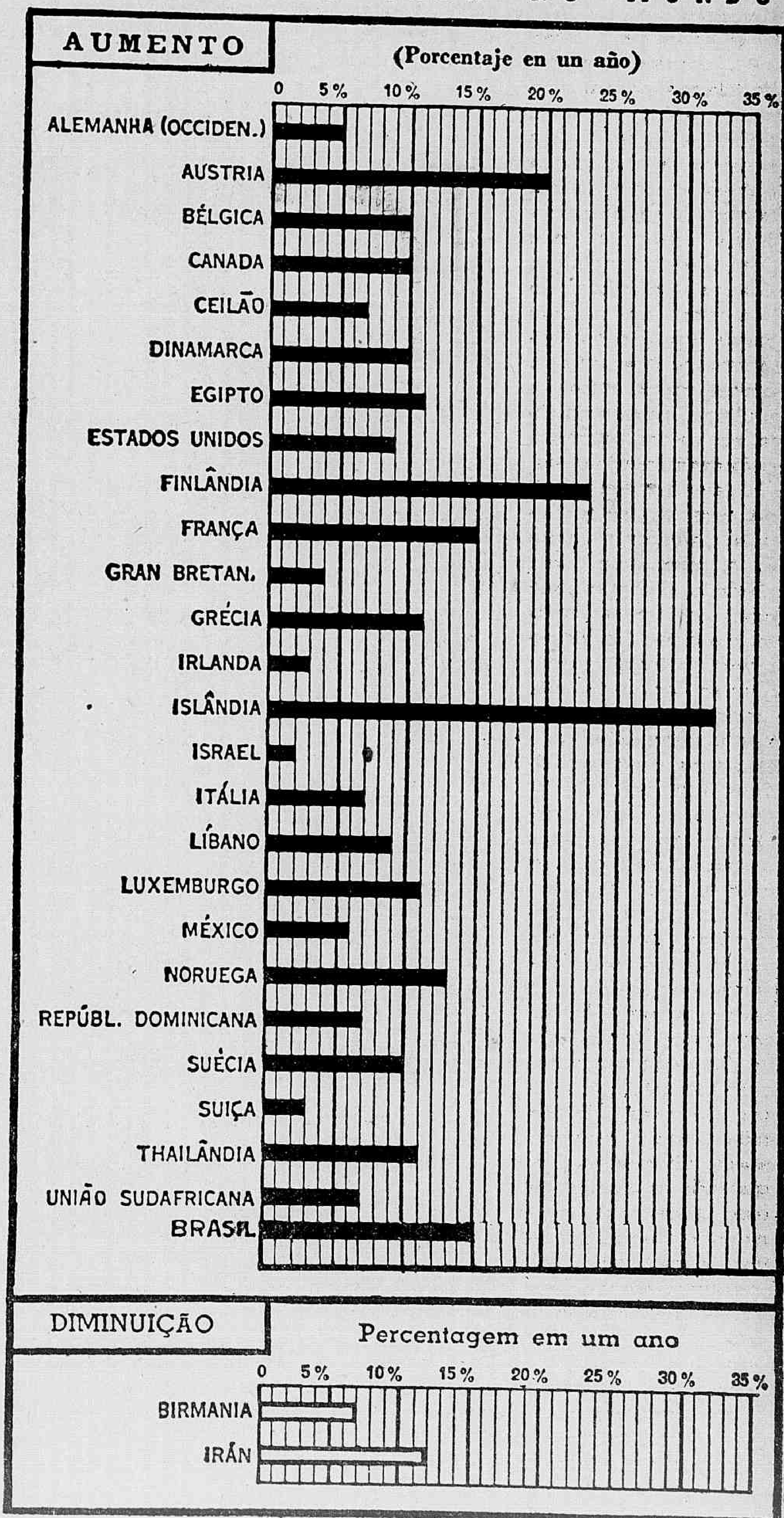
Outra de minhas amigas, Grace Martin, que tem alguma experiência com o rádio, também contou-me:

— "A princípio eu, simplesmente, achava graça e gostava de corrigir os trabalhos do Dr. Lowery, para que ficassem num inglês mais simples e mais compreensível para os ouvintes do programa. Não que fôsse um inglês errado, mas simplesmen-

O quadro à direita se baseia nos dados fornecidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), um dos organismos especializados da ONU. As percentagens foram estabelecidas de acôrdo com os últimos boletins recebidos de cada país e em relação com os do mês correspondente de 1950 (janeiro, fevereiro e março).



O CUSTO DA VIDA NO MUNDO



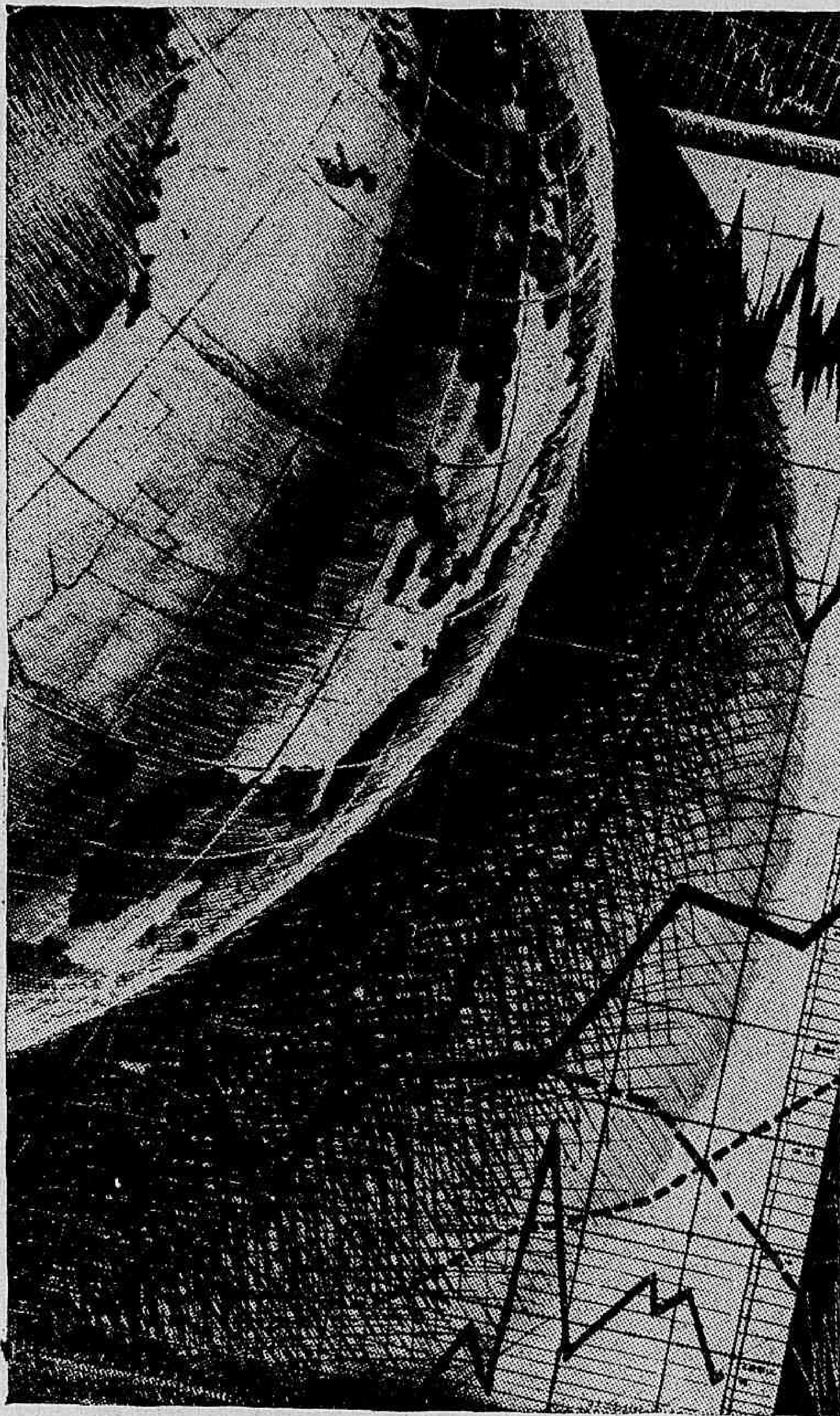
te porque estava entulhado de têrmos técnicos e explicações complicadas, mais próprio para ser entendidos pelos seus colegas da "Dental Association", da qual o Dr. Lowvery era o Presidente. Agora, porém, não podia mais dispensar — segundo confessou — a irradiação dos seus discursos e pediu-me que continuasse retocando o que êle escrevia mediante 20 dólares semanais."

Procurem vocês, também, alguma coisa para aumentar a renda mensal! Todos têm qualquer coisa para trocar ou comerciar: seu tempo, seus talentos, sua experiência. Com um pouco de habilidade podem conseguir o que desejam, **trocando** pela licença especial de "deixar que entrem e falem ao seu telefone", ou pelas receitas especiais para doces e salgadinhos, ligeiros trabalhos de bordados ou mesmo certas habilidades muito comuns aos homens, porém raras entre as mulheres, principalmente em certos bairros e pequenas localidades.

Como ocorreu comigo, por exemplo. Depois do meu primeiro êxito, não quis mais parar de tentar a sorte com as trocas mais inesperadas. Minha seguinte vitória surgiu quando decidimos, meu marido e eu, mandar Carol, nossa filhinha de três anos, para um jardim de infância. O pior foi que o nosso orçamento, solapado pelas pesadas prestações da casa, não podia suportar nova sangria. Estávamos, porém, convencidos de que êsse ensino era necessário para a nossa filhinha, pois, na realidade, serve êle de bom impulso para um começo de vida. E nossa filhinha não ficaria privada dessa utilidade, só porque não podíamos ter essa despesa. A escola para a qual desejávamos mandar Carol, era dirigida por uma senhora de meia-idade, Mrs. Matthews. Um dia consegui uma boa apresentação para ela e, com alguma hesitação — pensando no discurso desanimador que ouvira do meu marido, sôbre a impossibilidade de fazer êsse "negócio" — disse-lhe o que pretendia. Como todos os que vivem um pouco afastados da cidade, tínhamos um automóvel, modesto mas forte e bem conservado. Ofereci-me para usá-lo, a fim de colher um grupo de sete ou oito crianças, que levaria ao colégio, tôdas as manhãs, trazendo-as de volta às respectivas residências (tôdas próximas uma das outras e no caminho da minha casa) à tarde... **em troca de Carol obter matrícula absolutamente graciosa.**

Todos ficaram satisfeitos: Mrs. Matthews gostou da idéia. Assim, duas vêzes por dia, eu transportava as crianças de casa para a escola e desta para casa. E não sei dizer quem ficou mais contente com êsse arranjo: Carol, eu própria, as mamães das outras crianças ou Mrs. Matthews!

Houve tempo em que eu ignorava que pudesse haver um substituto para o dinheiro. Porém, hoje, uso a cabeça e consigo o que desejo, seja lá um perfume importado, uma porcelana chinesa ou simplesmente um surso superior. Recentemente obtive o direito de cursar uma grande universidade, em troca de atender à sua correspondência, batendo umas doze ou quinze cartas diárias.



Sofrendo de tôdas as carências e de todos os excessos, o mundo se encontra, talvez, na mais difícil e sombria situação de todos os tempos.

Quando fomos passar algum tempo em Washington, pude descobrir que a mulher, de fato, nasceu para o **negócio** de trocas de interêsses e vantagens. Minha vizinha, Sra. Grayson, residente em Fort Davis Street, tinha sido uma nutricionista especializada em dietas, antes de se casar. Agora, já passados muitos anos, desejava internar o velho pai numa casa de saúde. O preço, porém, era muito elevado e fora de seus recursos. Porém a Sra. Grayson teve uma idéia.

— "Foi uma verdadeira inspiração. Ofereci-me para ir uma vez por semana a fim de organizar todos os **menus** do hospital, segundo as dietas mais indicadas para os internados. De fato, êles estavam encontrando dificuldade em conseguir um nutricionista... dentro do preço que podiam pagar, e por isso, aceitaram de braços abertos os meus serviços em troca da hospitalização e tratamento do meu pai. Fiquei, além disso, muito satisfeita por estar usando novamente meus recursos profissionais e, principalmente, porque isso vinha renovar a minha confiança no futuro, para o caso de vir a necessitar de trabalho.

Ali mesmo, conhecemos um jovem casal, muito simpático, e que também sabia poupar dinheiro com **trocas de vantagens.** Êle era funcionário público e ela, muito mocinha, cuidava da casa e de

um filho. Para aumentar a renda juntos trabalhavam, à noite, frente a frente, numa pequena mesa, preparando uma espécie de "Correio Noticioso" sôbre os Texanos e interêsses dos Texanos, em Washington. Uma vez por semana mimeografavam tudo e enviavam para uns cinqüenta jornais em seu próprio Estado.

Não havia outro jeito senão ter que comprar os selos. Porém, para salvar o papel, os envelopes e o mimeógrafo, além da impressão, Ellen deixava o filhinho comigo, umas quatro horas, cada segunda-feira, e **ia bater máquina** num escritório especializado em cópias dactilografadas. Em troca dêsse seu serviço, forneciam-lhe papel, envelopes, mimeógrafo e ainda o **adressograph**, para endereçar os envelopes.

A Sra. Peterson, residente um quarteirão antes do nosso, possui dois quartos no andar superior e que tôda a cidade inveja, porque são, realmente, muito bons. Pois bem, ela os aluga a um casal que, além do pagamento mensal se ofereceu para tomar conta de seus dois filhos... três noites por semana! Dessa forma, a Sra. Peterson pode atender aos seus compromissos de **Voluntária** no "Hospital dos Veteranos", e ainda ir ao cinema.

Êsse negócio de "trocas", segundo pude verificar, é praticado em tôdas as cidades, grandes ou pequenas. E' muito fácil, aliás, dependendo ùnicamente de saber encontrar a pessoa que necessite tanto dos nossos serviços quanto nós dos dela. Geralmente descobrimentos que o pequeno negociante, que não pode ter despesas extraordinárias, é o que melhor ouve as nosas sugestões.

1942 . . . . $
1944 . . . . $
1946 . . . . $
1948 . . . . $
1949 . . . . $
1950 . . . . $
1951 . . . . ?

Quando meu marido conseguiu um emprêgo em Nova York, fomos residir em Greenwich Village, que pode ser considerada uma pequena cidade encaixada dentro de uma grande cidade. E, segundo declarei a Bill, mais tarde: **"Eu, certamente, serei uma tola não procurando "trocar", em Nova York!"**

Nas proximidades da nossa rua são encontradas numerosas lojas de antiguidades, objetos de arte e jóias de tôda classe. Como mulher, adoro as jóias e as coisas bonitas; não, necessàriamente, brilhantes e platinas, mas certos broches e equivalentes que tão maravilhosamente combinam com as básicas e elegantíssimas **toilettes** negras.

Aproximei-me de um joalheiro, cujas vitrinas continham verdadeiras tentações e ofereci-me para escrever os seus programas de rádio e organizar a sua publicidade nos jornais, assim como sugerir reclames para vitrinas, pagando-me êle com mercadoria. A princípio não pareceu compreender de que forma a publicidade ajudaria o seu negócio, e os meus teimosos argumentos não o convenceram. Despedi-me com o mesmo sorriso com que chegara diante dêle, não demonstrando qualquer sombra de mau humor, porque sei, por experiência, que uma porta fechada hoje, pode estar aberta amanhã, desde que não se deixe morrer uma atmosfera de simpatia. Mau gênio e bons negócios não podem viver em comum. Deixei passar algumas semanas e voltei a tentar, agora com novas sugestões: não só faria a sua publicidade como também escreveria a sua correspondência. Como já suspeitava, meu anterior argumento ficara "trabalhando" no fundo do cérebro do comerciante, que, agora, já se mostrava mais cordial e cordato.

Pediu-me apenas um pouco mais de paciência. Segundo contou-me, aquela não era a boa ocasião para anunciar. Quando os negócios caíssem um pouco, o que por certo ocorreria, como todos os anos, então sim, **caso eu ainda estivesse disposta**, êle aceitaria a minha proposta. Chegou a "má" estação, fizemos negócio e assim pude obter as jóias que desejava e ainda algumas miudezas para dar como presentes de Natal.

Uma das minhas proezas nesse campo da "troca" de valores e vantagens foi quando necessitei de livros e jogos escolares educativos para minhas filhas, a fim de acompanhar o mais moderno programa

3 REGRAS PARA MANTER O EQUILÍBRIO

A Sra. Elsie Stapleton, escritora, professôra e conselheira orçamentária de milhares de famílias norte-americanas, através de uma popularíssima seção, num vespertino de Nova York, declara:

Não pode haver nada mais desencorajador e mesmo humilhante do que um orçamento mal planejado e em que se faz economia de alfinetes e se joga fora por outro meio. A Sra. Gayle, no presente artigo, trata, com muita segurança, de um dos mais interessantes pontos do problema.

Aos que me procuram, pedindo conselho, sugiro três coisas:

1 — Perder a mania da grandeza e da ostentação. Muitos indivíduos se surpreendem quando, um dia, afinal, compreendem que compraram um sem número de coisas... simplesmente para se manter na mesma linha do seu vizinho. **E' preciso esquecer a ostentação! E' preciso comprar sòmente aquilo que é, de fato, necessário, e nunca o que você pensa que deve ter para aparentar.** ... ...

2 — Não perder tempo poupando tostões! Procurando economizar 20 centavos aqui e outros 20 ali, você está simplesmente matando a alegria de viver, aos pouquinhos... e constantemente.

3 — Tome uma resolução séria. Ou uma drástica decisão de conseguir novas rendas para as despesas de casa ou descobrir onde poderá ser efetuada uma séria redução das despesas. Considere, inicialmente, se não será mais interessante dispensar a criada. Se cada um, em casa, fizer um serviço... e desarrumar menos, tudo se arranjará. Desista do seu automóvel ou simplifique as suas férias. Procure abolir a enorme variedade de diversões que se oferecem mensalmente, ficando com uma só. Economias assim são atos realmente bem pensados e, de fato, salvam bom dinheiro.

E leia o que nos conta a Sra. Gayle. Quem sabe se você e todos os de sua casa não terão excelentes idéias de «trocar» isto e aquilo?

Mas, é preciso ter em mente: para isso, como para o resto, é preciso ter realmente vontade de agir com decisão e entusiasmo, a fim de conseguir uma vida melhor.

de ensino. E tudo nas proximidades do Natal, quando era preciso fazer o papel de "Papai Noel" para minhas filhas e ainda cêrca de dez sobrinhos. Mas, também, é essa a época em que as casas comerciais, principalmente as de brinquedos, desenvolvem mais atividade. Apresentei-me, pois, numa

O QUE GANHAM AS MULHERES

Eis a percentagem dos salários femininos, relativamente aos salários masculinos, antes e depois da II Grande Guerra:

	Antes da Guerra	Em 1949
França	70%	92%
Finlândia	69%	76%
Suíça	65%	73%
BRASIL	65%	73%
Alemanha (Ocidental)	58%	69%
Suécia	58%	67%
Austrália	55%	64%
Noruega	60%	64%
Grã-Bretanha	51%	61%
Dinamarca	55%	61%
Japão	31%	44%

dessas casas e ofereci-me para fazer propaganda diretamente junto das mães de família. Meu pagamento seria totalmente em brinquedos. O comerciante aceitou uma experiência por dois meses. Ao fim do primeiro mês, verificou que seus fregueses novos aumentavam em número, e tão satisfeito ficou que decidiu dar-me uma bonificação em dinheiro — **prova de que às vêzes podemos ganhar mais do que aquilo que esperávamos trocar.**

Não importa qual seja o seu talento nem qual a sua ocupação. Estenógrafas, bibliotecárias, professôras, atrizes, nurses e donas de casa, tôdas podem entrar nesse comércio de trocas. O principal é ter idéias e saber descobrir um "mercado". Um artista poderia desenhar tabuletas para uma vitrina comercial... em troca de mercadorias. Um bibliotecário poderá ajudar em qualquer livraria ou colégio, em troca de livros e instrução para um filho. Um comerciário poderá oferecer os seus serviços noturnos, para "caixa" de algum restaurante ou **night-club**, em troca de um jantar para a família, (enviada ao seu próprio lar). Não há, positivamente, limites para a iniciativa particular.

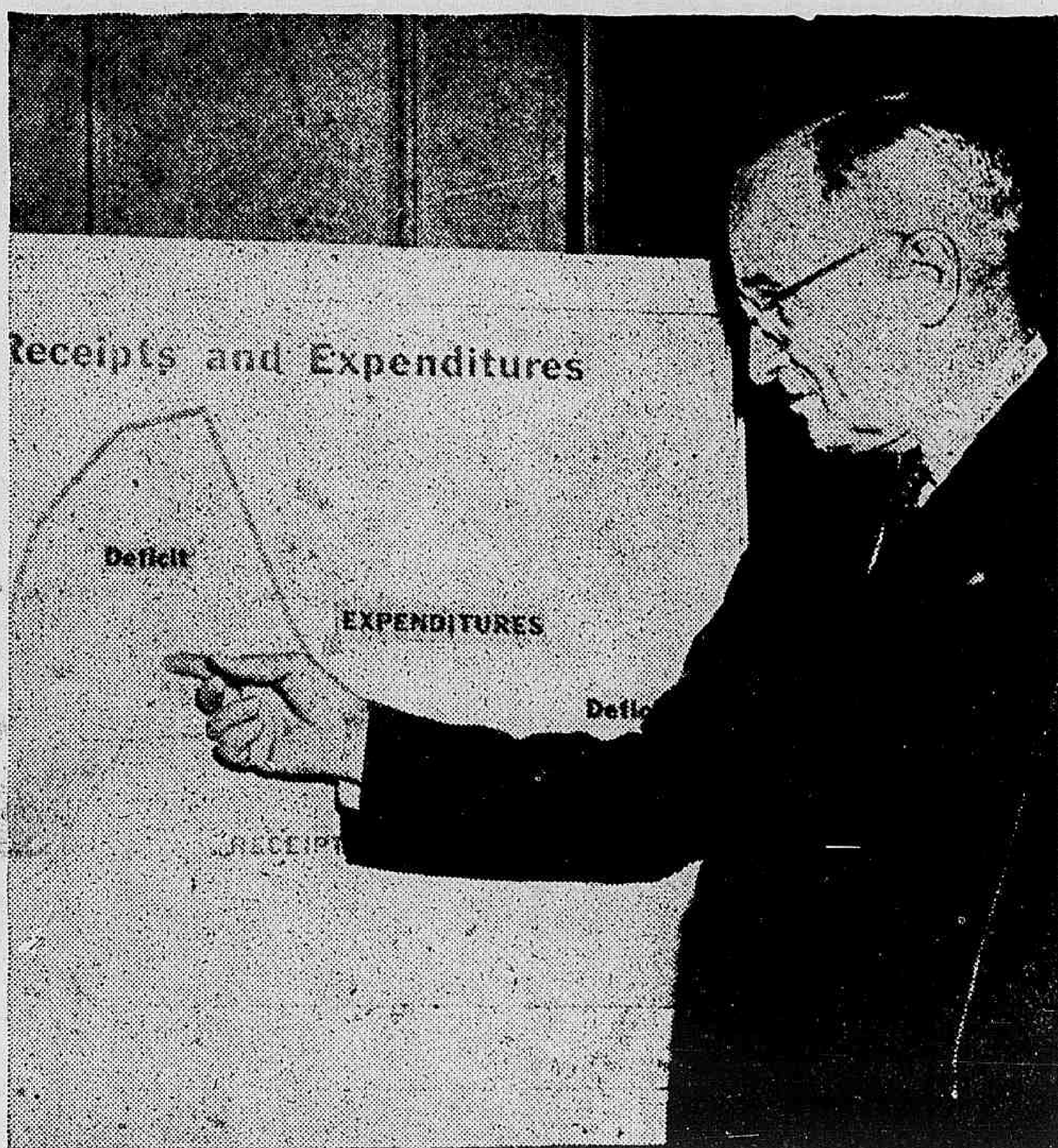
A mulher, naturalmente, pode negociar mais com essas "trocas" devido a que o seu tempo é mais flexível. Apesar disso conheço muitos homens, empregados nos mais diferentes misteres e que, no entanto, não perdem ocasião de efetuar "trocas". Um conhecido ministro da igreja protestante, residente em Chicago obteve uma viagem graciosa à Flórida, em troca de dois sermões que ofereceu e foram aceitos. Um psicólogo universitário conseguiu engajar um filho num "acampamento de férias" em troca de quatro **visitas** que se prontificou a fazer ao mesmo campo de recreio, a fim de palestrar com a rapaziada sôbre problemas próprios da sua idade.

Um pediatra, em Nova Orleans, deu assistência médica gratuita ao filho de uma senhora que se prontificou a remendar sua roupa, trocar mangas de camisa, cerzir meias, etc. Outros colegas decidiram seguir-lhe o exemplo e em breve a senhora dava emprêgo a quatro ajudantes e prosperava em seu comércio, além de ter médicos de tôdas as especialidades à sua disposição e que, além de tudo, ainda pagavam pelo seu serviço.

Porém talvez você, gentil amiga e leitora, como eu própria, não queira coisa de encher oito horas diárias de trabalho, porque, tendo filhos e outros afazeres domésticos, êstes seriam fatalmente prejudicados. Porém o que devem fazer é coisa mais simples; é saber aproveitar pequeninas oportunidades de combater as dificuldades dêstes dias inflacionários, conseguindo utilidades sem abrir a bôlsa.

Aqui estão alguns conselhos que muito poderão ajudar no comércio de trocas:

a) Se tiver uma boa idéia, não receie oferecê-la em troca de alguma coisa que, de outro modo,



O problema, relativamente — e guardadas as devidas proporções — é geral. O Presidente Truman que lida com bilhões de dólares, também vive atormentado com a ameaça de inflação.

custaria dinheiro difícil de ser dispensado. O negociante a quem fazemos uma proposta, fica encantado ao saber que, por sua vez, não terá que abrir o cofre e fazer qualquer pagamento em dinheiro.

b) Deve fazer sua oferta como se fôsse uma "pechincha". Não convém regatear muito, porém. A oferta deverá ser feita em forma vantajosa. Se souber propor de maneira hábil e atrativa, o **negócio** será fechado em poucos minutos.

c) E' necessário tomar a iniciativa. Os negócios de trocas não vêm bater à nossa porta. Quando um comerciante tem que atender a uma volumosa correspondência, não pode dispensar uma estenógrafa. Mas não quer pagar muito... Se você lhe oferecer meio-dia de serviço, em troca de mercadoria, êle receberá a oferta de braços abertos.

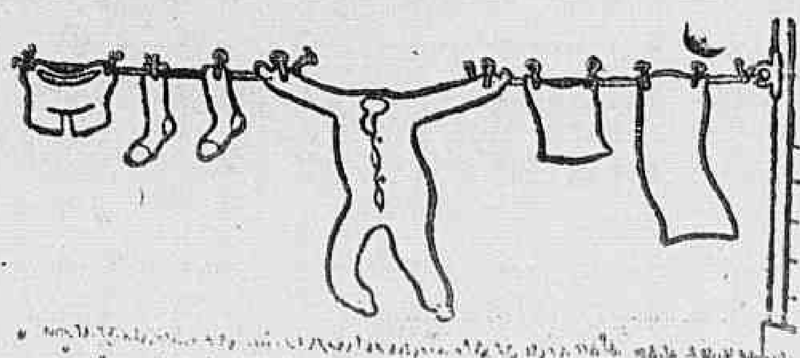
d) E' preciso ser observadora. Quando se deseja realmente trocar e se tem os olhos bem abertos, as oportunidades vão surgindo em cada esquina. Quando você notar, por exemplo, que o dentista está atrapalhado com a extração, não dos dentes, mas das "notas" dos clientes, no princípio de cada mês, poderá oferecer-se como secretária, para execução dêsse serviço... em troca do tratamento gratuito dos **próprios dentes!**

e) Prestar atenção às **repetições.** Se um negócio de trocas foi excelente para ambas as partes, não se esqueça de dizer que está pronta para repetir o comércio **em qualquer ocasião.**

f) Quando não fôr possível "trocar" por aquilo que você deseja, não consinta que isso a detenha. Qualquer troca há de ser, sempre, uma boa ajuda para o seu orçamento e conservará mais dinheiro em sua própria bôlsa.

Felizes trocas, portanto, é o que desejo a tôdas as minhas leitoras! Possam elas "trocar" tantas vezes e tão bem, quanto eu mesma tenho feito. E hão de ver como o dinheiro começa a sobrar em casa...

★



A bôlsa esquecida

Por SWERSON













OS HOMENS DESMAIAM



J. M. LIBMAN

VOCÊ está redondamente enganado se pensa que o desmaio é estritamente próprio das donzelas melancólicas e que se agarram às atitudes, poéticas e românticas de outros tempos. Qualquer médico dirá que quase diàriamente é procurado por pessoas que se queixam:

— **"Doutor... Eu perdi os sentidos..."**

Rita Hayworth revelou estar esperando a **cegonha**, desmaiando em público! E, embora recusem admitir tal coisa, muitos homens estão sujeitos a desmaiar como qualquer mulher. Na verdade, **certos tipos de desmaios são mais comuns entre os homens.**

Nem todos os desmaios são iguais. Os sintomas que os acompanham podem variar desde a extrema imobilidade até aos estados de convulsão; da extrema palidez ao rubor forte.

O desmaio, em si mesmo, pode ser provocado por um distúrbio de circulação, do coração, do cérebro, do estômago, do sistema nervoso ou em razão de violenta emoção. Pode significar séria enfermidade ou ser resultante de um trivial cisco localizado num ôlho.

O desmaio mais comum, chamado **síncope vaso-depressor**, ocorre quando uma queda na pressão sanguínea, que banha o cérebro, desce muito abaixo do necessário para manter um indivíduo consciente.

DEITAR-SE, MANTENDO A CABEÇA BAIXA — A recuperação dos sentidos pode ser obtida, deitando-se o indivíduo e mantendo-o algum tempo com a cabeça baixa. A natureza, sempre sábia, age por si só, obrigando o indivíduo a vergar as pernas e a caír, pois assim, mais fàcilmente, sem auxílio de estranhos, poderá recuperar os sentidos. E' mesmo possível evitar essa espécie de desmaio. Se o indivíduo sente que vai perder os sentidos, tratará imediatamente de deitar, embora outros sintomas, como tonteiras, náusea, perda de côr, perturbação da visão, etc., possam persistir por alguns minutos mais.

Muita gente, de fato, já perdeu os sentidos, e aqui estão alguns estranhos fatos relativos a êsses desmaios. Entretanto, os desmaios, hoje, não são mais no estilo do século XIX...

Qualquer indivíduo, mesmo gozando perfeita saúde, pode sofrer um desmaio, provocado por repentina queda de pressão do sangue ou pela recepção de más notícias. Segundo o Dr. George L. Engel, professor de Medicina e Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Rochester, o desmaio provocado pelo vaso-depressor "é uma reação que pode ocorrer durante o mêdo que se experimenta quando a ação é difícil ou impossível."

Antes dêsse tipo de desmaio, acentuada mudança de circulação é observada, sendo muito parecidas com as que se seguem a um violento esfôrço físico. Quando o perigo surge — real ou imaginário — o corpo se apronta para reagir. Mas, em muitas situações, qualquer ação se torna impossível. Então todo o processo de **preparação** se converte em síncope.

Vejamos o caso de John Smith, rapaz de 22 anos, camponês robusto, habituado à rude labuta do campo e que visita um ambulatório pela primeira vez. Tem a visão da longa e brilhante agulha que preparam para dar num dos seus braços uma injeção de rotina. Quer fugir. Seu corpo se prepara para caminhar para a porta. Porém o espírito reage e John recusa fugir. Resultado: o homenzarrão robusto e sadio... cai desamparado, sem sentidos!

Êsse tipo de desmaio é, às vêzes, contagioso. De 1.000 cadetes do ar, alinhados para um teste sanguíneo, 127 perderam os sentidos. Êsse desmaio diante do mêdo é mais comum entre os homens que entre as mulheres — **porque os homens custam mais a reconhecer que têm mêdo!**

UM SINTOMA NEURÓTICO? — Um mal repentino, — como o mêdo — pode provocar a queda da pressão sanguínea e o desmaio. Da mesma forma a dor e o ferimento. O instinto primitivo obriga imediatamente a pensar na fuga. Mas não sendo esta possível, o indivíduo desmaia. Entretanto, se essa perda de sentidos ocorre repetidamente e sem qualquer causa aparente, talvez seja um sintoma neurótico — e o desmaio dêsse tipo ocorre quase invariàvelmente com o homem.

Fatores físicos podem igualmente fazer a pressão sanguínea descer abaixo do nível normal, provocando o desmaio: infecções agudas ou crônicas, febre, defeitos circulatórios, gravidez e, mesmo, certos remédios.

O segundo tipo mais conhecido de desmaio é o histérico. Êsse é o tipo feminino, quase sempre começando na adolescência e acentuando-se entre as solteironas, social e fìsicamente desajustadas. O desmaio histérico quase sempre ocorre diante de espectadores e em geral seguido de queda dramática, capaz de causar ferimentos sérios. Pulso, pressão sanguínea e colorido da pele, nesse tipo de desmaio, permanecem inalterados.

Nesse caso, òbviamente, estão incluídas as heroinas do século passado e as fãs de Frank Sina-



Rita Hayworth

MAIS!

tra. O desmaio histérico, segundo o Dr. Engel — representa o verdadeiro "black-out" psicológico. **"Uma pessoa, colocada diante da tentação de obter o que deseja, mas temendo obtê-la, todavia, pode, se pertencer a êsse tipo, perder os sentidos."**

Alguma vez o leitor perdeu os sentidos, depois de prolongados exercícios respiratórios? Se praticar êsses exercícios por dois ou três minutos, por certo há de sentir a cabeça enevoada e trêmula, os ouvidos repletos de silvos e trovões... e até poderá perder os sentidos. Com intensa ansiedade ou rancor qualquer um poderá respirar profundamente, desordenadamente e... perder os sentidos.

— Mas — perguntará o leitor — **não terá o mesmo alguma relação com as perturbações do coração?**

Por mais surpreendente que possa ser a resposta, diremos que a grande maioria dos que perdem assim os sentidos, não sofrem do coração. E os médicos que se especializaram no estudo do desmaio, acrescentam que são poucos os doentes do coração que se queixam de sofrer desmaios.

Entretanto, se o coração parar por mais de quatro a seis segundos, o indivíduo sofrerá um desmaio. Essas paradas ou retardamento das pancadas do coração são provocadas por irregularidade de funcionamento do próprio coração ou do nervo vagus, que tem a maior influência sôbre êle. Para controlar êsses desmaios, os médicos usam a atropina e a procaina. O desmaio causado por um distúrbio cerebral pode não ter qualquer conseqüência ou, ao contrário, ser o sinal de um mal muito grave.

O desmaio pode ocorrer em qualquer posição, com nenhuma alteração do pulso e é, mais geralmente, seguido de espasmos e paralisia parcial. Em certos indivíduos suscetíveis êsse desmaio pode ser dominado com rápida massagem do sinus carótido, região localizada na nuca.

UM CASO TÍPICO — Henry Carter, indivíduo de saúde até



OS HOMENS TAMBÉM DESMAIAM — Eis o flagrante de um soldado da Guarda Real inglêsa, que desmaiou, justamente à passagem do rei, de emoção ou calor.

então normal, desmaiou uma primeira vez, quando retirava o automóvel da garage. Recuperou-se, porém, ràpidamente... para voltar a desmaiar quando acionava o motor do veículo. Amedrontado, correu a procurar o médico. Êste ordenou-lhe que voltasse a cabeça ràpidamente, para trás. Henry obedeceu... e tornou a desmaiar. Era êle ultra-sensível a uma brusca pressão do sinus carótido, causada, justamente, pelo movimento da cabeça. Agora tem um "visor" extra em seu automóvel, de modo que pode olhar o que há na retaguarda, sem ter que voltar a cabeça.

Há ainda outros tipos de desmaios, associados à enxaqueca, à anemia, à estarvação e outras causas. Porém os desmaios que merecem maior atenção são os histéricos e vaso-depressores.

QUATRO REGRAS PARA SOCORROS — Em presença de qualquer desmaio é necessário manter absoluta calma, a fim de prestar bom serviço. Eis como agir:

1 — Deixar que o paciente se mantenha perfeitamente deitado e com roupas folgadas. Não procurar levantá-lo! Quando êle começar a voltar a si, agir de modo a que continue deitado, não deixando que se levante imediatamente. No caso de haver retôrno dos sintomas, deitar o paciente mais uma vez.

2 — Manter olhos e ouvidos bem abertos e atentos, especialmente antes da chegada do médico (que deve ser chamado quanto antes). Estêve o paciente pálido ou muito corado, antes do desmaio? Suando ou com o corpo sêco? Excitado ou imobilizado? Que reações musculares foram notadas? Voltou a si rápida e completamente ou permaneceu ainda, algum tempo, estonteado e perturbado? **Êsses detalhes podem ser preciosos para um diagnóstico perfeito.**

3 — Anote a duração do desmaio o mais exatamente possível. Poucos segundos de desmaio podem parecer ao observador intermináveis minutos.

4 — Se você foi mesmo a vítima e o médico ordena um completo exame neuro-cardíaco, trate de cooperar com êle. Se êsse exame nada revelar de mau, você merece felicitações. Ao contrário, se revelar o início de alguma enfermidade insuspeita, pode estar certo de que êsse desmaio **salvou a sua vida.**

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

..Foi isto o que aconteceu: Louis C. George, diretor de educação física de uma escola pública de Saranac Lake, Estado de Nova York, saiu para realizar uma caçada, acompanhado do seu cão, Sandy, por um terreno desconhecido. O animal não tardou a encontrar a pista de um coelho e em poucos minutos estava separado do seu dono. Depois de vários minutos de espera, o caçador achou que já era tempo de chamar Sandy. Porém foram vãos os seus assobios e gritos. Nem mesmo alguns tiros, que disparou repetidas vêzes, serviram para atrair o animal.



Já escurecendo, o caçador compreendeu que melhor seria voltar para o local onde havia deixado o seu automóvel, para não ser pilhado em pleno bosque, sem proteção, pela chegada da noite. Mas... Que fôra feito de Sandy

De fato, Sandy não era como Lassie e outros cães de cinema que sempre encontram o caminho através de rios, lagos e montanhas, à maneira de Hollywood. Talvez não fôsse mesmo o mais esperto ou o melhor cão de caça do mundo, mas era, ao menos, tão inteligente como o seu dono imaginava.

★

Pode o leitor saber de que recurso se valeu o caçador para recuperar Sandy?

No caso de não encontrar solução, o leitor encontrará na página número 42 o modo usado pelo caçador.

A MORTE RONDA A "CASA BRANCA"

CHARLES V. NEMO

Três presidentes norte-americanos tombaram sob as balas de assassinos nos últimos 85 anos. Três outros escaparam, por pouco, de igual fim. Que espécie de homens eram esses assassinos? Que sombrias razões os inspiraram a matar êsses chefes de Estado?

UM alto gradil de ferro cerca os espaçosos e bonitos jardins da Mansão Presidencial, no coração da capital norte-americana. Dia e noite, 28 agentes do Serviço Secreto e 100 guardas fardados, patrulham o jardim e tôdas as entradas da "Casa Branca".

Seja para onde fôr que o Presidente se dirija — a pé, em automóvel, navio, trem ou avião — estará sempre cercado por uma equipe de guardas-de-corpo, que mantêm as mãos significativamente em bôlsos especiais. Tudo porque um silencioso e invisível espectro, ronda ameaçadoramente a "Casa Branca", procurando atingir seu principal morador. Seu nome é **Morte.**

Ainda no mês de novembro de 1950 voltou a surgir e quase conseguiu o seu intento.

O fanático atentado contra a vida de Harry S. Truman, encheu de pavor tôda a nação do norte, que imediatamente pensou em outros **três Presidentes**, que caíram sob as balas de traiçoeiros assassinos nos últimos 85 anos. E outros três escaparam, por pouco, de ser assassinados.

Por um curioso destino, que parece, até na morte, separar os dois poderosos partidos políticos que disputam o comando nos Estados Unidos, os três presidentes mortos eram Republicanos, enquanto que os três outros, que escaparam aos atentados, eram Democratas.

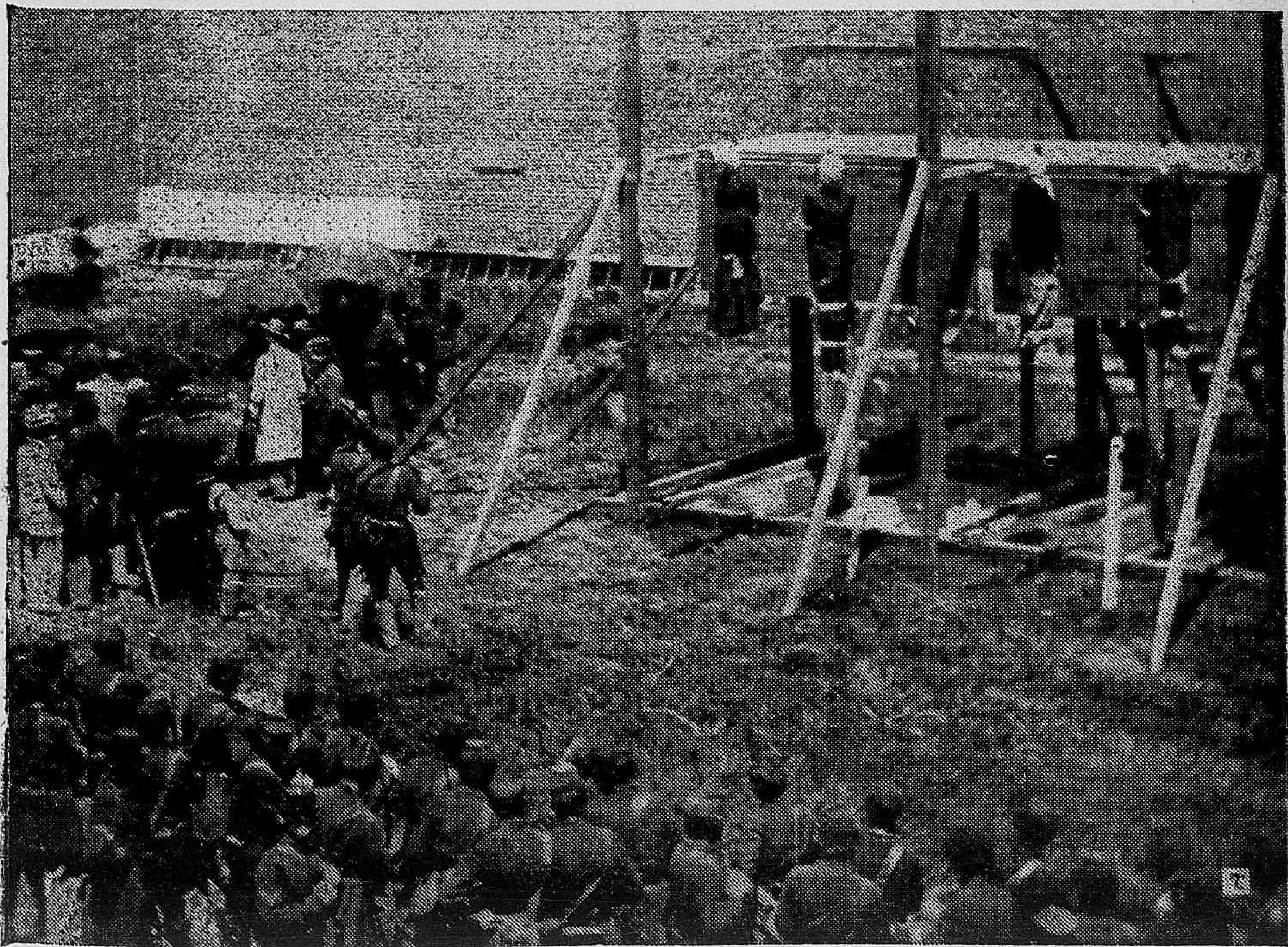
Discursando na Câmara dos Comuns, em 1865, ao anunciar o trágico fim de Abraão Lincoln, o então Primeiro Ministro Disraeli disse: **"O assassinato jamais mudou o curso da História!"**

Mas, apesar disso, sempre surgem indivíduos que tentam êsse desesperado recurso. A que espécie de homens pertencem êles? Que sombrios motivos armam seus braços contra a vida dêsses chefes de Estados? Que misteriosas circunstâncias conspiram para que uns sucedam em suas tentativas e outros fracassem?

A própria História dá essas respostas.

Em 30 de janeiro de 1835, a Casa dos Representantes se reuniu em sessão solene para organizar os serviços fúnebres e homenagens que seriam prestadas ao representante da Carolina do Sul, Warren R. Davis, recém-falecido.

Entre os presentes estava o Presidente dos Es-



O famoso fotógrafo da Guerra Civil norte-americana, Brady, foi o autor dessa fotografia do enforcamento da Sra. Surratt e de três homens, todos implicados no assassinato de Lincoln.



«Por que não veio o cinegrafista? Não vão fazer um filme com Zangara?» — queixou-se o assassino; e, enfurecendo-se, gritou: «Capitalistas imundos! Nem um filme querem gastar!»

tados Unidos, Andrew Jackson. Terminada a reunião, retirou-se em companhia de alguns membros do seu gabinete, descendo para a rotunda do Capitólio.

Ninguém notara a presença de um estranho, muito bem vestido e que se escondera na sombra de uma pilastra. Assim, quando o Presidente passou, a menos de metro e meio do local em que se achava, o homem, avançando um passo, levantou o braço armado de pistola e apertou o gatilho da arma. O estampido encheu o "hall" de pedra, com o estrondo de um tiro de fusil. Porém o Presidente Jackson não foi atingido.

Já o estranho, porém, empunha uma segunda pistola. Recuperando-se, entretanto, de sua surprêsa, Jackson levanta a bengala e avança para o seu assaltante. Espouca o segundo tiro. Novamente a bala se perde. Um jovem oficial, que se achava nas proximidades, atira-se contra o estranho e o desarma num abrir e fechar de olhos.

Quem era êle? O próprio criminoso revela a sua identidade. E' Richard Lawrence. Afirma ser o herdeiro legítimo da corôa britânica e resolvera, por isso, eliminar o Presidente a fim de ganhar maior prestígio junto de seus patrícios e, então, reclamar o trono em seu favor.

Era um pobre louco e, como tal, foi mandado para um asilo de alienados.

Mas... Por que fracassou a sua tentativa?

Um exame das pistolas revelou que apenas as cápsulas tinham explodido. Apesar de fabricadas com boa pólvora e bala, o fundo era muito frágil e a explosão, (tendo sido perfurado o fundo pelo cão da arma) saíu pela culatra. Um técnico, recolocou carga igual e as mesmas balas, em outra cápsula, mais forte e depois de colocadas nas duas pistolas, calcou o gatilho. As duas balas se cravaram profundamente na parede de tijolos!

Dois peritos em armas, na época, afirmaram que as probabilidades das duas falhas de tiro, como ocorreram, podiam ser calculadas em uma para 125.000! Como vêem, a margem essa infinitesimal!

★

Em 1865, a longa e cruenta luta entre os Nortistas e Sulistas, terminou. Em 3 de abril, Richmond, capital dos Confederados, caíu em poder dos Nortistas; em 9 de abril, Lee se rendeu em Appomattox. Houve natural regozijo em todo o Norte e Washington estava alegre, brilhante e entulhada de forasteiros, que haviam viajado para tomar parte nas comemorações da vitória.

Pouco depois de 10 horas da noite, no dia 4 de abril, o Presidente Lincoln e sua espôsa ocuparam o camarote especial, ornado com a bandeira nacional, que lhes fôra reservado do "Teatro Ford", para assistir à representação da peça "Nosso Primo Americano".

Os demais ocupantes do camarote eram um jovem ajudante de ordens, Major Henry Rathbone e sua noiva, Miss Clara Harris. No corredor, o policial, John F. Parker, da "Fôrça Policial Metropolitana", fôra estacionado a fim de guardar o camarote presidencial. Dali mesmo podia ouvir a peça, embora não pudesse ver o palco. Por isso, negligentemente abandonou o seu pôsto e entrou a passear de cima abaixo, pelo corredor fracamente iluminado, e terminou indo ocupar um lugar vago, na platéia.

O Presidente se sentara numa cadeira de braços, forrada de feltro e observava muito interessado o espetáculo, quando a porta, atrás de si, lentamente começou a se abrir, surgindo um **Intruso.** Na mão direita trazia uma pequena pistola; na esquerda uma adaga. Sem ser pressentido levantou o braço e a menos de meio metro de distância, disparou o revolver contra a cabeça de Lincoln. Logo após à detonação, o presidente caíu inanimado, contra o

espaldar da poltrona, enquanto a cabeça, resvalando, foi finalmente se imobilizar contra a parede do camarote.

O Major Rathbone, pondo-se de pé, tentou atracar-se com o assaltante, recebendo então um profundo golpe de punhal que o atirou ao solo. Nesse instante, ante o clamor que se iniciava, o assassino, trepando para a rampa do camarote, saltou para o palco, três metros mais abaixo. Em caminho, uma das suas esporas, prendendo-se na imensa bandeira que guarnecia o camarote presidencial, atrapalhou sua decida e, ao tocar o soalho do palco, partiu a tíbia esquerda, pouco acima do tornozelo. Ergueu-se, porém, ràpidamente, brandindo sempre a adaga. Então, gritando palavras incoerentes, atravessou o palco e desapareceu, usando para a sua fuga uma escada e uma porta de serviço, diante da qual um cavalo, já preparado, o aguardava.

Às 7,21 horas da manhã seguinte, Abraão Lincoln, 16.º presidente dos Estados Unidos, exalava o último alento, parando para sempre o seu grande coração.

O assassino de Lincoln, foi uma figura familiar no "Teatro Ford". John Wilkes Booth foi, realmente, destacado ator e era oriundo de uma famosa família de artistas teatrais. Era, acima de tudo, um partidário dos **Sulistas.**

Com um só companheiro, cruzou todo o território oriental, pelo Estado de Maryland, através do Potomac e a Virgínia. Caçados ambos, como feras selvagens, na noite de 26 de abril foram os fugitivos descobertos e cercados, como ratos, num celeiro, poucas milhas distante de Bowling Green.

O companheiro de Booth, David E. Herold, rendeu-se sem opor resistência. O ator, porém, negou-se a isso, mesmo depois que os seus perseguidores atearam fogo ao celeiro. De pé e desafiador, em meio das chamas crescentes e já bramindo furiosamente em longas línguas rubras e irriquietas, uma carabina numa das mãos e na outra uma pistola surgiu diante de todos, depois de derrubar a porta com violento empurrão.

Um sargento atirou contra êle e Booth caiu de rosto contra a terra. Os policiais correram a afastá-lo das chamas e foram deitá-lo sôbre a grama.

— Digam a minha mãe... que eu morro... por minha pátria. — murmurou êle. Depois, olhando para as próprias mãos, murmurou, arquejante: "Imprestáveis, imprestáveis". E morreu.

Enquanto isso, em Washington, agentes do "Detective Bureau", do Departamento de Guerra prendiam seis homens e uma mulher. Quando os oito indivíduos (inclusive Herold) compareceram diante da Comissão Militar, tôda a história de uma das mais fantásticas conspirações na nação norte-americana foi conhecida e dada à publicidade.

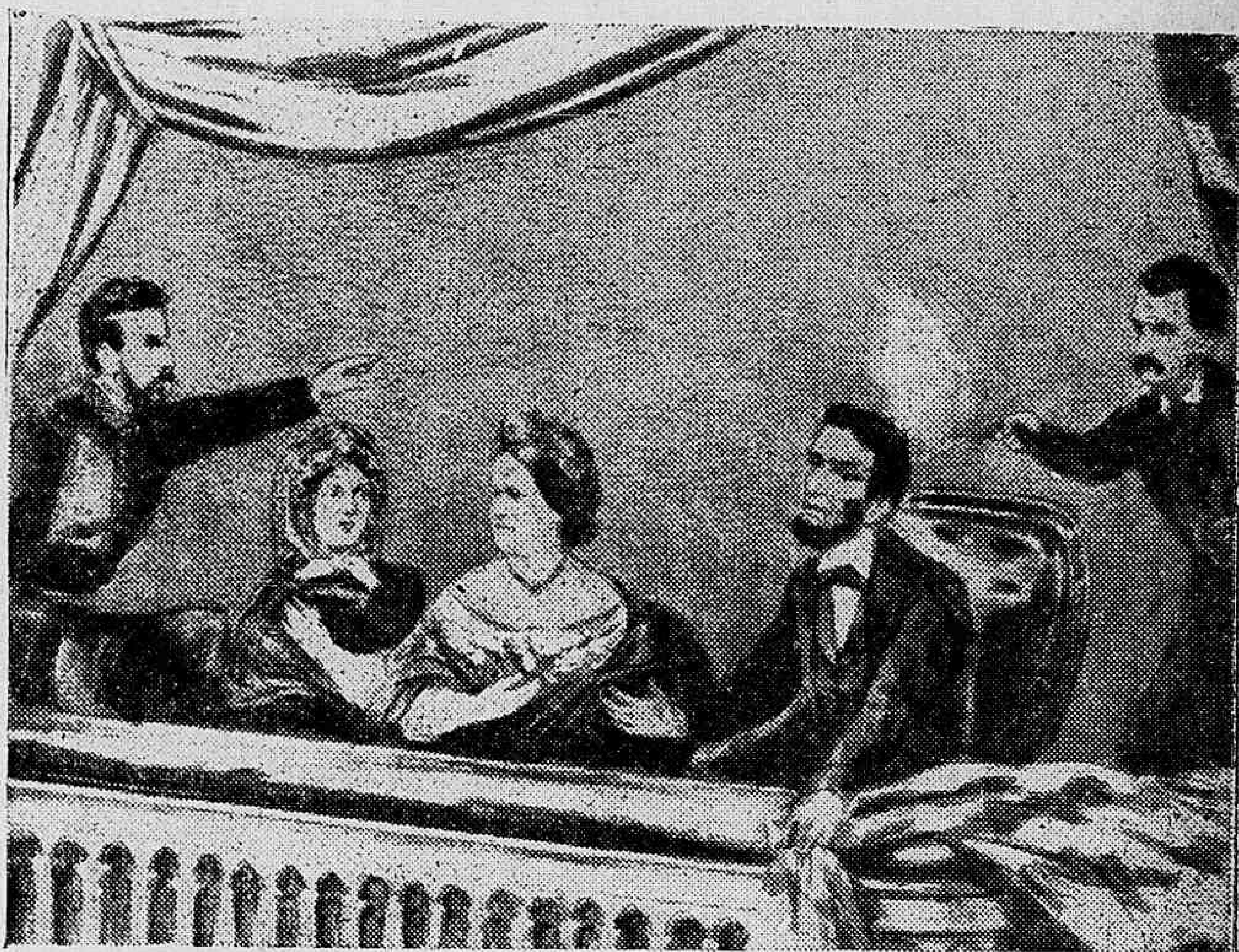
Em 6 de julho de 1865, menos de três meses depois do assassinato de Lincoln, a Comissão Militar anunciou seu veredito.

Quatro conspiradores foram condenados à morte: a Sra. Mary E. Surrat, de 45 anos, viúva e em cuja casa, em Washington, se reuniam os conspiradores; Lewis Thorton Powell, de 20 anos, veterano Confederado e desertor, que já tentara matar o Secretário de Estado, Stanton; George A. Atzerodt, de 33 anos, destacado para matar o Presidente Johnson, mas que fôra tomado de pânico antes de realizar a sua missão, e o Dr. Damuel A. Mudd, médico, que abrigara Booth e tratara de sua perna quebrada, depois do crime.

Um, Edward Spangler, empregado do "Teatro Ford", foi sentenciado a seis anos de prisão.

Na hora de sofrer o castigo e depois de ter a cabeça coberta com a capa negra dos condenados, a Sra. Surratt exclamou: **"Não me deixem cair. Segurem-me! Segurem-me!"**

Atzerodt disse, em voz soturna:



Na mão direita trazia uma pequena pistola e, na esquerda, uma ponteaguda adaga. Aproximou a pistola até meio metro da cabeça do Presidente Lincoln e calcou o gatilho...

— **Cavalheiros, tenham cuidado!** — Uma pausa e, depois: — **Adeus, cavalheiros que me cercam. Talvez nos encontremos no outro mundo!"**

Payne, orgulhoso e desafiador até ao fim, nada disse. Nada disse também Herold, embora trêmulo e com os joelhos fraquejando.

Em menos de dez minutos depois de retezadas as cordas eram os quatro corpos arriados do laço para o enterramento, efetuado a poucos passos dos restos mortais de John Wilkes Booth, o autor do grande drama.

★

Quase ao mesmo tempo em que Lincoln era assassinado, Charles Jules Guiteau era levado ao tribunal de Chicago, no Illinois. Baixo, gordo, calvo e usando um bigodinho ridículo e barbicha de ponta, depressa se tornou conhecido por várias facaltruas e calotes de todo gênero.

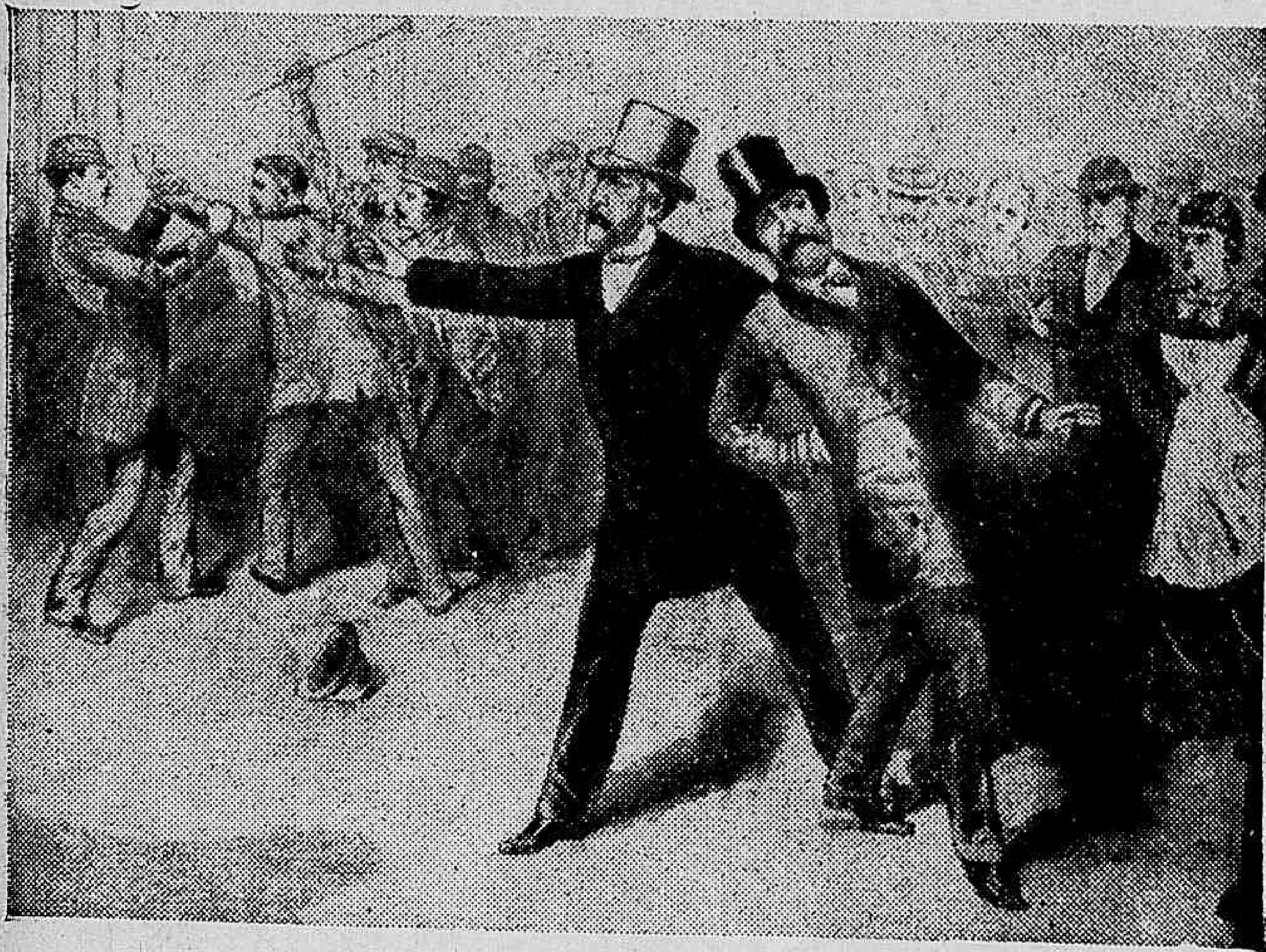
Prêso como mau pagador, várias vêzes, aban-

donou a vida boêmia da cidade para tornar-se uma espécie de profeta de beira de calçada, anunciando uma **Segunda Visita do Cristo.**

Durante a campanha presidencial de 1880, chegou a Nova York e perseguiu o "Comité Republicano", rogando que o deixasse ser propagandista do seu candidato, James Abram Garfield.

Tanto fêz que o deixaram pronunciar um discurso, o qual criou uma atmosfera que, segundo muitos opinaram, poderia redundar em sangue.

Pouco depois de Garfield ter sido empossado como o 20.º Presidente dos Estados Unidos, Guiteau começou a rondar a Casa Branca e o Capitólio, perseguindo estadistas e funcionários com impertinentes reclamações, dizendo-se merecedor de um prêmio, por sua colaboração na campanha eleitoral.



Duas balas atingiram Garfield. Uma no rim esquerdo, que foi fatal

O que pedia era de fato **muito modesto:** uma posição consular **qualquer, na França.** Porém a sua insistência e os seus ares de ameaça, arruinaram o seu futuro e tornando-se importuno e mal visto, acabou sendo pura e simplesmente enxotado dos corredores da Casa Branca.

Guiteau não era, porém, homem que se deixasse insultar impunemente. Logo entrou a arquitetar um plano de vingança. Com quinze dólares, pedidos emprestados a um amigo, comprou uma pistola.

No sábado, 2 de julho de 1881, o Presidente Garfield chegou à estação de estrada de ferro em Washington, onde tomaria um trem que o levaria para os festejos de aniversário do Williams College, em Williamstown, no Massachussetts, onde estudara.

Tendo chegado adiantado, entrou a passear pela gare, em companhia do seu Secretário de Estado, James G. Blaine.

Quando atravessava a sua de espera, um homenzinho de barbicha e olhinhos redondos, avançou ao seu encontro.

Sem uma palavra sacou de uma pistola e fêz fogo duas vêzes. Uma das balas atingiu Garfield na parte superior do ombro direito; a a outra foi se alojar no rim esquerdo do Presidente.

— Meu Deus! — gritou o presidente, que imediatamente caíu sôbre o solo da estação.

Um oficial, Patrick Kearney, destacado para vigiar a porta, avançou contra o assassino. Ao ser prêso, Guiteau exibiu uma carta destinada ao General Sherman, e na qual declarava que aquela morte era "uma necessidade política" e pedia ao general que "pusesse suas tropas nas ruas e ocupasse todos os presídios".

O infeliz presidente, gravemente atingido, foi conduzido à Casa Branca em maca. Boletins médicos, redigidos de hora em hora, revelavam a gravidade do enfêrmo. A conselho médico Garfield foi transportado para sua residência. Ali, em 19 de setembro de 1881, sete semanas depois do atentado e quando já despertava em seus médicos esperanças de pronto restabelecimento, morreu.

Nove meses mais tarde, Charles Guiteau pagava por seu crime. Nenhum mártir da Igreja jamais caminhou para as chamas com maior fortaleza de ânimo e convencido de que morria por uma causa santa.

Porém a confiança dêsse indivíduo na morte se caracterizava por um ódio realmente diabólico e um palavrório entremeado de blasfêmias que bem revelavam a burla de sua pseudo-religião.

Sua **oração final** foi entrecortada de gritos de vingança em que pedia a cooperação do Senhor contra todos os "desta nação que se afogará em sangue", etc., etc.

Pouco depois entrava em transe de mêdo e de lágrimas que revoltou até mesmo o seu executor.

Quando a capa negra desceu sôbre a sua cabeça recuperou a compostura e gritou: **"Glória, glória!"** Depois, em voz mais calma, avisou: **"Estou pronto".**

Não tardou a dançar na ponta da corda, com grande alívio para todos, autoridades e assistentes.

★

Na tarde do dia 6 de setembro de 1901, William McKinley, 25.º Presidente dos Estados Unidos, parou um instante ao pisar os primeiros degraus de um pavilhão, na Exposição Pan-Americana de Buffalo, Estado de Nova York, saudando uma entusiástica multidão que o ovacionava, enquanto muitos admiradores se comprimiam e empurravam na ânsia de se aproximar, a fim de trocar um apêrto de mão com o Presidente.

Em redor de McKinley se achavam os agentes do Serviço Secreto, cuidadosamente examinando os que se organizavam em fila para o apêrto de mão com o Presidente.

Sua atenção foi atraída por um homem vestido decentemente e aparentando pertencer à classe média, de estatura mediana e a cabeça coberta por um chapéu escuro, e cuja mão direita, pesadamente envolta em bandagens, estava comprimida contra

o próprio abdomen. A seguir voltaram sua atenção para outro indivíduo, com roupa de trabalhador e que forma entre os últimos da fila. Êsse, pensaram, era um homem que merecia ser vigiado.

Agora chegava a vez do homem com a mão enfaixada. McKinley, sorrindo amàvelmente, estendeu-lhe a mão. Com um gesto brusco, o homem jogou fora a bandagem e afastando com a mão esquerda o braço do presidente, com a mão direita empunhando um revólver disparou a arma duas vêzes contra McKinley. As duas detonações imobilizaram de espanto tôda a multidão.

Os agentes do Serviço Secreto correram contra o assassino, o imobilizaram num abrir e fechar de olhos e arrancaram um revólver da mão antes enfaixada.

Gritos de "Vamos linchá-lo!" foram ouvidos, e a multidão enfurecida se atirou contra o assassino, com a intenção de concretizar a ameaça. Com a ajuda de uns vinte soldados, os agentes conseguiram levar o assaltante para fora do **hall.**

O presidente foi removido para o mais próximo hospital. Ali verificaram os médicos que uma bala tinha ficado prêsa no esterno; a outra, penetrando no abdomen, perfurara o estômago. O ferido sofria terrìvelmente, porém os médicos anunciaram que os ferimentos não eram mortais.

Repentinamente, em 13 de setembro, as condições do enfêrmo sofreram brusca transformação. Manifestou-se a gangrena. Às 7 horas e 50 minutos da manhã o ferido entrou em estado de coma, morrendo ao fim de mais sete horas.

A êsse tempo, seu assaltante fôra identificado como sendo Leon Franz Czolgosz, de 29 anos de idade, nascido em Detroit, filho de emigrantes poloneses. Por várias vêzes fôra trabalhador braçal, no campo, operário em indústria de aço e caixeiro de botequim. Em tôda parte revelara ser indivíduo indisciplinado, discutidor e pouco amigo do trabalho.

Numa confissão assinada e que encheu seis páginas de uma letra miúda e em linhas apertadas, declarou ser um anarquista. Considerava que a presente forma de govêrno estava errada e o melhor meio de acabar com ela era matar o presidente.

Insistia em afirmar não ser um agente dos Confederados e que a idéia do assassinato era sua.

A máquina da justiça se movimentou e depressa. Dois dias depois da morte de McKinley, o assassino era processado. Uma semana mais tarde, era julgado e reconhecido culpado. Dois dias depois era sentenciado a morer na cadeira elétrica.

Às 7,30 da manhã do dia 29 de outubro, Leon Czolsgosz penetrou na câmara da morte da Prisão de Auburn. Pálido e trêmulo, dentro de uma camisa de malha, sentou-se num movimento espontâneo na cadeira elétrica. Então voltou-se para os presentes e declarou:

— Matei o presidente porque êle era um inimigo do bom povo: **os trabalhadores.**

Mas sua voz tremeu, quando acrescentou:

— Não estou arrependido do meu crime.

★

Em 16 de fevereiro de 1933, Franklin Delano Roosevelt chegou a Miami, Flórida, encerrando uma viagem de recreio e pescaria, a bordo do luxuoso **yacht** de Vincent Astor, o "Nounmahal". Faltavam duas semanas para que êle inaugurasse o seu primeiro período como o 32.º Presidente dos Estados Unidos. Nessa mesma manhã, uma multidão de 10.000 pessoas se reuniu em Bay Front Park para ver e ouvir o Presidente eleito.



Encolhido, como um coelho morto por balaço, em plena fuga, um dos que tentaram assassinar o Presidente Truman, jaz morto, sôbre a grama do jardim presidencial, com a cabeça varada por bala.

A procissão de automóveis oficiais chegou ao parque pouco depois de 9 horas, parando diante do coreto onde se achava uma banda militar. Um microfone foi conduzido até ao automóvel e Roosevelt pronunciou um rápido discurso. Ao terminar posou amàvelmente para um grupo de cinegrafistas dos "filmes-jornais".

Anton Cermak, Prefeito de Chicago, estava de pé no estribo do automóvel de Roosevelt. Repentinamente, cinto tiros espoucaram. O prefeito Cermak cambaleou, caíu primeiro ajoelhado e, a seguir, rolou sôbre o asfalto, com um verdadeiro rombo no peito. Quatro outras pessoas, entre a multidão, tombaram feridas.

Cêrca de três a quatro metros mais além, pela parte trazeira direita do veículo, surgiu um braço estendido, em cuja mão havia uma pistola ainda fumegante. Uma mulher se lançou contra êsse

braço, segurando-o corajosamente pelo pulso e baixando-o. Segundos depois, uma verdadeira nuvem de policiais à paisana caía sôbre o criminoso, aterrando-o. Por sua vez os agentes do Serviço Secreto se apoderaram do homem algemando-o.

No meio de todo aquêle pânico, ouviu-se repetidamente a voz de Roosevelt, afirmando: **"Eu estou bem! Eu estou bem!"**

Seu assaltante foi imediatamente identificado. Tratava-se de Giuseppe (Joe) Zangara, de 38 anos, pedreiro de profissão, desempregado. Nascido na Itália, e que chegara aos Estados Unidos dez anos



Um homem, bem vestido, avançou um passo e levantando um braço, disparou a pistola contra o Presidente Jackson.

antes. Declarou não ter qualquer queixa contra o presidente-eleito, mas "odiava todos os ricos e poderosos".

— "Seria capaz de matar todos os Presidentes! — afirmou — Mataria, sim, todos êles!"

O Prefeito Cermak morreu no dia 6 de março. No espaço de duas semanas seu assassino foi processado, julgado, condenado e executado.

Em 20 de março, o homenzinho (tinha apenas um metro e 61 centímetros) foi conduzido à câmara da morte. Caminhou firmemente, cabeça erguida, antegozando orgulhosamente a grandiosidade do drama em que desempenharia o papel central. Olhando desdenhosamente para a cadeira letal, empurrou os guardas que o queriam segurar pelos braços.

— Irei sòzinho — disse êle — Não receio a "cadeira **létrica**". Sentou-se, de fato, nela, com movimentos firmes e então gritou para os assistentes: "Vêem? Não tenho mêdo da "cadeira **létrica**"!

Depois, olhando em redor, pareceu contrariado e perguntou:

— "Como! Nem um cinegrafista? Não vão tirar um filme de Zangara?

E como não lhe dêssem explicações, explodiu:

— "Imundos capitalistas! Nem um só para tirar um filme! Todos os capitalistas são ratos imundos!"

As correias o imobilizaram. Alguém preparava, indiferente, o "grand-finale" do seu ato. Suas últimas palavras foram uma ordem, embora pronunciadas com voz desfalecente de mêdo:

— "Liguem logo isso!"

O executor obedeceu com evidente satisfação.

"Qualquer pessoa que se dê ao trabalho de vestir roupa decente e assumir um ar respeitável poderá, sempre que quiser, matar um presidente desta nação!" — Isso foi dito pelo Presidente Coolidge.

Durante anos, os técnicos do Serviço Secreto têm procurado aperfeiçoar os métodos de evitar **cem por cento,** êsses atentados. Estavam convencidos que êsses gestos desesperados eram próprios de um só maníaco homicida. Entretanto, o atentado contra o Presidente Truman, em 1 de novembro de 1950, alterou completamente o que pensavam aquêles que têm por missão garantir a vida dos chefes de Estado. Isto porque, pela primeira vez essa tentativa **foi planejada e executada por mais de uma pessoa!**

Griselio Torresola e Oscar Oscar Callozo, os dois nacionalistas portorriquenhos que atacaram "Blair House", eram dois exímios manejadores de pistola. Seus tiros foram disparados com calma e boa pontaria; mataram um guarda e feriram dois outros!

Felizmente, a tentativa criminosa fracassou. Torresola morreu, com um balaço que lhe atravessou a cabeça, penetrando pelo ouvido direito e Collazo foi pôsto fora de ação, antes de que pudesse chegar, como era seu propósito, até aonde se achava o Presidente Truman.

Porem o atentado deixa no ar ameaçadora pergunta: **Que teria acontecido se, em vez de apenas dois fanáticos, armados de pistolas, fôssem dez homens, igualmente dispostos a tudo e armados com metralhadoras portáteis? Teria o presidente sobrevivido?**

★

A morte ronda a Casa Branca — e a Morte dispõe, hoje, de armas modernas. A fim de proteger os chefes de Estado, os agentes do Serviço Secreto terão que encontrar e desenvolver melhor técnica. e êsse é o grande problema que hoje êles enfrentam e procuram resolver.

★



QUANDO a rica Sra. Henrietta M. Bugher, da mais alta sociedade de Washington, famosa por seus atos de filantropia e grande paixão com que colecionava jóias, soube que pudera, finalmente, obter os serviços de John Morcischeck como mordomo, ficou contentíssima e orgulhosa, pois Morcischeck era considerado, na alta roda, como o mais perfeito mordomo. que se poderia encontrar em todo o mundo.

Foi nos últimos dias de 1936, que Morcischeck chegou à faustosa residência da Sra. Bugher, na Massachussetts Avenue. Com o correr das primeiras semanas os complexos serviços da casa foram passando, a pouco e pouco para os ombros do impecável mordomo.



E' necessário, neste ponto, dizer mais alguma coisa a respeito da magnífica residência da milionária. Ocupava todo um andar do majestoso edifício pertencente ao Sr. Andrew Mellon, o rei do alumínio, que também era um dos moradores do prédio.

Mellon mandara instalar por todo o edifício, construído totalmente de mármore e madeiras preciosas, um engenhoso e completo sistema de sinais de alarme contra ladrões, tudo equipado com supersensíveis "olhos elétricos", etc. Além disso um corpo de detectives privados estava constantemente alerta.

Essas precauções não eram, realmente, para ser desprezadas, porque Mellon possuía uma coleção de quadros e objetos de arte, avaliados, na época, em cinco milhões de dólares. Na realidade todos os ocupantes do edifício eram pessoas riquíssimas. A Sra. Bugher, por sua vez, tinha, ali mesmo, colossal fortuna em jóias e gemas preciosas, guardadas em um cofre, embutido na parede do seu dormitório. Era êsse, portanto, o ambiente em que o perfeito mordomo, Morcischeck, se movia.

Entretanto, embora ninguém suspeitasse, vendo-o com o rosto impassível, corretíssimo na sua bem cortada casaca de caudalonga e botões de prata, aquela não era, realmente, a vida que pedira a Deus. Por mais espantoso que pudesse ser para muita gente, Morcischeck vivia arquitetando planos para retificar essa situação. E, nessas condições, sendo êle um perfeito mordomo, nada mais natural e apropriado que pensar em cometer um crime perfeito.

Seus planos mais recentes incluiam, é claro, as jóias admiráveis da Sra, Bugher. Sabia que sua imponente patroa conservava sempre em suas próprias mãos a chave do famoso cofre. Apossar-se dessa chave, sequer por alguns minutos, teria sido impossível. De outro modo, tentar forçar, sequer ligeiramente, a porta do cofre, teria como resultado fazer funcionar os delicados aparelhos elétricos de alarme. Porém John Morcischesck não se preocupou. Já havia encontrado a solução para o problema; tinha simplesmente que aguardar o momento próprio para agir. Essa oportunidade chegou dias antes do Natal. A Sra. Bugher saíu tarde, para ir ao teatro. Sendo mordomo e chefe do pessoal de serviço, sabia que os demais criados estariam também fora, licenciados. A partir de nove horas da noite ficou só no imenso apartamento.

Com uma chave própria, retirou os parafusos das dobradiças da porta. Com grande cuidado retirou esta última, sempre agindo de forma a que o sinal de alarma continuasse em contato com o batente, a fim de não quebrar o circuito que poria em movimento os tímpanos. Depois dessa simples operação, retirou tôdas as caixas de veludo, contendo o tesouro; delas retirou as jóias e pedrarias, que espalhou pelo tapête, voltando a colocar a porta e os parafusos nos devidos lugares. Morcischeck ficou com as jóias no seu próprio quarto, tôda a noite. Sabia que a Sra. Bugher usava o seu tesouro só nas grandes ocasiões e, portanto, nada descobriria antes das vésperas de Natal. Na manhã seguinte preparou um sólido embrulho com as jóias roubadas e despachou tudo pelo Correio, para um amigo, residente numa cidadezinha do Estado de Nova York, um certo John Marttin, cujo endereço completo desconhecia, apelando, entretanto, para a posta-restante e a boa vontade da agência do Correio, que, como é habitual nas localidades pouco populosas, não tardaria a entregar tudo a quem era de direito. Com o embrulho, Mocischeck escrevia ao amigo, instruindo-o como devia agir, guardando tudo até a sua próxima chegada.

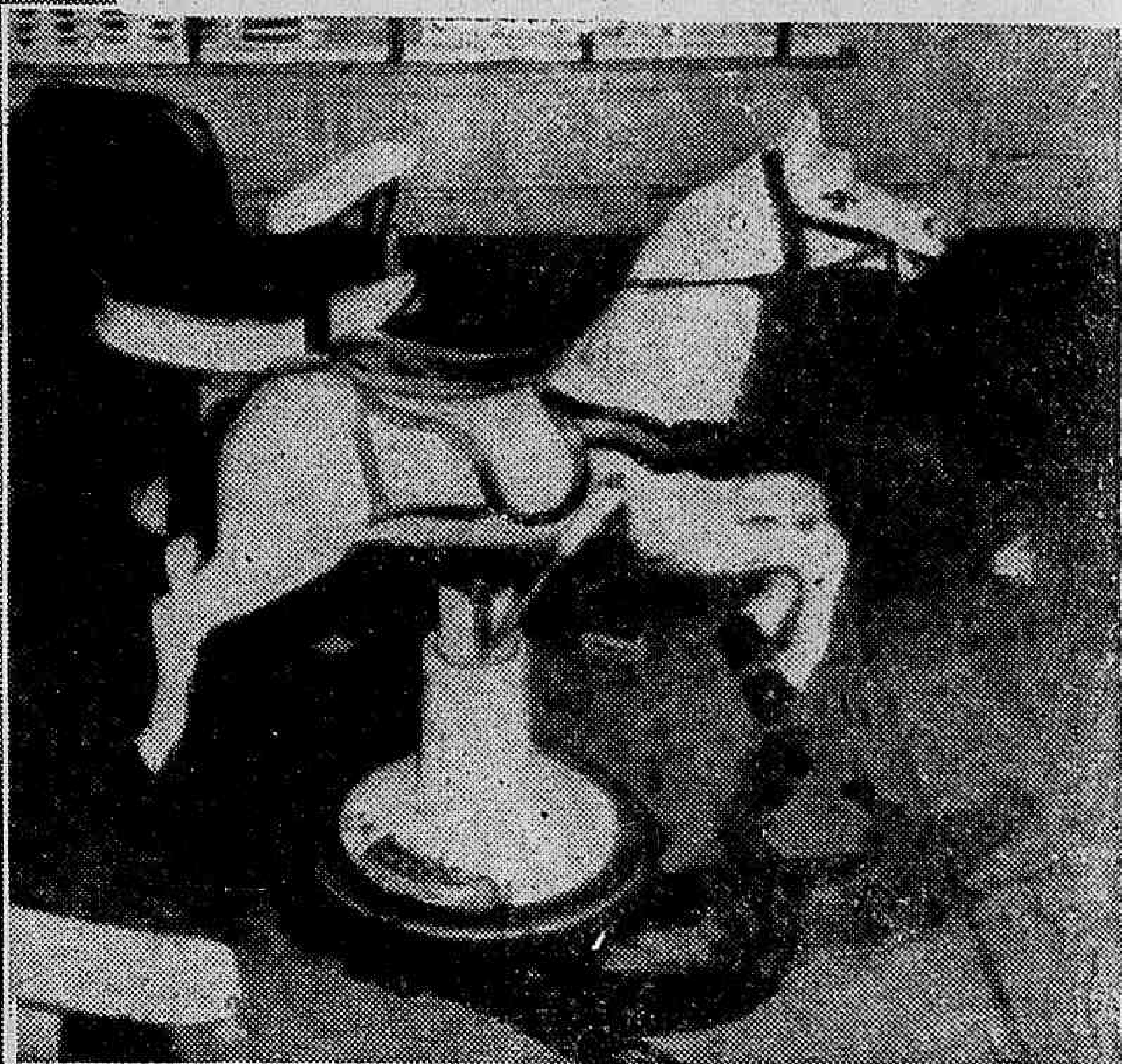
A Sra. Bugher descobriu o roubo e logo chamou a polícia, que não tardou a descobrir vestígios da manobra executada pelo larápio... e a lançar um olhar de desconfiança contra Morcischeck. Êste, prêso, negou de pés juntos ter roubado fôsse o que fôsse. A êsse tempo, na pequenina localidade do Estado de Nova York, um zeloso carteiro entregava um embrulho em papel marron na residência de um certo John Marlin. Êste, um empregado de uma casa de móveis e decorações, abriu o embrulho... e quase morreu de surprêsa ao ver o que o mesmo continha. Imediatamente procurou a polícia. Guiado pelo carimbo do correio de Washington, um detective, por telefone, tudo esclareceu. A ligação entre os dois fatos era evidente.

A causa dêsse engano foi encontrada depressa. Morcischeck, apesar de sua tendência para a perfeição, escrevera o "t" de Martin, esquecendo-se de "cortá-lo". Por isso John Marlin **e não John Martin,** recebeu o produto do roubo!

Assim, a falta de cuidado com uma simples letra, estragou um crime perfeito que seria executado por um perfeito mordomo. Morcischeck continua prêso — sem dúvida praticando... **caligrafia!**

BISTURI,





Howard Unruh (à esquerda) matou doze pessoas, inclusive a criança que se achava nesse cavalinho-de-barbeiro, cortando os cabelos.

DURANTE uma quinzena a respeitável Sorbonne, em Paris, vibrou, ressoando longas horas por dia com um vocabulário pouco habitual à casa. Falou-se, ali, de malas sangrentas, de fornos consumindo cadáveres, de assaltos a mão armada, raptos, facadas, etc. Os nomes de Descartes, Pascal, Shakespeare, etc., foram substituídos pelos de Landru, do Dr. Petiot, de Jack, o Estrangulador e, talvez, pelo do nosso conhecidíssimo **Carne Sêca**, pois o Brasil lá estava representado, nesse "II Congresso Internacional de Criminologia", no correr do qual discursaram sociólogos, médicos, juristas, psiquiatras e representantes dos grandes organismos internacionais que buscam instituir "um método clínico para estudar e modificar o comportamento do criminoso".

Por que êsse é um gravíssimo problema, angustiante mesmo, que se impõe, há anos, à consciência do homem civilizado: **Deve-se punir o crime ou curar o criminoso?**

Segundo declarou a Dra. Lucienne Scheld, secretária geral do Congresso, "é necessário curar o assassino, pois é sabido que o Código Penal **não impede** que um salteador ataque e assassine qualquer indivíduo para roubar. Da mesma forma, **muitos indivíduos, condenados à prisão por roubo**, longe de desistir da "profissão", mostram-se mais pervertidos **depois** que **antes** da condenação.

Na verdade, com relação aos criminosos, estamos hoje no mesmo ponto que no século XVII relativamente aos loucos. Naquela época simplesmente atiravam os alienados nos fossos imundos ou acorrentavam os desgraçados, sem procurar determinar a origem do seu mal ou o meio de curá-lo, assim como, hoje, o Direito Penal simplesmente tenta "tarifar" os atos criminosos: um roubo? Tantos meses. Um assassinato, com ou sem premeditação? Pena capital ou trabalhos forçados.

A êsse propósito nada menos de 250 relatórios foram apresentados ao Congresso pelos mais eminentes especialistas mundiais em biologia, psiquiatria e antropologia, num louvável esfôrço a fim de tentar fazer da criminologia uma ciência nova, independente do direito penal, alguma coisa que permitisse "substituir o juiz por um criminólogo", isto é, um magistrado a um tempo médico, jurista e psiquiatra, que, em vez de sancionar um crime, com o Código, estivesse em condições de compreender as causas mais profundas de **um ato criminoso;** conhecer, enfim, o verdadeiro remédio e, em conseqüência, evitar **o mal.**"

Já os médicos, que ajudam a justiça (e sabemos o importante papel desempenhado pelos médicos legistas em certos processos) há muito se debruçaram sôbre o problema.

Um dêles, recentemente, apontando para a **manchette** de um jornal, noticiando mais um crime, declarava:

— **"O assassino, quer seja homem ou mulher, é um demente, um paranóico. E' uma lei da natureza!"**

Observamos que o celebérrimo Dr. Petiot (que três psiquiatras declararam ser "um indivíduo inteligente, de vontade forte, nìtidamente perverso e imoral, mas responsável por seus atos") se servira, justamente, dêsse recurso para escapar, primeiro, dos seus credores e, em seguida, da justiça. (**Note-se bem** — disse êle, um dia, a um dos seus carcereiros, **que sou um reformado de guerra, por debilidade mental, o que vale dizer que não sou responsável**").

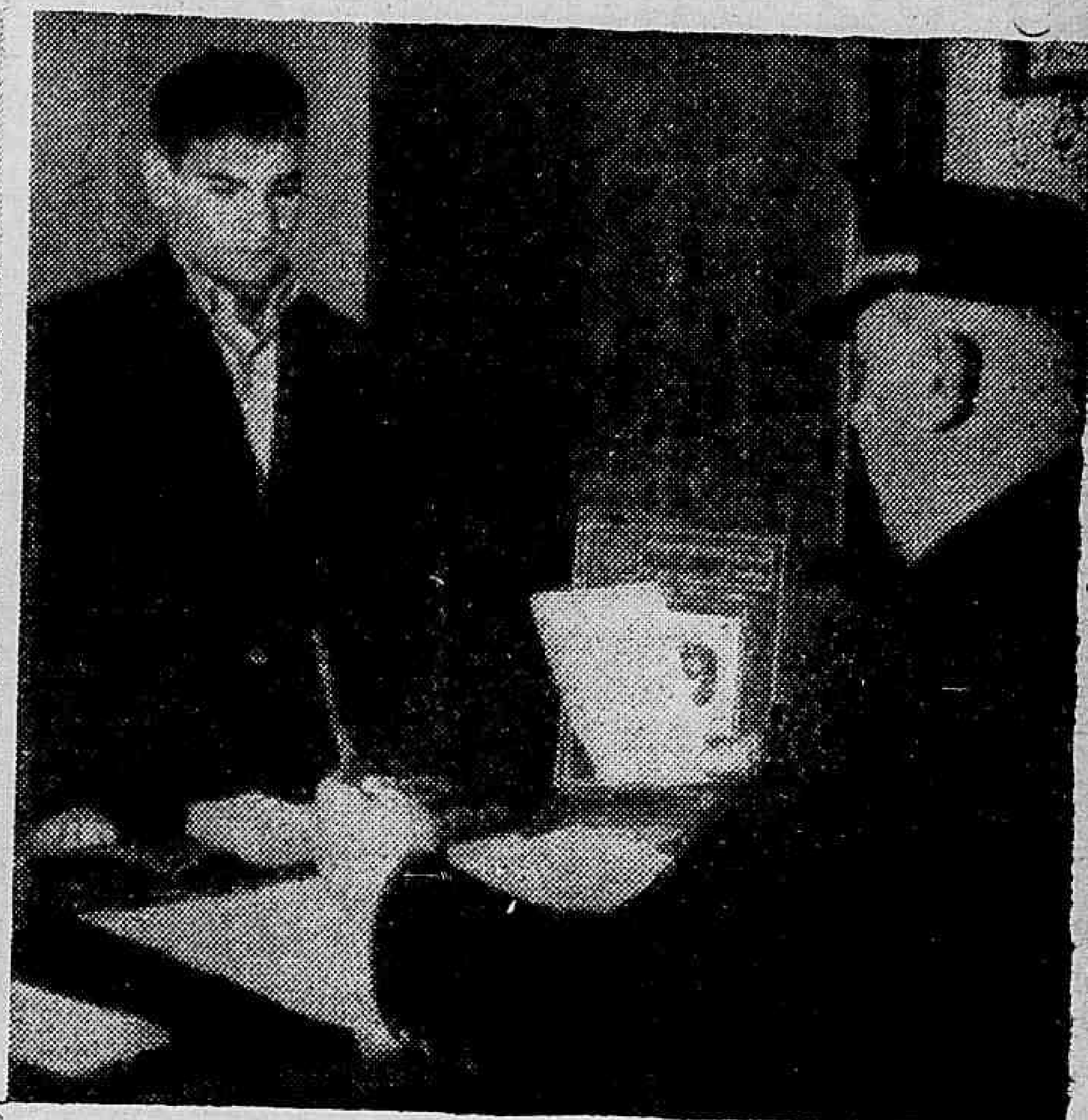
Nosso interlocutor, porém, afirmou:

—" **Isso não demonstra, absolutamente, que êle não fôsse um**

EM VEZ DE PRESÍDIO



Sra. Sula Bell Stimson está sob tratamento por meio de drogas, num esfôrço para vencer o seu irresistível amor pelo jôgo.



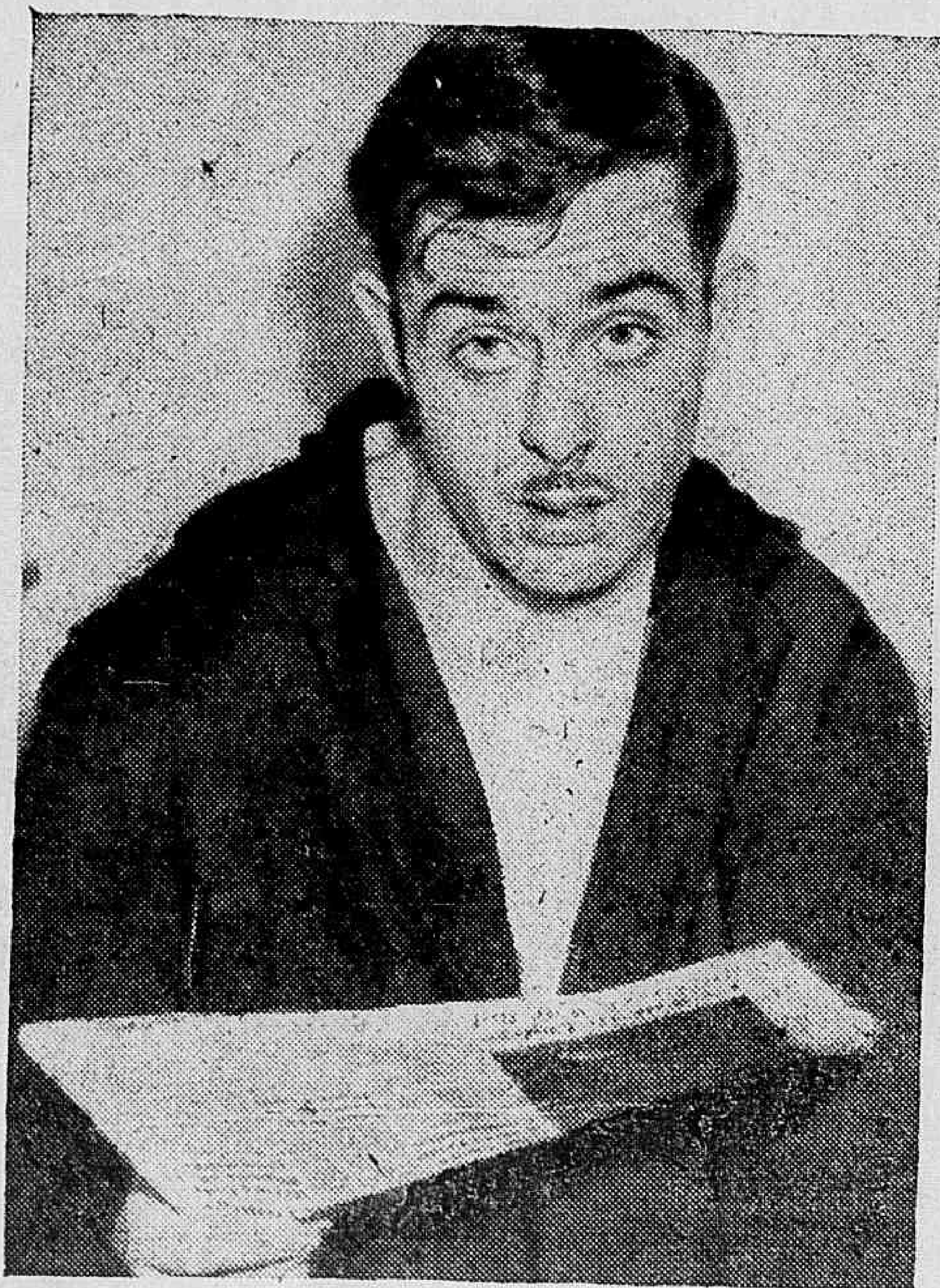
As autoridades estão usando mais e mais novos métodos científicos para curar os criminosos, restituindo-os à sociedade.

anormal. Se tivesse sido operado a tempo, não teria matado!"

Eis uma das teorias mais violentamente controvertidas da época!

Depois que o professor Egas Moniz, de Lisboa, demonstrou ser possível curar certas perturbações mentais, intervindo diretamente sôbre uma determinada parte do cérebro, os sábios — mais especialmente nos Estados Unidos — procedem a experiências tanto sôbre loucos quanto criminosos (para muitos especialistas os dois são um só). Os primeiros resultados foram concludentes: de vinte **incuráveis**, de um asilo, operados entre 5 de maio e 5 de junho de 1947, todos foram libertados e dez voltaram a suas ocupações anteriores! Porém, em novembro último, Charles Hinkley, jovem norte-americano, prêso várias vêzes e condenado por emissão de cheques sem fundo, pediu ao juiz que, em vez de condená-lo mais uma vez à prisão, recorresse à operação!

O juiz aceitou, e Hinkley foi operado... mas, poucos meses depois, voltou a ofender a justiça, sendo prêso novamente.



O soldado norte-americano Gene Jackson, que foi considerado morto durante dois anos e, na realidade, estava mergulhado em um estado depressivo, vítima de uma apatia profunda que o fizera esquecer a própria personalidade.

Na França, o filho de uma nobre família de emigrados e que depois de se formar em engenharia, sofreu uma perturbação mental, tornando-o cleptomaníaco, resolveu também ser operado a fim de curar-se. Vários meses já passaram depois da operação e o rapaz continua a comportar-se como homem honesto.

Diante dêsses dois casos, partidários e adversários da cura dos criminosos positivamente se engalfinharam em luta que não cessa.

— O bisturi em vez da prisão! — sustentam uns.

— Está errado! — replicam outros — Suponhamos que um médico consinta em operar um criminoso e consiga, de fato, libertá-lo do que os senhores chamam "depressão crônica"... Mas, **quais serão as características novas que o bisturi deu ao paciente?** O operado, **pseudo regenerado,** poderá ser ainda mais pervertido!

O Dr. Locard, diretor do laboratório de pesqui-

sas da polícia técnica de **Lyon, na França, afirma**, por seu turno:

— O criminoso não é um monstro. E' um homem que, uma vez, algumas vêzes ou sempre sentiu uma deficiência ou, com excesso, excitações de que todos, somos culpados.

A essa altura intervém o partidário da teoria da educação: "Os criminosos são apenas indivíduos mal educados. Os culpados, na maioria dos casos, são os pais. São vistos chorando nas salas dos tribunais e até mortificando mais ainda os filhos, quando seu lugar era no banco dos réus!"

E, em apoio dessa tese, citam vinte exemplos, provando que tal matador profissional foi separado dos pais ainda menino ou que as lutas familiais fizeram de tal **gangster** um ser que despreza as regras da sociedade.

Algumas enfermidades infantis podem, da mesma forma, ser a origem de uma carreira criminal. E' bastante, para admiti-lo, ler o relatório do Dr. Alexander Kennedy, professor na Universidade de Durham, publicado a respeito do célebre **gangster** John Dillinger. O exame do cérebro do criminoso abatido pelos G-Men de Chicago, revelou, de fato, que fôra êle atingido pela epidemia de encefalite que assolou o território dos Estados Unidos entre 1918 e 2926.

— "Os indivíduos atacados por êsse mal — escreveu o Dr. Kennedy — tornam-se violentos, cruéis e vivem obsecados pela mania de querer **dominar os outros**".

Mais recentemente surgiram outros teóricos favoráveis à cura do criminoso.

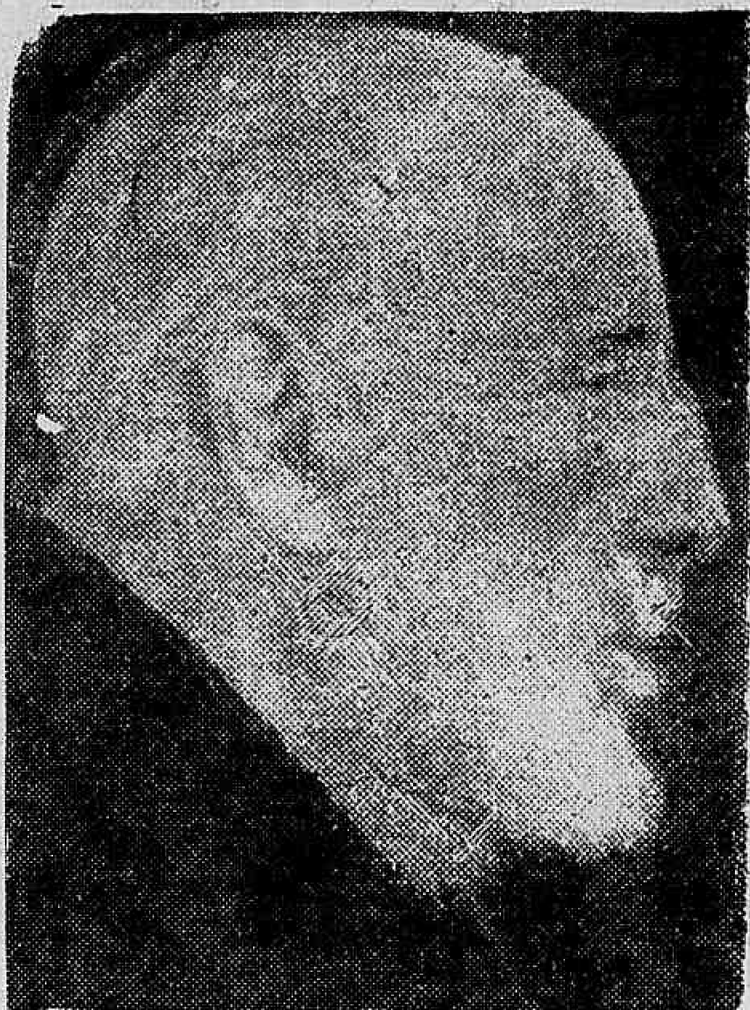
E' coisa há muito sabida que certas drogas podem retransformar um homem decente num temível criminoso. Foi porém há pouco tempo que se descobriu que as drogas também podem efetuar mudanças noutro sentido, transformando delinqüentes perigosos em homens valiosos. Muitas dessas drogas, empregadas para restaurar transtornos mentais puderam ser sintetizadas em laboratórios, pela primeira vez só nos últimos três anos.

Isto porque muitos criminosos são enfermos mentais, na respeitável opinião de psiquiatras como os Drs. Frederick Wertham, de New York e K. O. Milner, de Londres.

Em seu último livro, um **best-seller**, "The Show of Violence", o Dr. Wortham relata inúmeros fatos, descrevendo a ação de muitos assassinos que foram dispensados de instituições muito cedo (muito cedo para salvar a vida de suas inocentes vítimas.)

O Dr. Wortham, que chefiou por muitos anos a Clínica de Higiene Mental do "Bellevue Hospital", de Nova York e agora ocupa similar pôsto no "Kings-County Hospital", em Brooklyn tem escrito muitas outras obras nesse sentido.

O Dr. Milner é o superintendente da "The Aston Hall Institution foi Mental Defectives", na Inglaterra. Ambos, portanto, são autoridades no assunto: **crime e suas relações com certas formas de enfermidades mentais.**



O sábio espanhol Ramón y Cajal recebeu, em 1906, o Prêmio Nobel, por seus notáveis trabalhos sôbre o sistema celular.

A importância dêsse problema de saúde mental, na sua criminal implicância e outros respeitos, foi salientada, no último ano por uma longa lista de eminentes especialistas, depois de proveitosa reunião, em Washington, sob os auspícios do "National Committee for Mental Hygiene".

"As enfermidades mentais, neste país vencem, em número de indivíduos, qualquer outro tipo de enfermidade" — declarou um dos conferencistas.

As despesas com a hospitalização dêsses enfermos ultrapassa, nos Estados Unidos, a quantia de 400.000.000 de dólares, anualmente, segundo uma estatística oficial e, no dizer de Charles Schlaifer, membro do referido **Comittee**, a atual situação **"é escandalosamente insuficiente".**

O Dr. Hudson Hoagland, diretor da "Foundation for Experimental Biology", de Worcester, Estado de Massachussetts, salientou perante seus colegas, na conferência de Washington, a urgente necessidade de cuidar melhor de todos êsses importantes aspectos do problema da saúde mental.

Foram então recomendados, unânimemente, imediatos e vastos estudos nos campos do alcoolismo, das desordens provenientes de congenidade, endocrinologia, epilepsia, homosexualismo e muitas outras. Algumas das novas drogas sòmente nos derradeiros meses foram empregadas extensamente no sentido de restaurar a mentalidade enfêrma. Entre elas figura a **histamina**, a **dilatina**, os **hormônios sexuais**, a **antabuse** e a **metabuse**, certas **vitaminas**, o **pentotal-sódio** e o **amatol-sódio**. Cada uma delas tem o seu efeito específico no tratamento de indivíduos com sérios distúrbios mentais e que podem ter erupção em crimes de maior ou menor violência. Tratamentos regulares, com ácido glutâmico, por exemplo, deram resultados quase mágicos nos casos de indivíduos que tinham uma exagerada tendência para entrar em cólera e praticar atos de natureza anti-social.



A reeducação intelectual dos mutilados de guerra é semelhante à reeducação física e tão importante como esta. A nova ciência terapêutica salvará muitos homens.

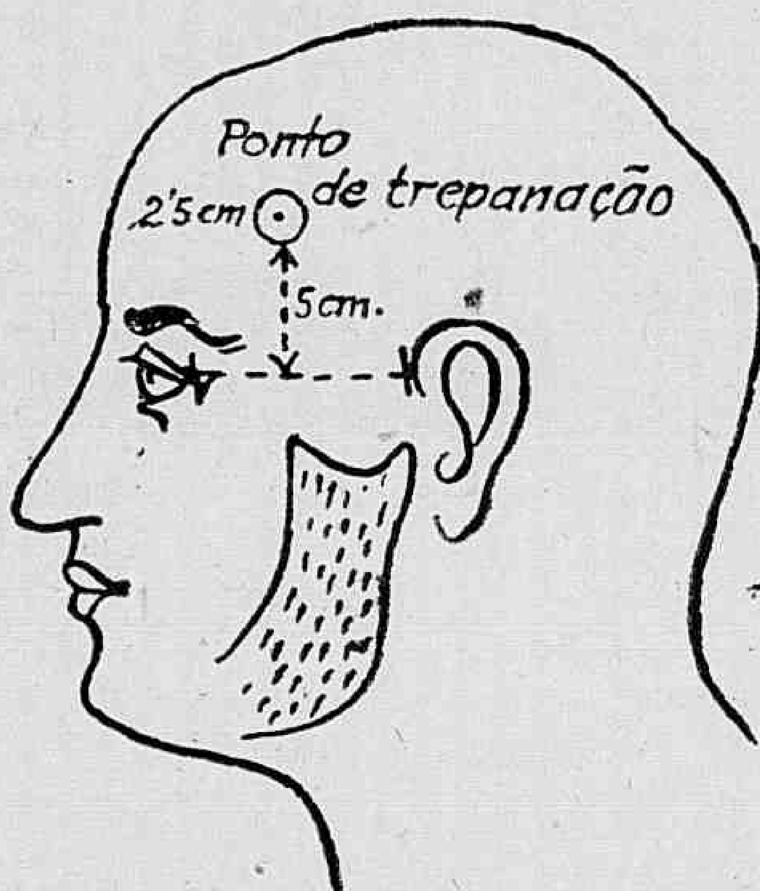
Êsse foi, por exemplo, o caso da Sra. Sula Bell Stimson, **"a vovó jogadora"** como é conhecida na localidade de Gardena, na Califórnia. Depois de confessar no

tribunal o seu **"irresistível desejo de jogar poker com elevadas paradas"**, foi sentenciada a hospitalizar-se, a fim de receber tratamento por meio de injeções de ácido ptery-glutâmico.

Outro caso que mereceu ruidosa publicidade no grande país do norte, não há muito tempo, e no qual a administração da mesma droga foi recomendada pelos psiquiatras, foi o de uma linda senhora de 23 anos de idade, e mãe de três filhos. Depois de condenada a dois anos por roubo e chantage, a pena foi suspensa com a condição de que ela se submetesse a uma experiência pelo mesmo espaço de tempo, seguindo rigorosamente o tratamento indicado pelos médicos.

Vigaristas e batedores de carteira estão incluídos em outros tipos de malfeitores que podem ser curados de seus hábitos anti-sociais com o ácido glutâmico.

Até menos no campo dos distúrbios menores, de caráter que não representam formas violentas de atos criminosos, a **histamina** tem dado dramáticos resultados, numa variedade de condições abaixo descritas como devidas a uma **"deteriorização da personalidade"**.



O ponto de trepanação, segundo o Dr. Egas Moniz, de Lisboa.

Em geral as **histaminas** são hoje recomendadas pelos picneiros nesse setor da higiene mental, no combate à elevada tensão nervosa, que bem pode ser responsabilizada por inúmeras situações verdadeiramente lamentáveis. Estimulando o suprimento do sangue no cérebro, a **histamina** modifica os pensamentos defeituosos ou retardados, amortecendo ao mesmo tempo as reações emocionais até ao seu justo valor humano. Exemplos dessa atividade não social, corrigida por essas drogas se relacionam desde casos ligeiros como erros constantes ocorridos com "caixas" de estabelecimentos comerciais, até a atos de flagrante insulto ao código moral.

Certos indivíduos não são criminosos por natureza ou vício — até que os psiquiatras provem que os mesmos revelam conflitos básicos de natureza emocional, que podem muito bem desaparecer totalmente com um tratamento adequado.

Está hoje largamente provado que muitos dos chamados crimes sexuais são praticados por indivíduos nos quais o normal equilíbrio entre os hormônios masculino e feminino foi alterado sensivelmente. Êsses hormônios, tanto masculinos quanto femininos, estão presentes no homem como na mulher, ocorrendo apenas que há uma diferença de equilíbrio para cada sexo. Qualquer desvio mais sério dêsse equilíbrio normal provocará profundos distúrbios psicológicos e fisiológicos no indivíduo. Os crimes sexuais de natureza violenta são, quase sempre, praticados sob o impulso dêsses distúrbios!

Considerável êxito foi alcançado igualmente, corrigindo-se as tendências homossexuais e outras formas de perversão do sexo com o emprêgo de drogas de alto poder. Para isso já existem dois poderosos corretivos, sendo um para o homem, **testoterone**, e outro para a mulher, **estrogeno.** Corrigida dessa forma a deficiência de suas glândulas, voltam a ser **indivíduos normais.**

Grandes cuidados, porém, exige a administração dessas poderosas drogas. O tratamento só deverá ser feito sob o contrôle de especialistas com longa experiência dêsses recursos químicos.

De tôdas as formas de sério distúrbio mental, a **esquizofrenia** (uma variedade da dupla personalidade do "Médico e o Monstro") é a que mais preocupa os pesquisadores que lutam no campo da terapêutica mental. Já foi dito que **mais da metade dos leitos nos hospitais dedicados ao tratamento dos enfermos mentais, são ocupados pelos esquizofrênicos.** Essa desordem é tradicionalmente pertinaz, difícil de tratar, e êsse tipo de paciente está incluído entre os mais violentos, conhecidos nas instituições de higiene mental.

E, infelizmente, nem todos os **esquizofrênicos** estão hospitalizados — e nem sequer relacionados. Uma condição **esquizóide** pode não ser conhecida até que o indivíduo atravesse largo trecho de uma grande e populosa cidade, deixando atrás de si um rastro de sangue e de corpos inanimados, como ocorreu em Camden, Nova Jersey, há uns oito meses, quando Howard Unruh, um ex-**pracinha** norte-americano e que até poucos minutos antes tinha sido um rapaz de hábitos morigerados, religioso e filho exemplar, matou, sem qualquer motivo, doze pessoas, homens e mulheres, além de uma criança de seis anos, que se achava sentada num cavalinho de-



Charles Hinkley, cleptômano, pediu ao juiz que o fizesse operar. Infelizmente, depois de perigosa intervenção no cérebro, Hinkley continuou a roubar

briquedo, num barbeiro, cortando os cabelos. Porém, mesmo no caso dessas violentas formas de insanidade, alguns animadores resultados já foram alcançados com o uso do bisturi ou o emprêgo de uma droga denominada **dilatina.**

Na verdade, os médicos e psiquiatras que conhecem os benefícios prestados ao indivíduo mental e emocionalmente enfêrmo pelo emprêgo dessas novas drogas, **não afirmam** que sejam elas uma panacéia para tôda classe de desvios do que é normal. Porém vislumbram um futuro em que a maioria dos criminosos insanos possam ser restituídos à vida útil e ao respeito geral por processos cirúrgicos ou químicos, segundo o caso.

Todos êsses depoimentos não deixam de ser perturbadores. Mas, em face dêles, os que estão encarregados de nos proteger contra o crime proclamam: "O único meio eficaz de combater os assassínios é o de lhes causar mêdo. Recordem-se de que foi inspirando um terror salutar aos **gangsters** mais atrevidos e sanguinários que os "G-Men" de Edgard Hoover conseguiram dominar a onda de crime que submergia os Estados Unidos. Se os bandidos souberem que serão abatidos no próprio local ou que encerrarão a sua carreira na fôrca, na guilhotina ou na cadeira elétrica, refletirão melhor e escolherão uma profissão menos perigosa. Será preciso, também, que suportem cem por cento as penas a que são condenados pelos tribunais. Leiam os jornais e hão de ver que em 95% dos casos, os bandidos são reincidentes, apenas saem da prisão".

— Justamente! — replicam os partidários da cura do criminoso — Bem vêem que tôdas as ameaças não têm nenhum valor! De resto, já dise um eminente Inglês, o Dr. Denis C. Carroll:

— **"Para certos indivíduos, vítimas de uma violenta atração — consciente ou não — para o suicídio, a pena capital pode agir como uma atração suplementar... para o crime! E' um meio de chegar ao suicídio sem apelar para a coragem".**

O II Congresso Internacionalde Criminologia já fêz muito. Esperemos que o III possa encontrar para êsse doloroso debate uma solução inspirada na que foi proposta, certa vez, pelo famoso humorista George Bernard Shaw:

— Se os criminosos podem ser reformados, tratem de reformá-los; em caso contrário, matem todos êles!

★

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO



Num dicionário chinês, formado por 40 volumes, que está agora sendo compilado, cada palavra não é apenas definida, mas igualmente dada em cada palavra composta, e cada tipo de frase em que pode ser usada. Nessas condições, a palavra «yi», tem 11.000 diferentes empregos. Para se usar êsse dicionário como convém é necessário recorrer, constantemente, aos seus quatro volumes, que se referem ùnicamente ao índice».

Chicago e Saint Louis são as duas únicas cidades dos Estados Unidos das quais os trens simples de passageiros ou os de «dormitório», partem para tôdas as partes do país.

Uma das peculiaridades dos raios infra-vermelhos ou luz invisível, atualmente usados nas fábricas de móveis finos, para secar mais depressa os laqueados, é fazer secar a tinta de dentro para fora e não de fora para dentro, como aconteceria sem êsse recurso.

Uma peculiaridade da «gôta» é que o paroxismo da dor sempre ocorre entre 2 e 3 horas da manhã.

O gêlo ordinário não flutua no álcool; quanto ao gêlo fabricado sob alta pressão, por sua vez não flutua na água.

Muitos templos religiosos, particularmente na Etiópia, estão dominados por uma cruz, cujas pontas estão cobertas por ovos de avestruz, que simbolizam a antiga crença de que o mundo foi criado de um ôvo.

O «meadow lark» é o único passarinho que mereceu a distinção, entre um milhar de diferentes espécies de pássaros norte-americanos, de ter sido escolhido como o «pássaro oficial» de sete Estados.

O descobrimento da América... antes da viagem de Colombo foi sempre reclamado por diferentes povos — Árabes, Bascos, Chineses, Dinamarqueses, Holandeses, Islandeses, Irlandeses, Portuguêses, Venezianos e Escoceses.

Uma jovem, residente na zona rural da Coréia nunca vê o homem com quem vai casar, senão um dia após o seu casamento. Seus pais cuidam de todos os arranjos e durante todo o dia do enlace (dia e noite), seus olhos são selados com esparadrapo.

Entre as inúmeras coisas que são encontradas, em seu estado natural, em uma variedade de distintas côres, estão os diamantes, o ouro, o mel, os icebergs, o marfim, o jode, os raios, as pérolas, a chuva, a areia, a neve e as esponjas.

No Estado de Arizona, EE. UU., uma carabina ou outra arma que tenha sido usada para matar um animal qualquer fora do período legal de caça é confiscada pelas autoridades. Porém uma arma que tenha servido para matar uma pessoa é restituída ao acusado, no caso de vir a ser absolvido do seu crime, ou a um seu parente ou herdeiro, se condenado. Ao sair da cadeia poderá voltar a usá-la.

NÃO ESTÁ DIREITO!

EM DETROIT, um proprietário moveu processo de despejo contra o seu inquilino, alegando as seguintes razões: 1 — O homenzinho cozinhava num tosco fogão a lenha, quando havia no apartamento um modernissimo fogão a gás. 2 — Usava sòmente lampeões a querosene, quando a casa possuía luz elétrica e belíssimos candelabros. 3 — Tomava banho em tinas de madeira, quando o apartamento estava provido de modernissimo e luxuoso banheiro.

RICHARD Stokes, Ministro do Trabalho britânico relatou ao delegado policial do seu distrito que por muitos anos pensou que seu vizinho era um mal educado que bocejava... caninamente, a noite tôda. Suportava a coisa sem se queixar, até que descobriu que os tremendos bocejos eram, realmente, do bulldog do vizinho. Isto, não podia suportar calado.

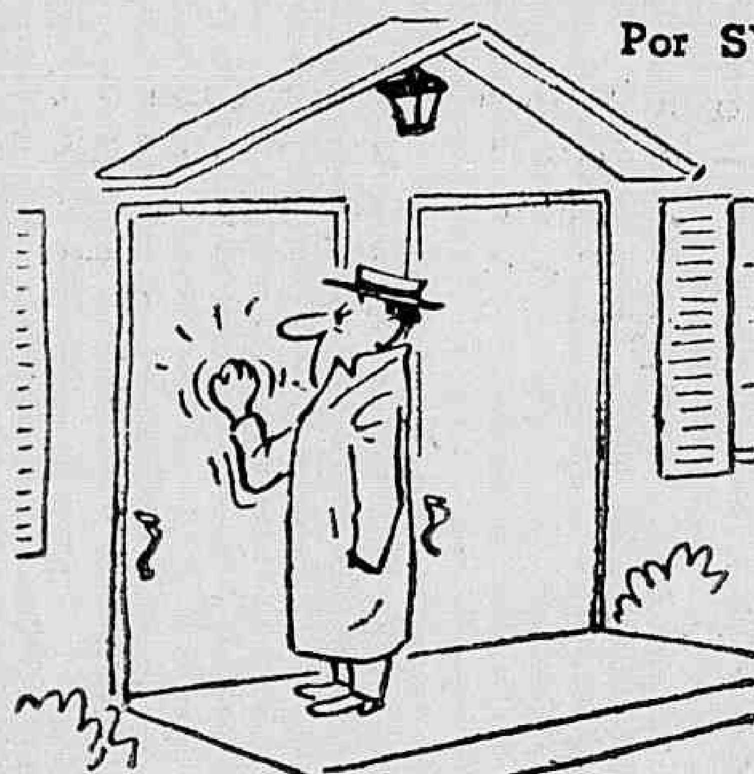
O CHEFE de bombeiros de Decatur, Estado de Illinois, declarou perante a câmara municipal que estava realmente precisando de um novo carro-pipa, pois que, dias antes, "correndo" para apagar um incêndio, levou uma "poeira" vergonhosa de um garôto que pedalava uma bicicleta.

UMA DONA de casa de Goshen, Indianópolis, queixou-se às autoridades, afirmando que os vendedores de assinaturas de magazines e revistas estavam ficando realmente muito atrevidos. E contou que, dias antes, dois dêles tinham surgido em sua residência e como alegasse não poder atendê-los porque estava preparando o jantar, êles entraram à fôrça e enquanto um dêles a obrigava a sentar para ouvir o seu discurso de propaganda, o colega foi para o fogão e acabou de preparar os guizados.

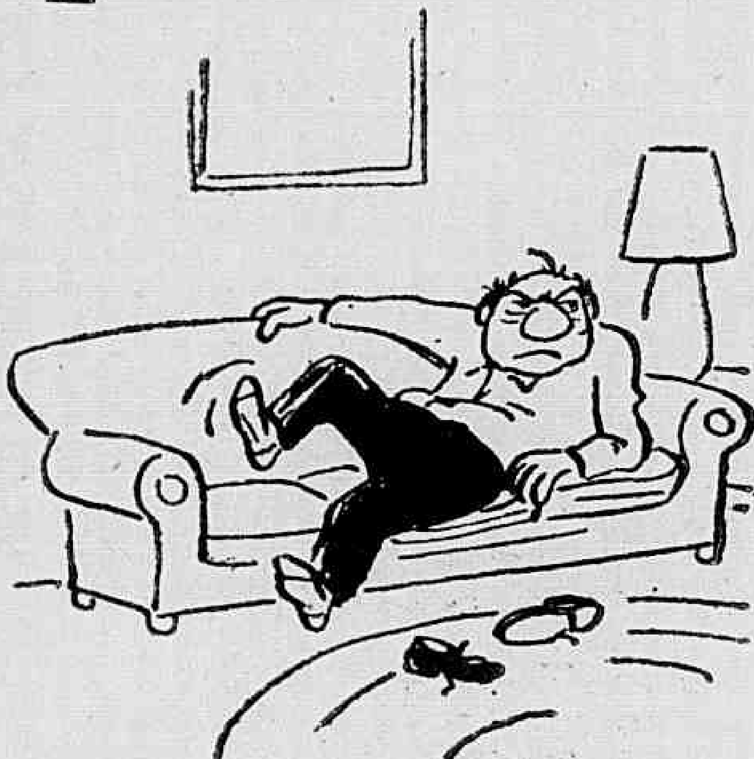
VÁRIOS pedestres, revoltados, queixaram-se às autoridades de Oberlin (Ohio), revelando que sempre que atravessavam determinada rua e passavam diante de uma residência com grande jardim e velhas árvores, quase tinham os tímpanos auditivos rebentados pelos estridentes gritos de dezenas de cortejos.

O VIZINHO DO LADO

Por SYVERSON

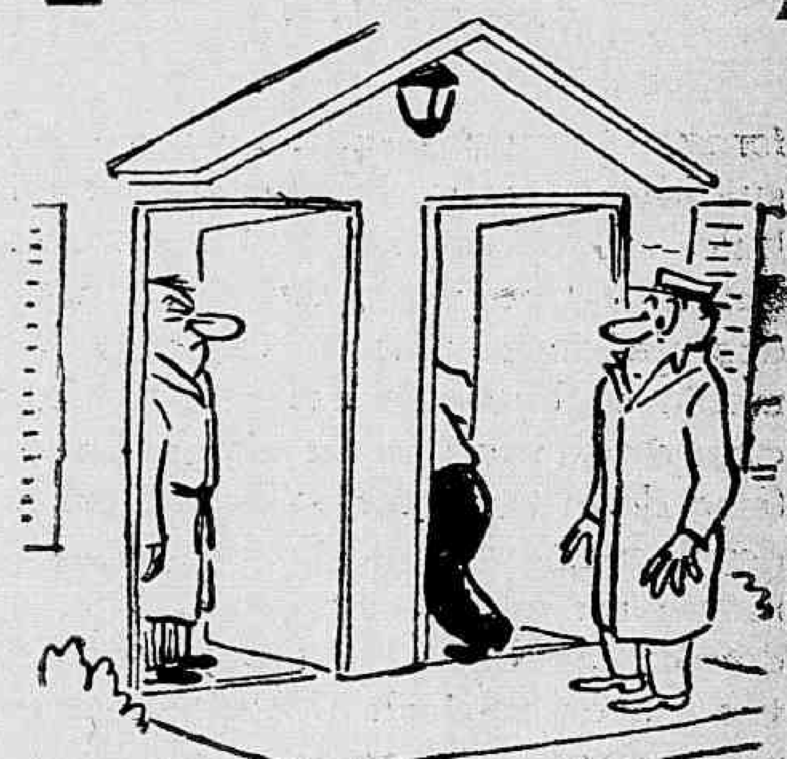


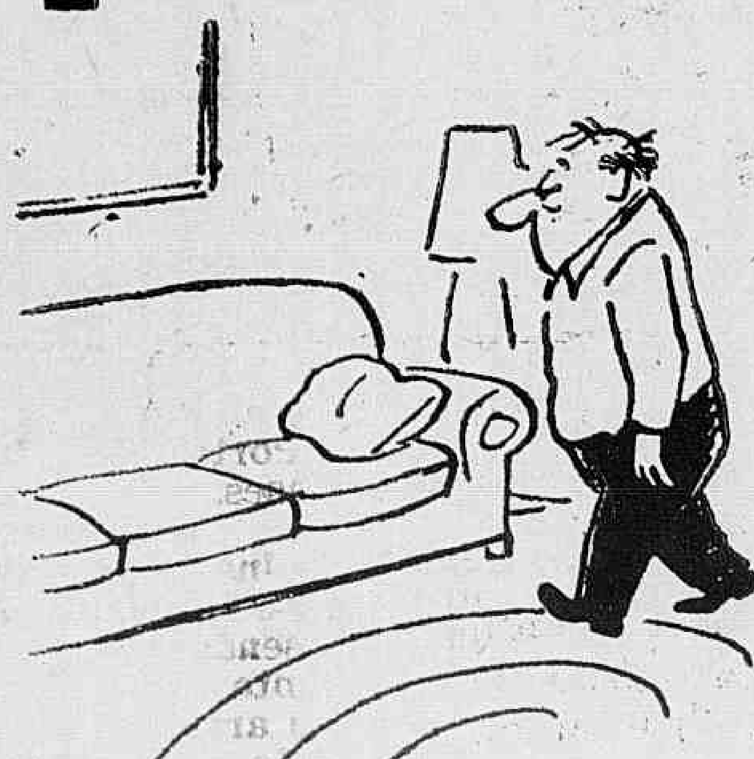


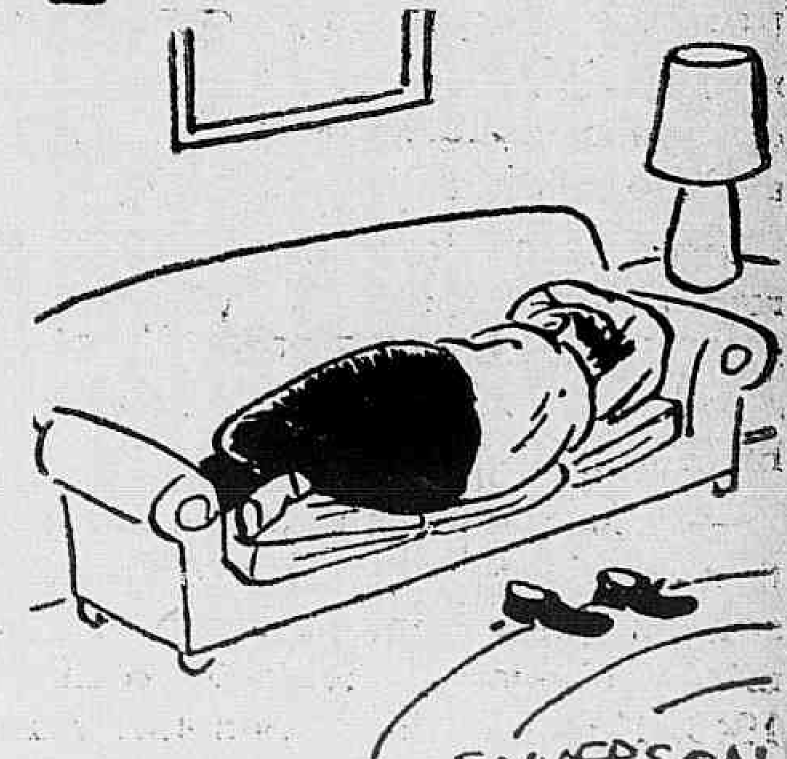










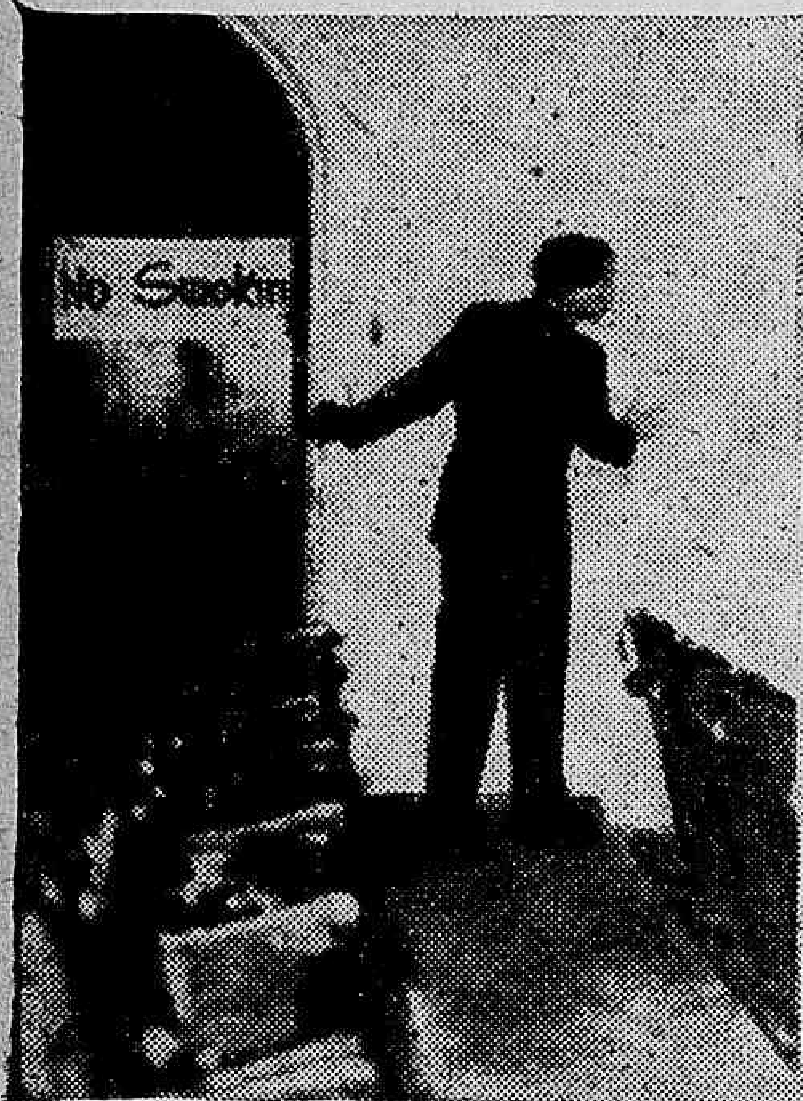


COMO FOI ENTREGUE A GOERING A

DEPOIS de cinco anos de ocorrida a misteriosa morte de Hermann Goering, um dos caudilhos da Alemanha hitlerista, volta o assunto a interessar o mundo. Como se sabe, condenado, com muitos outros figurões nazistas, a morrer na forca, Goering escapou ao verdugo, praticando o suicídio uma hora antes de ser conduzido ao patíbulo, tendo usado para tal fim uma cápsula de cianureto de potássio, um dos mais violentos e rápidos venenos, mesmo ingerido via-oral, principalmente se encontra em seu caminho alguma chaga aberta que o ponha em contato com o sangue. (Isso deve ter ocorrido com Goering, homem amigo da boa mesa e portanto possuindo qualquer ferimento na bôca, gengivas ou garganta). Mas ficou de pé, até hoje, uma pergunta: Quem forneceu o veneno ao marechal? Pensou-se primeiro que Goering tivesse escondido a cápsula na própria bôca durante várias semanas, apesar da equipe de homens encarregados de evitar que os dirigentes do III Reich escapassem ao infamante castigo da corda no pescoço. De fato, a vigilância era constante, não desdenhando sequer as radiografias, a fim de impedir o suicídio dos cativos.

Agora, um jornalista austríaco fêz uma declaração sensacional: **"Eu proporcionei a Goering os meios de fugir do humilhante destino a que havia sido sentenciado pelos aliados"**. E Peter Martin Bleibtreu, de 29 anos, explica:

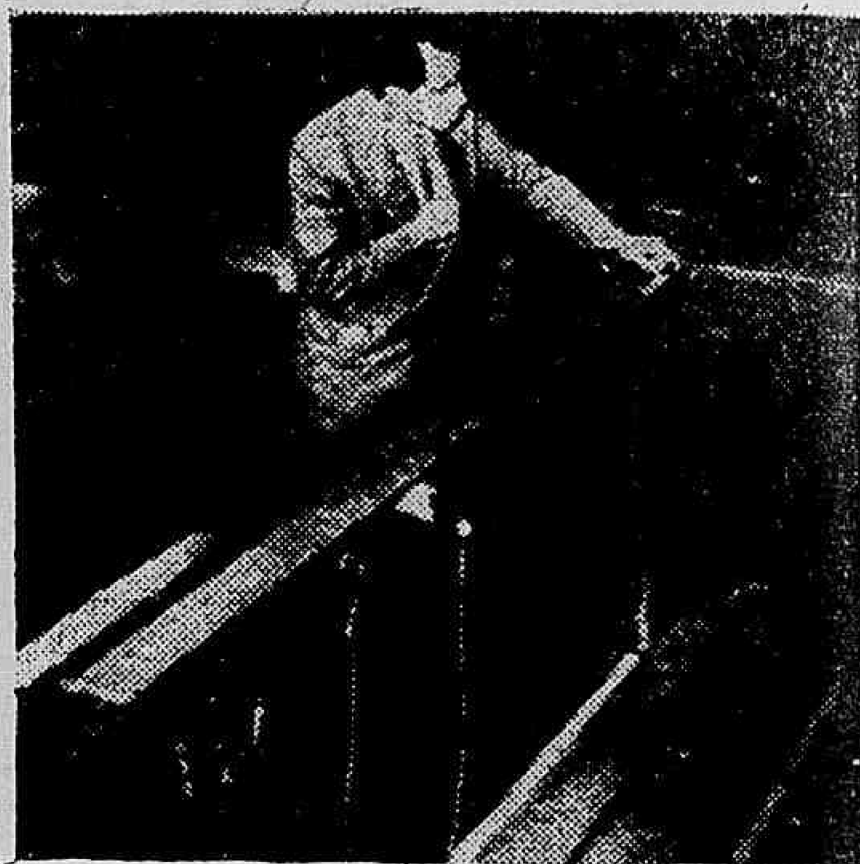
— "Eu queria ajudar Hermann, porém três vêzes tive de desperdiçar a oportunidade, pois as mensagens que recebia dêle diziam **"Espere"**... Finalmente, chegou o momento. o dia 31 de agôsto de 1946. Não era difícil penetrar na sala do tribunal, sendo jornalista. Mas entrar quando aquilo estivesse vazio, sim, era difícil, a não ser durante o curto espaço de tempo em que o vigia ia tomar cerveja, no próprio botequim do tribunal. Eram seis da manhã. Entrei na sala de imprensa, vizinha da do tribunal. Encontrei ali o Dr. Meyer, que trabalhava para a rádio Luxemburgo. Saudei-o ràpidamente e, avançando até à mesa onde estavam os discos e registros do tribunal, fingi que os observava. Depois saí da sala. Assim, sem ser visto, pude chegar à sala do tribunal, então deserta. Pareceu-me sonhar, enquanto me dirigia para a fila de cadeiras, destinadas aos acusa-



O fato foi assim reconstituído: Seis da manhã. A sala do tribunal está deserta. Sem fazer ruídos, Peter Martin desliza os pés, colado à parede até ao banco dos acusados.



O menor ruído na sala do tribunal de Nuremberg atrairia a polícia. Com cuidado o jornalista austríaco gira o trinco da porta que dá acesso ao salão onde os prisioneiros ouviram a sentença.



Martin encontrou facilmente o lugar de Goering, na fila. Sofreu ligeira perturbação ao aproximar-se e tropeçou com a cadeira do Dr. Kransbuhler, defensor do Almirante Doenitz.

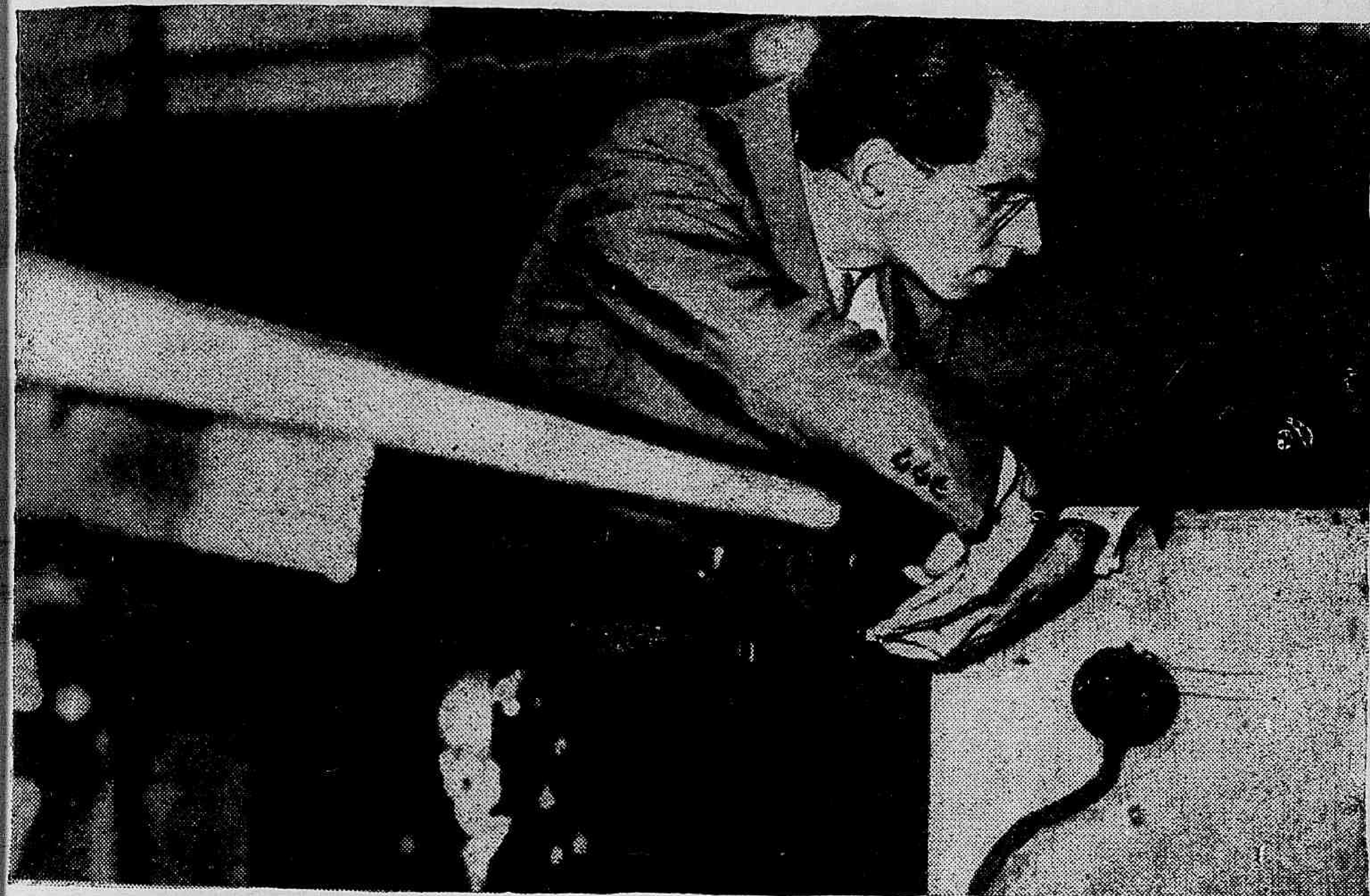


APANHADO EM FLAGRANTE... — O Papa Pio XII, preparando-se para deixar o Vaticano, a fim de passar alguns dias em sua residência de verão, sorri amàvelmente e estende a mão para apertar a de um monsenhor. Porém, nesse mesmo instante, outro monsenhor avista um amigo a poucos passos e inicia um movimento para ir ao seu encontro. O resultado foi êsse cruzamento que o fotógrafo pilhou num cômico flagrante.

CÁPSULA DE CIANURETO DE POTÁSSIO

dos. A tôda pressa cheguei junto do lugar de Goering e... tropecei contra a cadeira do Dr. Kranzbuhler, defensor do Almirante Doenitz! Muito excitado, prestei ouvidos para saber se alguém havia

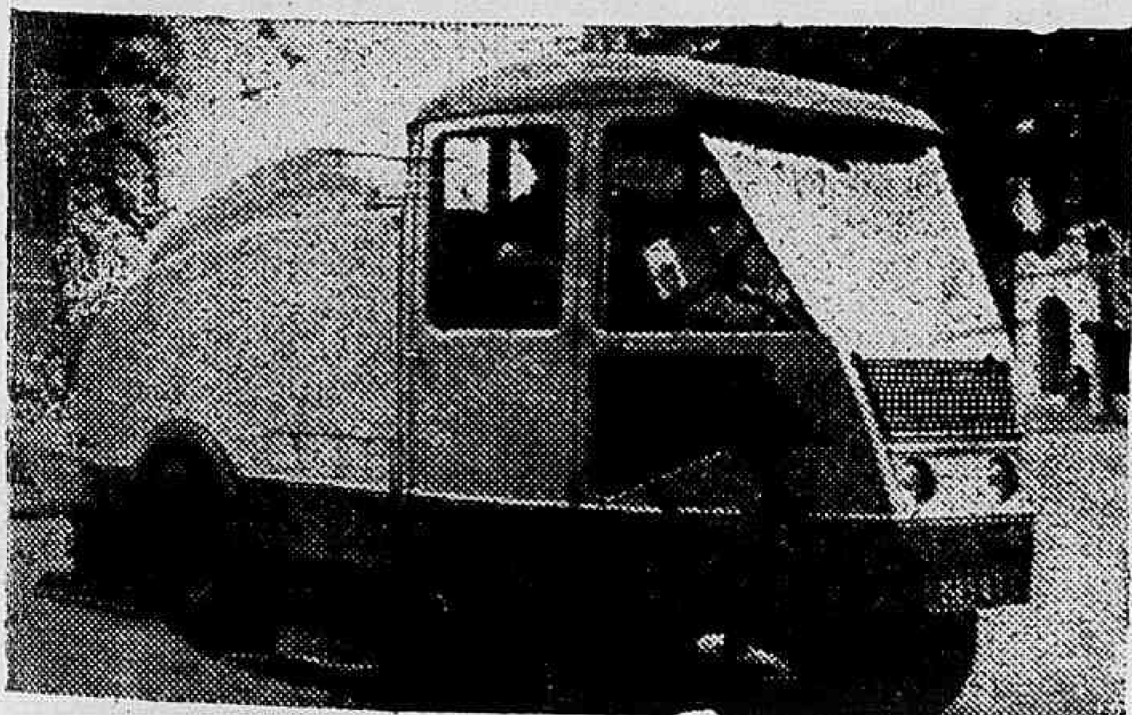
chiclet, sob a mesinha, quase pensando que era outra pessoa e não eu a que executava a perigosa manobra. A cápsula ficou prêsa à mesa. Senti um grande alívio. Um leve risco, feito com giz, sôbre



Com dedos trêmulos, Martin pregou a cápsula com chiclet sob a tábua da mesa. Ali mesmo Goering a encontrou, mais tarde, fugindo do castigo e dêste mundo, sem que se soubesse quem o havia ajudado.

percebido. Tudo estava em silêncio. Tirei do bôlso interior, onde a escondera, a pequena cápsula de veneno. Com dedos trêmulos preguei a ampola, com

★



NOVIDADE NO SERVIÇO DE LIMPEZA DA CIDADE — Mas não no Rio de Janeiro. Êsse é o novo tipo de veículo para limpeza urbana... de Paris. Além de poder percorrer ruas, túneis, e até calçadas, o veículo rega sem levantar poeira, nem maus odores, varre, aspira pó, circula a uma velocidade média de dezoito quilômetros por hora, agindo sempre eficientemente e tem um dispositivo de esterilização. E limpo por fora, que é o principal!

a beira da mesa, indicava a Goering que tudo correra bem."

A sessão teve início. Goering apareceu em primeiro. Sentou no seu lugar e colocou os auriculares. Pensativamente fitou a mesa. Teria visto o risco de giz? Um soldado norte-americano levou um microfone para o lugar de Goering. Êste ia fazer um discurso final, dirigido ao povo alemão. Ao terminar, suas mãos desceram para a mesinha. Como absorto em seus pensamentos, sua mão direita correu sôbre ela e passou para a parte interior. Quando tornou a sentar, o risco de giz tinha desaparecido."

E agora resta a pergunta que os policiais inglêses e norte-americanos formularam ao espontâneo declarante:

— **"Que móvel o levou a entregar veneno ao marechal?"**

E' o próprio Peter Martin Bleibtreu quem esclarece também êsse ponto: havia servido na Luftwaffe, obra fundada por Hermann Goering. Acima dos erros cometidos progressivamente por seu antigo chefe, por quem tinha admiração, guardava, também, para êle, essa lealdade que o levou a poupar-lhe o sofrimento físico e espiritual, livrando-o dessa morte como um crimonoso vulgar.

GENTE RARA

UMA senhora de 41 anos entrou recentemente com uma ação de divórcio perante o tribunal de Louisville, Kentucky; alegava para o seu pedido **haver notado que o marido se mostrava cansado de estar casado e a deixava quase tôdas as noites só, em casa** — "porem êle sempre foi e continua a ser — acrescentou — um perfeito cavalheiro."

★

UM HOSPITAL, em Memphis, Estados Unidos, recebeu um cheque no valor de 25.000 dólares (cêrca de 700 mil cruzeiros) de um ancião, residente em Nova York e abastado proprietário de uma imensa cadeia de postos de lubrificação e consertos em automóveis. O doador explicava que assim fazia, agradecido pela maneira carinhosa como ali fôra tratado, seis anos antes, quando era um simples mendigo.

★

QUANDO o **sheriff** distrital morreu, em Calusa, Califórnia, os pesarosos prêsos, trancafiados no xadrez, contribuiram com dinheiro para a confecção de uma linda coroa de flores, com a seguinte inscrição: **Para o nosso querido Sheriff, a eterna saudade dos seus Prisioneiros.**

★

UM LARÁPIO, que levou quatro dúzias de doces de um restaurante, em Brewhill, Inglaterra, deixou **um bilhetinho para** o proprietário, **dizendo: "Obrigado. Os seus doces são deliciosos. Por isso mesmo não pude resistir à tentação de levar alguns para casa.**

★



A DELEGACIA de polícia de Grand Island, Nebraska, recebeu por vale postal a quantia de dois mil dólares. Acompanhava-o uma carta em que um antigo prêso, depois de agradecer "as cortesias recebidas", afirmava que desejava pagar "a hospedagem de uma noite, que ali lhe haviam oferecido" e também "o excelente almôço que comeu entre as grades".

★

UM LADRÃO que assaltou um café de Hollywood durante a noite, "limpando" totalmente a Caixa registradora e tôdas as demais "caça-níqueis" instaladas no mesmo estabelecimento, deixou um bilhete confessando a sua agradável surprêsa **por não ter encontrado uma única moeda falsa,** — o que revelava a correção e honestidade dos frequentadores da casa comercial.

A MORTE de um arquiteto, em Los Angeles, veio revelar à polícia que o mesmo fôra em vida... um bígamo, tendo contraído dois casamentos e vivendo uma dupla vida... Porém as duas viúvas declararam: **"Êle foi sempre um excelente marido".** E ambas reclamaram o seu corpo.

★

UM RAPAZOLA, prêso em Los Angeles, acusado de haver falsificado uma nota de cinco dólares, confessou seu crime, mas não escondeu um certo orgulho pela excelência do trabalho. E o delegado de polícia que o interrogou, admitiu que o prêso tinha o direito de se orgulhar: **"A nota** — explicou êle — **teria sido considerada boa em muitos bancos desta cidade".**

★

COMO prova de que muito apreciava os seus serviços a "Casa Rotschild", de Londres, ofereceu a todos os seus empregados, novas camisas, meias, gravatas e ternos completos, além de chapéus, sapatos, etc. Os empregados **são** em número de duzentos e os diretores da grande Companhia explicaram que assim faziam porque as roupas, hoje, estão muito caras e desejavam que seus empregados andassem sempre bem vestidos.

★

REDUTOR DE ALTA PRESSÃO SANGUÍNEA

Até há bem pouco tempo, o tratamento drástico contra as grandes elevações da pressão sanguínea (hipertensão) foi uma operação chamada simpatectomia — que consistia no corte dos principais nervos simpáticos. Porém a operação era um risco bastante sério e complicado: muitos pacientes recusavam submeter-se a ela. Por isso os cientistas entraram a pesquisar no campo da química, no sentido de dar melhor combate ao mal, baixando, sempre que necessário, a pressão sanguínea. Entre as novidades surgidas parecem mais promissoras duas drogas: C5 (Pentametônio) e C6 (hexa-metônio) que parecem mesmo superiores em sua ação curativa ao próprio corte do nervo simpático. Homens que já estariam mortos hoje, vitimados pelo mal, foram salvos pelas referidas drogas. C5 e C6 se mostraram eficientes quando aplicadas em numerosos pacientes, na Nova Zelândia e mais recentemente, novas drogas para reduzir a pressão sanguínea estão sendo ensaiadas nos Estados Unidos e com a vantagem dos enfermos poderem tomá-las indefinidamente.

VOCÊ TEME O DIVÓRCIO?

É o assunto que alvoroça todos os brasileiros. Nunca, talvez, as divergências de opinião se apresentaram tão irredutíveis e tão acesas como neste que implica a própria sorte das tradições sociais e religiosas e que, por isso mesmo, atinge todo um povo, que até hoje viveu sem êle e que agora está dividido entre os que receiam a novidade e os que combatem o que chamam de "prolongamento de um grande êrro", clamando por um "remédio", que há muito foi adotado pelos povos mais adiantados do mundo.

Não entramos no assunto para, sequer ligeiramente, pesar na balança das opiniões em luta. Cuidamos, ùnicamente, de divulgar o que é feito nos países divorcistas e, ao mesmo tempo, enumerar as causas mais comuns dêsse extremo recurso que elimina os vínculos do matrimônio.

As "chances" e os riscos da felicidade conjugal, embora muita gente ignore, já foram traduzidas em números pelos estatísticos e permitem realizar a equação seguinte:

$$6\ h. + 6\ m. = 5\ c. + x$$

"H" é um homem que escolhe espôsa; "M" é uma mulher que encontra marido; "C" é um casal feliz e "X" um divórcio.

Vejamos o que ocorre na França, país latino como o nosso, e que, por isso mesmo, será o melhor exemplo, para o caso que nos interessa particularmente. Ali, 39.000 mulheres e outros tantos homens se apresentam perante o Pretor ou seu adjunto, para pronunciar, do fundo do coração ou da ponta dos lábios, o "sim" que os lançava na grande aventura do casamento. Imagina-se, fàcilmente, a imensa quantidade que isso representa de vestidos brancos, de flores de laranjeira, de peitilhos engomados e palpitantes, de alianças trocadas com olhares cruzando-se amorosamente, de "champagne" bebido e de viagens de "lua-de-mel". Ao mesmo tempo, 57.000 mulheres e 57.000 maridos penetravam, de cabeça baixa, numa sala triste, fria e administrativa, para uma sessão chamada "de conciliação".

E', exatamente, o inverso do casamento. O Pretor foi substituído pelo Juiz. As fisionomias de drama substituíram os rostos risonhos da comédia. Fala-se em voz baixa, como por ocasião de um entêrro. E, quase sempre, é um entêrro — o entêrro de um sonho para dois, o entêrro da felicidade!

No instante em que os esposos, cansados de se entredespedaçar, pouco a pouco, dia a dia, tomam a decisão do divórcio.



— Eu sou uma divorciada...

devem ter sempre presente no espírito, não a perspectiva ilusória da liberdade, mas sim a imagem da obrigatória "sessão de reconciliação".

A HORA SUPREMA: assinar o pedido de divórcio...

Separar-se com o ânimo quente, impelido pela fúria momentânea, o sangue que sobe à cabeça e cega, ou sob o aguilhão cruel do ciúme, nada significa. Mas será indispensável separar-se também "a frio", diante do juiz, quando a cólera já passou completamente, quando a chaga não dói mais...

Não se terá a coragem de voltar atrás. O estúpido respeito humano, o "amor próprio" impedirá que um e outro dêem o primeiro passo, que se mostrem arrependidos ou que perdõem.

Em cada seis casais, um pelo menos, ao fim da "lua-de-mel", depois do pão branco e do pão negro, comidos lado a lado, haverá, mais cedo ou mais tarde, êsse último "tête-à-tête" a suportar. O pior de todos. Pior que a discussão colérica e a confissão, pois que é o "tête-à-tête" da morte. Tôda uma parte do próprio eu, que está morta e sôbre a qual não se tem sequer a coragem de chorar. E' claro, é possível recomeçar a vida. Mas nada será possível fazer para que "o que foi volte a ser". Podemos afirmar que o divorciado pode sair vencedor dessa provação, porém sai como um amputado. "Amputado de um sonho". E como é sempre a mulher a que mais sonhou, é ela, infalivelmente, a mais diminuída.



O CÂNCER DA FELICIDADE: — Uma mulher que se casa deve ter consciência de que um perigo está suspenso, permanentemente, sôbre o seu lar. De uma moléstia que mata uma pessoa de cada seis, é costume dizer-se que ela é "um flagelo". O divórcio arruina um lar de cada seis. E' como um câncer da felicidade conjugal. Uma vez iniciado o processo, o mal está declarado — e não restará grande coisa a ser feita. Tudo o que possa tentar uma espôsa, consciente de suas "chances" e de seus riscos, é prevenir a crise fatal. O marido pode ter todos os defeitos dêste mundo; é a mulher, acima de tudo, e por tradição, a guardiã do lar. Se o lar se desfizer, a ela caberá sobreviver nas ruinas. Cabe a ela, por-

tanto, zelar pela semente, prever a tempestade e, até mesmo, se tudo correr mal, suportá-la. Que se recorde, pois, de que, na fábula, a roseira se salva mais fàcilmente que o carvalho.

Antes de tudo, é preciso saber, "exatamente", o que significa o casamento. Para muitas moças solteiras não será êle a conclusão de um romance, uma espécie de apoteose envôlta em tule, incensos e nuvens côr-de-rosa. Será como "cair das alturas". Muitas conseguirão restabelecer o equilíbrio. Mas é êsse um exercício perigoso e perfeitamente inútil. O casamento não é o fim do noivado, mas sim, o comêço de uma vida "a dois". Inaugura-se uma "sociedade". E ela deve prosperar. Pode haver "bancarrota". E' um problema muito complexo. O casamento pode ser definido como um "business". E' a arte de gerir "a dois" o "capital Amor". Sôbre isso, também, as mulheres têm perigosas ilusões. O amor não é um "bouquet" de flores, beijos e devaneios ao luar. O amor é "ser a outra parte" e o contrário do egoísmo. O êxito do casamento está dependente desta dupla condição: "ser dois e que cada um seja o outro".



O fim das ilusões de grandeza...



★

DESCONFIEM DE UM SONHO DE MOCINHA: — Entre dois, isso significa dizer: "assumir a sua parte" (a metade) das responsabilidades morais e materiais do lar. O homem apaixonado tem a tendência de tratar a jovem espôsa como uma criança mimada. Ela deve recusar êsse papel, por mais confortável que possa ser. Ao fim de um certo tempo êle se fatigará de suportar, sòzinho, todo o pêso das preocupações. A mulher deve saber pedir o seu lote de dificuldades.

Ser "o outro" quer dizer "adaptar-se". Muitas mulheres, desde o instante em que se vêem autorizadas a regular o trem de vida no lar recém-inaugurado, realizam um sonho de mocinha. Começam por estabelecer um "horário maravilhoso": almôço ao meio-dia, chá às cinco horas, cinema às quartas-feiras, à noite; e ficam furiosas se o marido chega atrasado para o almôço ou se diz estar fatigado quarta-feira à noite. O importante é calcar a vida do lar sôbre a vida exterior do marido. Tratar, desde logo, de se informar sôbre os seus horários, os seus projetos, as suas preferências. E' preciso que o lar seja o lugar do seu recreio. Mesmo que volte para casa à meia-noite, é preciso saber esperá-lo e estar pronta para ouvir o que tem a dizer. Êle precisa de um ouvido atento. Se não tiver o da espôsa, por certo irá procurar outro.

O orçamento ideal é tão tolo como o horário de sonho. E' a fôlha de pagamento do marido — e sómente ela — que deve regular a administração geral do lar. E a espôsa não deve dizer, jamais: "E' impossível, ganhando tão pouco". Êle sabe isso muito bem. Êle se esforçará para ganhar mais. Porém êsse "mais" êle terá mais prazer de oferecer e não que a espôsa considere como coisa "devida", de antemão. Seja qual fôr o seu ordenado, não deve a espôsa esquecer que a "abastança" é a diferença entre as despesas e as receitas.



O fim da paciência...



★

O CORAÇÃO, O ESPÍRITO E O RESTO: —

Também em espírito você, gentil leitora, deve procurar a adaptação. Haverá, provàvelmente, uma monomania. E, mais provàvelmente ainda, uma monomania tôla. Mas não será você quem dirá que é tôla. Com um pouquinho de habilidade, dará a êle uma outra monomania — ou se mostrará interessada pela que êle tiver. Leia seus livros, ouça a emissão que êle gosta de ouvir, ao voltar do trabalho. Mesmo que seja um concêrto sinfônico. Terá o dia todo para ouvir sambas e novelas. Sim. Êle tem muitos defeitos. Demais, até, na sua opinião, leitora. Talvez... Nesse caso apanhe uma fôlha de papel em branco e trace nela duas colunas. Defeitos. Qualidades. Marque um ponto para dez defeitos e também para dez qualidades. Verá, então, que, no total, êle é, apesar de tudo, "um bom marido". Depois... "esqueça" essa fôlha de papel em algum lugar ao alcance dêle. Êle a encontrará e depois de ler, com tôda a certeza, procurará ser melhor, esforçando-se por transformar os defeitos em outras tantas qualidades.

Ser "o outro", é ser com o coração, com o espírito e também com a carne. Êle espera de você tôda lealdade como espôsa. Nada o fará mais feliz do que pensar que a faz feliz. Talvez uma espôsa imagine a intimidade ornada com mais romantismo e mistério. Há coisas "como são nos livros" e "como são na vida". Não procure viver um romance. Nove vêzes em dez, a espôsa infiel é a que procura viver um romance. Ela se sente frustrada do fruto-proibido. Ficará decepcionada. O verdadeiro fruto-proibido é aquêle "que não se colhe jamais!" E a diferença entre o romance e a vida existe apenas na imaginação do romancista. Se você é romanesca, ninguém a impedirá de romancear a própria vida — por mais prosaica seja ela. Mas não acredite que, de resto, será "muito melhor". Todo o talento está, justamente em apreciar as pequeninas coisas e dar um estilo às banalidades.



NÃO DEIXAR UM LUGAR PARA SER TOMADO: — Finalmente, a grande condição de um lar feliz é a lealdade. O contrário da lealdade é a infidelidade e suas pavorosas conseqüências. O fato da lealdade da espôsa não é suficiente para impedir a infidelidade do marido. E é aqui que intervém a inimiga Nº 1 do lar: a "outra". À frente das causas invocadas pelos divorcistas, vem o adultério. O adultério é uma palavra abstrata. Mas, em cada lar, êsse têrmo abstrato deve aparecer sob os traços da rival possível. Tôda espôsa deve pensar nela, imaginá-la ruiva ou morena, à vontade da fantasia, mas ter a quase certeza de que "ela ronda em redor do lar mal defendido". Não é o caso de fazer disso uma obsessão. Mas, a bem dizer, vale mais que seja a espôsa quem pense na "outra" do que o próprio marido.



O fim da delicadeza...

Os advogados especializados nos divórcios estão de acôrdo com os psiquiatras: quase sempre a espôsa é a principal responsável pela existência da "outra". Ela a faz nascer no espírito do marido, não apenas pelo contraste ou pela antítese, mas também porque só cumpriu "em parte" o seu papel de espôsa, deixando "um lugar para ser tomado". Eis por que dizemos: é muito melhor pensar, a própria espôsa, na "outra" do que forçar ou deixar que o marido pense nela. Quando um proprietário inspeciona a sua casa, tem em mente um certo número de pontos sôbre os quais dará maior atenção: os alicerces, as fugas de água, a fechadura das portas e das janelas, o estado do telhado, etc. ... Pois bem! E' preciso ser como o proprietário atento e, em tempo, fazer uma minuciosa inspeção, em pensamento, de todo o lar, para saber se há falhas, se alguma coisa tem que ser modificada. Um lar não desaba "de golpe". Êle se "desfaz"... Se a espôsa estiver vigilante aos sinais de ruína, poderá ir restaurando tudo, à medida que se vai enfraquecendo sob as intempéries da vida.

1º — O ESPELHO: — O espelho não é mais que um símbolo. Deve auxiliar a espôsa a materializar o temor da "outra" mulher, da "Inimiga". Porque é preciso não esquecer: vivemos num planêta onde há mais mulheres do que homens. E' um fato. Existe a concorrência. Imagine ser

a secretária do seu marido ou a desconhecida, sentada ao lado dêle, no ônibus. Não hesite em fazer de si mesma uma imagem lisonjeira. E, depois procure o espelho e faça uma comparação sincera. O primeiro dever da espôsa é o de não decepcionar. Essa comparação, mesmo que não queira, êle é forçado a fazer. Procure fazer que não seja cruelmente contrária a você mesmo. Desconfie dessa tendência a pensar que está casada "de uma vez por tôdas e que não precisa mais agradar". Ao contrário. Tem que agradar mais que antes; tem que agradar todos os dias. Naturalmente, sabe a que horas o marido volta do trabalho. Não o espere em "robe-de-chambre" e com os cabelos em desalinho. A primeira precaução é a de consagrar à própria beleza os dez minutos que precendem, diàriamente, ao retôrno do marido. E' o instante em que uma comparação pode surgir no espírito dêle.

2º — AS GRITARIAS: — Para você, muitas vêzes, a vida começa no instante em que seu marido volta para casa. Você tem a tendência a pensar que "o resto", o "de fora", o trabalho, é um tempo que não deve ser contado. Você tem vitalidade para dar e vender, vitalidade acumulada durante as horas vazias do dia. Chegou o instante — é o que você pensa — de marcar a sua presença. Depressa o diapasão se eleva. Êle está fatigado. Refugia-se por trás das páginas de um jornal, que não pôde ler, porque viajou de pé, no ônibus ou no bonde... e você se enfurece. Sente que está roubada. Tem ciúmes da vida que êle vive, fora de casa e longe de você. Êle, por estar fatigado, acolhe mal essas censuras. Começam, então, as discussões. Tudo o que você conseguiu, com essa atitude, foi convencê-lo de que tem um "gênio impossível". Assim, por êrro de tática, você mesma lhe entreabre uma das portas da infelicidade. Êle já pensa até em fugir. Sim. Fugir, mais cedo ou mais tarde, encontrar outra distração, outra mulher. Aqui está um truque, entre cem outros: procure fazer um esfôrço para ler o jornal antes dêle. Interromper a sua leitura, a propósito de uma notícia do dia é um excelente meio de "pegá-lo". Creia que a sua presença, para êle, está em milhares de coisas: um "bouquet" de flores, um aperitivo servido, um bom banho preparado meticulosamente. A presença de uma espôsa pode acolher um marido em todos os cantinhos da casa. E êle gostará de encontrar você por tôda parte — salvo nos seus gritos e resmungos.

3º — O DESDÉM: — Há inúmeras maneiras de ser desdenhosa. A pior de tôdas é desdenhar o trabalho do seu marido. Quer queira, quer não, a vida é assim mesmo. Você não é mais que a metade do seu marido. A outra metade é formada pelo seu trabalho e a sua personagem social. Ignorando o aspecto social do seu marido, você estará cavando um abismo terrível, no qual se arrisca a perder tôda a felicidade. Esteja segura de que, durante as horas de labor, você está incessantemente presente nas preocupações do espôso. Se êle se sai mal, se empreende um trabalho suplementar, se aceita um dever fatigante, é para melhorar o "standing" de vida de ambos. Por isso, êle não compreenderá que você esteja ausente no instante do repouso. Por mais obscura que seja a sua tarefa, êle precisa de um público que o console dos seus fracassos e aplauda as suas proezas. Se você não sabe ser êsse público indulgente, uma outra mulher o será. Não deixe para ela êsse lugar vago, essa poltrona de espectadora, onde ela se instalará jubilosamente. Trata-se de um homem que deseja, como todos êles, brilhar. Para êle o melhor público é você mesma.

4º — AS RAZÕES DO DINHEIRO: — Nada mais desmoralizante para um homem, dedicado à luta pela vida, que se sentir vencido em cada fim do mês. Porque as contas não pagas, as fugas à aproximação do cobrador, o terror do senhorio, são outras tantas derrotas que desagregam a coragem de um homem. Êle não acusará a espôsa desde logo. Não quererá apontar que ela deu mais importância à conta da modista que à da eletricidade. Mas, mais cedo ou mais tarde, terá êle a impressão de que em



As tentações «externas»...

vez de uma associada, tem uma inimiga que, como se diz familiarmente, "entrava os seus passos". Não que êle seja especialmente agarrado ao dinheiro, mas faz questão de um certo prestígio de lutador diante da vida e êsses pequeninos reveses acumulados chegam a ser intoleráveis. Você faz nascer nêle êsse pensamento pernicioso: "Sem ela eu estaria muito melhor na vida". Êle acredita que, sòzinho, venceria. Mas apelará para o socorro de outra mulher, a mulher ordenada, ou que aparente ser. Os acasos da existência a colocarão, forçosamente, em seu caminho. Sempre achamos o que procuramos. Êle encontrará o que você mesma o forçou a procurar.

5º — MELHOR QUE NO BAR: — O bar é, quase sempre, a ante-sala do adultério. E' no bar que o acaso dos encontros se mostra mais ativo. Quase sempre, se êle adora o bar é porque ali está melhor que na própria casa. No início, é uma simples questão de confôrto, de luz, de bebidas reconfortantes. Tudo isso, confôrto, luz, etc., que pode parecer coisa supérflua, é, no entanto, indispensável à solidez do lar. Uma das condições essenciais da felicidade está em que o marido se sinta muito bem, em casa. Por isso, você deve imaginar mil e uma coisas para o acolher. Há mulheres que dizem, levantando os braços, ante a desordem. "Oh! quem quiser que me ature como sou! Não estou para me aborrecer com as coisas de casa". Aturar... ou abandonar. E, no entanto, com um pouco de boa-vontade, tudo se resolve. E imagine que o seu marido não é movido por um desejo obscuro e absolutamente imperioso quando segue para o escritório, tôdas as manhãs. Se não o fizer por gôsto, será por um sentido do dever. Você deverá cuidar do interior com o máximo de possibilidades. Porque, se um marido se sentir mal na própria casa, por certo sairá dela. Fora, no bar, há sempre "outra" à sua espera.

6º — MELHOR QUE NO RESTAURANTE: — Um velho provérbio, sempre verdadeiro, diz que "o caminho que conduz ao coração de um homem, passa por seu estômago". E não diga, por favor, que não tem gôsto pela cozinha. E' coisa que se aprende depressa. A cozinheira, analfabeta na maioria dos casos, pôde aprender... Com mais razão você aprenderá. A questão é querer. Há, para isso, cursos, livros, horas radiofônicas e, em último recurso, a mãe, a sogra, uma vizinha. Se um marido gosta de comer bem e adora sentir-se confortado em casa, não significa que seja um homem prêso ao que você talvez chame de "baixas contingências da terra". E' também porque verá, nos cuidados que você tem por êle, outras tantas provas de amor. E, além disso, ainda nesse ponto, você deve pensar na "outra". E repita para si mesmo que, enquanto você abre, praguejando, essa lata de conservas diante da qual êle fará uma careta, a outra está procurando fazer, para conquistá-lo, um prato soberbo. E, da cozinha para coisa ainda mais íntima e desta para o divórcio, os homens caminham depressa. Não se constrói um estabelecimento durável sôbre a moda dos pique-niques e dos restaurantes. O lar deve ser apenas uma imagem. A imagem de um fogo sôbre o qual se coloca alguma coisa para ferver.

7º — A ALMA IRMÃ: — A sétima porta do divórcio abre mais comumente sôbre um terreno de esporte ou uma parte campestre. Você, que zela pela felicidade do casal, não deve desdenhar essa porta do "week-end". Muitas aventuras começaram assim e acabaram no divórcio. Por exemplo, seu marido gosta de cavalgar e você tem horror à equitação. Não quer ao menos se dar ao trabalho de engraxar as botas dêle. O pior é que um belo dia êle encontra uma "amazona". O cavalo, no caso, não é elemento indispensável. Poderá ser o tênis e, um belo dia, do outro lado da rêde, surgirá outra mulher, sorridente, cabelos ao vento. Ou, simplesmente, será um maníaco do futebol ou do turfe. Vai sempre só, ver o clube ou os cavalos da sua predileção. Um belo domingo a "outra" estará sentada ao seu lado. Êsse, também, é um lugar que a espôsa não deve deixar vago. Ela deve ser a companhia do marido. Assim terá fechado a "sétima e última porta", diante da qual está estacionada a rival invisível.

Eis que, ser a espôsa do seu marido, obriga a desempenhar sete papéis diferentes. Vamos recapitulá-los: ser a sua eterna noiva, a sua boa anfitriã, o seu público, o seu diretor de finanças, a sua decoradora, a sua cozinheira, a sua companheira.

E' preciso, ainda, saber isto: O perigo é mais ameaçador em certas épocas do ano. Um marido atravessa "passagens perigosas".

Em resumo, a felicidade é a arte de bem gerir o amor. Com êle, tudo é possível; sem êle, nada! A palavra final pertence a Benjamin Franklin e você não a pode esquecer, fazendo dela um "pára-raios" contra as decepções sentimentais:

— "Onde houver casamento sem amor, haverá amor sem casamento."

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página número 20)

Quando o caçador chegou junto do seu automóvel, estacionado a uns 200 metros da estrada que cruzava pela estrada do bosque, apanhou no seu interior o seu sobretudo e foi colocá-lo sôbre um tronco de árvore tombado e que fàcilmente reconheceria, vendo-o da estrada. No dia seguinte voltou à árvore, onde encontrou o sobretudo conforme deixara. No dia imediato e no outro, ainda, foi a mesma coisa. O sobretudo continuava intocado. Porém ao fim do quarto dia, ao chegar junto da árvore, viu Sandy confortàvelmente instalado sôbre o agasalho.

O DOTE DE NANETTE

Romance de J. DE LA BRÊTE

Tradução de NICOLE PASCHIER

(Continuação do número anterior)

— Eu? Romântica? A senhora acha, minha tia? A senhora que me vê agarrada à vassoura, atarefada com os legumes e os arranjos culinários?

— O romanesco assume às vêzes, formas surpreendentes... Não é mesmo, madame?

— Também creio. — disse eu.

— Então, Secília, você julga que sou româtitica, quando afirmo que o seu romance terá bom desenlace? Que vocês se casarão e serão muito felizes?

Cecília, que, a contragosto, se dispunha a partir, respondeu afetuosamente:

— Acredito, principalmente, que vocês têm o melhor coração dêste mundo; êle é o grande inspirador de tudo quanto diz e pensa. Porém, por mim, tenho que ver a situação tal como é.

— Pois seja! — disse Nanette, rindo. — Mas deve compreender que se eu falasse justamente como você fala, além de causar um profundo desgôsto e de agir contra as mais belas esperanças de você mesma, não seria acreditada, pois, aí sim, você teria esperanças.

No correr do jantar, Nanette contou ao pai os incidentes e as conversações do dia; deu a maior relevância à visita de La Fade.

— O senhor não acha esplêndido, meu pai, o seu panegírico das afeições tardias, da agradável reunião dos sentimentos diversos?

— Não vejo nada... — disse Geoffroy lançando contra mim um olhar inquisidor.

— Pois saiba que gostei muito dêle pela defesa que fêz dessa utopia. Acho que êle deveria procurar uma espôsa com as mesmas idéias.

— Em que você vê uma utopia, nessa opinião de La Fade? Um homem da sua idade pode perfeitamente, sem ser ridículo, casar com uma criatura própria para êle.

— Própria para êle! — repetiu Nanette, desatando a rir. — Mas, se acabo de dizer, papai, que a noiva do amigo do Sr. La Fade tem a minha idade!

— Bem... Isso, tem razão... E' diferente.

— Muito diferente... Entretanto, seja qual for a idade que tenham, os homens preferem sempre uma espôsa jovem para cuidar do seu lar. Não é verdade?

— Verdade, realmente.

— O senhor bem vê! Encontram para agradar-lhes — disse Nanette alegremente — razões jamais sonhadas e mesmo ressuscitam



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Vivendo desde muito tempo só, numa cidade de província, passava eu a minha viuvez entregue a meus poucos afazeres e atenta a esticar os meus pequeninos rendimentos para que proporcionasse a meus setenta anos o confôrto indispensável. Assim estava eu no meu jardim, quando vi surgir o meu primo Geoffroy Etelle, que eu não via desde muito tempo, dez anos pelo menos. Enviuvara também e vivia agora com a filha única, Nanette, que eu conhecera pequenina. Vinha solicitar que eu fôsse residir em sua casa, a fim de fazer companhia a Nanette e guiá-la em idade tão perigosa. Não dei resposta afirmativa, embora muito desejasse mudar de vida. Minha resolução só foi tomada quando Nanette me endereçou uma carta muito simples, muito franca e muito alegre, animando-se a ir. Sabia que meu primo vivia com grandes economias numa velha mansão que há muitos anos pertencia à sua família. Não esperava, entretanto, que fôsse local tão agradável como me pareceu na manhã em que ali cheguei, com os meus poucos haveres. Meus primeiros dias, em companhia de Nanette foram cheios de surprêsas agradáveis. Ela era uma criaturinha delicada e muito compreensiva e resignada para a sua idade. Não tardei a lhe dedicar real estima e mesmo a lhe conquistar a confiança. A tal ponto que ela me revelou o seu grande segrêdo. Conhecera um jovem oficial numa festa. Conhecimento ligeiro. Depois, sabendo que o mesmo rapaz fôra para o Marroco, com o seu regimento e que ali vivia isolado e triste, decidiu ser a sua «madrinha», iniciando com êle uma correspondência, sem contudo revelar a sua identidade e fazendo-se passar por uma senhora de idade e casada, chamada Hipólita. Nanette lê algumas cartas para meu govêrno. Dessa leitura fico sabendo que o Sr. Kerdulen é homem de espírito. O pior, segundo noto, é que Nanette se deixa impressionar além do normal por essa correspondência, entusiasmando-se pelo jovem capitão. Nesse mesmo dia, aproveitando estar Nanette entretida em palestra com Cecília de Faliberre, filha de um dos nossos vizinhos, vou visitar umas ruinas históricas não distante de Bordon e aproveito o ensejo para visitar também o Sr. La Fade que, com surprêsa minha, pede a minha opinião sôbre a possibilidade de êle vir a ser aceito como espôso por minha jovem prima. Digo-lhe francamente o que penso, isto é, que a diferença de idade tornava a coisa quase impossível. No mesmo dia, um amigo de Etelle, Sr. Varés, diretor de um grande jornal, visita o Bourdon e, queixando-se de bons assuntos para o mesmo, ouve de Geoffroy a informação de que tem em seu poder documentos que, publicados, causariam enorme sensação. Pede ao amigo que lhe venda êsses documentos e Geoffroy recusa, alegando não ser possível. Varés retira-se, prometendo voltar na semana seguinte. No dia imediato, recebemos um convite para tomar chá na residência dos Muscadier e Nanette parece suspeitar do motivo. De fato, o convite, igualmente dirigido a diversas famílias dos arredores, tinha por fim facilitar a Kerdulen o encontro da sua madrinha. Notei desde logo a impressão forte causada por Cecília Faliberre no jovem capitão, que parece desejoso de descobrir nela a sua misteriosa correspondente. Isso me impressionou mal. Uma semana mais tarde, recebemos convidados em Bourdon, aos quais oferecemos um chá, a fim de pagar as inúmeras gentilezas que recebíamos de nossos vizinhos. Estava presente o capitão Kerdulen e Nanette, talvez de propósito, deixou escapar uma frase que revelou ser ela a Hipólita tão procurada. Kerdulen, surpreendido — e ligeiramente desapontado, segundo notei — agradece à minha jovem prima a sua generosidade, porém, sem insistir, enquanto lançava olhares sorrateiros para a bela Cecília.

gostos esquecidos... Notamos isso com os nossos amigos e é também o que se vê nas peças teatrais.

Essas palavras nos fizeram rir, mas não sei que de perturbador caiu entre nós.

— De qualquer maneira — continuou Nanette, sempre comendo a grandes dentadas os deliciosos figos do Outono — disse-lhe que êsses casamentos tardios me pareciam ridículos, mas que cada um faz bem agindo conforme pensa e pode haver quem seja feliz em qualquer idade...

Falava por falar — ou tinha alguma idéia escondida?

Foi essa a pergunta que me fêz Geoffroy, quando fiquei a sós, com êle.

— Como você quer que eu saiba? — perguntei, impaciente. — Acredita que Nanette mude fàcilmente de opinião?

— Sei lá... Com essa mocidade de hoje nunca se pode saber; as surprêsas são freqüentes. Você... nada deixou transpirar da nossa conversa, hein?

— Claro que não... Mas acha você que a astúcia, a intuição e a inteligência de Nanette não são muito maiores do que tôdas as que possamos reunir, nós dois?

— Certamente que conheço a superioridade de Nanette também nesse sentido. E' muito inteligente e jamais conseguiriamos taparlhe os olhos. Além do mais onde está a mulher que não vê claro sôbre um tal assunto?

— Tem razão.

— Em todo caso, nada disso tem qualquer importância... — concluiu Geoffroy sem muita convicção.

Apesar disso, com as minhas incuraveis **aproximações** dos fatos e das palavras, o incidente me deixou envolta numa atmosfera indecisa e de séria preocupação.

XII

A tarde do dia seguinte foi bastante triste e dela guardei uma amarga lembrança.

Por que somos assim feitos que o sofrimento dos moços nos emociona e nos aflige mais profundamente que a dor da velhice? Já houve quem tentasse explicar isso de diversos modos, como por exemplo: **porque êsse sofrimento é uma anomalia**. No entanto, a gente moça tem tôda uma vida para alcançar a recuperação e também para **esperar**. Mas, na teoria, a mocidade só deveria conhecer flores. No entanto, quantas tristezas estão escondidas nos corações moços!



Geoffroy, logo após do jantar, retirou-se para o seu gabinete de trabalho. A filha havia provocado mais de uma vez o seu sorriso, durante a refeição, sempre protestando contra o seu hábito de estar fechado, a maior parte do tempo, dedicado ao seu trabalho.

— — O trabalho é o bom amigo dos tempos infelizes. Todo trabalhador pensa do mesmo modo.

— Que tempos infelizes são êsses de que fala, meu pai?

— Falo em tese geral... Repito uma frase comum e que pode ser aplicada a cada um de nós.



Nessa noite Geoffroy insinua que não lhe seria desagradável caso o evidente interêsse de Nanette pelo capitão, fôsse correspondido e, como sempre, lamenta não ter recurso para dar um dote à filha. Digo-lhe então que preferia ver Nanette casada com o Sr. La Fade. Isso irrita sobremodo a Geoffroy, que não admite essa hipótese. O Capitão continua a visitar-nos, embora não fôsse a isso obrigado e era dia a dia mais evidente que se apaixonara por Cecília. Dias depois Geoffroy vai a Paris e retorna anunciando que havia feito um bom negócio, conseguindo cem mil francos de dote para sua filha. Esta, radiante com a notícia, diz que o pai devia, antes, aproveitar êsse dinheiro para si mesmo. Na verdade, segundo me confiou, Geoffroy vendera os manuscritos ao diretor do jornal. Quinze dias depois é iniciada a publicação do manuscrito e Nanette comenta comigo essa publicação que os demais jornais atacam, por despeito, certamente, dizendo que era um escândalo relatar assim a vida íntima de pessoas recentemente desaparecidas. Nanette, com mágoa de Geoffroy, é das que censuram a divulgação dessas cartas e no auge da discussão afirma que tais coisas não deviam ser feitas e que seu pai, por exemplo, jamais as faria. Geoffroy procura consolar-se comigo e eu o amparo, como é possível. Digo-lhe, para o distrair, ser necessário que Nanette tenha um dote, pois assim facilitaríamos o seu casamento e êle quer saber o que penso da atitude do Sr. Kerdulen. Digo-lhe que o capitão, no meu entender, amava Cecília de Faliberre e êle não esconde seu aborrecimento. No mesmo dia recebemos a visita de Cecília e pouco depois também a do capitão, que entrega a Nanette as cartas que esta lhe escrevera, afirmando que era por empréstimo. Eu sabia que Nanette tinha cópias dessas cartas e, portanto, se as pedira ao capitão fôra para experimentá-lo ou para destruir as cartas. Cecília aproveita um instante a sós, com a sua amiga, querendo saber se ela vai restituir as cartas e Nanette tranqüiliza-a dizendo que não o faria. As visitas de Kerdulen são constantes e seu amor por Cecília é observado por todos. Dias depois, Nanette, pálida mas de olhos enxutos, queima tôdas as cartas. Havia, porém, uma sombra no romance de Kerdulen. O Sr. de Faliberre não se mostrava entusiasmado com a idéia de ter o jovem capitão como genro. Numa das reuniões surge o assunto das cartas publicadas no jornal e alguém critica severamente o fato, fazendo Nanette empalidecer terrivelmente. La Fade, que tudo percebia, intervém e cuida de desviar a conversação. Kerdulen, aproveitando-se de estar a sós comigo, pede-me uma entrevista para o dia seguinte, em certo trecho da estrada «para pedir-me um conselho». Sabedor do fato, Geoffroy é assaltado por novas esperanças. No entanto, no dia seguinte, conforme esperava, ouvi o capitão confessar o seu amor por Cecília e seu mêdo de se ver recusado por Faliberre, por ser pobre. Aconselho-o a tentar. Regressando encontro Cecília e Nanette em triste conferência. O assunto era o mesmo. Consolo Cecília, no que sou ajudada por Nanette, que se mostra otimista quanto ao êxito da démarche de Kerdulen. Geoffroy fica mais tranqüilizado ao verificar que a filha não aparenta ter sentido muito o final do seu «romance» e que até se alegrava com a felicidade próxima de Cecília. Três dias depois La Fade nos faz uma visita de despedida, pois se ausentará por alguns dias para assistir ao enlace matrimonial de um amigo, homem da sua idade — ou pouco mais — que se casava com uma criatura da idade — ou pouco menos — de Nanette. Cecília se surpreende, porém La Fade, com muito espírito, explica-lhe que pode haver felicidade em qualquer idade. No mesmo dia Cecília vem revelar a catástrofe. O pedido do Sr. Kerdulen fôra recusado!

— Ainda bem... pois estamos tão bem, aqui com os nossos hábitos as nossas recordações, as nossas excelentes relações. As vêzes os sonhos surgem e passam ou se esvaem. Êsse, no entanto, é um movimento moral que aprecio.

— Que aprecia? Gostaria de saber por que... Pode ser?

— Claro que sim... Aprecio, realmente — disse ela em tom sentencioso — porque êsse movimento dá experiência... E a experiência é sempre útil.

— Você está ouvindo essa jovem **doutora,** Paulina? Acho-a incorrigível.

— Não zombe de mim, papai! E' preciso ser um pouco observadora, e filósofa...

— Não zombo nada, querida... Ao contrário! Rendo minha homenagem ao teu raciocinio.

Não acrescentou: "**e ao teu coração!**" embora compreendesse muito bem o sentimento delicado que ditava cada palavra de sua filha.

Nanette porém mudou sùbitamente de conversação, interrogando-o sôbre assuntos diversos e, quando êle se levantou, tinha a expressão de um homem absolutamente calmo e satisfeito.

Instalamo-nos no salão, Nanette e eu, mergulhando então num dêsses silêncios que se renovavam constantemente nas últimas semanas. Eu trabalhava molemente, quase tristemente. Em meu redor havia uma atmosfera de tempestades e de desgostos, que me oprimia.

Entretanto, o longo mutismo de Nanette me causava, as vêzes, a impressão de que ela nada sabia ou que, suspeitando da verdade, aceitava-a sem discutir as respostas de seu pai e se decidia a julgar o caso como já o haviamos feito nós mesmos. De outras vêzes, ao contrário, recordando que, por sua atitude na residência dos Faliberre, sua insistência, seu evidente desejo de discutir, ela parecia procurar esclarecer o próprio espírito sôbre um ponto que me escapava, eu ficava pensando que ela sabia tudo, mas que a opinião geral havia modificado inteiramente a sua maneira de ver.

Coisa singular! A decepção causada por Kerdulen já se perdia para mim numa brumosa distância.

— Está chovendo! — disse-me Nanette, que, tendo se aproximado da janela, olhava para fora, embora a escuridão já fosse grande, para que os seus olhos vissem qualquer coisa.

— Ouço-a cair...

— Tempo triste, êsse... No Anjou, é preciso que haja sol...

— O sol é necessário em tôda parte... Mas não é a esta hora que devemos reclamá-lo!

— Mas choveu uma boa parte do dia, salvo à tarde, durante algumas horas apenas. Nossos avós eram mais felizes, não acha minha prima?

— Quem sabe? — disse eu, surpreendida por ouvir essa observação, que, aparentemente, não tinha qualquer razão de ser. Dizem que tinham gostos mais simples e sentimentos menos complicados que os nossos. Será verdade?

— Se é verdade, êles tinham razão, minha prima. Ou melhor êles sofriam o ambiente da sua época. Ambiente melhor, mais salutar que o de hoje.

— Talvez... Visto à distância. **Mas,** de perto, que diriamos? Julgar segundo pontos duvidosos é muito difícil, como no presente caso.

— Talvez seja como diz... em qualquer caso, entretanto — disse ela em tom queixoso — eu teria preferido viver há cento e cinqüenta anos, nesta mesma casa, sem outras aspirações senão a de tirar bom partido da propriedade. Meus tataravós tiveram essa sorte, e tenho a certeza de que foram felizes!

— Ora! — disse eu, sentindo o coração agitado, pois sentia que encaminhavamos para as confidências. — Nossa vida diária é muito parecida com a que êles tiveram. Mas a felicidade não dependia apenas da maneira de ver: êles casavam como era devido e eram felizes.

— E' verdade.

Julguei ouví-la murmurar:

"Para mim é assunto provàvelmente liquidado".

As palavras eram tão estranhas que julguei ter sido enganada por meus ouvidos; notando, nesse instante, que minha prima, voltava à janela, como não desejando mais conversar, isolei-me com os meus pensamentos.

O comentário de Nanette com referência ao seus avós, evocava para mim a lembrança de tradições ainda vivas na velha casa e aliviam o meu espírito das minhas preocupações.

Ante meus olhos, como num sonho, voltavam a surgir as damas dos velhos casarões; trabalhavam, como eu própria trabalhava, em intermináveis tapeçarias. **Não**



— Por favor... Quero ouvir, outra vez, o ruído que faz o registro de 5 milhões de cruzeiros.

tinham mêdo, apesar dos lobos numerosos que rondavam nos bosques em redor e, muitas vêzes, à vista da casa. As grades que cercavam o jardim não permitiam a êsses animais avançar até à propriedade; mas seus uivos terríveis sem dúvida teriam feito tremer as mulheres de hoje.

Levantei lentamente a cabeça para falar a Nanette dessa minha impressão; sem que eu tivesse notado, ela viera sentar-se junto a mim e fitava-me em silêncio.

Ao notar minha surprêsa, falou-me sem qualquer aviso prévio:

— Minha prima... A senhora acha que um rubi, seja êle de valor três vêzes mais elevado, possa ser, em tais condições, um elemento de felicidade?

Eu esperava **qualquer coisa**, mas, certamente, fiquei estupefata ante uma pergunta formulada com uma tal nitidez e, por isso, procurei ganhar tempo.

— Não entendi, Nanette...

— Ah! A senhora compreende... Compreende muito bem! — exclamou ela. — Devemos falar com tôda a franqueza. Nada de reticências.

— Compreendo — disse eu — que há muitas semanas você tem vivido com inquietações secretas. De que se trata?

Pensou, então, um só minuto que fôsse, que eu não descobriria tudo? Eu teria visto, teria compreendido, mesmo que não tivesse visto, no escritório de meu pai a pasta de que lhe falei, há tempos, sem imaginar que seria ela a causa de uma catástrofe.

Sua voz tremia ligeiramente, embora fôsse grande o seu esfôrço para esconder essa emoção.

— Mas, minha querida — disse eu em tom tranqüilo. — Afirmo, com tôda a sinceridade, que não compreendo o que deseja dizer. Onde, afinal, você vê uma **catástrofe**? Que há com você? Por que não fala de uma vez, às claras, do que a está preocupando? Êsses fantasmas imaginários seriam logo afastados, tenho a certeza!

Ela pousou um pedaço de papel, recortado de um jornal, sôbre os meus Joelhos.

— Leia, por favor!

Era o recorte de um artigo severo, lido e relido muitas vêzes a julgar pelo estado em que se encontrava o papel:

"Entregar ao público, por dinheiro, a honra de uma família — e de uma família ferida pelo cataclismo universal — seria atingir tão gravemente a delicadeza que recusamos acreditar no fato. Pensamos que o móvel dessa publicação intempestiva foi, mais uma vez, a mania atual de rebuscar no passado e exhumar, a pretexto do interêsse histórico (?) aventuras privadas que deveriam estar protegidas contra um escândalo indesejável, conforme exige a mais elementar cortesia e a discreção..."

Essas linhas me irritaram violentamente; senti que minhas faces coravam.

— E então, Nanette? Que prova êsse ridículo artigo? E' simplesmente absurdo!

— A senhora acha?

— Claro! Absurdamente exagerado. O autor deve ser um dêsses partidários fanáticos com os quais é inútil discutir. Emfim, estou satisfeita por ver você sair dêsse silêncio, pois espero dissipar tôdas as nuvens que a intranqüilizam.

Minhas palavras se perdiam no ar... Nanette, o olhar parado em algum ponto indeciso, ficava prêsa à sua idéia.

— Partidário fanático... por que? A senhora diz que êsse artigo é muito severo? Êle exprime corretamente as minhas idéias, as minhas impressões, tôda a minha maneira de ver...

— Como? — disse eu, irritada. — Você acusa o seu pai de uma...

Ela me deteve, vivamente.

— Não diga isso, por favor, minha prima! Pelo amor de Deus! Não interprete o meu pensamento, referindo-se a êle. Acusar meu pai, o meu querido pai, de indelicadeza, eu, sua filha! E sabendo que é a personificação da honra! Sua boa fé é absoluta e êle agiu lealmente, convencido de que podia fazer como fêz... Apenas... errou!

— Eu pensava e penso como êle.

— A senhora se engana — disse ela, levantando-se para caminhar pela sala. — Erraram, os dois! A morte e o tempo, a meu ver, não apagam a obrigação de guardar silêncio. Principalmente estando vivos os parentes próximos. Não me refiro ao pensamento definitivo do duque X...; embora tenha falado em depositar o manuscrito na Biblioteca nacional, talvez tivesse feito imposições, e até mesmo recuado, depois de examinar mais a fundo as conseqüencias dessa revelação.

— Êle não estava diretamente interessado.

— Êle tinha o mesmo nome...

Nanette tinha resposta para tudo.

Que essas cartas — continuou ela — fôssem publicadas como uma **curiosidade** já seria lamentável, mas entre isso e especular com a desonra de uma família...

— Minha pobre Nanette! Jamais... Jamais alguém pensou em especular com a desonra dessa princesinha Desonra, aliás, que não foi absolutamente provada, mas simplesmente suspeita.

— Isso é pior! Muito pior! — exclamou ela com calor. — Se o escândalo tivesse sido público, a rigor poderia ser descrito e comentado; digo **"a rigor"** porque não veria jamais necessidade de recordá-lo. As cartas, entretanto, deixam suspeitar tudo, a senhora bem sabe! E' mais sutil, mais terrível, aposto que a aventura era completamente ignorada.

— Mas então — disse eu, cada vez mais irritada. — Com tais escrupulos, onde estariamos para escrever a história?

— Não se trata da história, minha prima! Ela nada tem a ver com isso.

— Não, a história, realmente, nada tem a ver. Foi o seu futuro, Nanette, que seu pai viu em tudo isso. Realizou um negócio, um negócio que tinha todo o direito de realizar.

— Sei que posso estar enganada... Mas creio que há uma coisa superior ao direito legítimo. Dessa forma aproveitarei, tôda a minha vida, de um ato que me revolta, que me fere até ao mais íntimo de mim mesma.

Levantei-me, consternada, fitando-a sob a luz viva da lâmpada, da qual eu havia retirado o **abat-jour,** para costurar com mais luz. O tom de sua voz não era mais dolorido que o seu rosto, contraído pela dor. Eu julgava conhecer Nanette, sabia que sua alegria velava pensamentos e sentimentos que ultrapassavam, em geral, um nível elevado, mas, apesar disso, essa alegria imperturbável e tão natural me fizera acreditar que o desgôsto, em sua vida, seria mais fàcilmente suportado e, em certos casos, bastante amortecido. Uma vez mais, ao menos sôbre um ponto, eu me enganava, e o futuro o provou singularmente.

— Tenho que construir a minha felicidade, sôbre semelhantes erros! — continuou ela. — Ah, minha prima! A senhora, que podia falar, opinar, como não...

Sem poder terminar, ela se lançou repentinamente em meus braços, chorando.

Minhas veleidades de incompreensível irritação desapareceram imediatamente. Beijei Nanette, procurei acalmá-la com palavras de ternura, que exprimiam bem mal meus sentimentos por essa criaturinha adorável. Mas bem depressa notei que a sua natureza corajosa agia mais eficientemente do que as minhas palavras.

— E agora minha boa prima, agora que sabe tudo... ou quase tudo, que devo fazer? — perguntou ela, sentando-se novamente ao meu lado.

— Nada! A sua maneira de julgar está em contradição com a do seu pai. Ora, você não poderá dizer a êle o que acaba de dizer a mim!

— A minha maneira de ver está em contradição com a do meu pai... — repetiu ela, lentamente. — Tem certeza, minha prima, de que meu pai não teve escrupulos, não ficou desgostoso... muito mesmo?

Abstive-se, naturalmente, de responder dirtamente.

— Teria um grande dosgosto, Nanette, se conhecesse a maneira de pensar da filha. Acha justo provocar êsse desgosto nêle, quando sabemos que agiu — segundo você mesma reconhece — com a maior lealdade, por ternura e cuidados por você, e sem a menor sombra de maldade, pois que tinha autorização para dispor, à vontade, do manuscrito?

— Êle jamais teria disposto dêsses documentos sem êsse lucro considerável.

Sua lógica, suas respostas ràpidas me desorientavam.

— Não vejo o fato como você parece ver, minha querida.

— E isso me surpreende! — disse ela vivamente. — Surpreende muito! Logo a senhora, tão zelosa da própria dignidade, tão delicada!

— Você, Nanette, está exagerando; concede às circunstâncias um julgamento rígido e os transforma em enormidades, em vez de ver as coisas como são, realmente. Você aumenta tudo, com o seu absolutismo da mocidade.

— Bem que desejaria acreditar no que diz — disse ela tristemente, rasgando o artigo do jornal! No entanto, não estou só, como vê! E esta censura, embora mais explicita que as outras, não é única.

— Seu pai leu isso?

— Não, graças a Deus! Fui a primeira a abrir o jornal, hoje, e tratei de queimá-lo. Ela pensa que esqueceram de mandar.

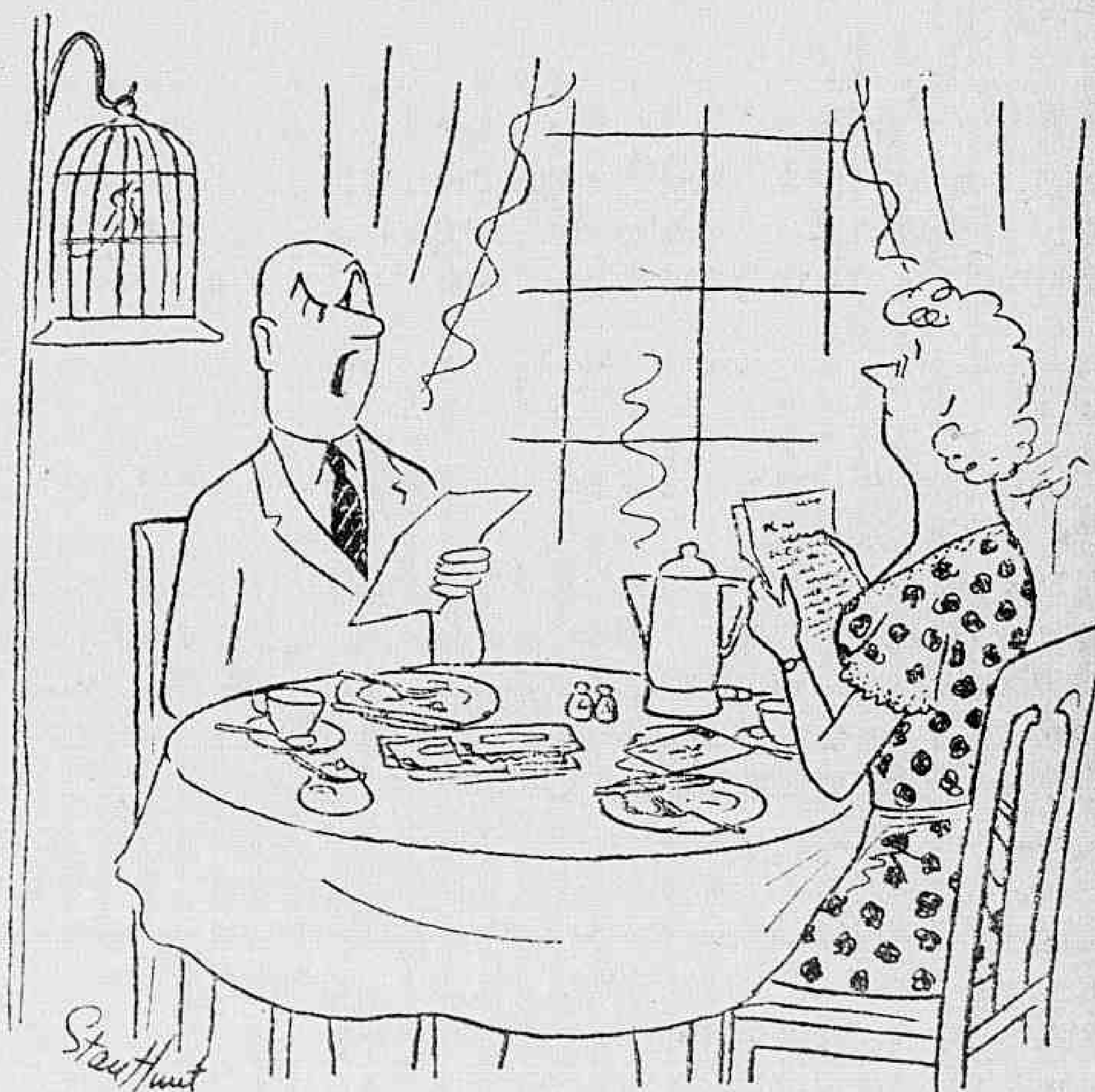
Mas, após refletir, acrescentou:

— Quero crer que meu pai não comprou o exemplar, em algum lugar.

Eu compreendia os seus temores em face de um estado de espírito humilhado e, pessoalmente, eu estava convencida de que Geoffroy, sempre alerta, devia ter adquirido o exemplar que lhe faltara.

Eu via, também que, sem ousar ir mais além, Nanette desejava falar ainda; mas eu estava tão desolada, esmagada pela dor dessa menina, pela idéia de que uma alegria furtiva se transformava em cruel amargura, que não me sentia com a coragem necessária para a interrogar.

— Minha boa prima e grande amiga, que muito amo — disse ela, distraidamente. — Algum dia, que não está longe, talvez, eu lhe direi todo o meu pensamento... se for possível.



— **Estou recebendo uma conta bastante significativa, das «coisinhas insignificantes» que você comprou ontem.**

— Sempre é possível falar. Por que espera?

— Ah! Por que? Como chegar ao fim que vejo à minha frente?

— Pretende, então, falar com seu pai? Tenho a certeza de que lhe causaria um grande desgôsto!

— Neste caso — disse ela em tom abatido — estamos num círculo vicioso, de onde jamais poderemos sair.

Um instante depois levantou-se com uma vivacidade que me causou um sobressalto.

— E, no entanto, é preciso fugir dessa situação!

Foram as suas últimas palavras, antes de fugir para o seu quarto.

Guardei o trabalho e, subindo para o meu quarto, sentei-me diante da lareira cujo fogo se extinguia sem que o ar que se resfriava ràpidamente, e o ruido das cinzas, que caiam pudessem quebrar a minha longa meditação. Eu pensava no absolutismo. Quando vem de uma natureza jovem, direita e boa, tem êle claridades mais vivas que as da experiência.

Pobre velha absurda, que eu era! Ouvindo Nanette, lendo o artigo não corava nem me irritava por indignação, mas porque os fatos me condenavam. Nanette exagerava, certo, mas seu jovem julgamento não era temperado por qualquer compromisso, conservava sua linha direita e seu frescor.

Embora — estritamente falando — não tivesse havido qualquer culpa, no ato de Geoffroy, se tinhamos aceitado o "rubi" com tantas alegria, malgrado nossas secretas reticências, era porque estavamos, todos, atingidos pela pestilência geral. A vida difícil, formada pelos acontecimentos públicos, obrigando a tanto pensar nas necessidades materiais, substituira, no Bourdon, as delicadezas e os heroismos de outras épocas.

Deitei-me com a esperança de esquecer durante algumas horas tantos aborrecimentos, mas não pude repousar tranqüilamente. A todo momento eu despertava para perguntar a mim mesma: **"Que vai acontecer?"**

XIII

Um mês mais tarde, recebi uma carta do Sr. Kerdulen.

Estava em Paris, onde, segundo pude saber, depois, por intermédio dos Mascudier, trabalhava e se desolava, esperando não sei que, que modificasse para êle as penosas circunstâncias de sua vida atual.

— "Madame — escrevera êle. A esta altura já deve estar a par do meu revés; mas, depois da entrevista que teve a gentileza de me conceder, acho conveniente — embora receiando importuná-la — vir falar-lhe do infeliz resultado da minha tentativa.

Eu estava — e estou ainda — num tal desespêro que, por certo serei perdoado da demora em escerever a quem devo a maior consideração.

Minha desolação é bastante amarga e será indescritível, se não conseguir ter como espôsa aquela que, já hoje, é tôda a minha razão de viver. Onde descobrir o meio de vencer uma intransigência tão forte e que não tenho, mesmo o direito de censurar, pôsto que é a atitude normal de um pai prudente?

Compreendo melhor, à distância, que minha ambição jamais teve boa base; entretanto, arrisquei-me porque a amava, não por cálculo. Jamais a questão de dinheiro teve qualquer influência sôbre meu ato. Receio, porém, que o Sr. de Faliberre tenha julgado de maneira diversa.

Entretanto, nesta dura situação, que tem duas faces, ainda tenho esperança. Creio, sem que o convencimento que me censura esteja em causa, que os sentimentos da Sta. de Faliberre sejam a meu favor. A senhora mesma, é generosa e amiga, pensa do mesmo modo, segundo pude perceber.

Se puder agir em meu favor, rogo que o faça, usando a sua influência sempre salutar. Conheço a sua benevolência e confio em que a tenha conquistado. Creia que sou muito infeliz.

"Queira aceitar, Madame, com a minha grande simpatia, as minhas mais respeitosas saudações. Kerdulen".



Essa missiva, assaz simplória e cujo exagêro de expressões, para um apaixonado, não era lá muito gritante, causou-me boa impressão.

Respondi com banalidades e frases — feitas sôbre o tempo, que, segundo dizem, tudo concilia (o que é falso); sôbre as felizes surprêsas do imprevisto (que se produzem raramente e são em geral desagradáveis).

Felizes surprêsas do imprevisto! Nenhum presentimento me fazia acreditar na veracidade dessa afirmação, que eu expedia ao jovem e amargurado capitão, embora conservando o meu ceticismo.

Não disse uma palavra a quem quer que fôsse, sôbre essa correspondência, nem mesmo à Sra. de Faliberre, que, seis semanas após a recusa sofrida pelo Sr. Kerdulen, veiu nos falar confidencialmente de suas ânsiedades. Eu estava só, quando ela chegou.

— Onde está Nanette? — perguntou ela pouco depois. — Preciso absolutamente de falar com essa menina.

— Nanette, apesar do frio que faz, levou o pai para um longo passeio. Mas acaba de voltar. Está trocando de roupa e descerá a qualquer momento.

Sem esperar, Sra. de Faliberre, embora eu não fizesse qualquer pergunta, confessou-me a tristeza que lhe causava a dor da filha.

— A permanência do Sr. Kerdulen na

região foi uma verdadeira desgraça para Cecilia e para outras... — continuou a visitante.

— Para outras... não sei! De fato, casaram o pobre capitão não sei quantas vêzes mas todos êsses boatos são normais e sem conseqüências. A não ser Cecilia, minha boa amiga, tão diretamente interessada na permanência do Sr. Kerdulen, ninguém pensa nem pensará nêle.

— Acredita, hein? No entanto, ouvi dizer que Nanette, depois daquela correspondência de madrinha, sofrera uma grande decepção...

— Essa correspondência, como tôdas as correspondências dêsse gênero, nada tinha a ver com casamento.

— Mas o arzinho triste de Nanette confirma, entretanto essa opinião a que me referi.

— Opinião totalmente errada — disse eu, tranqüilamente, apesar da grande cólera interior que me assaltava. — Nanette, tenho tôda a certeza, deseja acima de tudo assistir ao casamento de sua amiga com o Sr. Kerdulen. Sabe que o capitão adora Cecilia.

— Como pode saber?

— Por suas observações pessoais, desde o primeiro dia e mais ainda, pelas confidência que o capitão fêz a mim e que contei a ela.

— Então êle ama tão fortemente Cecilia? — indagou a Sra. de Faliberre em tom inquieto.

— Não tenha dúvida... Quanto a Nanette, o capitão nada tem que ver com o seu ar pensativo. As preocupações da pobrezinha são de outra órdem, bem mais importante.

— Ah! Compreendo... Pobre criança! Mas espero que tudo seja passageiro. Seu caráter forte por certo ajudará a suportar os aborrecimentos de uma fase deveras penosa e geral.

Esgueirou-se hábilmente, para voltar às próprias preocupações, das quais falou longamente a Nanette, quando esta finalmente desceu.

— Ao falar com você, minha filha parece sofrer muito?

— Ela fala pouco sôbre o Sr. Kerdulen, madame; mas nota-se que sofre muito.

Desde o começo da nossa palestra, a Sra. de Faliberre lutava contra as lágrimas; incontinente começou a chorar, sem que essa manifestação me inspirasse piedade. Eu estava irritada e não me sentia benevolente.

— Por que não deixa que se casem? — perguntou Nanette, com o seu tom mais insinuante. — Não é possível ser feliz, realmente, com um soldo medíocre?

— Êsse soldo já representa hoje um capital bastante elevado. Há dez anos, vivia-se com um terço das rendas de hoje necessárias — e vivia-se muito melhor. Meu marido não se afasta dêsse raciocínio.

— O Sr. de Faliberre — disse Nanette, arrastando as palavras — teria, provavelmente, preferido uma fortuna equivalente à de Cecilia... Compreendo!

— Pelo menos um dote razoável.

— Apenas um dote razoável, madame?

— Somos razoaveis, Nanette. Sabemos que conseguir o que seria de desejar é coisa muito difícil nos dias que correm. E, se o presente é difícil, imagine o que será o futuro... Se fôsse possível assegurar melhor as coisas, é claro que poderiam casar.

Na região, os Faliberre passavam por possuir uma bela fortuna, da quel se reservavam a quase totalidade, dando à filha apenas uns cem mil francos de dote. Não era, a bem dizer, avareza, mas princípio, sòlidamente ancorado na cabeça do Sr. de Faliberre. Desconfiava de todo o mundo, em questões de interêsse, mesmo das pessoas aparentemente menos perigosas e, em suma, ninguém podia saber se estava errado.

— Meu marido também se aflige, vendo a tristeza de Cecilia aumentar. Está pensando em fazê-la viajar e dentro de mais algum tempo propor-lhe um bom partido... Você parece incrédula, Nanette... Não acredita, então, na eficácia do nosso remédio?

— Não, madame! Cecilia está sèriamente apaixonada. Ama o Sr. Kerdulen e continuará a amá-lo.

— Sei que você a conhece bem, Nanette. Por isso mesmo peço que procure distraí-la, fazendo-a resignar-se ao irremediável. Uma amiga, sei bem, pode mais do que eu; a mãe, para muitas filhas, parece sempre querer impor a autoridade.

Essas palavras me surpreenderam, vindas de uma tal criatura, e Nanette exprimiu a mesma surprêsa, depois que a Sra. de Faliberre se retirou.

Nanette falou, com o seu arzinho pensativo:

— A Sra. de Faliberre é mais inteligente do que eu pensava, minha prima. — E o Sr. de Faliberre é, dos dois, o mais razoável.

Pronunciava essas palavras, quando o Sr. La Fade era introduzido no salão.

— A quem se referia Sta. Nanette? —



Assim consigo dobrar as vendas...
— Deixo-os juntamente com as garrafas de leite.

perguntou êle com a sua encantadora naturalidade de sempre.

— A Sra. de Faliberre, que acaba de sair d'aqui...

— Descobriu que ela é inteligente?

— Pelo menos quanto a um assunto que, infelizmente, não posso contar ao senhor.

— Ora! Todo o mundo sabe que o Sr. Kerdulen foi recusado e que Cecilia chora amargamente. A Sra. de Faliberre se inquieta com êsse desgôsto da filha e... êsse temor melhora a sua inteligência.

— Em outras palavras, o coração tem luzes maravilhosas... Isso não é novo, não é verdade, Luciano? — perguntei irritada sem saber por que.

O Sr. La Fade afetou um ar intrigado, que realmente era falso, e depois desatou a rir.

— Humm. Está zangada comigo, só porque fiz um comentário inocente? Com franqueza, não consigo saber o que têm, as duas. Vejo que estão tristes... Sinto que estão nervosas... como o resto do Bourdon. Tudo está irreconhecível!

La Fade, que vinha nos ver constantemente e sempre se mostrava palrador interessante estava longe de imaginar, talvez, que acertara, em cheio!

Todos, no Bourdon, pareciam haver entrado numa singularissima fase mental.

De fato, fechavamo-nos em nossos pensamentos, que pouco a pouco ameaçavam modificar o nosso carácter. Tornavam Nanette abatida e faziam de Geoffroy um ser irritável. Continuava a sua vida de intenso trabalho, suas viagens a Paris e, dêsse lado, nada teria mudado sem essa estranha irritabilidade, que formava surpreendente contraste com o seu natural afável.

O estado moral da filha o afligia e impacientava ao mesmo tempo. Nanette perdia a sua alegria habitual; não permitia qualquer negligência na manutenção da casa, em seus cuidados habituais, mas era constantemente dominada por acessos de melancolia que não sabia mais dissimular.

Geoffroy, por sua vez, deixava passar dias e dias, sem procurar sondar as minhas idéias. Isso, naturalmente, porque temia a verdade. Entretanto, uma tarde, algum tempo depois da visita da Sra. de Faliberre, êle me disse:

— Será a lembrança do Sr. Kerdulen?

A pergunta, feita assim, sem qualquer preâmbulo, gelou-me o coração. Porém dominei-me e foi com calma que respondi:

— Não creio que seja isso.

— Não crê? Mas... neste caso, que acredita que seja? E' inimaginável!

— Você é injusto, Geoffroy — disse eu, ligeiramente espinhada. — Que posso fazer? Como descobrir um meio de curar a tristeza de Nanette?

— Sim, sim... Perdôi-me. Mas, você há de compreender... Vivo preocupado com isso.

Todo rancor desapareceu do meu coração.

— Sim; compreendo, realmente, Geoffroy — respondi afetuosamente. — Estamos vivendo, de fato, desde algum tempo, numa atmosfera difícil.

— Nesse caso — disse êle com um retôrno de cólera. — Que significa isso? Por que essa situação intolerável? E' de se jurar que algum mistério ronda em tôrno de nós. Tenho horror a isso!

Nada respondi, esperando. Pouco depois, mais calmo, êle prosseguiu:

— Paulina... Você lê perfeitamente no coração dessa menina... Vive repetindo que ela não ama Kerdulen e, portanto notou, como qualquer um nota, a mudança que se operou em seu gênio sem igual e antes tão alegre! Minha filha vive triste, agora! Isso à paradoxal... E' absurdo!

— Kerdulen tem muito pouco que ver com isso... A não ser com relação a sua amiga, cuja situação a entristece talvez exageradamente.

— Você não vai querer me convencer de que o desgôsto de Cecilia influi a tal ponto no carácter de minha filha.

Não respondi.

— Que sabe você; Paulina? Noto que vivemos numa atmosfera de malentendidos sem remédios. Isso é fatigante e entristece.

— Por que você mesmo, não procura conversar com ela? Conversar intimamente?

— Noto que ela procura fugir...

Também nós dois fugiamos, pois que não aproveitei a conversa para me explicar melhor e Geoffroy, não ousou interrogar mais, embora fôsse êsse o momento.

Ao contrário em silêncio foi para o seu escritório.

Um pouco mais tarde, êle voltou ao salão, onde Nanette e eu liamos com os olhos, enquanto nosso espírito viajava por longos caminhos. Começou a conversar como nos melhores dias e acabou propondo a Nanette viajar, em breve, até a Paris.

— E' preciso fazer a nossa viagem anual; tenho a certeza de que a nossa prima não fará oposição.

— Claro que não! — disse eu vivamente. — Devem ir, sim, os dois. Eu tomarei conta da casa, durante a sua ausência; a solidão não me amedronta. Quanto tempo pretendem ficar em Paris?

— Uns três meses...

— Mas — disse Nanette. — O senhor sabe que, por economia eu havia renunciado a essa viagem.

— Oh, êste ano, felizmente, podemos realizar êsse projeto.

— Irei... se o senhor fizer mesmo questão — disse ela, hesitante.

— Não se trata de fazer questão, minha querida, mas a distração é boa higiene moral.

— Essa higiene moral é excelente, aqui mesmo, no Bourdon, papai — disse ela com o seu riso franco. — O senhor sabe que eu vivo muito bem, em nossa casa.

(Cont. no próximo número)

Cupido procura uma pista



(EPISÓDIO REAL)

A voz, ao telefone, era rouca, desesperada e dolorida:

— «Aqui é o Doutor Webster... Rua Emeline...

— Pode dizer, doutor — falou o telefonista da delegacia central de Providence, Rhode Island, Estados Unidos. — Que deseja?

— «Acabo de... levar um tiro... Mandem...»

O ruído do fone, caindo da mão do ferido. E mais nada! Minutos depois, o Tenente Bryand K. Annable, acompanhado de alguns auxiliares, dirigia o automóvel da polícia, a tôda velocidade, para o endêrêço indicado.

O Dr. Webster, homem de boa estatura e agradável aspecto, estava estendido no soalho junto da mesinha do telefone, instalada no **hall**. Um rastro de sangue vinha do **foyer** até junto do corpo. O Tte. Annable se ajoelhou junto do médico, ferido.

— Quem fêz isso?

O doutor cessou de gemer por alguns instantes. Parecia estar reunindo fôrças ou hesitando... Finalmente disse:

— «Leve-me ao Hospital Homeopático. Mais tarde lhe direi tudo a respeito dêste tiro...»

Foram as suas últimas palavras. 55 minutos depois era homem morto e o segrêdo da identidade do seu matador morreu com êle.

Annable telefonou para a linda espôsa do médico, Kathryn, que se encontrava na residência de verão da família, em Watch Hill, no mesmo Estado. Porém ela chegou muito tarde. O próprio detective a recebeu à porta do hospital, dando-lhe a triste notícia.

Provàvelmente nenhum romance começou em mais estranhas circunstâncias. O encontro do detective com a viúva do assassinado ocorreu em 16 de julho de 1937 — há mais de 14 anos, portanto. Subseqüentes encontros ocorreram, motivados pela trabalhosa investigação em tôrno do crime espetacular. E embora a passagem de todo êsse tempo não fôsse suficiente para solver o crime, teve ao menos uma conseqüência agradabilíssima. O Tte. Annable e a Sra. Webster casaram-se em 1947, na mesma cidade de Providence.

Êsse casamento, entretanto, reviveu o interêsse popular em tôrno do crime sem solução. Não desanimando Annable, decidiu sondar o passado das principais figuras do drama. Soube, assim, que a vítima era um jovem interno num hospital de Filadélfia, quando conheceu Kathryn, então uma chefe de enfermeiras.

Casaram-se em 1925 e o Dr. Webster não tardou a exercer a sua profissão em Providence, alcançando imediatamente grande êxito. Principalmente entre as aristocráticas matronas da sociedade gozava de grande prestígio, tôdas elogiando o «jovem e talentoso» doutor.

Não tardou a ser apontado como diretor geral do imenso Hospital Homeopático. A lista dos seus pacientes cresceu em número e em dinheiro. Pôde, então, comprar uma bela residência na rua Emeline e uma outra, de recreio, em Watch Hill, onde se encontrava a Sra. Webster, com a filhinha, Marjorie, a fim de passar os quentes meses de 1937.

Seus clientes prendiam o médico na cidade durante quase todos os dias da semana, podendo visitar a família apenas nos **week-ends**. Annable pôde saber, igualmente, que na noite de 15 de julho, o Dr. Webstes gastara quatro horas palestrando com amigos numa drogaria não longe da sua residência. Retirara-se pouco depois de uma hora da madrugada. O seu chamado telefônico para a polícia ocorrera à 1 hora e 26 minutos. Tinha sido ferido três vêzes, no peito, por bala 45. Não havia evidência de que, ao chegar, tivesse surpreendido algum ladrão. Investigando mais um pouquinho, o Tte. Annable descobriu que o médico, aparentemente sadio, sabia sofrer de um mal muito sério e que poderia matá-lo a qualquer momento. Por isso mesmo aumentara o seu seguro de vida para 25.000 dólares no dia 12 de julho... e ditara um testamento, perante o tabelião, no dia 14 do mesmo mês!

Por que? O detective não tardou a saber que o médico tinha incontrolável paixão pelo jôgo (cavalos e... dados). Teria recusado pagar alguma aposta de vulto... e daí os tiros que recebera?

Tudo isso era **possível, mas só isso!** Porque o grande médico, a qualquer momento, poderia conseguir qualquer quantia, necessária para salvar a própria vida.

O detective se voltou, em último recurso, para o lado romântico e também descobriu alguma coisa. Um chauffeur de «taxi» contou que costumava levar, a pedido de um **barman**, lunche para duas pessoas, altas horas da noite, à residência do médico, estando a família fora da cidade e o Dr. Webster, aparentemente, só.

Alguns vizinhos, interrogados hàbilmente, revelaram ter visto uma graciosa silhueta feminina esgueirando-se pelos fundos da residência. Êsse espetáculo era, aliás, comum na madrugada. Porém essa mulher — se de fato existiu — nunca pôde ser encontrada. Uma loura estêve prêsa 24 horas, como suspeita, porém sem resultado. Em outra ocasião, a polícia prendeu um homem em Bridgeport, Connecticut, que transportava dois revólveres, 45, numa valise. Foi interrogado, mas, infelizmente, não pôde ser relacionado com o misterioso crime.

★

Annable, apesar de tudo, continuou investigando até ser aposentado pela polícia, há pouco tempo. Anos a fio, investigou, teimosamente, porém jamais pôde determinar de que maneira morreu o Dr. Webster naquela trágica noite de julho.

De qualquer maneira, porém, o Tte. Annable e a ex-Sra. Webster puderam aprender que a felicidade pode nascer das cinzas de uma grande tragédia. Embora tenham travado conhecimento no seio de um drama tão violento e sem solução, puderam também construir uma nova vida-juntos.



AINDA O TERCEIRO

Bem diferentes e muito mais poderosos são os três irmãos dos Titãs — Arges, Brontés e Steropés — filhos de Urânus e de Gea. Êsses três rapagões também moravam na Sicília e são inúmeras as suas aventuras. Começaram com brigas de família, desentendendo-se inicialmente com Urânus, seu pai. Mas, como se mostravam, a serviço de Zeus, ferreiros extraordinários, a ponto de conseguir fabricar para êle até os raios de que se servia constantemente, êste, reconhecido, libertou-os quando Urânus se lembrou de aprisionar os três rebeldes.

Após tôda sorte de aborrecimentos e peripécias, terminaram tristemente, mortos por Apolo. Êste, realmente, não podia perdoar-lhes o fato de haver fabricado o raio que matou seu filho, Esculápio.

Outros Ciclopes foram considerados pelos Gregos como operários sôbre-humanos, aos quais foram confiados todos os monumentos anteriores à verdadeira arquitetura, particularmente os trabalhos de fortificações de Micenas e de Corinto, realizados com enormes blocos de pedras. Essas velhas muralhas conservaram, aliás, de seus pseudo-criadores, o nome de muralhas ciclópicas.

OS BEBÊS-CÍCLOPES: — Como a maior parte dos mitos, o dos Ciclopes teve, sem dúvida, sua origem em algum fato autêntico. O que é preciso, sim, é que tal fato tenha sido extraordinário.

Certos autores recordam que os Gregos estiveram longo tempo empenhados em guerras, no início de sua História, travadas contra os povos selvagens, vindos do norte e que usavam nos combates enormes máscaras, ornadas com um só ôlho. Êsse ôlho devia ter, segundo êles, algum poder maléfico sôbre os adversá-

HÁ inúmeras referências, na Mitologia Grega, a certos sêres estranhos, de vasta fronte iluminada por um ôlho único, e irmãos dos titãs e ferreiros divinos, chamados ciclopes.

Que seriam, afinal, êsses gigantes misteriosos e ostentando tão estranha tara? Pode a medicina esclarecer a origem dessa lenda?

Existem ou existiram várias espécies dêsses antigos gigantes, segundo a velha literatura grega. A começar pelos bondosos pastôres sicilianos, de colossal estatura e hábitos pacíficos e alegres... embora antropófagos!

A êsse tipo pertence o tranqüilo Polifemo, que clama no nono canto da Odisséia o seu amor pela linda Galatéia, e cujo ôlho precioso e frontal foi furado por Ulisses, enciumado da sua fôrça.

NASCEM CICLOPES!

rios e servir, quando menos, para os intimidar.

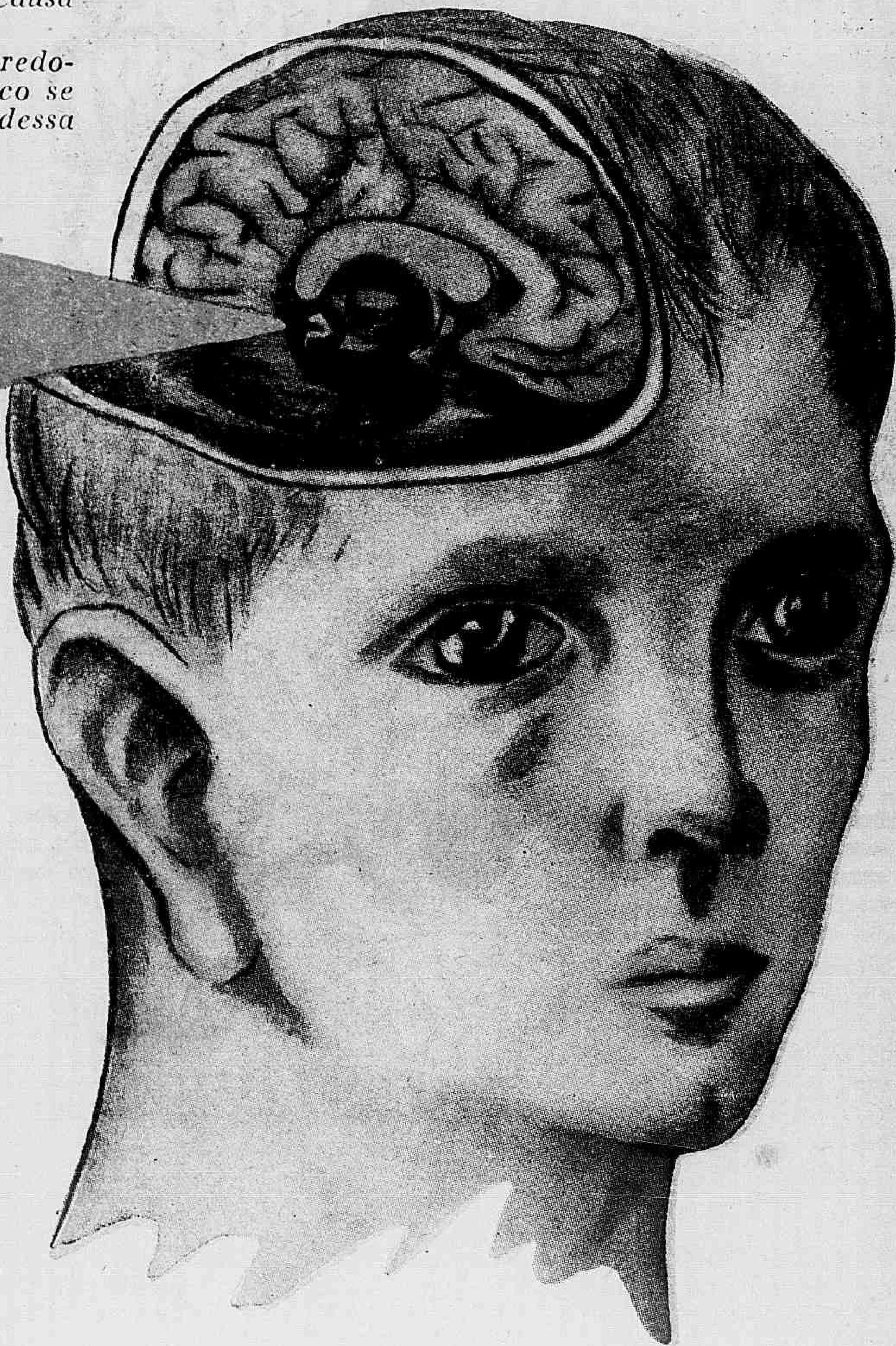
Porém, a fisionomia humana forneceu outras explicações. Acontece, de fato — embora raramente — nascer crianças mal conformadas e providas de UM ÔLHO ÚNICO. Todos os museus das faculdades de medicina possuem fetos dêsse gênero e seu aspecto, convenhamos, é tétrico. Imagine-se um rosto ao qual faltem as duas órbitas. Mas, no centro da fronte, acima do nariz, há um enorme ôlho único, medonho, e que nos revela o que podiam ser os Ciclopes da lenda. Acrescentemos que essas crianças-ciclopes não vivem e que se trata, quase sempre, de criaturas natimortas. Qual a causa dessa anomalia?

Sem contestação, a heredosífilis; e o ôlho ciclópico se alinha entre os males dessa terrível moléstia. Felizmente, essa é extremamente rara.

Estará aí a fonte da lenda dos Ciclopes? Não é impossível que a existência de tais monstros tenha impressionado a imaginação dos antigos e que, para explicar seu nascimento, tenham inventado os Ciclopes semideuses, antepassados dêsses recém - nascidos tão estranhos.

A EPÍFISE E' "UM TERCEIRO ÔLHO"?: — Por extensão, também são chamados Ciclopes alguns sêres imaginários, providos de três olhos (os dois normais e um terceiro, frontal).

A imaginação dos homens não podia deixar de ver, a êsse propósito, na misteriosa epífise (epiphyse) — da qual Descartes fazia uma espécie de centro regulador entre o corpo e a alma — um vestígio, um traço distante de algum terceiro ôlho, do qual tôda a espécie humana — segundo a lenda — estava dotada, outrora. Devemos porém dizer, quanto antes, que, se há entre a epífise e o ôlho uma relação certa, segundo vamos demonstrar adiante, nunca se viu ser humano — mesmo natimorto — dotado de três olhos.



Segundo a lenda, seríamos, todos, assim uma espécie de ciclopes. Mas é preciso reconhecer que nos faltam a fôrça, a estatura e a ciência de ferreiro de nossos supostos antepassados!

UM VESTÍGIO OCULAR?: — Em todos os tempos, a glândula pineal (tal é o antigo nome da epífise) intrigou os pesquisadores. Sua situação, no próprio centro do cérebro, parece designar-lhe um papel superior.

Já Galiano, o rival de Hipócrate, via nela um gânglio linfático, destinado a sustentar as veias do cérebro. A escola de Alexandria a considerava como a válvula reguladora do equilíbrio psíquico inteiro. Descartes e seus discípulos consideravam-na a sede da alma!

Os modernos anatomistas, por sua vez, vêem na epífise o vestígio de um terceiro ôlho, que existe de maneira muito mais nítida nos crocodilos, lagartos e serpentes. Evidentemente, não é mais que um "vestígio" do ôlho, mas assaz nítido para que se possa pensar que os distantes antepassados dêsses animais possuíram, efetivamente, três olhos.

Na verdade, a epífise é formada, no feto, por uma "evaporação" do cérebro, isto é: da mesma forma que a hipófise, por uma espécie de excrecência das camadas retinianas e dos nervos ópticos.

ESTRUTURA DA EPÍFISE: — A epífise é muito pequena (sete milímetros por quatro, aproximadamente). No adulto, não chega a pesar um quinto de grama. Na criança, é mais importante, mas começa a regredir a partir dos sete anos. Não desaparece jamais totalmente, como os "thymus".

O tecido de que está formada a epífise se aproxima, por sua composição, do tecido nervoso. E', porém, mais rico em cálcio, em fósforo e em magnésio. Sua análise completa ainda não foi efetuada. Mas seus extratos parecem conter um princípio ativo que é, verdadeiramente, o hormônio da epífise.



A GLÂNDULA QUE TORNA OS GIRINOS TRANSPARENTES: — A epífise teria vários efeitos. O seu estudo, porém, apresenta grandes dificuldades, pois é extremamente delicado retirar a glândula sem arruiná-la. Além do mais, o preparo dos extratos, a partir de uma glândula tão pequena, é muito delicado e dá resultados bastante variados. A experiência, nesse caso, tem que ser feita ou por simples ingestão da glândula, tal como é, ou pela implantação de glândula fresca.

O efeito mais constante da epífise parece ser a parada da atividade testicular no homem e, ao contrário, a estimulação genital na mulher. Êsse efeito foi observado não apenas nos animais (ratos, pássaros, etc.), mas também na espécie humana. A ação no homem seria, de resto, mais constante que na mulher. Fato curioso: — manifesta-se mais enèrgicamente quando a implantação é feita na câmara anterior do ôlho.

Há outros efeitos, porém menos seguros que o da sua ação sôbre os testículos. Parece ter, por exemplo, uma ação hipotensiva. Da mesma forma parece estimular o desenvolvimento do panículo adiposo, do glicogeno hepático, do fibrinógeno e do cálcio sangüíneo.

Um dos seus efeitos mais curiosos é a reação (certíssima) que provoca nos girinos.

Meia hora depois de ingerir a epífise, êsses pequenos animais se tornam... transparentes! Ficam cêrca de três a quatro horas absolutamente trans-

parentes. Nenhuma explicação do fato foi fornecida até agora.

É POSSÍVEL VIVER SEM A EPÍFISE?

— Foi possível retirar a glândula pineal de diversos animais; entretanto, como essa operação sempre feria o tecido nervoso, a mortalidade operatória era importante (quarenta a cinqüenta por cento). Os resultados observados foram variáveis: em certos casos, o crescimento foi ativado; em outros foi retardado.

O efeito sôbre os testículos, porém, foi constante. Entre os ratos, privados da epífise, os testículos se desenvolveram consideràvelmente, aumentando também — e muito — a quantidade de fósforo contida nesses órgãos. E' essa a demonstração inversa do poder frenador da epífise.

Vice-versa, se se castrar um rato de oito meses sua epírise se atrofia (o mesmo, porém, não ocorre com o rato adulto).

São conhecidos, por outro lado, alguns tumores da epífise, que se desenvolvem nos meninos em idade da pré-puberdade. Produzem sintomas característicos, principalmente oculares: estrabismo (convergente), desigualdade das pupilas. Além disso, quando o enfêrmo fecha os olhos, não conserva o equilíbrio. O desenvolvimento das crianças atacadas de tumor pineal é, por outro lado, bastante ativado: os órgãos sexuais assumem o volume da idade adulta, a voz amadurece, os pêlos crescem exageradamente. Essa enfermidade — felizmente muito rara — termina ao fim de dois a três anos, com a morte do enfêrmo.

O tratamento por meio do fósforo radioativo, hoje tentado, talvez venha a dar resultados satisfatórios. E', porém, muito cedo para opinar a respeito.

A epífise, essa desconhecida, começa apenas a revelar alguns dos seus segredos. Dentro de pouco tempo, talvez, estaremos em condições de lhe designar um lugar na grande sinfonia das endócrinas, cuja perfeita harmonia é indispensável para a nossa saúde.

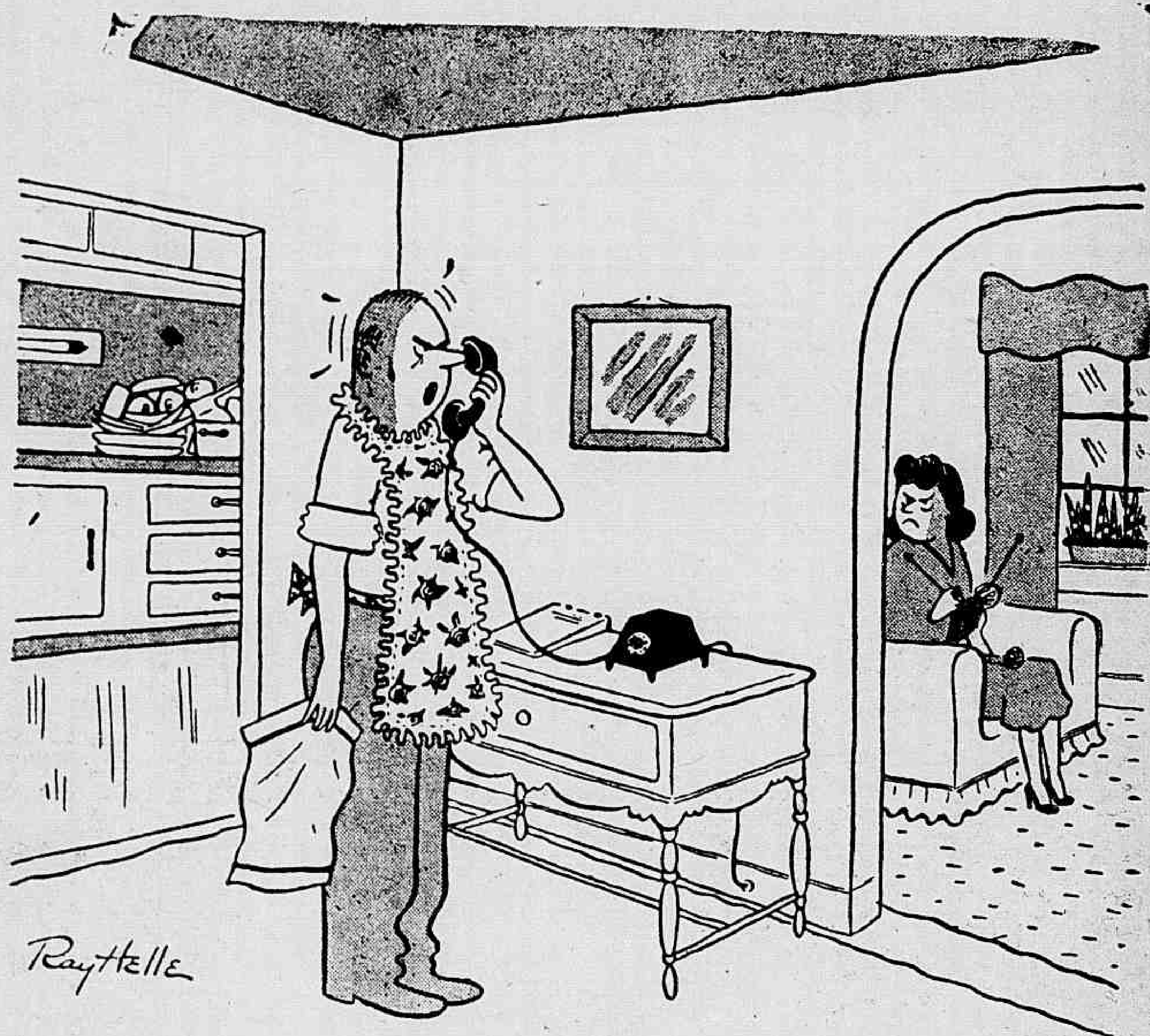
★

UM HOMEM QUE ADORA AS CRIANÇAS

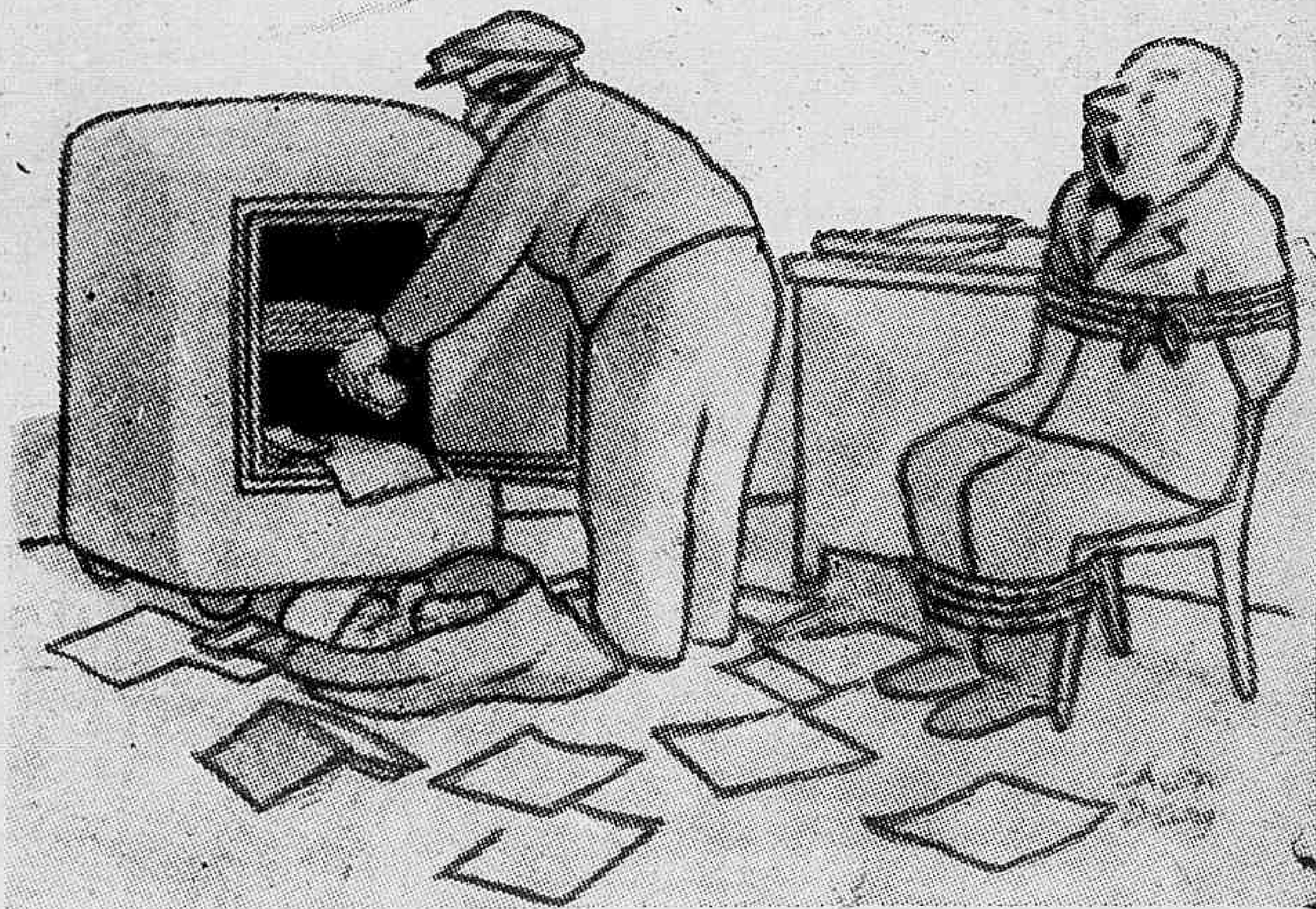
Prêso, recentemente, em Londres, por bigamia, George Clemens, de 52 anos, recebe semanalmente, na prisão, a visita das três mulheres que ama: as duas, que desposou legalmente e... uma terceira, com quem vivia.

— **E' um bom homem, que adora as crianças!** — afirmam as três mulheres.

O que não é simplesmente uma **fórmula**: de fato, a primeira lhe deu 9 filhos; a segunda 12 e a terceira 10...



— Não! Aqui não é a gaiola do curió... Mas saiba que por pouco-pouco não acertou!



— Você ainda vai demorar muito? A corda de meu relógio só funciona quando movimento o braço...

"ARES CAMPESTRES" PARA INTERIORES



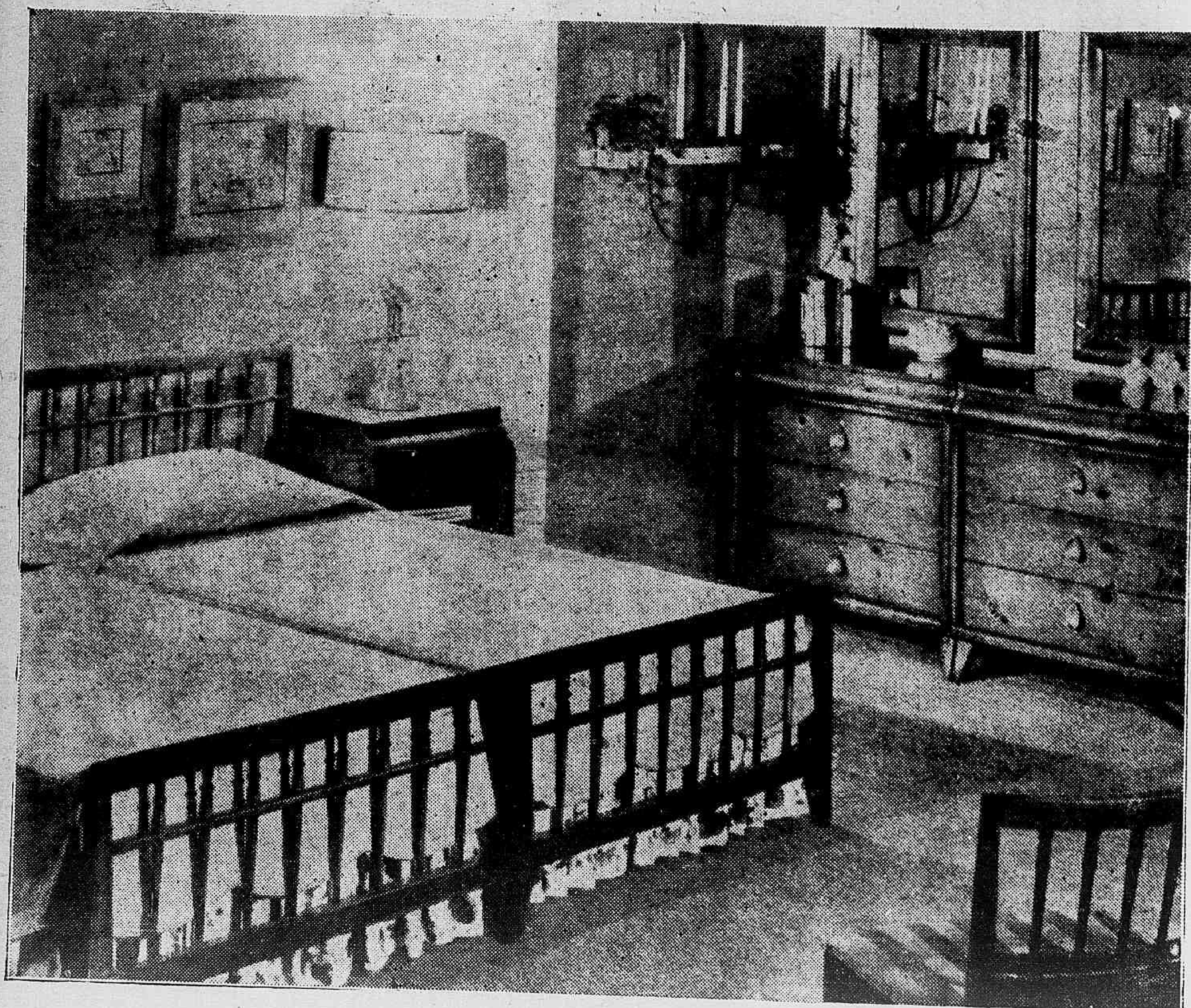
O cálido encanto, o ar amigo de um *décor* provinciano é coisa realmente cativante, e por isso os metropolitanos, aos poucos, vão adotando essa técnica que vem muito a propósito com o preço que vão alcançando os clássicos e os modernos.

O "provincial" vem sendo mesmo o tema dominante em muitas e tradicionais fábricas de móveis que, dia a dia, apresentam sugestões encantadoras e tôdas próprias para a vida atual. Como exemplos, temos nestas páginas coisas bonitas, úteis e realmente baratas.

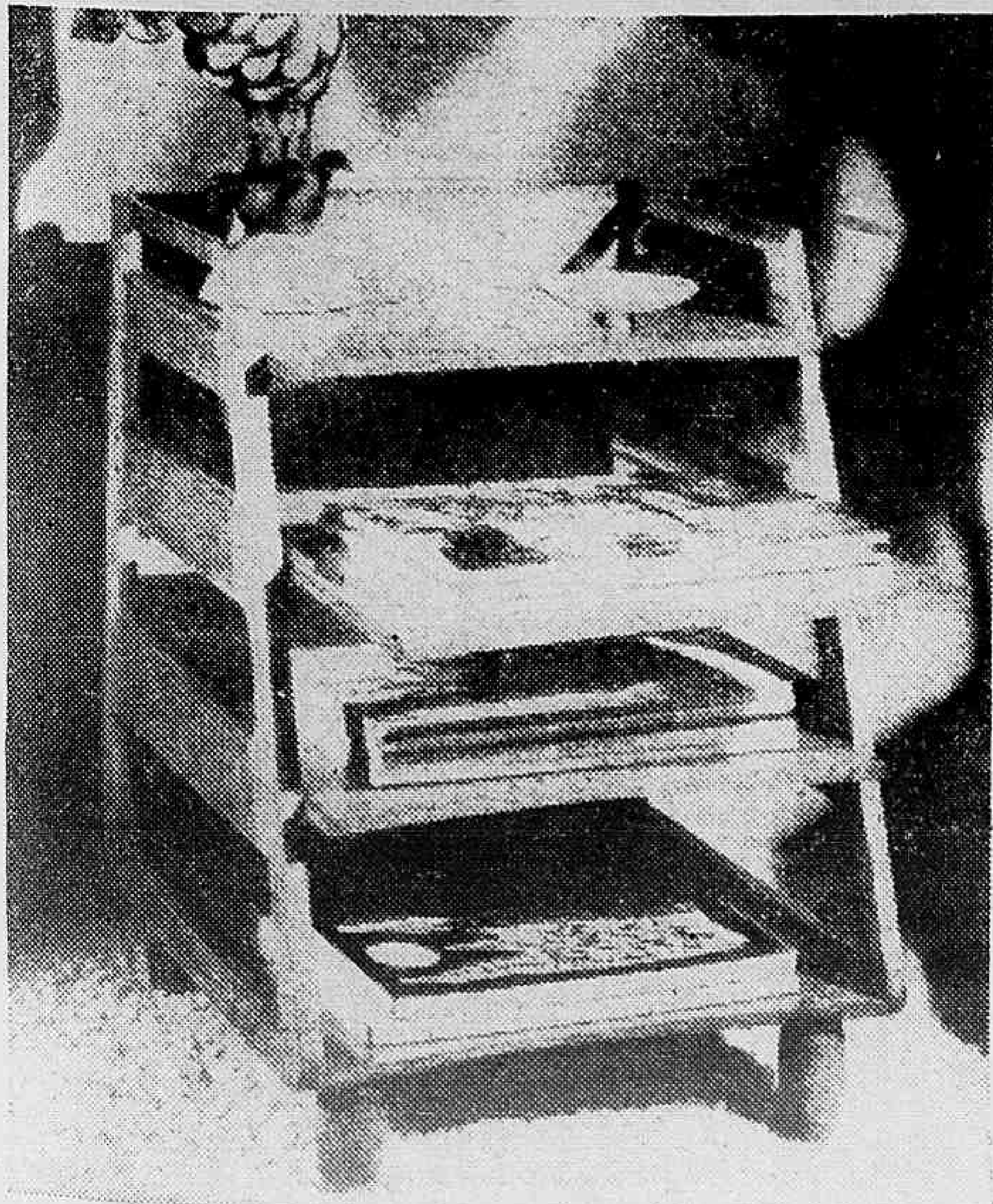
Vejam, por exemplo, na página anterior, ao alto, a mesa do estilo provincial francês, que pode ser duplicada em tamanho por um processo simples, sem perder a forma e a beleza. As cadeiras, de encôsto baixo, com fôrro de corda, são confortáveis e resistentes.

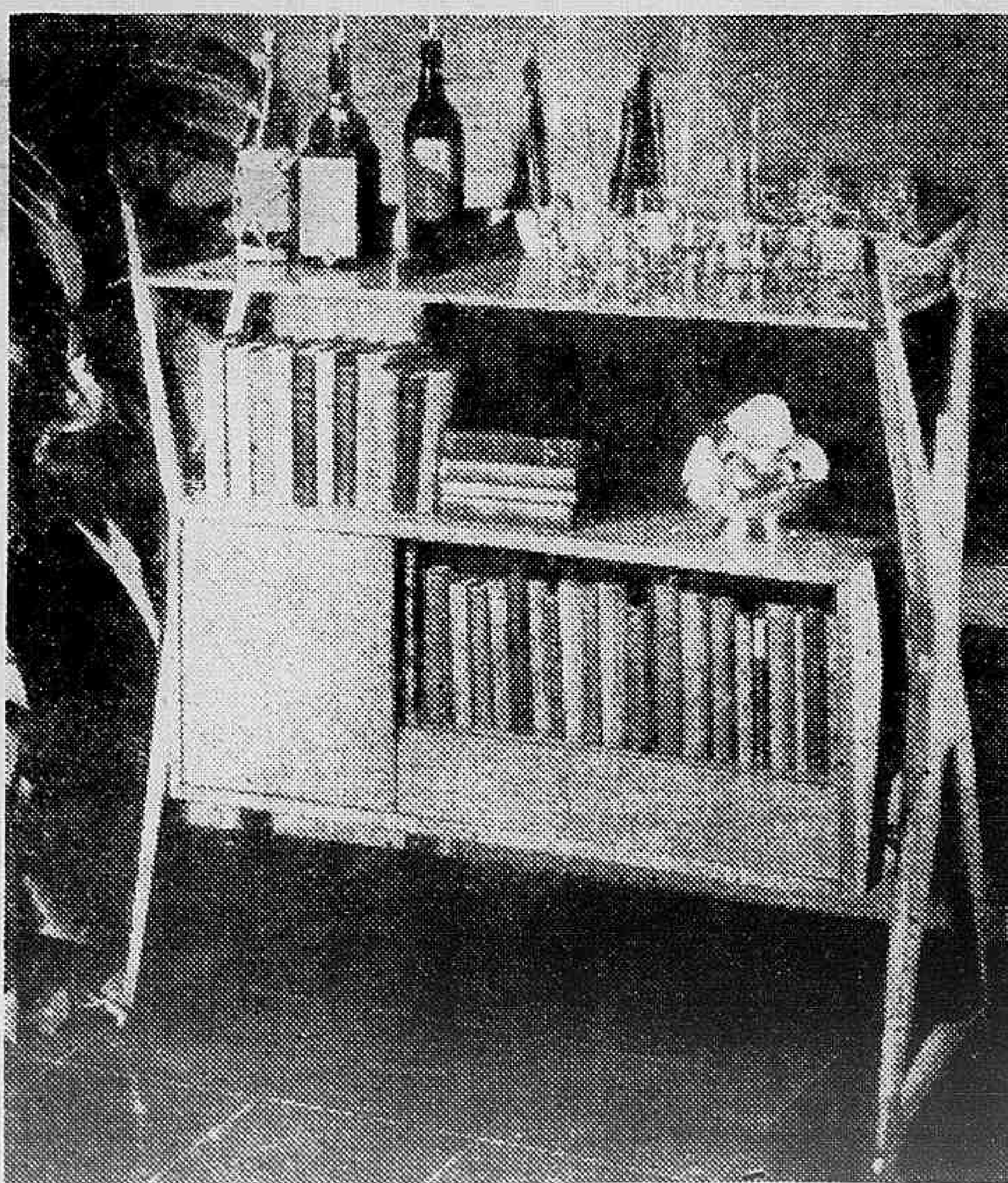
Na mesma página, em baixo, à esquerda, apresentamos uma moderníssima estante para jornais e revistas, realmente muito prática. À direita, outro estilo de estante, que também poderá servir de aparador para bebidas.

Nesta página, ao alto, mesinha escamoteável, de muitas utilidades, que poderá ser colocada desde as salas de almôço e de jantar até à biblioteca. Os pés de metal são dobráveis. Em baixo, leitos gêmeos, que podem ser ajustados lado a lado. Duas cômodas com espelho alto, completam o mobiliário.









CÉREBROS... INQUEBRÁVEIS

Na recente exposição industrial, que acompanhou o "Festival da Grã-Bretanha, os curiosos se comprimiam, diàriamente, diante do **stand** no qual uma firma apresentava as suas duas últimas realizações. Estas, na verdade, eram bastante curiosas: tratava-se de um... cérebro inquebrável e de um esqueleto de matéria plástica. Um e outro não foram fabricados — o que é lamentável — para fornecer peças sobressalentes aos cirurgiões encarregados de nos consertar o corpo. São apenas destinados aos colégios.

— "De ora em diante, — declararam os demonstradores no **stand** — quando o professor de História Natural e Anatomia deixar cair, por descuido, o modêlo de cérebro que apresenta aos alunos, o cérebro não se quebrará em mil pedaços, mas apenas saltará como uma bola de **football**, porque o nosso cérebro, em vez de ser fabricado com massa é todo confeccionado em borracha...

"Quanto aos nossos esqueletos de matéria plástica, é bastante examiná-los para verificar que são de qualidade superior à dos nossos verdadeiros esqueletos humanos. Nada de defeitos, e deformações congenitais ou vestígios de fraturas. Nosso esqueleto é o esqueleto ideal!

O público tudo ouvia assombrado e se apinhava diante dessas maravilhas. Um humorista afirmou que o público ali estacionava para meditar sôbre a última diminuição de sua ração de carne...

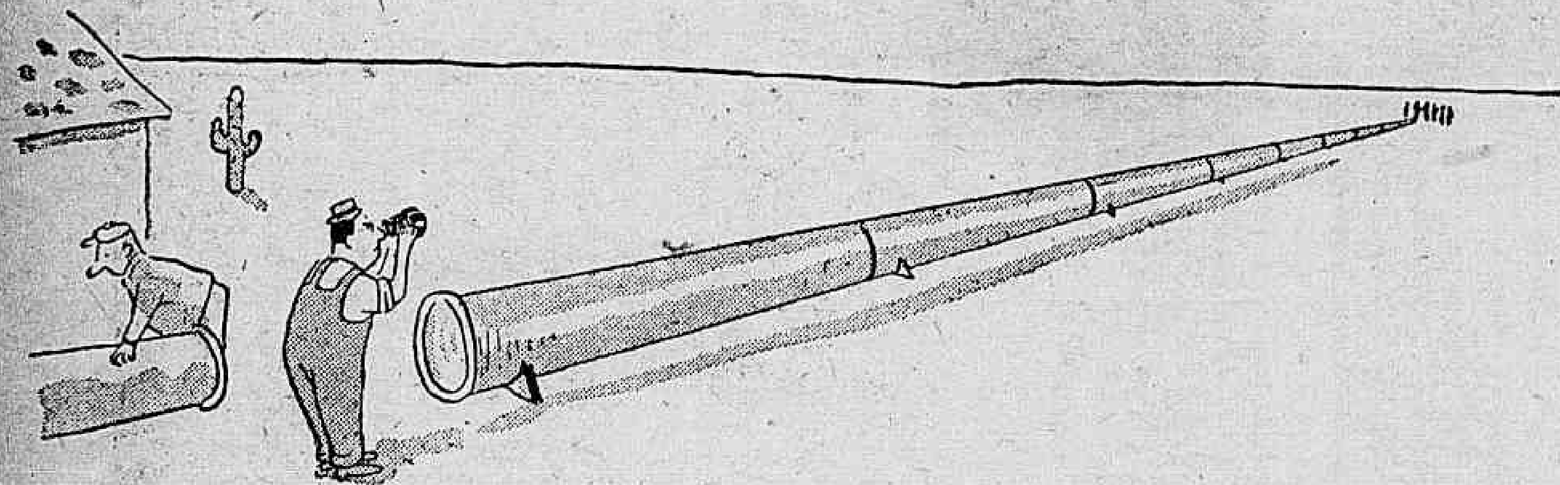


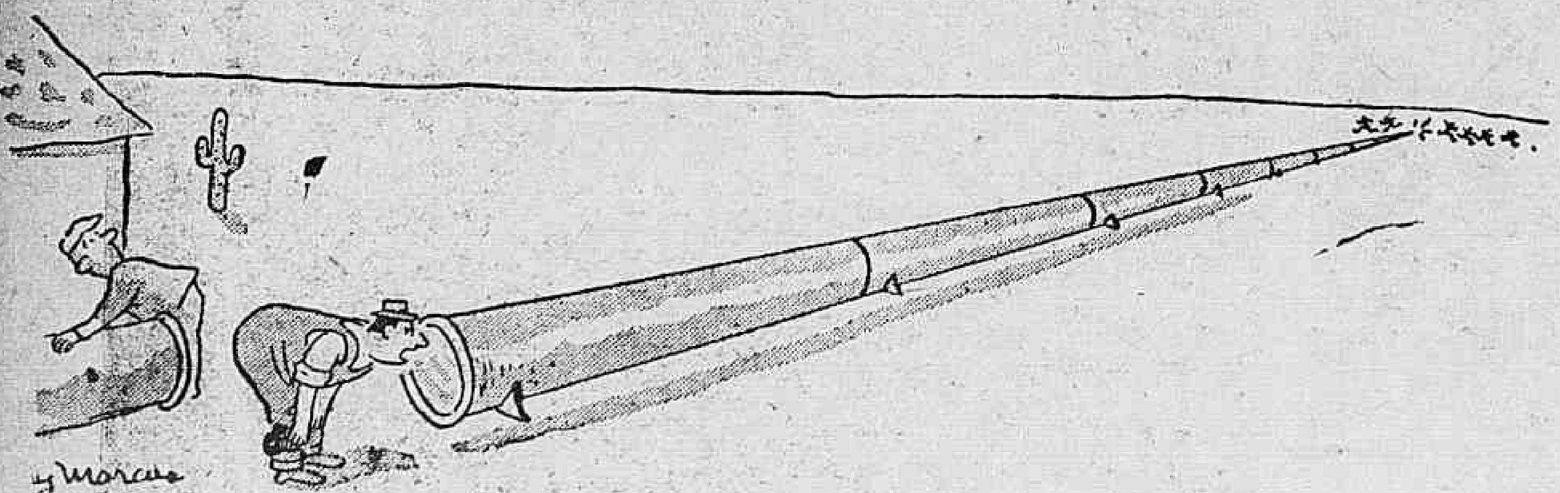
— **Claro! Eu amo o Sezefredo pelo que êle é — um milionário!**

★

O sino maior da igreja de Notre Dame, de Paris, pesa 16 mil quilos e tem um diâmetro de dois metros e sessenta centímetros. Só o badalo pesa quatrocentos e oitenta e oito quilos.

★





— «Vamos TRABALHAR!!!»



NÃO SÃO DE SUA MEDIDA... E TÃO FELIZ ESTÁ!

Para o pequeno coreano os sapatões estão muito grandes; foi tudo o que pôde encontrar, depois de afanosa busca entre as ruinas deixadas pelo último bombardeio de sua aldeia. Não tem pais; tambem não tem um lar e, pela manhã e à tarde, vai a um acampamento norte-americano em busca de comida. Seu caso, infelizmente, não é único desde o início da guerra. E o seu sorriso, indiferente a tantas desgraças, também. De qualquer modo o pequeno coreano, como qualquer criança no mundo, sorri todo feliz, quando calça os sapatos de pessoas cujos pés são maiores.

HITLER E O MISTÉRIO DE SUA MORTE

(Continuação)

Nascido de uma iniciativa do Exército norte-americano, conservado vários anos nos arquivos do Departamento de Estado e nos *dossiers* pessoais do Presidente Truman, o documento que estamos publicando — e que foi até recentemente confidencial — pertence, de fato, à história. Descreve o homem que foi um dos enigmas do nosso século, ao mesmo tempo que era um dos flagelos do mundo: Hitler.

(Opina um técnico francês, comentando declarações do comandante Hein Schaeffer, do submarino alemão «U-977», que se entregou às autoridades argentinas de Mar del Plata em agôsto de 1945, depois de passar três meses misteriosos em pleno mar)

Foi em "qualquer ponto" da costa norueguesa, **que se reuniu o comboio de submarinos, que transportaria Hitler e acompanhantes para o local seguro, segundo planos cuidadosamente preparados e com grande antecedência. Ali ocorreu o embarque, num dia qualquer, entre 22 de abril e 2 de maio de 1945.**

★

Não se trata, aqui, de simples suposições, de conjecturas, mas de fatos impossíveis de negar. Existe prova concreta de que as coisas assim se passaram. O submarino que fêz sua rendição em Leixões em 4 de junho de 1945, da mesma forma que o "U-530" e o "U-977", que abordaram, mais tarde, Mar del Plata, vinham da Noruega; todos tinham deixado portos noruegueses, antes de empreender sua misteriosa viagem para o sul.

O testemunho oferecido pela documentação encontrada a bordo do "U-977" e corroborado pelas declarações do capitão Schaeffer e dos homens da sua equipagem, é ainda mais eloquente. E' uma prova irrefutável, que não suporta qualquer discussão. O "U-977" levantara âncora no pôrto alemão de Kiel, a 13 de abril, para se dirigir a Oslo. Deixou o **fjord** a 22 do mesmo mês, permanecendo na base norueguesa de Chriansand até 2 de maio, data em que empreendeu sua viagem para o sul.

Todos os três, o submersível que se rendeu em Leixões, o "U-530" e o "U-977" pertenciam a êsse "comboio fantasma", **cuja missão consistia em transportar o Fuehrer e acompanhantes a um local seguro, a um refúgio de antemão preparado, cuja existência fôra revelada por Doenitz no fim de 1943.**

Nem o comandante Wermutt nem o comandante Schaeffer nada podiam revelar quanto à natureza de sua missão, **porque... a ignoravam. Não sabiam o que seguiam ou escoltavam nem onde deviam ir!** Tinham recebido de seus superiores, ordem de seguir uma rota determinada para o Atlântico Sul, navegando sempre mergulhados. Fôra-lhes proibido, formalmente — a êles como a outras unidades do comboio — comunicar-se entre si pelo rádio, a fim de não revelar sua presença. Deviam seguir o **submesível-capitânea**, o mais próximo possível, guiando-se ùnicamente pelos "aparelhos de escuta".

Êsse era, na verdade, um "comboio fantasma" cego, mudo e invisível, **guiado pelo único navio que conhecia o trajeto e o destino final.** O laço que os unia era muito frágil: qualquer tempestade, qualquer avaria das máquinas, susceptível de entravar a navegabilidade de um ou vários submarinos, podia separá-los. Os riscos de perder várias unidades do comboio, durante essa longa traves-



Os principais inimigos da Democracia: Goering, Keitel, Himmler e Hitler, que depois de escravizar temporàriamente a Europa foram finalmente esmagados pelas fôrças do mundo livre.



sia, eram numerosos, mas todos tinham sido previstos. Podiam sim, perder várias unidades, **porém jamais seus oficiais seriam expostos a revelar qualquer coisa de sua verdadeira missão, porque não a conheciam.**

Foi o que ocorreu com o submarino que se rendeu em Leixões, o que aconteceu, igualmente, com o "U-530" e o "U-977". O primeiro sofreu uma avaria grave em suas máquinas, como foi finalmente verificado. Quanto aos dois outros, foram provàvelmente isolados do resto do comboio por uma tempestade, pois suas máquinas se achavam em perfeito estado. Podemos calcular que êsses contratempos ocorreram no início de junho de 1945 e, provàvelmente, no Atlântico meridional, a aproximadamente 40° de latitude sul.

O fato do "U-530" e o "U-977" se separarem do resto do "comboio fantasma" explica bem claramente por que os dois submarinos rondaram durante longo tempo na zona, antes de que seus comandantes decidissem a aproar para Mar del Plata para ali efetuar a rendição. Não podiam empregar seu aparelho de rádio, mas continuavam a manter-se na rota **com uma vaga esperança de que alguma unidade do comboio voltasse em sua busca.** As medidas de segurança adotadas, tiraram aos comandantes dos submarinos do comboio toda **chance** de receber a menor indicação quanto a um local de reunião, fixado de antemão, para o caso em que se vissem dispersados por uma causa fortuita. **Agir de outra maneira teria sido imprudência, risco inútil, que prejudicaria o êxito do plano.**

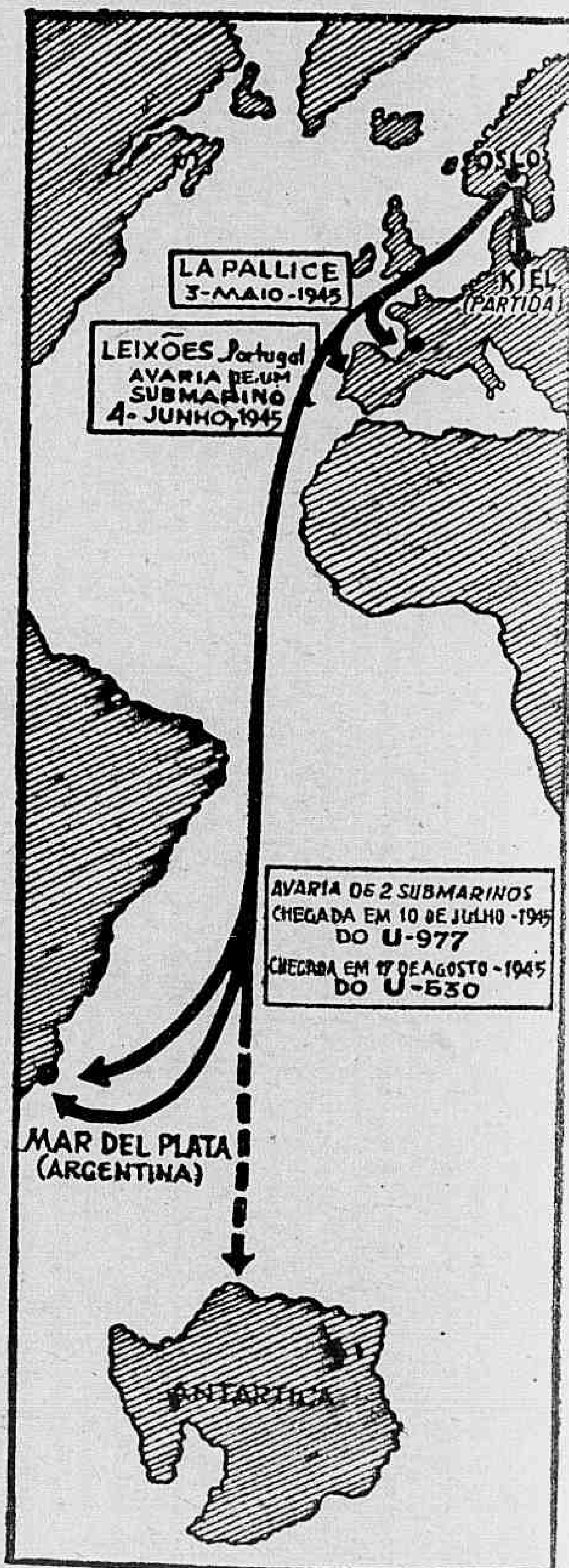
PARA ONDE IAM? — Bem entendido, dado o seu caráter de transportes, deveriam abster-se de tôda atividade belicosa e não podiam fazer emprêgo de seus canhões e lança-torpedos, senão no caso de um ataque inimigo, **a fim de proteger o submersível-capitânea.** Porém êsse ataque não se realizou e os dois submarinos alemães se dirigiram a Mar del Plata, com seu armamento e carregamento de munições completos.

O fato de ter sido o "doble" do "U-530" e não o submersível autêntico, dêsse número, o que chegou a Mar del Plata, confirma plenamente que o comboio fôra preparado no maior segrêdo e que a maior parte dos chefes navais não suspeitavam sequer de sua existência. Não é arriscado supor que muitos dos submarinos que faziam parte do "comboio-fantasma" eram "dobles" de navios que se encontravam em diversas bases alemãs. Era êsse um meio hábil de enganar os vencedores e também os chefes da Armada nazista vencida.

Qual era o ponto de destino dos dois submarinos alemães que se entregaram às autoridades argentinas em Mar del Plata? Para onde se dirigia o "comboio fantasma"? Em que local escondido do globo se encontrava êsse **"paraíso terrestre, construído pela frota submarina alemã"** e que inspirou tanta gabolice ao almirante Doenitz em 1943? Por mais aceitável que o projeto nos possa parecer, **não é mais possível pensar num refúgio no Japão.** As relações entre Berlim e Tóquio estavam, na realidade, muito tensas desde a época em que os "senhores da guerra" nipônicos se haviam recusado categòricamente a atacar a Rússia para salvar os exércitos tão maltratados do Reich. Além do mais, sabia-se que o Fuehrer detestava cordialmente os Japonêses e não tinha a menor confiança nêles.

Não podia tratar-se, não mais, de escolher para refúgio algum país neutro. Nenhum govêrno, fôssem quais fôssem os seus princípios e ideologias, poderia assumir a temível responsabilidade de dar asilo a Hitler em seu território. Proporcionar refúgio ao "inimigo mundial número um" teria equivalido a lançar um desafio às grandes potências e teria chegado a um conflito armado e, é claro, à captura do Fuehrer. E, no caso de Hitler estar clandestinamente em algum país neutro ou nas dependências coloniais de um determinado país, mesmo sob disfarce, teria sempre corrido o risco de ser descoberto. Não, não era êsse o gênero de esconderijo procurado pelo Fuehrer em seu desejo de poder, ulteriormente, retomar sua atividade subversiva, nem era, da mesma forma, o que anunciara Doenitz por ocasião da sua famosa declaração.

Na realidade, não seria possível pensar em nenhum país por mais deserto e extenso que fôsse êle. A construção de um "paraíso



A viagem do «comboio fantasma»



HITLER NA PRISÃO — Depois do fracassado «putsch» de Munich, em 1923, Hitler foi prêso e conduzido para a prisão de Landsberg-am-Lech, com Hess e outros figurões do nazismo, onde o vemos muito bem instalado. Ali estêve prêso durante dezoito meses, sete e meio dos quais em companhia de Hess.

HITLER MARCHA PARA ASSUMIR O PODER — Eis uma fotografia histórica, que mostra Adolf Hitler na ocasião em que, tendo Rudolph Hess ao lado, marchava para o Reichstag, em Berlim, a fim de assumir o pôsto de Chanceler, sendo ainda presidente o Marechal Hindenburg.





terrestre" que pudesse ser uma "fortaleza inexpugnável", exigiria um lapso de tempo considerável e, cedo ou tarde, seria encontrado, não importa em que país fôsse. Resta, pois, a possibilidade do refúgio em questão se encontrar **em alguma ilha desconhecida, situada longe do mundo civilizado.**

Em muitas ocasiões, correu o boato de que os submarinos alemães, em suas longas peregrinações através dos mares, tinham descoberto alguma ilha desconhecida e nela construído a seguir, um refúgio para Hitler.

Uma tal hipótese revela-se, é claro, da mais alta fantasia.

Para onde seguiu, pois, o ditador nazista, com seus acompanhantes e sua escolta de submarinos? Se não podia ir para algum país continental e alguma ilha, para onde se dirigia? Em outras palavras: **Existe em alguma parte do mundo, algum lugar desabitado, bastante grande para que seja quase impossível nêle encontrar Hitler e seus acompanhantes? Existe um refúgio cuja característica principal seja a sua imensidade, a sua extensão, uma extensão tal que não seja possível, pràticamente, englobá-la nas buscas?**

Sim! Existe, realmente êsse local. E os alemães — segundo provas — começaram a prepará-lo em 1940!

A região onde Hitler encontrou refúgio tem uma superfície que atinge a cifra fantástica de 14 milhões de quilômetros quadrados, ou seja, 4 milhões de quilômetros mais que todo o território da Europa. Essa região é a Antártica, a sexta parte do mundo, cujas terras inóspitas e de difícil acesso não são habitadas por nenhum ser humano.

Aí estava o elemento genial dêsse plano: **em vez de uma pequenina ilha, procurar um continente inteiro para refúgio de Hitler!** Essa idéia, paradoxal em aparência, apenas, era o resul-

tado de uma lógica sólida, em que todos os argumentos se apresentavam irresistíveis. Ali, longe do mundo habitado, tão distante como se estivesse em outro planêta, o Fuehrer poderia viver em absoluta segurança e continuar os seus preparativos de **revanche**, até à hora em que o seu reaparecimento fôsse oportuno.

A idéia de garantir a Hitler uma segurança absoluta, deve ter sido o fator decisivo na escolha da Antártica, pois previa-se claramente que, embora sabendo, de maneira segura, que Hitler se encontrava na sexta parte do mundo, como pensar em ir apanhá-lo? Como poderiam percorrer, passo a passo, uma extensão de 14 milhões de quilômetros quadrados, com suas planícies, seus vales, suas montanhas, cobertas de gêlo e de neve? Sabia-se que milhares de expedições polares, bem equipadas, seriam necessárias para explorar uma ínfima parte dêsse imenso território, e sem mais **chance** de encontrar o fugitivo como o de achar uma agulha num palheiro, pois os nazistas não cometeriam a tolice de deixar visível êsse refúgio, sabendo que os perseguidores empregariam esquadrilhas de aviões e outros modernos recursos.

Se quisermos levar mais longe o exame do plano nazista e do seu desenvolvimento, devemos analisar resumidamente os dados principais que se possui com respeito ao Polo Sul.

Em 1823, o marinheiro inglês James Weddell, à frente de uma expedição de caçadores de focas, penetrou do Círculo Antártico e chegou até 70°15 de latitude, região onde, segundo descreveu, "o **gêlo desaparece completamente, a temperatura se torna mais suportável, os pássaros reaparecem, voando em redor do navio, enquanto grupos de baleias seguem a esteira deixada pela embarcação".** Essa mudança inesperada de clima surpreendeu tanto mais Weddell e seus companheiros, porquanto a temperatura se elevava mais e mais, à medida que avançavam para o sul.

Na realidade, a verdadeira epopéia do Polo Sul começou no século XX quando a aviação permitiu as explorações de grande envergadura. Partindo de sua base na Ilha da Decepção, Sir Hubert Wilkings conseguiu sobrevoar o Sexto Continente, em 1928. Tal façanha foi renovada pelos aviões da expedição Byrd, de 1928 a 1930. Essa expedição, com amplos recursos, eclipsou tôdas as emprêsas similares até então realizadas. Estabeleceu uma base confortável na Baía das Baleias a que deu o nome de **Little America.** Dali, utilizando suas estações telegráficas, manteve-se em constante comunicação com o resto do mundo. Cinco anos depois retornou Byrd à **Little America,** com um pessoal e equipamentos mais numerosos, incluindo até tratores, aviões de tôdas as categorias e até autogiros. Os membros da expedição não mais estavam expostos ao perigo do escorbuto, o terrível fantasma que era o terror dos exploradores polares de outras épocas. Gozavam de todo o confôrto do mundo civilizado e tinham, mesmo, em **Little America,** um teatro de variedades.

Apesar das inumeráveis expedições que o invadiram no presente século, o continente antártico, na realidade, é ainda desconhecido. Suas zonas exploradas não chegam à décida parte de



POR QUE? — Sim; por que vemos na foto acima, Hitler à sua chegada ao Kroll Opera para um dos seus discursos, em 1939, vestido com espesso sobretudo, enquanto os demais chefes nazistas, que o seguem, estão com simples uniformes? Um exame atento revela que o chefe nazista traz sob o agasalho alguma couraça protetora, para prevenir qualquer atentado contra a sua vida. Além da couraça, conta ainda com a proteção de Himmler e vários guardas da «Gestapo».



NESTA FOSSA FOI QUEIMADO O «CORPO» DE HITLER — Berlim é hoje uma cidade mutilada, com macabras recordações e segredos enterrados. E o maior de todos é o que representa essa escura cova que se vê acima. No jardim da Reichschancelaria, o correspondente do «Life» e do «Times», de Nova York, Percy Knauth (ajoelhado) examina a cova em que se diz que Adolf Hitler e Eva Braun foram torrados com gasolina. O «chauffeur» do Fuehrer, Heinz Kempke, declarou haver carregado o corpo de Eva Braun, ainda quente, do apartamento subterrâeo (ver o clichê correspondente) e colocado o mesmo nessa cova, ao lado do de Hitler. A seguir os dois corpos queimaram até ficar reduzidos a cinzas. Apesar das evidências circunstanciais, pouca gente, hoje, acredita nessa história.

sua superfície. O que dêle sabemos, hoje, pode ser assim resumido:

1.º — Trata-se de um continente em tôda a propriedade do têrmo. Está situado no interior do círculo polar antártico, sôbre a península conhecida com o nome de Terra de Graham.

2.º — Encontra-se a uma distância aproximada de 3.500 quilômetros da África, a 2.600 quilômetros da Austrália e a cêrca de 1.170 quilômetros da América do Sul.

3.º — Não é um campo de gêlo e de neve, como ocorre com as regiões árticas, mas um verdadeiro continente, com planícies, vales e montanhas. Acredita-se que a cadeia de montanhas que o atravessa, desde o Mar de Weddell até ao litoral do Mar de Ross (onde está situada a Pequena América) é, na realidade, o prolongamento da Cordilheira dos Andes. Os picos mais elevados atingem a uma altura de aproximadamente 5.000 metros.

(Continua no próximo número)

Não há cortina de aço para o amor

MALGRADO AS ORDENS SEVERAS: FRATERNIZAÇÃO! ★ O SOLDADO RUSSO APRENDE DEPRESSA O ALEMÃO ...E COMPREENDE BEM AS ALEMÃS

DE cada dez soldados russos, estacionados na Alemanha, oito não saem, jamais, de suas casernas, salvo em algumas cidadezinhas provincianas, onde têm autorização para sair uma vez por semana, durante algumas horas. Os que são vistos nas ruas pertencem às unidades de polícia e às **Kommandaturas.**

Uma rêde de arame farpado **moral** — e algumas vêzes material também — cerca as tropas de ocupação soviéticas. O comando deseja, no extremo limite do possível, prevenir qualquer contato com os civis.

Inúmeros relatórios, que se encontram entre as mãos de todos os Estados Maiores ocidentais, revelam que, mesmo hoje, o **standard** de vida dos Alemães impressiona os soldados russos e os leva a comparações que o regime considera lamentáveis. Em 1945, as tropas combatentes tomaram por capitalistas — e os maltrataram como tais — alguns operários que tinham em suas residências quartos de banho, **water-closet**, relógio-pulseira, etc.

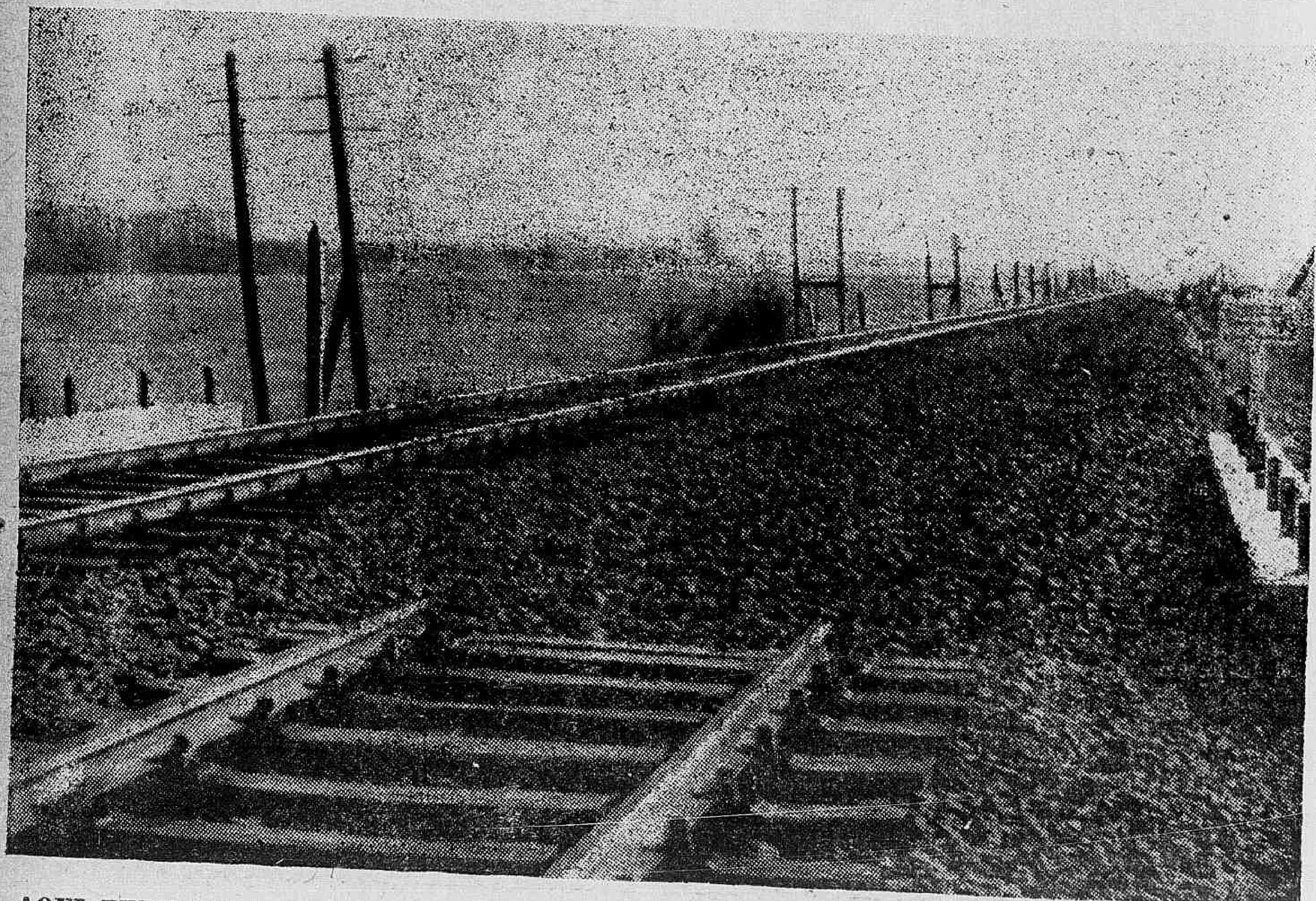
PÃES AÇUCARADOS E MANTEIGA SINTÉTICA — Para diminuir as probabilidades de contaminação pelo espírito ocidental, a vida das tropas é organizada cuidadosamente. E', a um tempo, laboriosa e edificante. O soldado se levanta às cinco horas, faz sua "toilette" e veste o fardamento em meia hora; recebe suas rações, entrega-se a trabalhos de treinamento, e limpeza do material sob sua guarda durante três horas; pratica o serviço exterior durante quatro horas e termina o dia com três horas de instrução militar e de formação política.

Três vêzes por semana são realizados desfiles, seguidos de manobras e exercícios de tiro.

A ração quotidiana de pão é de 700 gramas aproximadamente; a de açúcar de 50 gramas e a de matérias gordurosas de 30 gramas. Duas vêzes por dia, é distribuído meio litro de chá ou de café (ersatz). As refeições principais consistem em um "borch" bastante espesso, de "kascha", e uma sopa de couve e carne. A isso se junta, nos dias feriados, uma distribuição de leite e de pãesinhos açucarados. Todos os produtos alimentares do exército são **extraídos** dos territórios ocupados.

Os Russos adoram limonadas sintéticas, coloridas. Recebem, em média, um litro de **vodka** por quinzena, assim como oitenta cigarros e três pacotes de "Machorka" (fumo de tropa).

O sôldo mais baixo é de 45 marcos (do Este) por mês. O **chauffeur** de um caminhão militar percebe 180 marcos e 90 rublos. Um sub-oficial ganha 300 marcos e 150 rublos, etc.. Depois da reforma monetária, a fração dos soldos, paga em dinheiro russo, é trocada na União Soviética, significando isso que o mercado negro está pràticamente extinto. A semi



AQUI TERMINA O OCIDENTE — Por medida de segurança, ou porque lhes faltem trilhos, os Russos deixaram apenas linhas únicas, além de Berlim.

claustração das tropas nas casernas e nos campos, a interdição rigorosa de entrar nos cafés, nos cinemas e em todos os espetáculos civis, enfim, levam o comando a organizar divertimentos. As casernas e as barracas se chamam clubes. O cinema ali



VISÃO RARA: um oficial russo em passeio com uma mulher alemã

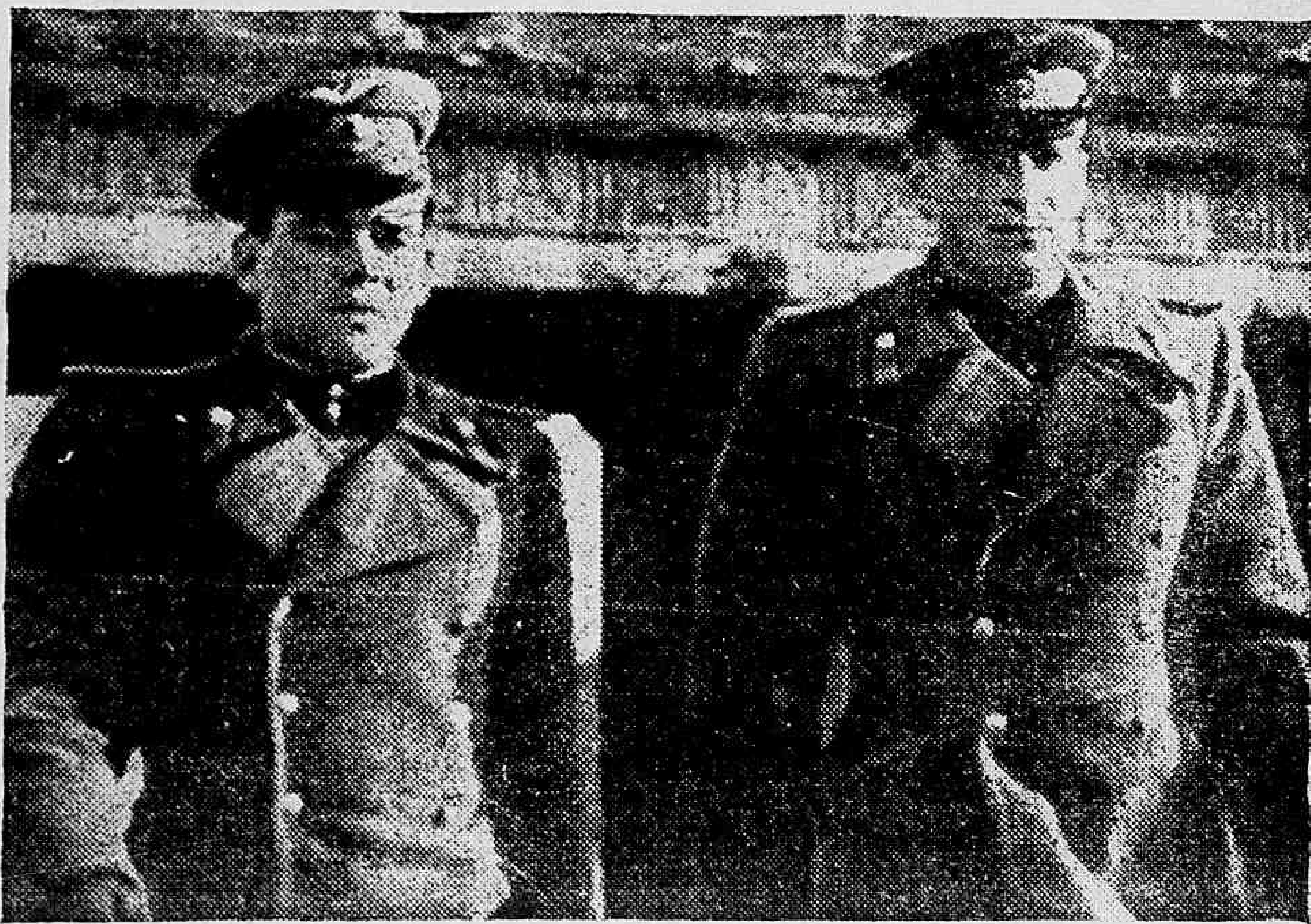
funciona, em princípio, tôda noite e, além dêle, os dois jogos mais praticados são o bilhar e — principalmente — o xadrez. Os soldados lêem regularmente o "Sovietskaye Armei", jornal do Exército, publicado em Potsdam. As bibliotecas contêm 60% de livros políticos, 20% de livros militares, 10% de livros pedagógicos e 10% apenas de romances.

O PROBLEMA SENTIMENTAL — A despeito das ordens implacáveis e da terrível disciplina que lhes é imposta, os soldados russos fazem esforços incessantes para entrar em contato com a população alemã. Muitos sabem o alemão ou o aprendem fàcilmente, graças ao dom linguístico comum aos eslavos. Admiram as Alemãs. Jamais tendo uma licença — salvo os oficiais — sentem pesar terrìvelmente o isolamento em que vivem e procuram, nostàlgicamente os contatos humanos.

Os serviços de informações ocidentais afirmam que mais de dez mil militares russos desertaram para viver clandestinamente na Alemanha. Muitos outros possuem, na residência de amigos alemães, uma valise contendo roupas civis e algum dinheiro. A complacência das populações com respeito aos simples soldados é extrema, mesmo na região onde o sentimento anti-comunista é mais vivo (no Saxe, por exemplo). Chega, geralmente, à cumplicidade. Diante disso é natural que o problema sentimental ocupe lugar importante entre os móveis que impelem os soldados russos a procurar contato com a população. Uma das razões pelas quais as autoridades militares proibiram, de maneira total, a fraternização é o extraordinário prestígio que as mulheres alemãs exercem sôbre os homens da tropa. Prendem-se a êles apaixonadamente e, se são separadas, a deserção ou o suicídio são as formas mais freqüentes de evasão. Entretanto, os serviços políticos do Exército vermelho não acederam em reabrir as casas chamadas "de tolerância". Foram fechadas como "instituições associais e desmoralizantes". O número de atos monstruosos, de violência inaudita, ocorridos durante o período da invasão, caíram bastante, estabilizando-se — segundo cálculos fornecidos pelas autoridades alemãs — entre seis a oito por semana por 10.000 habitantes. A média, mesmo assim, aumenta durante o inverno, estação das noites mais longas.

18% DE ENFERMOS — A experiência ensinou às mulheres alemãs que a melhor maneira de repelir as tentativas de seus vencedores consiste em apelar para a memória da mãe de seu perseguidor... A experiência destaca igualmente o fato, aparentemente paradoxal, que as mulheres bonitas têm mais probabilidade de se subtrair às violências que as outras. Suas súplicas e lágrimas têm maior poder, e acontece que o Russo, enternecido, desata a chorar também — quase sempre depois do ultraje — mas, algumas vêzes, também, antes.

A última estatística revela que o exército russo de ocupação acusa uma percentagem de 18% de enfermos, número que aumenta por ocasião das



VISÃO FREQÜENTE: o passeio a dois pelas ruas de Berlim.

manobras de outono. Êsses enfermos são tratados com bismuto e arsênico (cura abandonada na Europa ocidental, há dezenas de anos) pois que as quantidades de penicilina disponíveis são absolutamente insuficientes.

Uma limpeza geral é praticada mensalmente. O banho é uma obrigação tri-mensal, mas o sabão é coisa assás rara para permitir ao mesmo tempo a lavagem das roupas e os cuidados minuciosos com o próprio corpo.

Muitos soldados russos (em geral camponeses) sofrem de nostalgia; outros, entretanto, estão muito satisfeitos na Alemanha e temem ser mandados de volta para a União Soviética.

POUCOS OS QUE DESEJAM IR PARA O CÉU — Inúmeras histórias correm sôbre êsse tema.

— Fique tranqüilo, meu amigo — fizeram um enfermeiro alemão dizer a um soldado russo, mortalmente ferido num acidente de automóvel — Em breve você estará no céu...

— Não quero ir para o céu — respondeu o soldado, soluçando — quero continuar na Alemanha".

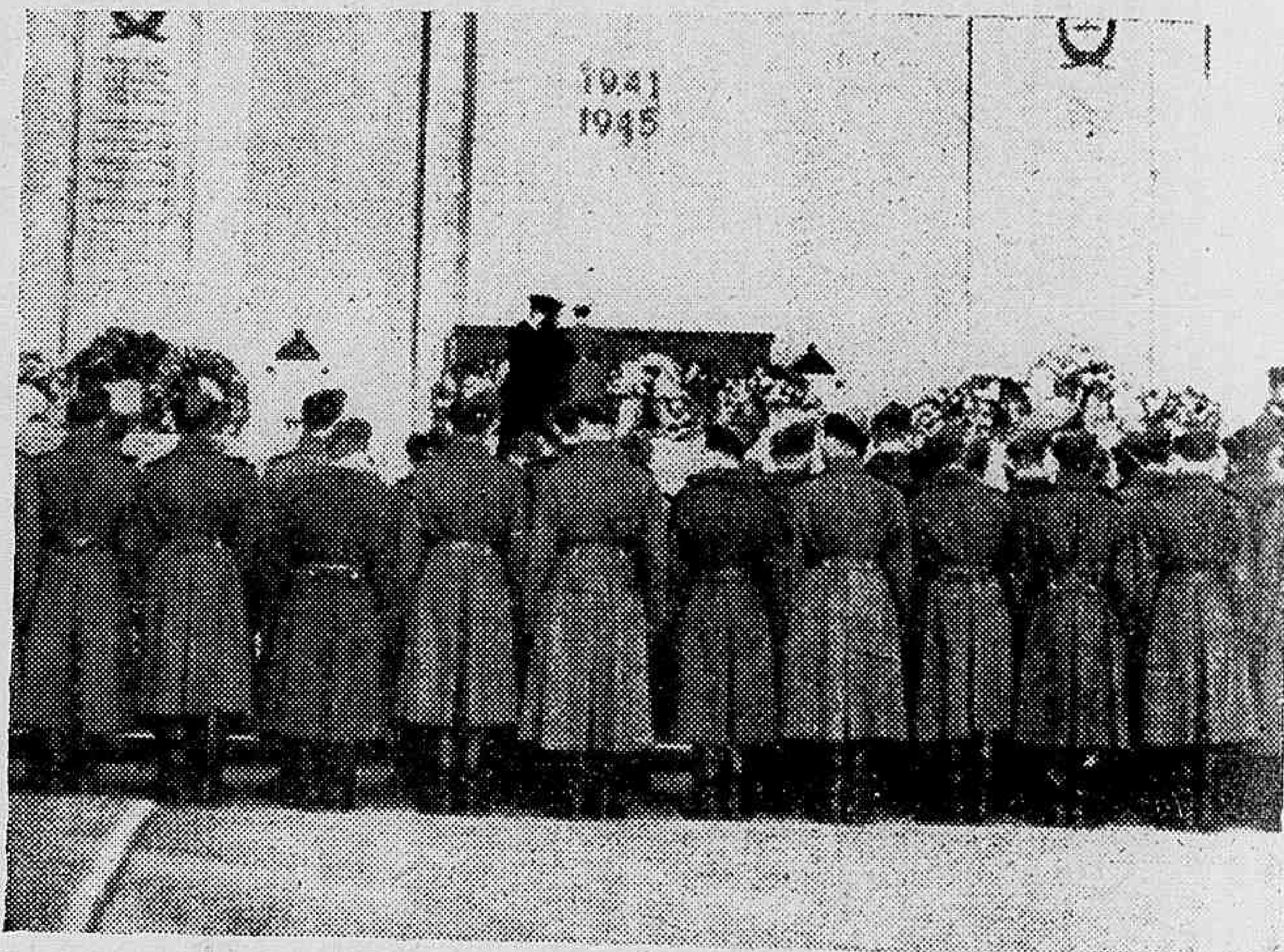
As razões dêsse desejo devem ser encontradas, antes de tudo, numa condição material melhor e, secundàriamente, nos laços que, a despeito de tudo, foram estabelecidos em numerosos casos individuais com o meio civil.

O orgulho e o chauvinismo russos coexistem, entretanto, com a impressão um pouco infantil, que têm da civilização e da vida alemães. Procuram dar ao soldado russo a "distração" dos "cursos de formação política", que certos soldados acham mortalmente aborrecidos, mas que outros engurgitam com uma confiança ingênua. Para êstes, todos os países conquistados pelo Exército vermelho são antigas terras eslavas liberadas do invasor germânico. A própria Berlim — pensam êles — é uma cidade russa que, afinal, voltou à coletividade dos povos soviéticos.

UM HOMEM, DE CADA QUATRO, DESERTARIA! — Vamos deixar aos serviços de informações ocidentais a responsabilidade do julgamento, **de conjunto**, que organizaram sôbre o moral das tropas vermelhas na Alemanha. Segundo as conclusões concordantes, o soldado russo.

1.º — Admite, sem reserva, a superioridade técnica dos anglo-saxões.

2.º — Teme a guerra a ponto de sentir aversão. Mesmo as grandes vitórias comunistas na China (exploradas mais pelo exército que pela política) foram impotentes para lhe despertar sentimentos belicosos.



VISÃO HABITUAL: visitas aos monumentos e cenotáfios.

"Na China — dizem os soldados — **sempre há guerra; isso não é bom.**"

Os especialistas aliados acreditam poder afirmar a seus chefes que um quarto, pelo menos, dos soldados de ocupação só pensaria, em caso de hostilidades, em desertar ou a se render aos Norte-americanos. O valor combativo dessas tropas — vanguarda de uma eventual invasão da Europa ocidental — estaria assim grandemente diminuída. Porém êsses mesmos especialistas (que dispõem de uma multidão de informações sôbre tudo o que se passa na zona russa) não estendem êsse julgamento a todo o Exército russo. Seu campo de observação se limita a uma pequena fração dêste (cêrca de 300.000 homens), colocados em condições assás particulares.

Além, por trás do Oder e do Vístula, é a noite!

CABELOS PARA OS CALVOS?

A despeito das afirmativas de que não há remédio para a calvície, alguns pesquisadores de Filadélfia acabam de descobrir um creme de hormônio que fêz crescer cabelos... nos ratos e na cabeça de dois homens, calvos há mais de cinco anos! O creme, denominado hormônio dermatrófico, fêz crescer cêrca de 20.000 fios de cabelos (um sexto do total médio de qualquer cabeça) nos citados carecas. Êsse hormônio é retirado das glândulas pituitárias do porco. Entretanto, êsse crescimento não foi ainda tão grande que chegasse para ser usado o pente, dependendo ainda de licença oficial para ser vendido ao público. Atualmente, só dois pesquisadores, sob responsabilidade pessoal, podem administrá-lo aos seus clientes, o que vêm fazendo ao custo de 80 a 100 dólares por série de três aplicações semanais!

..Incidentalmente, um cientista inglês declara que a mais conhecida causa da calvície, "alopecia areata", é a reação do corpo aos esforços físicos. Um dos fatores mais freqüentes é o choque mental ou forte ansiedade.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação)

Miles e Adams já estavam comendo feijão com farinha quando voltei ao acampamento, e os dois tropeiros haviam ido buscar o meu cavalo, que eu soltara na noite anterior, sem me preocupar, no momento, com o que lhe pudesse acontecer. Pouco depois os homens voltaram, dizendo tê-lo encontrado no caminho de Ponta Grossa, para onde êle, sem dúvida, se dirigia.

O estudo da natureza do cavalo e do burro faz parte essencial na educação de um viajante nessas regiões. Alguns homens sabem, instintivamente, onde encontrar um animal desaparecido, enquanto outros passam o dia inteiro procurando-o em vão. Neste nosso caso, contudo, era muito natural que o cavalo voltasse para Ponta Grossa — sua terra.

Antes de partir, dei aos meus hospedeiros um pouco de fumo e uma nota de dois mil réis que tinha no bôlso. Foi tudo o que lhes pude oferecer, mas êles pareceram ficar bem satisfeitos com aquilo, e estou certo de que êles teriam feito tudo o que fizeram sem exigir pagamento. Neste país a hospitalidade é a lei tradicional que une tôdas as classes, sem distinção, uma vez que ninguém sabe quando dela vai precisar.

Depois de caminhar uma hora, encontramos a nossa tropa que acabava de sair do acampamento, e às três horas da tarde parávamos nas margens do rio Tibagi, que tinha, neste ponto, cêrca de cinqüenta jardas de largura. As tendas foram armadas e os homens começaram os preparativos para esperar a chegada de Curling e do resto do pessoal. Enquanto faziam isto, fui nadar no rio; depois apanhei minha espingarda e em menos de meia hora matei grande número de codornas e narcejas, pois nesta região as havia em grande quantidade.

Só no dia seguinte descobri a razão desta abundância. Parece que o capim havia sido queimado um ou dois dias antes, numa área de diversas dezenas de milhas quadradas, nas adjacências. Em conseqüência disso, as aves haviam procurado refúgio na parte que o fogo não havia atingido.

O sol já estava se escondendo no horizonte quando Curling chegou com a turma. Os homens estavam bem fatigados da longa caminhada, que haviam feito de Ponta Grossa até ali, mas tiveram a agradável surprêsa de encontrar as tendas já armadas e a comida quase pronta. Um dêles havia matado uma enorme cobra no caminho, dando-se ao trabalho de trazê-la para mim, pois sabia que eu gostava de possuir espécimes de animais. Era uma jararaca — uma das cobras mais comuns e das mais venenosas do Brasil. Tinha um comprimento de cêrca de três pés e seis polegadas e era muito grossa. A cabeça era feia, larga e lisa. Seus colmilhos tinham quase três quartos de polegada de comprimento. A côr da pele tinha vários matizes de castanho, com um desenho muito artístico, mais acentuado nos tons mais carregados. O desenho consistia em uma fileira dupla de corações, dispostos simètricamente ao longo de todo o corpo, sendo cada coração adornado com um estreito debrum de tom castanho mais claro. Pode-se assim dizer que o corpo estava em perfeita harmonia com a cabeça, que também tinha a forma bem semelhante à de um coração.

Antes de tirar a pele dêste horrendo réptil, cortei-lhe a cabeça e esmigalhei-a no chão, sem me importar com o fato de que o mais ligeiro desvio da mão podia, a qualquer momento, expor-me ao risco de enterrar, em mim, uma daquelas fatais prêsas. Encontrei duas rãs no seu estômago, demonstrando, portanto, que os grous não são os únicos inimigos dos ditos batráquios.

Na mesma panela, que cozinhava as aves que eu matara antes da chegada da segunda turma, havia também diversos frangos gordos e uma dezena de ovos que haviam sido adquiridos, durante a viagem, em várias cabanas, situadas à margem da estrada. Tudo isto e mais alguns pães pretos dariam um régio repasto para os fatigados viajantes, regado com cerveja comprada em Ponta Grossa, ao preço comparativamente baixo de mil e quinhentos a garrafa.

Improvisamos uma mesa de caixotes do lado de fora da tenda e sôbre ela espalhamos as iguarias. Eu, Curling e Lundholm sentamo-nos com a consciência tranquila e com o perfeito prazer que sòmente têm aquêles que vivem uma vida silvestre, livre e longe da influência da Bôlsa e dos fiscais de impostos. Não precisamos de vinho Xerez nem de absinto para abrir o nosso apetite, nem necessitamos dos méritos efervescentes da champanha para animar o nosso espírito. Até Lundholm que, coitado, por não ter boa saúde, era geralmente de temperamento melancólico e mórbido, não pôde resistir aos encantos do ambiente, pela primeira vez na vida parecendo perfeitamente feliz.

Ao escurecer, quando acabávamos de jantar, apareceu um grande bando de aves noturnas, que ficou esvoaçando silenciosa e lùgubremente sôbre as nossas cabeças. Matei uma para ficar com um espécime, mas tive muita dificuldade para lhe tirar a pele, sem estragar, por causa de sua extrema delicadeza e tenuidade. Esta delicadeza de pele parece ser caracteristica das aves dêsse tipo. O Suruquá, uma espécie de curiango diuturno, que depois encontrávamos, freqüentemente, no grande sertão, tinha a mesma peculiaridade. Acho curioso que eu só me lembre de ter visto essas aves noturnas, que eram tão numerosas neste local, nesta noite e, em outra ocasião, em um dos nossos acampamentos no vale do Ivaí, onde elas, mais uma vez, apareceram em grande número. Provàvelmente elas se alimentam de uma espécie determinada de inseto ou escara-

velho, que sòmente é encontrado em certos locais e em pequeno número.

Como S— ainda não havia chegado com o restante da bagagem, decidimos esperá-lo mais um dia, naquele mesmo acampamento.

A uma distância de cem jardas de nossa tenda, via-se situada a choça do barqueiro, um velho decrépito que vivia com sua espôsa e uma filha. A última era uma moça de cabelos claros, rosto rosado e com dezesseis anos de idade, sendo sua aparência diferente do comum dos brasileiros. Como soubemos da existência de porco do mato numa mata que havia ali perto, eu e Curling contratamos o barqueiro para nos levar até lá, na sua canoa. Partimos depois do café, levando Perigo conosco. Neste mato passava um ribeirão, o Bitumirim, e subindo por êle esperávamos penetrar nos recantos mais ocultos do capão.

Saindo do rio principal e entrando no ribeirão, tivemos a impressão de ingressar em um outro mundo. Estávamos complètamente mergulhados numa floresta misteriosa e escura. Uma abóbada, constituída de um emaranhado de galhos de diversas espécies de árvores e inextricàvelmente entrelaçada com cipós e outras plantas trepadeiras, vedava o firmamento. Reinava um sossêgo completo e o silêncio era absoluto, salvo quando se ouvia, ocasionalmente, o grito estridente de um alcião grande que, tirado da solidão com a nossa insólita presença, voava zangado seguindo a direção do curso escuro do ribeirão.

Íamos sentados no fundo da canoa, perto da proa, enquanto o velho canoeiro, de pé, na pôpa, remava com grande habilidade, silenciosamente, rio acima, entre os obstáculos formados pelas árvores caídas. Ao dobrar uma pequena curva, três marrecas saíram d'água e voaram dando um grosnido assustado. — "Schiu!... não atire! Não atire!" — exclamou o velho, quando nos viu levar a coronha da espingarda ao ombro. — "Porcos, porcos!" — Procuramos ver, mas nada... Que queria o velho dizer?!... Continuou a pronunciar palavras que não entendíamos. Depois, contudo, êle se fêz mais compreendido, quando chamou a nossa atenção para alguns rastos frescos de porco no barro mole da beirada do ribeirão. Não havíamos ido muito longe e êle mais uma vez fêz "Schiu" e disse para prestarmos atenção. No mesmo instante, Curling, que estava sentado em minha frente, viu uns porcos na lama da margem, à uma distância de quarenta jardas. Deu dois tiros e, quando a fumaça se desfez, vimos um porco caído, morto, enquanto que os outros tinham fugido para o interior do mato. Esta foi a primeira caça grande que conseguimos matar e ficamos mais ou menos orgulhosos com o nosso êxito.

O animal era representante de uma pequena espécie de picari. Tinha a pele coberta de cerdas curtas, quase pretas. As prêsas, das quais havia duas em cada queixada, eram formidáveis armas aguçadas e triangulares. As da queixada inferior projetavam-se consideràvelmente da linha dos outros dentes, emprestando ao animal uma aparência sinistra. O velho explicou, por meio de sinais gráficos, que estas eram as armas com as quais, quando atacados, defendiam-se, estraçalhando homens e cachorros. Mais tarde iríamos conhecer a fôrça terrível destas perigosas prêsas e do ferimento que infrigem.

Não pudemos ir além porque, daí em diante, o Bitumirim não era navegável, em virtude de estar bloqueado por grande número de árvores, caídas de tempos em tempos, atravessadas no seu leito estreito. Portanto, pusemos o porco na canoa e voltamos, satisfeitos com a nossa caçada.

O traço mais característico da vida animal, que êste ribeirão silvestre e sombrio exibia, era os seus alciões, dos quais observei nada menos de três espécies.

Um azul e vermelho, menor do que o nosso, a Inglaterra, era o mais audacioso de todos. Êle pousava num galho que se estendia sôbre a água, imóvel, com exceção da cabeça que se movia constantemente de um lado para outro, enquanto a canoa se aproximava e, sòmente quando a proa estava quase encostando nêle, voava com o grito natural das aves de sua espécie. Não eram assim os outros dois tipos, sendo maiores do que a ave inglêsa, com colorido mais simples, parecendo, à distância, estarem vestidos de prêto e branco, ou azul e branco. Não consegui matar um sequer destas duas espécies, pois êles, invariàvelmente, fugiam ao pressentir a nossa aproximação. Enquanto voavam, faziam uma algazarra contínua com seus gritos, que só cessavam quando pousavam novamente. Embora não se vissem duas dessas aves pousadas juntas, ouso dizer que o macho e a fêmea ficavam sempre ao alcance da vista e do ouvido um do outro. Digo isto porque o pio de uma, em vôo, atraía invariàvelmente outra da mesma espécie à cena. Que vida solitária devem elas levar — pousadas o dia todo em algum galho, imóveis, nos recantos escuros dos silenciosos riachos da floresta!

Dos papagaios, que são abundantes nestas matas, não se via ali nem um exemplar.

Vínhamos notando, desde algum tempo, uma névoa peculiar na atmosfera e, ao sairmos para o rio principal, vimos o ar cheio de fumaça. Duas horas depois, estávamos apreciando uma queimada, no campo, à luz do dia.

O incêndio era do lado oposto ao em que estava situado o nosso acampamento, e ficava num nível mais baixo em relação à mata de que acabamos de falar. Por isso, o fogo só chegaria à uma distância de um milha de nossas tendas.

Depois de deixarmos o porco no acampamento, fomos ver a queimada mais de perto.

Estava-se aproximando do rio, embora lentamente, porque o vento estava fraco. A cena não era, absolutamente, impressionante, comparando-a com a tremenda conflagração que eu havia presenciado do alto de "Serrinha"; em todo o caso, não deixava de ter um aspecto interessante. Um rôlo de fumaça escura subia das chamas, formando uma muralha atrás delas e uma nuvem acima. No meio desta nuvem escura, bem no alto, via-se um bando de aves de rapina à espreita de uma vítima. Eram gaviões e butios de tôdas as variedades.

À proporção que o fogo avançava, codornas e mais codornas deixavam seu esconderijo e vinham deslizando sôbre o campo em direção ao

rio. E a todo momento algum ôlho perspicaz, lá do alto, localizava a prêsa e mergulhava com a velocidade do relâmpago em perseguição dela. Freqüentemente, isto acontecia quando a codorna estava atravessando o rio, quando era avistada pelo inimigo. Distinguíamos perfeitamente o ruído que a ave grande fazia no ar, ao mergulhar de uma altura de, talvez, 300 ou 400 pés acima do crepitar das chamas. Não se podia deixar de sentir pena pela sorte das infelizes codornas, assim perseguidas de todos os lados — mas a maravilhosa exibição da resistência de vôo das aves de rapina era muito interessante, transformando-se em um espetáculo absorvente. O seu mergulho era tão rápido que quase não podíamos acompanhar os seus movimentos e o nivelamento do seu corpo, quando perdiam o alvo, era da mesma forma rápido: — com um poderoso movimento da asa ponteaguda subiam mais uma vez, para ficar na altura do costume, onde preparavam-se para golpear a próxima vítima, ao ser enxotada pelas chamas.

O instinto, que faz êstes gaviões assim acompanharem o fogo, é extraordinário, e parece merecer um nome mais nobre.

Desejávamos que, quando o fogo chegasse à mata, espantasse alguma caça grande. Embora as chamas não pudessem passar de suas imediações, havia o tremendo barulho que as árvores fazem nestas ocasiões. O rugir das chamas era suficiente para fazer com que os animais, apavorados, procurassem refúgio na água. Entretanto, isso não se deu, embora esperássemos, de carabina e espingarda em punho, até o fogo se extingüir na orla da mata e na margem do rio. Todavia, não voltamos ao acampamento de mãos vazias. Enquanto estávamos sentados na margem do rio, apreciando a mata do lado oposto, vimos diversos peixes grandes subirem à superfície. Curling deu um tiro que pegou na espinha dorsal de um, cortando-o quase ao meio e matando-o instantâneamente.

Nesta noite, portanto, pudemos ter três pratos no jantar, isto é, peixe — entrada — pato e codorna e um prato de resistência: costeletas de porco do mato. Continuávamos assim a viver alimentando-nos com o que a região nos oferecia, despendendo apenas pólvora e chumbo, enquanto nossos tropeiros e os nativos se contentavam em viver comendo a gordurosa mistura de feijão com farinha, do princípio ao fim do ano. Nós nos maravilhávamos com a indiferença com que êles olhavam as pequenas riquezas que os rodeavam, e que ali estavam para todos, sem distinção.

No dia seguinte resolvemos continuar a marcha, embora S— ainda não tivesse chegado.

A primeira coisa que fizemos foi atravessar o rio Tibagi. Uma corda, feita com a casca de uma certa espécie de cipó, ficava sempre esticada, de um lado a outro do rio, tendo as extremidades prêsas em dois grossos mourões, colocados um em cada margem. A esta corda prendia-se, por meio de um laço corredio, uma balsa feita de três canoas unidas longitudinalmente, cobertas com um tablado e colocadas a fio comprido na correnteza. Todos os nossos animais atravessaram nesta balsa, em grupos de três, com as cangalhas no lombo, mas sem as cargas.

A maneira de movimentar esta balsa era bem simples. Iam, de cada vez, dois homens a bordo, puxando a dita corda e, sem empregarem muita fôrça, faziam com que a balsa deslizasse. A fôrça da água contra os lados das canoas — cujas prôas recebiam um ligeiro desvio, na correnteza, provocado pela pressão que os homens exerciam ao puxarem a corda — era a fôrça-motriz principal.

À primeira vista, tem-se a impressão de que as canoas, que constituíam a balsa, deviam ficar de frente para a outra margem e não a fio comprido na correnteza. Isto, contudo, é certamente uma ilusão, como mostrará um exame mais cuidadoso da balsa. De fato, a balsa — nome pelo qual esta invenção é conhecida — é, sem que muita gente saiba, um aparelho científico, dando uma ilustração prática e perfeita da grande lei estática. De fato, sua operação fez-me lembrar o Paralelograma das Fôrças, teorema físico que foi a maravilha e a admiração de minha juventude.

Por meio desta balsa, tôda a nossa tropa, com bagagem e material, foi transportada, com grande facilidade e segurança, para o outro lado do Tibagi, iniciando daí o nosso último dia de marcha nos grandes campos. Duas horas mais tarde, chegamos às fronteiras ocidentais, completando, assim, outra etapa de nossa jornada.

CAPÍTULO X

A "zona neutra" da floresta e do prado. ★ O acampamento em Ipiranga. ★ Cerveja inglêsa falsificada. ★ A carabina. ★ Hábitos interessantes do gaio do Brasil. ★ O Monjolo. ★ Um prado de corridas. ★ Os arredores de Ipiranga. ★ Paciência. ★ Duas florestas. ★ Caçada de macacos. ★ Uma ponte brasileira. ★ A hospitalidade do povo. ★ Comentário sôbre a formação dos prados. ★ A borboleta "oitenta e oito". ★ Mais uma exibição da carabina. ★ Uma "estrada" na floresta. ★ A mula cansou!

Olhando-se atentamente o mapa anexo ao fim do segundo livro, observar-se-á que a linha de demarcação, entre a floresta e o prado, fica situada à alguma distância de Curitiba, na direção do mar. No entanto, eu disse no texto que Serrinha ficava no comêço ou na fronteira dos prados.

Como êste aparente desacôrdo pode, talvez, confundir o leitor, apresso-me a dar aqui uma explicação.

E' simples. Não há, nesta provincia, um limite bem definido, separando a floresta do prado. Não são separados por nenhuma linha, por mais estreita que seja. Ao contrário disso, sempre notei que há uma zona ou faixa que varia, em largura, de dez a trinta milhas, aproximadamente, de terreno por assim dizer neutro; isto é, uma região que nem é tôda de floresta, nem tôda de prado, mas que é dividida entre si — havendo mais daquela do que dêste.

Assim sendo, no mapa, a divisão foi feita em qualquer parte dentro dos limites desta faixa neutra e, no caso especial que foi mencionado,

a linha representada aproxima-se mais da floresta do que da orla do prado, incluindo-se nesta faixa neutra todo o planalto de Curitiba. Qualquer divergência que exista entre o texto e o mapa fica, assim, explicada.

No decorrer desta exposição, o leitor verá que êste território neutro tem uma parte muito importante na prosperidade da província. Foi, de fato, o berço de todo o progresso real, que tem sido realizado desde os seus primeiros dias. Em todos os casos em que se fizeram tentativas para estabelecer povoações agrícolas, fora ou além de seus limites, não se conseguiu êxito; ao passo que as povoações fundadas dentro de suas fronteiras prosperaram, invariàvelmente, num maior ou menor grau.

O leitor verá que a análise racional do progresso comparativo desta zona reside, parcialmente, em seus próprios recursos superiores e naturais e em sua situação privilegiada entre as duas grandes zonas econômicas em que a província está dividida, isto é, o prado e a floresta, o pasto e as terras agrícolas.

Há, contudo, uma povoação que não está situada dentro dos limites desta zona neutra, mas que, não obstante, até aqui, tem tido um progresso considerável. Trata-se da cidade de Ponta Grossa, onde estivemos há pouco tempo. Entretanto, êste é um caso quase isolado e pode ser explicado pelo fato de a cidade estar, casualmente, situada no centro do círculo das povoações agrícolas que surgiram na "zona neutra" e, em conseqüência disso, passar por ali grande porção do comércio local. Ponta Grossa vive e se desenvolve por meio dêste comércio. Ela, em si, nada produz.

Ansiosos como se mostraram os habitantes de Ponta Grossa pela construção da estrada de ferro — é bem certo que um apito de locomotiva seja o sinal de seu colapso. Sua prosperidade é inteiramente arbitrária e desaparecerá, como fumaça, quando fôr estabelecida a comunicação entre o vale do Tibagi e o litoral.

Basta de digressão. Nós estávamos para atravessar, mais uma vez, êste território neutro — desta vez no lado ocidental do grande prado. A primeira vez que contemplamos esta nova ordem de coisas foi do alto de uma elevação, por onde o caminho de burros passava numa distância de seis milhas, além do rio Tibagi. Dêste local, vimos, outra vez, florestas enormes de pinheiros cobrindo as encostas das colinas e das montanhas, numa área de centenas de milhas quadradas. Se estivéssemos no cimo de uma altíssima montanha, veríamos que as grandes extensões de campo aberto estavam apinhadas de árvores, isoladas ou em grupos mais ou menos esparsos, entre estas florestas aparentemente compactas, e observaríamos, também, que em outros lados existiam muitas léguas de região de campina.

Daquele mirante, contudo, todo aquêle panorama, que surgia diante de nós, parecia o de uma vasta floresta que se estendia até a extremidade da linha divisória das águas, entre os dois rios — o Tibagi e o Ivaí — que estava à uma distância de, talvez, vinte milhas ou mais em linha reta.

Desde o dia em que subimos ao alto da Serrinha, e contemplamos, pela primeira vez, a vasta extensão do campo dourado se estendendo para o sul e para oeste, até se perder de vista, já havíamos atravessado quase oito milhas de região aberta contínua, sem que aparecesse uma única interrupção.

Apesar de sua monotonia, eu tinha, durante aquelas longas marchas diurnas, tomado grande afeição pelas grandes planícies ondulantes e pelos horizontes sem fim e, agora, quase lamentava que esta parte da nossa longa jornada estivesse por terminar.

Às duas horas, os pinheiros começaram a aparecer à nossa direita e à nossa esquerda e, meia hora mais tarde, estávamos viajando, em marcha vagarosa, pelo caminho fresco e sinuoso que passava em baixo dos seus galhos frondosos, ficando o prado para trás e esquecido.

Todos os pássaros, que estávamos habituados a ver na Serra do Mar, reapareceram, mais uma vez. Reconheci o picapau de topete escarlate, que me pareceu muito arisco e solitário.

Às três horas passamos por um rancho ou chalet, onde estavam fazendo mate. A erva-mate é ali encontrada em abundância, especialmente nos campos rasos.

Na aparência, a planta não é diferente do nosso azevinho inglês. Cresce sem cultivo e, apesar do valor do produto manufaturado, não é de propriedade de ninguém.

A valorização do trabalho talvez seja a única coisa que possa explicar esta negligência.

Depois de viajar duas horas seguidas, ora através de florestas ora através de terrenos cobertos de capim, por uma estrada que não havia piorado nem um pouco, desde que saíramos das campinas, chegamos ao local onde íamos acampar — na pequena povoação de Ipiranga.

As tendas foram armadas à margem de um riacho, tributário do Bitumirim — o qual limitava um lado de uma grande praça — que era o páteo de recreio da povoação. No lado superior desta grande clareira havia diversas casas pequenas, uma das quais era uma venda de primeira classe, cujos donos eram um português caolho, chamado Teixeira, e sua espôsa. Esta senhora era uma criatura bem antipática à primeira vista.

Nesta casa pudemos reabastecer nosso estoque de cerveja, ao preço baratíssimo de três shillings a garrafa, levando-se em consideração a distância em que estava situada a vila. Descobrimos, contudo, que a razão dêste preço barato foi que o sr. Teixeira adquiriu a cerveja em Curitiba, onde era fabricada, posta em garrafas com rótulos inglêses e enviadas para o interior, onde eram vendidas como cerveja inglêsa genuina. Entre as muitas garrafas de cerveja marca *"Bass anda Tenant"* falsificadas, descobrimos uma ou duas do artigo verdadeiro.

Para abrir os olhos aos futuros viajantes, posso dizer que a melhor maneira de se conhecer uma garrafa de cerveja inglêsa genuína importada é pela cápsula grossa de fôlha de estranho, artìsticamente colocada, ao passo que a cápsula da falsificada é feita de um material fino, dobrado à mão.

Sentimos falta de nosso jantar habitual de codornas e saracuras, mas Teixeira disse que ia mandar buscar os porcos, que estavam no outro lado da praça, e mandar matar um para nós.

Curling pediu-lhe que não se incomodasse. Era bastante que nos mostrasse o porco que queria e nós nos encarregaríamos do resto. Quando saímos dos pampas, Curling guardou a espingarda e, naquele momento, levava a carabina. Teixeira mostrou um porco que comia capim à uma distância de 120 jardas. Curling descansou o cano da carabina sôbre a cancela, onde estávamos parados, e, tirando uma mira cuidadosa, atirou. O porco, com espanto do sr. Teixeira, caiu mortalmente ferido. Desde êste momento, a carabina de Curling ganhou uma fama que durou, ininterruptamente, quase dois anos. Teixeira falou a todos na vila a respeito da eficiência desta arma, chamando a atenção para o tomanho da bala, que não era maior do que um chumbo de cartucho grande. Muitas pessoas da vizinhança vieram, durante o dia, ver a pequenina, porém poderosa, carabina.

S— ainda não tinha aparecido, por isso resolvemos esperar por êle mais um dia. Aproveitei assim a oportunidade para aumentar a minha coleção de aves. Matei três ou quatro espécies de picapaus e uma bonita ave da família do gaio, que até então não conhecia. Como tôdas as da sua espécie, esta ave era muito viva e inquieta, atraindo a minha atenção pelo seu pio peculiar, que consistia em uma nota dobrada, estrepitosamente, mas não áspero como a do seu primo inglês. Vi diversos saltando de galho em galho entre as fôlhas dos pinheiros e, ocasionalmente, perseguindo uns aos outros com alaridó.

Depois de haver atirado em um, os outros vieram olhar e, por isso, consegui pegar um segundo, em melhores condições para guardar como espécime.

A cabeça era coberta de penas pretas curtas e duras, que se eriçavam como os cabelos de uma escôva. O ôlho tinha uma expressão atrevida, produzida por uma orla de penas azul-claro que o cercava inteiramente, continuando para trás nos dois lados do pescoço. O peito e a ponta da cauda tinham uma côr de palha clara. A côr do dorso era de um azul muito escuro, quase prêto. As asas, como a parte superior da caúda, eram de um purpúreo-azulado profundo. De um modo geral, era uma ave notável na sua aparência exterior.

Cêrca de um ano mais tarde, tive a oportunidade de observar alguns hábitos dêste mesmo pássaro domesticado, ou melhor, cativo, pois foi um dêles pegado vivo e presenteado ao sr. Lloyd. Êste pássaro foi colocado numa gaiola e pendurado na sala de jantar de nossa casa, em Colônia Teresa, onde era fonte de alegria para todos nós. Alimentava-se, principalmente, dos duros grãos do milho e a maneira de comê-los era a seguinte: — Apanhava um grão no fundo da gaiola, voava para cima e, uma vez empoleirado, colocava cuidadosamente o grão de milho entre suas duas garras, conservando-o nesta posição, firmando-o de encontro ao pau do poleiro com uma unha de cada pé, deixando apenas um pequeno espaço descoberto, no meio do grão, para operar.

Tendo terminado esta primeira parte satisfatòriamente, êle, então, se retezava e, parando por um momento, olhava ao derredor e parecia dizer para os circunstantes: — Cavalheiros, agora vou começar. Então, recuando bem a cabeça e tornando todo o corpo e o pescoço rígidos, iniciava uma sucessão de golpes rápidos e vigorosos com o bico, resistente e ponteagudo, sôbre o grão. Êstes golpes eram dados com tanta rapidez que o ôlho mal podia seguir os movimentos do seu corpo. O espaço deixado para seu bico operar não tinha mais de um oitavo de polegada. Apesar disso, cada golpe dado ia certo ao alvo; caso contrário, o poderoso bico martelo reduziria os seus pés a frangalhos. Geralmente, meia dúzia dêstes golpes rápidos eram suficientes para quebrar o grão, caindo sempre um pedaço no fundo da gaiola. Isso sempre parecia confundi-lo, pois êle parava e virava exquesitamente a cabeça para o lado, como se estivesse a considerar o que devia fazer. Daí a pouco êle parecia sair desta abstração, apanhava o restante do grão, que ainda estava muito grande para poder engolir sem dificuldade, e guardava-o, cuidadosamente, na extremidade do poleiro. Isto feito, descia ao fundo da gaiola, apanhava o pedaço que havia caído e recomeçava o seu trabalho de martelo e bigorna. Geralmente, os golpes balançavam o poleiro e faziam cair o grão que êle havia guardado anteriormente.

Vem agora a parte cômica. O embaraço e o apuro da ave eram manifestados por suas freqüentes paradas, como para refletir, e pelas freqüentes tentativas vãs que fazia para conservar os dois pedaços, ao mesmo tempo, no poleiro. Quando dava o primeiro golpe em um o outro caía, e ela descia imediatamente para apanhá-lo. As gargalhadas, que dávamos à cada uma destas passagens, eram levadas a sério pela ave em apuros, que nos olhava, zangada, parecendo dizer: — Ora, façam o favor, de que estão vocês rindo? Por que não tratam de sua vida? Depois, voltava à sua difícil tarefa.

Era sempre, para nós, uma satisfação, ao vê-lo, afinal, abandonar um pedaço à sua sorte — embora contra à vontade — e dar bicadas no outro até ficar de um tamanho que pudesse ser engolido.

À uma distância de vinte jardas de nossas tendas, havia uma das mais curiosas e primitivas máquinas que se tenha podido inventar, substitutas do trabalho manual, movida pela fôrça hidráulica do pequeno riacho que mencionei antes. Posso apenas dizer que o homem que a inventou é mais inteligente do que aquêles que continuam a usá-la.

Chama-se monjolo e é destinada a triturar o milho, operação que se faz para transformá-lo em fubá.

Acredito que esta máquina tenha sido descrita por muito poucas pessoas que visitaram o Brasil. Darei aqui, por isso, uma descrição da mesma, para os que ainda nada leram a seu respeito. Êste monjolo a que me refiro consistia em um tôro de madeira, com mais ou menos dez pés de comprimento e quinze polegadas de diâmetro.

Numa das extremidades dêste havia uma cuba, grosseiramente escavada na própria madeira e, na outra, que era um tanto mais fina, ficava embutido um pedaço de pau rijo, de cêrca de dezoito polegadas de comprimento, adelgaçando para uma ponta romba, virada para baixo, que funcionava como martelo ou mão de pilão. Êste tôro parecia dividido em três partes. Na primeira ficava situada a cuba. Entre a primeira e a segunda, um eixo de madeira, e na extremidade da terceira ficava a mão de pilão, como já descrevi acima. Tôda a peça ficava suspensa por meio de dois munhões. O pilão era feito de um tronco de 1 metro de altura, escavado como uma forma comum ao almofariz, onde era colocado o milho. Na sua posição normal, quando não estava funcionando, ficava o tôro com uma ligeira inclinação para o lado do pilão. Agora vejamos como acioná-lo e, o mais importante, como conservá-lo em funcinoamento. Foi no conseguir isto que o inventor mostrou tão bem a sua inteligência.

Fêz uma reprêsa num trecho conveniente do riacho e daí a água era conduzida para a máquina, por meio de um ou mais troncos de árvores escavadas, formando calhas. A extremidade dessas calhas ficavam em posição superior a cuba da máquina, e a água, despejando na cuba, enchia-a, fazendo com que a extremidade do tôro em que estava colocado o martelo levantasse, sendo, dessa forma, a água despejada da cuba quese ao mesmo tempo. Faltando o pêso da água, o lado do martelo descia rápido sôbre o pilão, onde ficava até ao momento em que a cuba estivesse novamente cheia, observando-se assim uma operação de vai e vem. O martelo descia quando a cuba estava sem água e subia no caso contrário, produzindo assim o movimento de vai-vem a que me referi antes. Esta máquina especial dava uma pancada de meio em meio minuto e creio que socava cêrca de meia fanga por semana. Examinei-a duas vêzes: uma vez à noite, antes de me deitar, e outra de manhã, ao me levantar, depois de ter ela trabalhado a noite tôda, e não vi vantagem nenhuma, considerando-se o pequeno punhado de milho que tinha triturado durante aquelas doze horas.

Há, por certo, qualquer coisa de engraçado nestas máquinas, para as pessoas não habituadas a ver tais engenhos. Creio que existe muito exagêro no emprêgo de tanta fôrça para a consecução de uma quantidade tão microscópica de trabalho.

Além do monjolo e da venda, Ipiranga também tinha um prado de corridas onde, se o que o sr. Teixeira dizia era verdade, perdia-se e ganhava-se, ocasionalmente, muito dinheiro em grandes apostas. Êste prado consistia em duas pistas paralelas, tendo cada uma cêrca de 300 jardas de comprimento, já bem escavadas pelos cascos dos cavalos nas inúmeras carreiras realizadas.

Passamos a tarde nos divertindo, apostando parelha entre vários animais pertencentes à tropa, exceto, naturalmente, os burros. Os brasileiros corriam em pêlo, o que a ninguém surpreende, pois sabe-se perfeitamente como são desajeitadas as suas selas. Nós, no entanto, preferíamos correr à moda inglêsa, como diziam os nativos, isto é, de botas e esporas, com o cavalo completamente arreiado.

A população de Ipiranga não é, absolutamente, limitada aos habitantes das poucas casas que estão situadas na praça central. Desta praça grande saem muitas trilhas ou caminhos de burros em tôdas as direções, mostrando assim que havia outras habitações ali por perto. O fato é que tôda aquela parte da zona neutra, que ficava entre Ipiranga e a cidade de Tibagi, é mais ou menos habitada e cultivada. Grande parte do pastoreio e também das terras agrícolas da província ficam incluídas nesta faixa de território. Como nunca pude descobrir o que formava os limites exatos ou aproximados de Ipiranga, não posso dar aqui a sua população. Mr. Lloyd, no seu Relatório para o Govêrno Brasileiro, registra 400 habitantes. Êste cálculo, contudo, é muito baixo. No entanto, uma coisa é certa. Pessoa alguma viaja, durante mais de uma hora, por qualquer uma destas trilhas de burro, que formam uma rêde e se estendem até à cidade de Tibagi, por uma distância de trinta milhas em linha reta, sem encontrar uma casa de qualquer espécie — geralmente um chalet habitado por um caboclo (pequeno fazendeiro, ou colono) ou então uma chácara com currais grandes e muitas dependências anexas, pertencente a algum fazendeiro mais rico. Foi nesta região que a expedição, certa ocasião, adquiriu a maior parte de víveres, tanto para o primeiro como para o segundo grupo.

Mas, voltando ao assunto. Quando acabaram as corridas, tendo o cavalo de Curling — animal que êle havia comprado em Ponta Grossa pela importância um pouco elevada de 12 libras — levado todos os prêmios, ouvimos o tinir do cincerro de uma tropa e pouco depois apareceu S—, com os esperados burros e cargas. Êle explicou que havia se atrasado devido ao fato de não ter podido arranjar nada, nos primeiros dois dias que se seguiram ao de nossa partida, por causa dos preços exorbitantes pedidos pelos donos dos burros. Para transportar a carga pediam um preço que correspondia ao valor dos burros, e isto, simplesmente, como aluguel para uma marcha de seis dias. Finalmente, quando já não esperava mais conseguir condições razoáveis e se dispunha a ceder, apareceu um homem oferecendo fazer a viagem cobrando 3£,10s. por cada burro. Êste preço, embora fôsse o dôbro do que estávamos pagando pelo resto da tropa, era igual a quase dois terços do valor real dos burros, mas êle foi obrigado a aceitar. A já conhecida história, de que as estradas eram muito ruins, e que os animais ficariam inutilizados, foi novamente apresentada, a fim de servir de desculpa ao aluguel extorsivo. Já tínhamos, contudo, feito dois dos seis dias de viagem, sem encontrar nada parecido com aquêle pedaço de estrada não terminado de Curitiba.

Se não fôsse pelas constantes afirmativas dos tropeiros, com a seguinte frase feita: paciência, senhores, mais adiante v'm'cês hão de ver" — taxaríamos, na hora, de invenção de embusteiro esta batida desculpa.

Não havendo mais necessidade de retardar a marcha, partimos mais uma vez, todos juntos, na manhã seguinte, atravessando o Bitumirim logo depois que saímos da praça, por uma ponte de madeira que havia sido construída recentemente, entrando imediatamente numa região de grande paisagem de floresta, como até então não vira. Os pinheiros ainda eram os grandes monarcas e eram ali de maiores dimensões que os da Serra do Mar, pois, em muitos casos, tinham uma altura de cêrca de 160 pés, com um contôrno em proporção.

Abaixo desta floresta de pinheiros crescia uma outra, de aspecto inteiramente distinto da primeira.

Esta segunda, ou floresta inferior, era composta de árvores de crescimento tropical, juntamente com muitas espécies de arbustos da família da murta, palmeiras delgadas e altas, samambaias gigantes de vinte a trinta pés de altura, e touceiras de bambu. Via-se uma confusão de cipós, grandes e pequenos, suspensos em tôdas as direções, por entre os altos troncos e os longos ramos. Alguns pendurados como enormes cobras, e perfeitos na semelhança com a boa. Outros, de espécie diferente, tomando a forma de cabos gigantescos, se estendiam, tesos, como uma corrente de âncora, de uma árvore à outra. Ainda outros, de dimensões menores, ficavam balançando levemente no espaço, isolados ou trançados com outros, em forma de corda. Pareciam possuir e dispor da maior parte da mata, pois recreavam-se e seguiam os seus caprichos por onde os levasse a imaginação. Não havia uma só árvore que não fôsse envolvida, pelo menos, por uma dezena dêles, de várias espécies e tamanhos. Combinação tão rica e fantástica eu nunca vira. Durante quase duas léguas nós vivemos neste nosso *"beau ideal"* de uma floresta subtropical brasileira.

Eu cavalgava atrás, fechando a retaguarda da caravana, quando ouvi um tiro de espingarda, à alguma distância na minha frente, seguido de outro e mais outro. Esporeei meu cavalo e, quando cheguei à vanguarda da tropa, vi que alguns burros, que iam na frente, se haviam assustado com a fuzilaria que ainda continuava, estabelecendo-se entre os outros um tremendo pânico. Os animais, nervosos, apertavam-se uns contra os outros, formando um grupo compacto, atravessado no caminho, impedindo assim a passagem. Desmontei, entreguei o meu cavalo a um dos homens para tomar conta, e consegui passar pelos burros, chegando à cena do tiroteio. Lá encontrei Curling, Robertson, que era o almoxarife, e mais outro homem que levava a espingarda de reserva de Curling, todos em estado de muita agitação. Êles haviam-se encontrado com uma piara de macacos, que atravessava a estrada no momento em que êles por ali passavam. Dois já haviam sido mortos, mas eu ainda cheguei a tempo de ver a carabina derrubar um, da ponta de um altíssimo pinheiro. Caíram dois com o tiro; um estava morto e o outro caiu distante uns cinqüenta pés, sôbre uma árvore que ficava por baixo mas, retemperando-se imediatamente, fugiu de galho em galho atrás dos companheiros.

Um dos macacos que foram mortos era um velho e encanecido patriarca. Tinha uma longa barba grisalha, que lhe dava uma aparência intensamente humana. Os outros dois eram novinhos e, portanto, destituídos de tais ornamentos.

Depois dêste acontecimento, que veio animar um pouco a viagem, continuei a pé, na frente da tropa, logo depois ficando contente por assim o ter feito. Em primeiro lugar porque a estrada, daí em diante, era de *corduroy* e o solo era constituído de um barro duro que, na sombra, não secava nunca. Em segundo lugar eu sentia-me feliz porque, estando na frente, podia atirar em muitas aves e macacos, o que de outra forma não conseguiria. Atravessamos o Bitumirim, mais uma vez, pela ponte mais desengonçada que se pode imaginar. Construída sôbre umas pilastras que não ofereciam nenhuma segurança, inclinava-se, suspeitamente, para o riacho. O caminho para pedestres, que mal tinha seis pés de largura, era composto de travessas, prêsas ùnicamente por vigas frágeis de madeira, que iam de uma margem à outra por cima das ditas travessas, amarradas de espaço a espaço com cipós. Não tinha parapeito ou corrimão. Existiam grandes espaços abertos na ponte, pela falta das travessas que haviam caído n'água. A altura desta ponte acima do nível da água, na ocasião em que a atravessamos, era de cêrca de dezesseis pés.

Como os burros, carregados como estavam, puderam passar sem acidentes, é coisa que até hoje não pude entender. Os tropeiros apeiaram e puxaram os animais, evitando, assim, prudentemente, que um dêles caísse dentro d'água.

Uma ocasião eu vi uma tropa de burros espantar-se ao atravessar uma destas pontes frágeis. Os animais começaram a se comprimir e o resultado foi que muitos caíram n'água.

Logo depois de passar essa ponte, o terreno começava a elevar-se e a floresta voltou mais uma vez ao seu caráter temperado. O solo também transformou-se de barro em areia grossa e marga, misturada com seixos de basalto, tal como foi observado na mudança de prado para floresta.

Nós agora passamos por um aglomerado de "chalets" pequenos, situados numa várzea, que parecia se estender por muitas milhas em diferentes direções. O gado estava pastando por ali e muitos cavalos e burros descansavam à sombra dos pinheiros.

Paramos em um dêstes "chalets" para comprar um pouco de leite. Serviu-nos uma robusta matrona de aparência inglêsa, acompanhada de dois meninos espertos, de cêrca de 10 e 12 anos respectivamente, um de cada lado, formando a sua guarda pessoal. Nossa caravana não parou, por isso declinamos do convite para entrar e descansar um pouco. Esta senhora também não quis receber o dinheiro que oferecemos para pagar o leite. Era evidente que, quanto mais nos afastávamos da civilização, tanto maior era a hospitalidade que encontrávamos. Acampamos à uma milha mais adiante, a sotavento de uma chácara muito grande, cujo proprietário não permitiu que

comêssemos em nossas próprias tendas, insistindo para que o fizéssemos em sua casa.

Foi com alguma dificuldade que o persuadimos de que nos deixasse dormir em nossas tendas e, só quando êle viu, com os próprios olhos, como nos sentíamos bem nelas, cedeu. Não tomamos o café da manhã na casa da fazenda, mas tivemos, grátis, leite e ovos em abundância. Compramos também frangos gordos à razão de quinhentos réis cada um. Em sinal de reconhecimento pela hospitalidade, presenteamos o fazendeiro com três garrafas de cerveja, pelas quais recebemos os mais sinceros agradecimentos. A cerveja naqueles rincões distantes é considerada artigo de luxo, sendo o presente de algumas garrafas testemunho da maior estima.

O fazendeiro nos deu algumas informações interessantes com referência à formação dêstes campos imensos, que formavam a sua propriedade. Não se sabe ao certo como se formaram êstes pampas Sul-Americanos. Alguns dizem que êles já foram cobertos de florestas, de onde era tirada madeira. Outros dizem que êles são assim descobertos e sem arborização desde o dia em que surgiram das águas do "dilúvio". Sem a pretensão de dar, aqui, opinião sôbre esta grande questão geral, posso, contudo, registrar um fato interessante, talvez sobejamente conhecido, o qual se resume nas operações, para transformar terras de floresta (de uma certa espécie) em terras de campina, aumentarem dia a dia, ocasionadas pelas queimadas. E, além disso — o que, talvez, muita gente ignore — esta mesma terra, quando transformada em prado, não tende a voltar à sua condição primitiva. Êste é um ponto forte a favor daqueles que sustentam a opinião de que os prados já foram cobertos de florestas. No entanto, eu disse, antes, que a floresta deve ser de uma certa espécie. Uma das características da floresta pròpriamente dita é que, quando qualquer porção dela é limpa a machado, a fogo, ou então por ambos, sempre tende a voltar ao estado primitivo e, de fato, voltará, se fôr abandonada por um número de anos suficientes para isto. Assim é a terra do vale do Ivaí, onde as cidades e as aldeias, que foram fundadas pelos espanhóis e pelos Jesuítas no século dezesseis, e que ficaram abandonadas depois de cinqüenta anos de habitação ou mesmo mais, estão, novamente, cobertas de floresta.

Contudo, a zona neutra intercalada de floresta e prado não é, geralmente, dêste caráter. Em grande parte, as suas florestas se consistiam em pinheiros e bambus. Posso dizer, com tôda certeza, que em todos os lugares onde se encontra, em qualquer quantidade, junto com uma floresta de pinheiro — uma espécie particular de bambu, igual à que se vê, geralmente, nas terras mais altas desta província, o terreno em que ela assim floresce pode, no decorrer de alguns anos, ser convertido a campo ou terra de campina, por meio de queimadas, feitas duas vêzes ou no máximo três vêzes naquele período: e o terreno assim limpo não tende a voltar ao estado primitivo.

A marcha do dia seguinte continuou por uma região onde predominavam as florestas e que se tornava cada vez mais montanhosa, à proporção que avançávamos.

Grande número de árvores caídas atravancavam a trilha por onde seguia a caravana, e por isso o progresso da tropa era muito lento. Eu e Curling, com um de nossos camaradas brasileiros, chamado Pedro, passamos para a frente da tropa, a fim de melhor apreciar as muitas coisas interessantes da natureza animada e inanimada que, agora, surgiam a cada momento e em cada curva do caminho na floresta.

Íamos subindo, do vale do Tibagi, em direção à linha divisória de águas, separando êste rio do Ivaí. De quinze em quinze minutos atravessávamos um pequeno vale, cada um com o seu riacho de água corrente, que contribuía para aumentar o volume do "Rio de Muitas Águas" (o Tibagi). Cada um dêsses riachos era o retiro de miríades de borboletas, de tôdas as variedades, tamanho e côr, cobrindo literalmente o solo, e que, ao aproximarmo-nos, voavam escurecendo o espaço. Muitas tinham rabos parecidos com os das andorinhas e outras o tinham espêsso como a da ave-do-paraíso. A estas, mais tarde, batizamos de *borboleta oitenta e oito*, porque apresentam, nìtidamente, êste número, em algarismo, no lado interno das duas asas inferiores. Os lados externos das asas eram completamente diferentes dos inferiores, sendo daquela côr peculiar azul e roxo lustroso, que muda seus matizes, como a plumagem dos beija-flores, com a incidência da luz sôbre elas. Entretanto, os lados superiores tinham três côres: vermelho, pardo e branco acetinado. Descrevo esta borboleta, não como sendo uma raridade, mas, ao contrário, por ser a mais comum na província do Paraná. Delas eu achava uma em cada quatro borboletas, nos principais vales da província, isto é, Ivaí, Tibagi e Ribeira. Sem dúvida, é também encontrada no matagal do vale do Iguaçu. Grande número de espécies parece ser encontrado, apenas, em determinado local, sendo a divisão de suas diversas famílias marcada pela vegetação da floresta. Tal, por exemplo, era o caso de uma borboleta azul brilhante, muito grande, que também vimos, noutro dia, esvoaçando no espaço, bem diante de nós, por entre os bambus, onde ùnicamente são encontradas. Em outros casos, embora sejam seus limites distintamente definidos pela aparência exterior arbitrária, passam, entretanto, despercebidas ao ôlho do observador leigo.

Depois de uma longa marcha — considerando-se a natureza da região — de quinze milhas, Pedro avisou que havíamos chegado ao lugar onde a tropa devia parar para descansar.

Um pequeno rancho ocupava um canto da clareira coberta de relva, semelhante a muitas que já tínhamos visto antes. Grande número de bois semibravios pastavam e olhavam para nós, escavando o chão, mostrando o seu desagrado pela nossa intromissão nos seus domínios. Não ficaram, entretanto, em dúvida quanto à nossa intenção, porque, como havíamos escolhido um para matar desde o momento que os vimos, não perdemos tempo para pôr o plano em execução.

(*Continua no próximo número*)

PRISÃO ABERTA

Por DAVID HUME

(Continuação do número anterior)

— Estou aterrorizada, Mick, murmura Jeanne.

— Alegre-se, Jeanne. Poderia ter sido muito pior. Além de tudo, estamos bem recompensados por um banho inesperado. Devemos agora esquecer a emoção, restabelecendo a serenidade.

— Mas, por que aquêle homem não parou, quando viu o que acabava de fazer-nos?

— Talvez tivesse receio. Certos condutores de auto se tornam covardes quando erram a manobra sôbre duas pessoas.

— Você não tem nervos, Mick?

— Acho que êles estão escondidos nalguma parte. Logo que chegarmos ao hotel, você vá para seu quarto. Mandarei servir-lhe uma bebida quente. E' preciso também que tome um banho de mostarda, e vista depois a roupa sêca que lhe mandarão.

— Você pensa em tudo, disse Jeanne ternamente.

Mick se voltou para ela, e vendo-lhe o brilho dos olhos, passou a andar mais depressa.

— Não creio absolutamente numa derrapagem acidental daquele carro, afirma subitamente a moça.

— Não ligue mais importância àquilo, respondeu Mick. Talvez que o chofer houvesse bebido... Sim, é esta a explicação, a boa explicação para o caso.

— Você deve estar certo de que não crê nisso, Mick. Diz apenas para acalmar-me. Jamais um homem embriagado poderia executar uma manobra tão complicada sem cair nágua. E' possível que eu não seja muito inteligente; mas não posso, de forma alguma, acreditar que tenha havido um fato involuntário. Penso que aquêle motorista tentou matar-nos. Estou certa disso.



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O Sr. Milsom Crosby, bastante rico, tinha uma mania: tôda vez que delinqüentes da pior espécie saíam da penitenciária de Ashburton, ia êle até lá e os conduzia a propriedades suas, dizendo que estava fazendo obra de alta humanidade: preparando os ex-sentenciados à vida social. Isso despertou a curiosidade dos detectives Cardby, da firma Cardby & Filho, os quais começaram a investigar. Inesperadamente, um telefonema os pôs em contato com Milsom, que manda falar-lhes pessoalmente por sua filha, consultando-os se querem tomar conta de um caso de desvio de rendas numa de suas emprêsas de Barcelona. Mas os dois detectives não aceitam o encargo e começam a investigar a vida que êsse Crosby estava mesmo levando. A êsse tempo estavam, pai e filho, trabalhando para descobrir grande derrame de cédulas falsas, tão perfeitas que se confundiam com as legais. Milsom Crosby não se conforma com a negativa dos detectives e os convida para conversar em sua própria casa, o que se dá, encarecendo o mesmo Crosby a necessidade que tinha de entregar o caso dos furtos de Barcelona a detectives da fama dos Cardby. Mas os policiais não aceitam e voltam para seu escritório, deixando Crosby indignado. Nesse ínterim, um antigo sentenciado de nome Kent, que estava sob a regeneração de Milsom Crosby, ao voltar para a companhia de seu pai, é alcançado por um auto em disparada e morre. Mick e o velho Cardby suspeitam de um crime: o rapaz fôra morto para não falar. E vão os dois, apressadamente, até a casa do pai de Kent, averiguar se há possibilidade em tais suspeitas. Em casa de Carter, pai do operário assassinado e ex-sentenciado que vivia sob a proteção de Crosby, os dois detectives examinam as circunstâncias e mandam proceder a exames químicos de manchas encontradas numa das mãos do morto. Os analisadores disseram, em seguida, que se tratava de anilina. De suspeita em suspeita, pai e filho decidiram ir dar uma busca nos arredores de Ringwood. O rapaz morto no acidente, e que estava na companhia de Crosby, dava ao velho Carter, seu pai, o endereço de New-Forest, perto de Ringwood. Para tomar o trem ou telefonar ao velho, Kente se servia da estação de Waterloo. Tomando seu carro Mick foi, em companhia do pai, averiguar os arredores e descobriram o quartel-general de Milsom Crosby. Com as maiores precauções, chegaram a um muro alto e Mick, subindo a uma árvore que servia de escada, olhou para o pátio. Viu então uma cena sensacional: um jovem passeava ao ar livre com um ancião de roupas surradas que tinha as mãos prêsas a correntes. Era um carcereiro com o seu prêso. Depois de localizar o casarão, voltaram ao escritório e decidiram renovar a visita, mas naquela mesma noite. Assim fizeram. Hospedaram-se num hotel dos arredores e, faltando um quarto para as dez, êles seguiram para a casa de Milsom. Depois de várias peripécias, conseguiram escalar o muro. Estavam em investigações quando Milsom chega em companhia de outros comparsas e, desconfiando que os detectives estavam por ali, pelo fato de ter Milsom descoberto o carro de Mick escondido sob umas moitas, manda soltar os cães e dar uma batida por todos os lugares. Um dos homens de Milsom é pôsto fora de ação por Mick, com violento golpe de cassetete. Os cães também não podem fazer nada porque Mick esparge um líquido especial para anular o faro dos cachorros. Milsom se enfurece com o insucesso e sai fora do muro na certeza de que os detectives estão por lá. Suas ordens são para que, logo que avistem os dois ou um dêles, atirem para matar. Pai e filho não se atemorizam e entram no covil. Estavam os dois naquele compartimento quando ouviram ruído e aos poucos a parede começou a fender-se, separando-se em duas. Uma jovem apareceu e êles a surpreenderam. Assustada, confessou que era prisioneira, com o pai, naquele covil. Os detectives resolveram obter informes por intermédio dela e começaram a dar buscas pelos corredores e outros salões e quartos do subterrâneo. Graças à moça, puderam descobrir que o velho que Mick vira antes passeando, algemado, no jardim, era o pai da jovem e a quem Milsom Crosby incumbira de preparar as tintas para o dinheiro falso. Depois de várias diligências, dominando os vigias e outros auxiliares do criminoso-mor, pai e filho voltaram para o local da parede que se abria e pediram à moça que a acionasse. Mas, com surprêsa, o motor não funcionou e êles ficaram prisioneiros no subsolo. Um dos capangas de Milsom, que fôra ferido quando procurava reagir, co-

—Bem. E' como queira, minha querida. Êsse banho nas águas do Avon causou-lhe, sem dúvidas, um choque, e agora você está com umas idéias interessantes.

Logo que chegaram ao hotel, Mick chamou o pai, enquanto Jeanne subia as escadas: Quando o velho detetive se aproximava do filho, Jeanne voltou do meio da escada e estendeu a mão a Mick.

— Desculpe-me, disse ela. Estou ainda tão nervosa que nem sequer me lembrei de agradecer-lhe o ter salvo minha vida.

Cardby arregalou os olhos ao ouvir aquelas palavras e reparou nos rostos pálidos dos jovens e nas suas vestimentas molhadas.

— Está bem, Jeanne. Vá depressa trocar de roupa.

A moça se afasta com passo vacilante e pesado. O velho se volta para Mick.

— Ué! Que se passou então, meu rapaz?

— Venha comigo. Eu contarei o caso enquanto troco de roupa. Vejo que fiz muito bem ao trazer alguns ternos.

Em seu quarto, Mick narra a seu pai o episódio do automobilista que os quis assassinar.

— Começo a lamentar o ter-me metido nessa história, diz o velho detetive. Estamos num verdadeiro cipoal. Quem pode saber ou afirmar que você esteja mesmo no caminho certo? De onde viria êsse automobilista?

— Gostaria de poder responder às suas perguntas, papai. Se êle houvesse chegado à ponte um minuto mais cedo, ter-nos-ia pegado em cheio, matando-nos. Teriamos sido lançados sôbre a amurada e imprensados contra os ferros. Tivemos, porém, mais chance. Quer descer e pedir uma bebida quente e roupa enxuta para miss Lasser? Vou juntar-me ao senhor dentro de poucos minutos.

Eram onze e meia quando Mick desceu para o hall. Todos os demais companheiros de Cresset Lodge haviam saído. Sòzinhos, estavam o hoteleiro e os Cardby. Ali demoraram mais um pouco.

— Os senhores vão ficar ainda por mais tempo aqui no hotel? — Indaga o hoteleiro.

— Talvez que meu pai ainda fique por mais um dia ou dois, responde Mick. Quanto a mim, devo partir amanhã pela madrugada. E' possível que eu volte, em seguida, para pescar a linha.

— Eu não acreditaria que isso fôsse muito de seu agrado, Sr. Cardby.

— E' um bom calmante para os nervos.

Ficam durante minutos em silêncio, mergulhados em suas meditações. Sùbitamen-



meçou a rir da situação dos detectives. O velho pai da moça se lamentava, enquanto outros cativos, que trabalhavam à fôrça para o falsário, se resignavam com a sorte. Iriam todos morrer de fome. Com certeza, Milsom descobrira o que se passava e prendera os detectives como numa ratoeira. Mas Mick não perdia a esperança e, depois de muito calcular e procurar uma saída, remexendo por todos os lados, chamou o químico que trabalhava como um dos escravos. Não havendo outro recurso do que recorrer a um processo violento para escapar à morte lenta pela fome, Mick combina com o físico Talbot a preparação de um explosivo, e, meia hora depois, com as maiores cautelas, vai colocá-lo à beira da parede que daria passagem para fora da prisão. Todos aguardam, temerosos o desfecho do plano de Mick. Foi aceso um pavio feito com cordões de sapatos de prisioneiros e, mais ou menos à hora prevista, deu-se o estouro. Parecia que tudo vinha abaixo. O ambiente se cobriu de pó e a parede fatal veio abaixo, arrastando largo trecho de soalho do andar superior. Mick mobilizou os homens e êle mesmo chefiou a remoção do entulho a fim de abrir passagem. Depois de horas de luta, com as vestes enegrecidas e as mãos sangrando, êle conseguiu chegar a um buraco no andar de cima. Mas era tanta quantidade de escombros obstruindo a passagem que êle desanimou. Falou em particular ao seu pai. Esperaram que Gribble, atraído pelo estrondo, os viesse socorrer. Mas em vão. O tempo urgia. Era preciso sair daquela toca em desordem. Mick redobrou de esforços com os homens que podiam ajudá-lo e conseguiu meter-se pela fenda. Mas recuou. Lá em cima lavrava perigoso incêndio e o compartimento por onde poderiam escapar estava cheio de fumo e as chamas crepitavam do lado de fora, não tardando que invadissem aquêle quarto. Mick voltou a falar ao seu pai. Era preciso agir sem demora. Muniu-se de um grande lenço de sêda e com o mesmo protegeu a bôca e as narinas contra a sufocação. Todos ficaram perplexos. O velho Cardby procurou dissuadi-lo da temerária aventura. Que esperasse pelas providências da polícia, pois estava avisada de que, se demorassem até a madrugada, viessem em seu socorro. Mas o rapaz não concordou e se atirou pelo buraco do soalho e enfrentou as chamas. Quase sufocado pelo fumo denso e o calor infernal que fazia, com o seu cassetete arrebentou uma janela, queimou-se nas mãos e conseguiu sair do ambiente. Ao chegar ao pátio, viu que os bombeiros ficaram admirados de sua aparição, pois, das pesquisas feitas por êles ao chegarem, parecia que não havia ninguém no casarão. O detective pediu que salvassem imediatamente as outras pessoas que estavam lá dentro, deixando para dar explicações depois. E, êle mesmo, comandando bombeiros e policiais, fêz introduzir na fenda um cabo de metal e retirou, um a um, os condenados à morte. Os criminosos comparsas de Crosby foram levados para o pôsto policial do distrito, enquanto Mick e seu pai, conduzindo os prisioneiros de Crosby, iam almoçar, limpar-se e descansar um pouco no hotel, onde se haviam hospedado na noite anterior. Mick estava intranqüilo com a sorte dos seus protegidos, temendo alguma cilada de Milsom Crosby. O telefone tocou e êle foi atender. Era sua secretária comunicando que a filha de Milsom desejava falar-lhe. Mick deu instruções a Miss Rayne e contou ao velho Cardby o que se passava. Bastante ansioso para saber o que desejava dêle a moça filha do grande criminoso, marcou com ela um encontro longe da cidade, tomando tôdas as precauções, temendo traição. A jovem lhe expôs então que o pai estava desaparecido e que ela vinha pedir a Mick que a ajudasse a descobrir-lhe o paradeiro; mas, quando ela lhe disse que podia contar muita coisa que o detective ignorava, Mick se dispôs a ouvi-la naquele hotel de Winchester. Depois de ter estado em conferência com a filha de Milsom Crosby, Mick se comprometeu a ir caír em campo para descobrir o paradeiro do chefe do bando. Mas, de volta para o hotel, conta a seu pai e ao detective Gribble tôda a história da filha de Crosby. Naquela mesma noite, passeando com Miss Jeanne pela ponte, quase é vítima de atropelamento por um auto em disparada. Caindo n'água com ela, Mick conclui que fôra vítima de um atentado. Mais tarde o telefone o chama e êle ouve de Milsom Crosby as mais sérias ameaças. Por fim, diz o chefe dos falsificadores que forçará o abandono do seu caso por Mick, porque tem a vida de sua mãe nas mãos. Mick fica num estado nervoso culminante, mas não abandona o programa de agarrá-lo.

te retiniu a campainha do telefone. Mick saltou como um gato:

— Não se incomode, é para mim.

Seu pai se ergueu e o seguiu até à cabina. Mick retira ansiosamente o receptor do gancho. Como que se perguntava a si mesmo o que se iria passar, e foi com certa dificuldade que procurou mostrar firmeza na voz que tremia um pouco:

— Alô! Quem está falando?

— Eu desejava falar ao Sr. Michel Cardby, respondeu uma voz que Mick reconheceu imediatamente.

— E' êle mesmo a quem fala, Milsom Crosby, — respondeu Mick.

Ligeiro ruido chegou aos ouvidos de Mick, como de sussurros à meia-voz.

— Eu já previa que o senhor reconheceria a minha voz. Boa noite. Esta tarde eu lhe mandei uma advertência por um dos meus empregados, para que o senhor abandonasse o caso dos meus negócios. Êste conselho se estende igualmente ao seu pai. Concedi-lhe tempo suficiente para que refletisse sôbre meu aviso e agora espero sua resposta.

— Não lhe farei esperar muito, Milsom Crosby. Estarei pronto para abandonar o assunto no momento preciso. Êste momento será justamente aquêle quando o senhor partir para Dartmoor, que as grades da prisão se fechem por trás de suas costas. Penso que me fiz compreender muito bem.

— O senhor não é mais do que um jovem imbecil, Cardby, caso esteja pensando que pode meter-me na cadeia!

— Antes de o senhor dizer-me isso, outras pessoas também me falaram dessa maneira: mas, por estranho que isso pareça, também outros não foram bons julgadores. Eu o pegarei, Milsom Crosby.

— Muito divertido! Eu já o preveni bastante; agora, tudo o que poder acontecer-lhe, correrá por sua própria conta. Todos aquêles que se metem em meu caminho são liquidados. O senhor sabe muito bem disso. E será o que poderá suceder-lhe também, em circunstâncias ordinárias. Agora, porém, vou preparar-lhe qualquer coisa de melhor. Sua hora chegará; mas, antes, vou divertir-me à sua custa, de tudo o que lhe é mais caro, de tudo o que representa sua própria razão de existir. Depois, quando o senhor estiver reduzido a um trapo miserável, eu então o suprimirei. Não antes.

— Espero não entravar o seu programa. Onde está neste momento?

— Ainda na Inglaterra. Ainda posso conceder-lhe um último recurso; tanto ao senhor como a seu pai. Caso ainda recuse, então...

— Não se incomode tanto, — interrompeu Mick. Já o senhor tem a minha resposta, que é igual à de meu pai: é que o senhor não nos escapará, Crosby!

— Duvido, Cardby. Tenho todos os trunfos em mão, e repito que me deixe tranqüilo. Se aceita o alvitre, estou disposto a ser generoso e fazer as pazes com os senhores.

— Não damos a isso o nome de generosidade. O senhor tem tudo a ganhar e nada a dar. O que quer é blefar.

— Crê nisso? Ora, ouça-me, Cardby, e compreenderá que Milsom Crosby jamais blefa. Já decidi que, se o senhor persistir na sua resolução, empregarei uma arma que o forçará a ajoelhar-se diante de mim. Previno-o de que tudo já está pronto.

— Ainda não estou de joelhos, e não creio que venha a ficar.

— Acha isso? Mesmo que eu lhe diga, que, se não mudar de rumo, uma pessoa que lhe é muito querida sofrerá as conseqüências?

— Que pessoa? Não vejo até aonde quer chegar.

— Para ser de todo claro, eis o que quero dizer: resolvi que sua mãe viesse até minha casa como convidada. E ela já chegou.

Mick se apoia à parede, empalidecendo.

Capítulo XVI

EM BUSCA DE UMA PISTA

O velho Cardby se debruçou sôbre seu filho, ansioso por saber o que havia causado tanta emoção. Quis falar-lhe, mas o rapaz lhe fêz sinal para que não pronunciasse uma só palavra. E prosseguiu com o diálogo telefônico.

— Quer então o senhor dizer que minha mãe está em sua casa? — Perguntou com voz cheia de emoção.

O velho pai não pôde conter um gesto de piedade ao ver que o filho estava angustiado.

— Sim, é isso mesmo, responde Crosby com voz tranqüila. Se o senhor promete que não mais se interpõe em meus negócios, eu garanto devolver-lhe sua mamãe sã e salva; do contrário, não posso garantir que o senhor a possa rever jamais. Quer resolver agora?



Resolvo o seguinte, Milsom Crosby: se o senhor usar de qualquer violência contra minha mãe, o senhor não chegará a Dartmoor, pois que, no dia em que o senhor tocá-la, estará marcado o dia de sua morte, Milsom Crosby!

— Isso tem ares de ameaça; mas eu não tenho mêdo. O senhor não está em situação de impor condições, e sabe muito bem disso. Mas quero ser ainda magnânimo e lhe dar mais doze horas de meditação. Amanhã, à hora do almôço, voltarei a telefonar-lhe. Até àquela hora sua mamãe estará em segurança. Daí por diante, tudo vai depender de sua resposta. Em seu lugar eu pensaria nas coisas antes de decidir o assassinio de minha mãe, como o senhor fará, se recusar minha proposta. Era tudo o que eu tinha a dizer-lhe.

— Mas eu tenho ainda uma palavra a ajuntar: eu já sabia que o senhor era um miserável, mas não sabia que era capaz de tamanha covardia. E repito ainda, Sr. Milsom Crosby, que, se tocar em minha mãe, sua vida não valerá nada. Eu nunca matei ninguém; o senhor será a primeira pessoa a quem matarei e o farei sem nenhum constrangimento. Mas, antes de chegar até lá, eu tornarei sua vida um verdadeiro inferno.

— Isso não me mete mêdo nenhum, Cardby. Tenho em mãos todos os trufos, e você sabe disso, repito-o. E' possível que você tenha podido impressionar outra gente, mas nada conseguirá com Milsom Crosby. Vários individuos já tentaram antes de você, mas sempre sou eu quem ri por último.

— Veremos! — respondeu Mick indignado. Repare bem que estamos numa partida perigosa. E' a própria vida que está em causa, e, se você vai assim tão forte, eu me encarregarei de levá-lo ao necrotério.

Milsom Crosby deixou estalar um riso sardônico e Mick ouviu que êle desligava o fone. O rapaz se vira para o velho e lhe dá uma palmadinha no ombro:

— Não se atormente, papai. Nós já temos estado em situações bem críticas antes dessa.

— Sim, mas não assim, Mick.

— Sei... Sei. Mas, de agora até amanhã ao meio dia, muita cousa pode suceder. Antes de tudo vou procurar descobrir de onde veio esta ligação telefônica. Está Gribble no pôsto policial?

Mick pede ligação telefônica e chama Gribble.

— Pôde-se descobrir de onde veio aquêle telefonema declara o Inspetor: veio de Southwark 64.894. de um momento para outro lhe será fornecido o enderêço de rua e casa. Que há de novo?

— E' que Crosby pegou a mamãe, Mrs. Cardby, como refém. E agora nos ameaça de martirizá-la caro não abandonemos o caso.

— Por Deus! E que pensa fazer, Mick?

— Francamente, ainda não sei o que faça. Diz você que a telefonema veio de Southwark? E' curioso! Southwark é um subúrbio vizinho de Rotherhithe, onde Crosby deve ter um encontro marcado amanhã pela manhã. Irei, com certeza, a Hanover Stairs.

— Logo que eu obtiver o tal enderêço, irei aí para o hotel. Diga a seu pai que não há motivo para atormentar-se.

— Obrigado, meu amigo.

Mick desliga o fone e se dirige para seu pai, dizendo:

— Vou arrumar minha valise, papai. Nêsse ínterim, telefone para casa e veja se Crosby não está blefando.

Minutos depois Mick descia as escadas, a correr. Conduz a maleta, e coloca no carro, voltando a falar ao velho Cardby, que lhe fala ainda mais preocupado do que dantes:

— Crosby não nos blefou, Mick. Acabo de interrogar a criada, que me informou ter sua mãe ido ao cinema às oito horas e até agora não regressou a casa. A empregada queria encontrar-nos a fim de saber o que se passava. Se eu deitar a mão em Crosby, o esfolarei vivo!

— A menos que eu chegue em primeiro lugar! Depois de muitas reflexões, cheguei à conclusão de que é melhor agir por cêrcos estratégicos.

— Que quer dizer?

— Não poderei encontrar Crosby diretamente; mas, por intermédio de Butch Davies, ou de algum outro de seus amigos no crime, poderei encontrar sua pista. Conhecemos vários dêsses que nos devem muito, e que se sentiriam satisfeitos se pudessem trabalhar conosco, especialmente sabendo que nós os protegeriamos. Procurarei todos aquêles a quem conhecemos, direi aos mesmos o que esperamos dêles, e procurarei pô-los em contacto com um dos homens de Crosby; isto me proporcionará os informes de que preciso. Logo que regressar a Londres, entrarei em contacto com êsses homens. Como Milsom Crosby trabalha com um pequeno exército de criminosos, vamos combatê-lo com as suas próprias armas. Que acha disso?

— E' uma boa idéia, Mick. Mas crê você que essa gente aceite o risco? Êles sabem muito bem o fim que os espera, se ficarem contra Crosby.

— Fique tranqüilo, papai. Êles consentirão em nos ajudar. Mas, se recusarem, — Mick pisca o ôlho e sua inflexão de voz se torna ameaçadora — eu nada mais tenho a fazer que dar início ao trabalho e mandá-los para Dartmoor. Não tenho motivos para me enraivecer com essa gente. Estamos sustentando uma luta a que nos lançamos cento por cento. Eu quero encontrar Crosby e não me preocupo com o que venha a suceder durante minhas buscas, ou se alguém vai ser pilhado no negócio. A menos que êle me vise primeiramente, verá Milsom Crosby que a respeitável firma Cardby & Filho está preparada para mostrar-lhe

que sabe muito mais que êle os processos criminais e, quando lutamos para salvar nossos parentes, nada nos deterá na marcha.

— Compreendo muito bem os seus sentimentos, Mick, e não gostaria de estar no lugar daquele que se atreve a pôr-se em seu caminho. Bom sucesso, meu rapaz!

— Pode indicar-me alguns nomes de homens decididos? Possuo uma lista, mas o senhor pode dar-me mais alguns.

O velho detetive refletiu um instante:

— Bem. Tome nota destes: Snow Curry, 34a Surey Lane, Battersea; Harry Tame, 765 Verney Road, South Berdmondsey; Smasher Gates, Frith Hotel, Westminster Bridge Road, e...

— Chega, papai. Conheço a todos três e uma dúzia de outros mais. Lançá-los-ei sôbre a pista e manterei vigilância sôbre tôda a cidade de Londres. Com a ajuda do "bas-fond" da cidade, chegaremos muito bem ao nosso fim.

— Que deverei fazer se fico aqui?

— Eu, em seu lugar, não mudaria o pé. Crosby poderá muito bem estourar por aqui, e eu gostaria de saber que o senhor continuaria aqui. O telefone toca. Deve ser o Gribble.

Mick havia adivinhado exatamente: Gribble informava que Crosby havia telefonado de um entreposto da Drummon Road, Southwark, depois de desacordar o guarda noturno.

— Que homem diabólico, murmura Mick entre dentes. Enxerga longe e não dá passos em falso. Quer voltar a reunir-se a meu pai aqui no hotel, Gribble?

Mick se certifica de que seu revólver estava em ordem em seu bolso e se dirige para a porta. Encontra-se com o hoteleiro e lhe diz que seu pai se encarregaria de acertar as contas. Em seguida, sobe ao seu auto. O hoteleiro nota que Mick está pálido e parece preocupado. Êle já conhecia bastante êsse jovem detetive e compreendeu que qualquer coisa de grave se estava passando. O velho Cardby acompanha o filho até ao carro e o segue, por longo tempo, com os olhos.

Mick não tem mais que uma confusa idéia de sua expedição a Londres. E se vai desviando de carros que dão freadas, evitando curvas bruscas, deixando que outros veículos ultrapassem em grande velocidade. Antes de tudo, passou por sua casa a fim de saber com a empregada algo sôbre o desaparecimento de sua mãe e, em seguida, foi à casa de Snow Curry, em Battersea.

Esperou durante muito tempo diante da porta, até que uma senhora já velha, de aspecto repousante, se dignou vir atender.

— Quero falar a Snow Curry, diz Mick, entrando no vestíbulo sem esperar que fôsse convidado para isso. Mostre-me o quarto em que mora.

— Eu não conheço ninguém com êsse nome, respondeu a velhota.

Escute aqui, senhora: eu não sou nenhum polícia. A senhora nada tem a temer. Mostre-me o caminho para o quarto de Curry.

A velha não se opõe a mais nada e mostra o quarto do procurado lá ao fim do corredor. Mick torce a maçaneta e entra, iluminando o ambiente com uma lâmpada elétrica. Um homem que estava deitado na cama se ergue a resmungar. Tinha cabelos cortados muito baixo e sua fisionamia magra era de aspecto brutal.

— Que diabo... — começa êle.

— E' amigo seu, Snow, diz Mick. Sou Mick Cardby e quero conversar com você.

— Não podia vir outra hora? Acabo de deitar-me!

— Esta hora me convém muito mais, e, em geral, você prefere trabalhar à noite. Você não estava a dormir quando penetrou no escritório de Conway, às quatro da manhã, tapando a bôca do guarda noturno para que êle não o incomodasse. Tenho boa memória, como vê, e preciso falar-lhe.

Sempre resmungando o homem toma um fósforo e acende o bico de gás. Mick explica tudo o que precisava dêle e como Crosby devia ser apanhado.

— Isso significa o mesmo que brincar com fogo, Sr. Cardby.

— Bem. E' possível; mas se você recusa trabalhar comigo, deixa de brincar com fogo para brincar com dinamite. Então escolha: ou me ajuda ou volta para a cadeia.

— Mas se eu não conheço Butch Davies nem qualquer outra pessoa do bando!

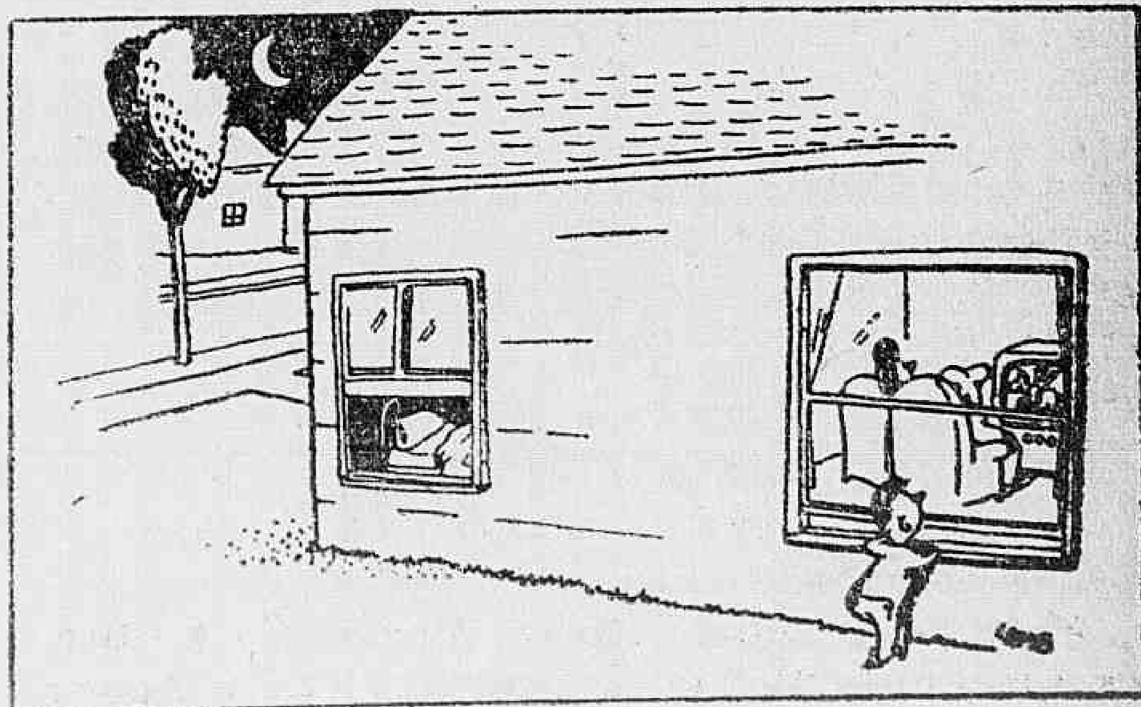
— Pior para você, Snow. Eu quero confiar-lhe um serviço. Cabe-lhe agora mostrar que pode sair-se bem.

— Está bem. Darei umas voltas por entre nossa gente logo mais, pela manhã.

— De forma alguma! Você vai levantar-se agora mesmo e iniciar o serviço. Tenho a maior pressa. Quero ter informes seguros aí por volta das dez da manhã. Vamos! Avie-se!

— E que me dará se eu conseguir o que deseja?

— A promessa de fechar os olhos e mais cem libras, se você encontrar Milsom Crosby. Mas, se eu verificar que você não fêz o que era de seu dever, eu o encontrarei não importa onde, e o entregarei à polícia pelo caso de Conway.



— Garanto-lhe que farei tudo o que for possível.

— Obrigado!

Mick corre para fora, toma o carro e se dirige para o Pôsto Policial de Cannon Row. Lá encontra o sargento da noite, narra-lhe ràpidamente os fatos e pede licença para telefonar a miss Rayne.

— Miss Rayne! Desejo que vá imediatamente ao escritório, onde a encontrarei alí pelas oito horas. Tome provisões para duas pessoas. Nada de sério pelo momento; mas é provável que receba mensagens muito importantes. Até já.

Mick se volta para o policial:

— E' possível pedir a todos os postos para procurar Milsom Crosby? O senhor poderá solicitar confirmação de meu pedido ao inspetor Gribble, em Ringwood. Se o senhor puder arranjar a coisa, não esquecerei de tomar nota de todos os que estão trabalhando comigo. E obrigado, sargento. E' preciso que eu parta.

Alguns minutos mais tarde para êle diante do Frith Hotel e toca a campanhia. Ia ver agora Smarher Gates. Novamente teve dificuldades com o dono do hotel. Afinal, foi introduzido no aposento de Gales. Mick acende a luz elétrica. Surpreendido, um homem pequenino salta do leito ao solo, mas solta um suspiro ao reconhecer Mick.

— Meteu-me susto, Sr. Cardby! Já estava pensando que vinham levar-me no tintureiro! Que deseja?

Mick fecha a porta e lhe expõe o que desejava dêle.

— Eu não sei se posso fazer alguma coisa pelo senhor.

— E' assim? Pois preste atenção, Gates. Você sabe muito bem que eu não tenho mais do que abrir a bôca e contar alguns fatos que lhe dizem respeito, para que você dê um adeuzinho à liberdade!

— O senhor não faria isso comigo, Sr. Cardby. Seria uma desgraça para mim.

— Muito bem. Então nada mais lhe resta do que aceitar a proposta que lhe faço e dar início imediato a suas pesquisas desde já. Espero bons informes seus ràpidamente. Telefone-me ao meu escritório aí pelas dez horas. Fechado?

— Estou pronto. Irei, Sr. Cardby. — Respondeu Gates com ar resignado e começando a vestir-se.

— Você é um homem inteligente, Gates. Até logo e mãos à obra.

Quando o relógio dá as sete horas, Mick já tinha feito mais de onze visitas e o seu pequeno exército começava a trabalhar. Tratava-se de encontrar Milsom Crosby, e a palavra de ordem estava dada em todos os setores.

Capítulo XVII
MICK MUDA DE TATICA

Mick para seu carro no Piccadilly e entra no grande "hall" do Hotel Warwick. Acerta maquinalmente sua gravata e lança uma olhadela de desgosto sôbre seu paletó amarrotado e sua capa envelhecida. Seu trajar não convinha a um hotel de luxo dêsses que há no West End. O porteiro da noite era, sem dúvida, da mesma opinião, pois o mirou com certa desconfiança; mas Mick não lhe deu importância e foi diretamente à gerência:

— Bom dia, senhorita, disse com um sorriso.

Êste sorriso mudou o humor da empregada, o qual se percebia pela sua fisionomia.

— Uma certa senhorita Iris Crosby é hóspeda dêste hotel, e eu preciso falar-lhe com a maior urgência. Quer avisá-la de que o Sr. Michael Cardby deseja vê-la?

— A esta hora da madrugada? — Interroga a jovem franzindo as sobrancelhas, de surprêsa.

— Mas é assim mesmo, do contrário eu teria que procurá-la em hora mais normal.

— Penso que a senhorita Crosby vai ficar incomodada.

— Sinto muito; mas o assunto que me traz não pode sofrer nenhuma demora. Telefone ao seu quarto e estou certo de que a senhorita não terá nenhuma dificuldade com ela.

A jovem empregada não parecia muito convencida; mas ligou para o aposento de miss Crosby, transmitiu o pedido de Mick e lhe passa o fone.

— Aqui fala Michel Cardby, — diz. Pode vestir-se e vir falar-me- Tenho novidades para a senhorita. Não posso transmití-las por telefône, e tenho precisão de sua presença em meu escritório.

— E' a respeito de meu pai?

— Justamente. Logo que obtive novidades vim falar-lhe.

— Tem mesmo o senhor precisão de mim imediatamente? E' que me recolhi muito tarde. Talvez que o senhor pudesse esperar um pouco. Irei vê-lo pela manhã.

— Creio que perdendo-se tempo as coisas não sairão como é preciso. Mas, se a senhorita já não tem necessidade de meus serviços, nada terá que fazer senão manda-me embora. Sinto tê-la incomodado.

— E' assim tão urgente?

— De certo.

— Está bem, Sr. Cardby.

Mick ouviu como que um suspiro.

— Desço em vinte minutos.

— Obrigado!

O detetive sentou-se em uma poltrona e apanhou um jornal. Meia hora mais tarde apareceu miss Crosby envolta em um mantô de pele. Apesar de sua toilette precipitada, estava ainda mais bela que lhe pareceu antes, e seu ar de personalidade não a deixava jamais. Lança um olhar desdenhoso sôbre a roupa de Mick e inclina ligeiramente a cabeça. Mick se levanta e, por seu turno, faz discreto cumprimento com a cabeça e a conduziu ao seu carro. Partiram sem dizer nada.

Ao fim de alguns instantes miss Crosby rompeu o silêncio:

— A que vem tanto mistério?

— Uma surprêsa a espera em meu escritório.

— Que surprêsa?

— Lá estaremos dentro de dois minutos e então a senhorita saberá.

— O senhor não é, com efeito, muito palrador.

— Não o poderia ser em minha profissão.

A moça não insistiu mais, e, mudando de posição em seu assento, acende um cigarro. Mick para em frente ao seu escritório e ajuda a Iris Crosby a descer do auto.

— Bom dia, miss Rayne! diz êle à sua secretária, prevenindo-a com um piscar de olhos, enquanto se afastava para deixar passar a filha de Milsom. Estarei com a senhora dentro de alguns minutos. Por aqui, miss Crosby.

Iris o seguiu com o seu andar indolente enquanto olhava curiosamente em tôrno. O local não tinha mais que uma única e pequena janela situada muito alto na parede; espêsso tapête recobria o soalho, duas poltronas e um divã confortável estavam bem perto da chaminé. Alguns jornais ilustrados espalhados sôbre uma mesa.

— O senhor tem um estranho escritório, diz a moça.

— E' exato. Pode sentar-se à vontade.

— Não ficarei muito tempo aqui, pois quero voltar a recolher-me para dormir. Diga-me: para que todo êsse mistério, Sr. Cardby? Encontrou meu pai?

— Não.

Mick fechou a porta e se voltou para miss Crosby. Ela ergueu a cabeça e estremeceu. Jamais vira expressão de tanta aspereza e de olhar tão severo como naquele instante apresentava Mick.

— Que há? — Pergunta a moça. — Por que me olha assim?

— Vou dizer-lhe. Milsom Crosby é um criminoso, e a senhorita o sabe, sem dúvida alguma. Até agora os seus procedimentos não me interessavam mais do que dentro do meu dever e profissão de detentor de criminosos. Mas, sucede que, agora, êle ultrapassou os limites: na noite que passou o seu pai apoderou-se de minha mãe e a levou.

A moça não conteve uma exclamação de assombro e os seus olhos exprimiam pavor. Mick a olhou fixamente. Êle procurava descobrir se aquelas manifestações eram fingidas. Mas Iris Crosby era também tão difícil de desvendar como uma esfinge.

— Seu pai ameaçou-me de vingar-se em minha mãe, caso eu não abandonasse o seu caso, e se eu não prometesse de não mais ocupar-me dêle para o futuro. Mas êle esqueceu que sua arma é de dois gumes.

— Que quer o senhor dizer? — Indaga a moça.

— Apenas isto: seu pai tem a minha mãe; e eu, a senhorita. Tudo o que vier a suceder a minha mãe, sucederá imediatamente à senhora. Se ela morrer, também a senhorita morrerá.

Iris retem um grito e olha Mick, olhos desmesuradamente abertos.

— Quer dizer então que o senhor me aprisionou?

— Exatamente, minha cara, — respondeu êle com voz sardônica. Esta porta é de ferro, e as paredes foram construidas de maneira a não deixar passar nenhum som. Construimos esta sala como cela de prisão. A senhorita é nossa convidada e ficará aqui até que o seu pai nos devolva minha mãe. Se ela não voltar mais, a senhorita também jamais voltará à liberdade!

— Mas o senhor não irá assassinar-me!

— Compreenda bem: se acontecer qualquer coisa de mal a minha mãe, eu a matarei em primeiro lugar e depois matarei seu pai. E nada mais posso dizer-lhe. Eu sei perfeitamente que a senhora sabe muito bem os segredos de seu pai. Estou mesmo tão certo disso que nada lhe darei a beber nem a comer, até que se decida a falar. Fêz bem em trazer cigarros. Isso a ajudará a passar o tempo. Tem alguma coisa a dizer-me antes que eu a deixe?

Ela volta para Mick o seu rosto cheio de cólera e o fita com os olhos brilhantes de ódio:

— Sim, eu tenho alguma coisa a dizer-lhe, seu maluco!

Iris havia perdido todo o contrôle sôbre si mesma, todo aquêle verniz de boa educação tinha desaparecido, e surgia então como era na realidade.

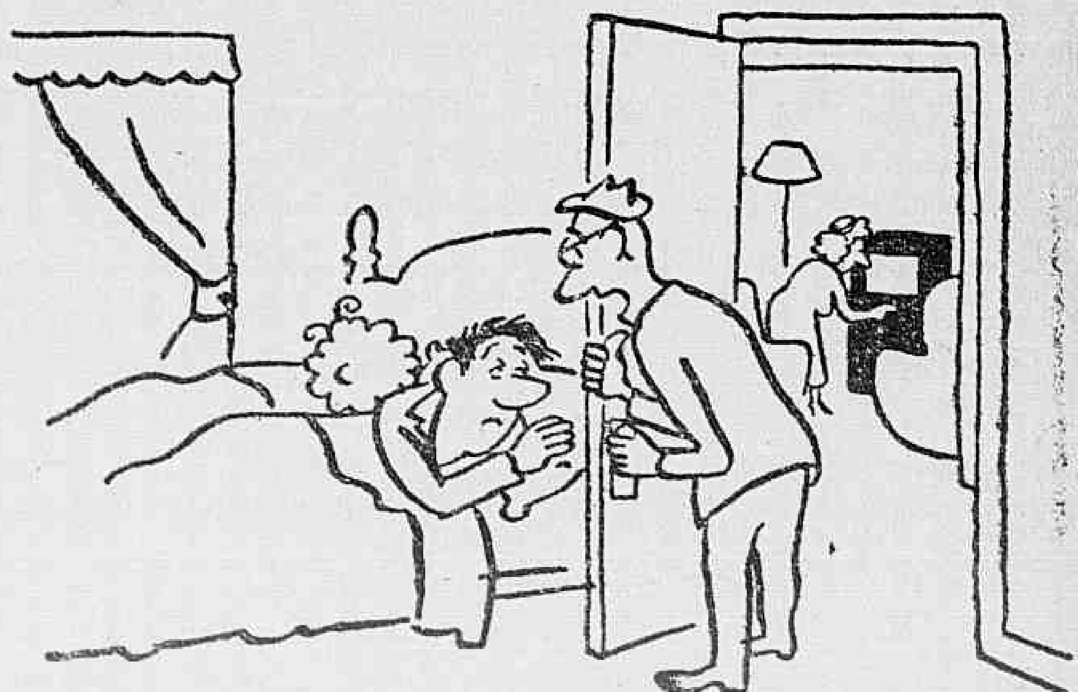
— Espero que vá encontrar Milsom Crosby e que será a última vez que terá de encontrar uma pessoa, pois que você não é digno sequer de limpar-lhe os sapatos. Você não poderá jamais vencê-lo, pois que êle é um homem!

— Quer dizer, um bandido!

— Não procure fazer espírito! E agora, deixei-me em paz!

— Terá a senhorita coisas muito piores a me dizer, antes que eu tenha acabado com a senhorita.

— Quando Milsom Crosby houver dado cabo de sua vida, nada poderá você dizer-me, pois que os mortos não falam.



— **Psst! João! Nós já vamos... Como é que se desliga aquêle «troço»?**

— Voltarei a vê-la às dez horas. Espero que, àquela hora, se decida a dizer-me alguma coisa.

— Deixe-me em paz!

— E' esta a minha intenção. Até mais. Durma bem e não se aborreça assim. E' muito mau para a saúde e inconveniente para uma pessoa distinta.

Iris Crosby morde os lábios e depois se acomoda na poltrona.

Mick sorria ao fechar a porta a chave, quando a deixou sòzinha. Miss Crosby era uma dessas pessoas das quais podemos obter informações depois de enfezá-las. Decidira então usar êsse recurso na sua próxima conversa.

— Por que me fêz vir ao escritório durante a noite? — Indaga miss Rayne.

— Em que estado encontrou o escritório ao chegar?

— Como sempre, normalmente. Por que?

— Alguém se introduziu aqui esta noite. Tem algum recado para mim?

— Sim. Dois homens telefonaram. Um se chama Snow, e parecia aterrorizado. Telefonou há cêrca de uma hora. O outro, de nome Gates, desejava falar-lhe pessoalmente. Como não o encontrasse, ficou de discar novamente. Não tive mais nenhuma notícia dos dois.

Mick tinha aspecto de quem está muito satisfeito.

— Tenho a impressão de que se começa a agir, diz êle. Escute, miss Rayne, miss Crosby vai ficar aqui até ao momento em que eu a deixar ir-se embora. Está encerrada no quarto dos fundos e você não deverá entrar lá sob pretexto algum. De uma maneira geral faça de conta que ela não existe. Compreendeu bem?

— Quer o senhor dizer que a sequestrou? — Perguntou a ajudante com ar de estupefação.

— Sim. E' isso mesmo. E você nada mais tem a fazer que não esquecer que ela está aqui.

— Tem mais alguma instrução a me dar?

— Sim; telefone a meu pai em Ringwood e lhe peça que venha para cá imediatamente. Êle poderá deixar os nossos companheiros sob a vigilancia de Gribble e da polícia local. Voltarei logo mais.

Mick entrou numa loja de Strand e lá escolheu umas luvas bastante folgadas para poder nelas acomodar suas mãos ainda enfaixadas. Em seguida se dirigiu à Scotland-Yard e pediu a um detective seu amigo que telefonasse à polícia de Rotherhithe. O policial telefona a Rotherhithe e fêz tal descrição de Mick, com tantos elogios que êste até corou. Estavam os mesmos a começar uma conversa quando entra na sala um outro detetive e, aproximando-se do colega, lhe diz qualquer coisa ao ouvido.

— Eu devo partir, diz êle a Mick. Acabam de encontrar o corpo de um homem sob a ponte de Blackfriars. E' um assassinio; mas não se perdeu muito.

— A vítima não é um criminoso? — Pergunta Mick.

— Sim. Talvez que você já tenha ouvido falar dêle: é Smasher Gates.

Mick morde os lábios e cerra as mãos nos bolsos. O desgraçado deve ter caido na sua própria teia.

— Tem detalhes? — Pergunta êle.

Muito pouco. O médico legista fêz o relatório: um homem foi golpeado, estrangulado e depois jogado ao Tâmisa. A morte deve ter ocorrido há umas quatro horas.

— Se você deitar a mão em Butch Davies, terá pegado o culpado, pronuncia lentamente Mick. Êste assunto leva a assinatura desse indivíduo.

— Você crê verdadeiramente nisso? — Pergunta o detetive.

— Sim. Smasher trabalhava secretamente para mim, procurando envolver Butch Davies e Milsom Crosby em sua teia. Telefonou-me lá para o escritório dizendo que já estava sôbre uma pista. Deve ter cometido alguma imprudência, ou então denunciado por qualquer um a Davies, que o liquidou. Êsse Butch Davies se especializou em matéria de estrangulamentos. Pobre Smasher! Se você obtiver os nomes de seus país, queira mandar-m'os lá para meu escritório. Eu quero ajudá-los. Como você vai proceder a êsse inquérito, alerte, então, a todos os pôstos a respeito de Butch Davies e previna todo mundo que deve agir com prudência, pois que Butch Davies é terrível, de grande fôrça muscular e nada o detém.

— Creio que a "parada" não vai ser muito "sopa" para êle.

— Sim, se você cair sôbre êle primeiro. De qualquer forma não hesite em utilizar seu revólver. E' o mais prudente. Se achar qualquer coisa nos bôlsos de Smasher, avise-me.

— De certo. Também vai procurar Butch, Mick?

— Sim; mas o que me interessa é o seu chefe. E' a êle a quem procuro.

Parece-me que você e Crosby não são muito amigos.

— Justamente. Não nos damos bem. Há uma ligeira discordância entre nós. Até mais.

O detetive acompanhou com os olhos aquêle curioso Cardby, ao descer êste, correndo, as escadas. Perguntava a si mesmo o que poderia acontecer se Mick encontrasse Butch Davies. Pensava êle que êste seria um encontro dígno de ser apreciado.

Mick passa ràpidamente em seu escritório, antes de ir a East End:

— Alguma coisa de novo, miss Rayne? — Pergunta.

— Aquêle homem, Snow, veio até aqui falar-lhe. Deixou-lhe um recado. Eu quis perguntar se êle não tinha mais alguma coisa a dizer; mas nada mais obtive. Êle parecia estar assombrado, e gastou mais de cinco minutos antes de escrever o que está aqui neste envelope.

(Cont. no próximo número)





Os portuguêses ao serviço da Fé e da Civilização do Ocidente

CASTELO DE MORAIS

CONFUNDIRAM os guerreiros cristãos da época das Cruzadas, a evangelização com a conquista, certos como estavam de que só na prática do Evangelho existia redenção de pecados e salvamento de almas. Por isso armaram hostes, aprestaram frotas e em demanda dos lugares santos partiram os monges cavaleiros para a conquista da Palestina. Era a guerra sem tréguas entre a Cruz e o Crescente, entre o Evangelho e Corão.

Esta guerra, que muitos foram travar longe, pensaram outros que a poderiam travar mais perto, e conseguiram, sem tomar o caminho dos mares, alcançar o mesmo fim.

Não só no Oriente existiam mouros. Grande parte da Ibéria estava em mãos de muçulmanos e os reis infiéis da Península eram inimigos de temer e que reinavam em terras de tentar. Não admira, portanto, que nos cérebros dos príncipes cristãos germinasse a idéia de expulsar da Europa os soberanos que não professavam a mesma lei e entre si repartirem o quinhão magnífico dos Califas.



Dois jesuítas da Primeira Missão Portuguêsa à Mongólia, discutindo, diante de Acbar, com os teólogos muçulmanos. (Quadro do século XV)

E assim nasceram as Cruzadas do Ocidente, aconselhadas, abençoadas e favorecidas pelos papas com as mesmas graças, privilégios e indulgências com que a Igreja havia distinguido as outras.

Entre os príncipes que tomaram a peito o alargamento do domínio cristão na Península, figura como um dos mais aguerridos e empenhados nessa emprêsa o Conde D. Henrique de Borgonha, bisneto de Roberto II, rei da França e pai do primeiro rei português. O Conde D. Henrique teve como primeiro domínio na Ibéria, o Condado de Portugal, que lhe foi dado como recompensa de serviços prestados à Fé por D. Afonso III, rei de Lião.

Senhor do Condado, D. Henrique pensou em lhe alargar o âmbito e a sua descida vitoriosa marca o início de Portugal como nação cristã e livre.

Era, porém, a seu filho, a D. Afonso Henriques, que o Destino havia escolhido para em passadas largas de gigante, talhar na terra muçulmana êsse reino a que estava reservado o papel futuro de dar aos outros povos a noção prática do tamanho do mundo.

Para que um elo forte unisse as duas Cruzadas — a do Oriente e a do Ocidente — quis ainda o Destino que os guerreiros que iam para a Terra Santa combater, à terra portuguêsa aportassem e ajudassem o rei a estender-lhe as fronteiras.

Aí se juntaram os paladinos duma mesma idéia e juntos pelejaram contra o mesmo inimigo, trazendo idênticos sinais nos guiões e nas armaduras.

Rechaçados de cidade em cidade, de castelo em castelo, defendendo palmo a palmo a terra que fôra sua, os árabes foram descendo, impotentes para arrostar o ardor das armas cristãs.

Uma civilização requintada havia amolecido os chefes, e o povo, habituado à paz, não acordou ràpidamente para a defesa do torrão. Coimbra, Leiria, Santarém, Lisboa, Sintra, foram-se rendendo uma após outra. Desengrazava-se o colar e as pé-



O padre missionário jesuíta Francisco Aranha, assassinado pelos indígenas de Salsete.

rolas iam caindo nas mãos do rei Conquistador. Progredia em espaço e em ideal a Cruzada do Ocidente.

Um século, porém, teria ainda de decorrer até que as armas de Portugal levassem de vencida para além da última praia os últimos mouros do Algarve. Só no meado do século XIII, em 1250, o reino marcava para os séculos, na orla das praias algárvias, as fronteiras que ainda hoje conserva. E então findou a primeira Cruzada portuguêsa.

Da dominação árabe na Península não restava só a memória e nas trovas do tempo ainda a nota magoada do adeus de Bobadil, às tôrres de Granada, não era motivo de comentários. Granada ainda era moura. Não estava morto na Ibéria o poderio muçulmano. Confinado na costa africana, ali existia latente, fortificando-se com o desejo de recuperar um império perdido onde os seus artistas tinham erguido maravilhas e os seus soldados derramado torrentes de sangue.

A costa africana, vizinha de ao pé da porta, constituía uma ameaça permanente às praias fronteiras. A guerra de corso infestava o Mediterrâneo e as próprias costas do Atlântico sofriam amiudadas vêzes as arremetidas dos piratas do Rife. Centenas de cristãos gemiam no cativeiro e remavam como forçados nas galeras do Sultão.

Ceuta era a guarda avançada dessa costa, cujos recortes se podiam avistar da Europa e portanto o ponto para onde convergiriam as tropas árabes no momento em que intentassem a expedição da reconquista.

Logo que o Mestre de Aviz viu firmada a paz com Castela, depois de 20 anos de lutas que a vitória portuguêsa coroou e que a essa geração de guerreiros magníficos sucedeu outra, ávida de glórias e sequiosa de mostrar as suas façanhas, tomou forma no espírito do rei uma idéia que há muito o ocupava. Nessa época de exaltação da Fé, época que o Condestável em sua pessoa e feitos sintetizava, era bem compreensível a intenção do Mestre. D. João I tinha o seu segredo, em segredo acalentava uma tenção que desejava, antes da morte, ver realizada.

Muitas vêzes o preocupava a ameaça muçulmana, espiando de tão perto as praias do reino e as costas de Espanha.

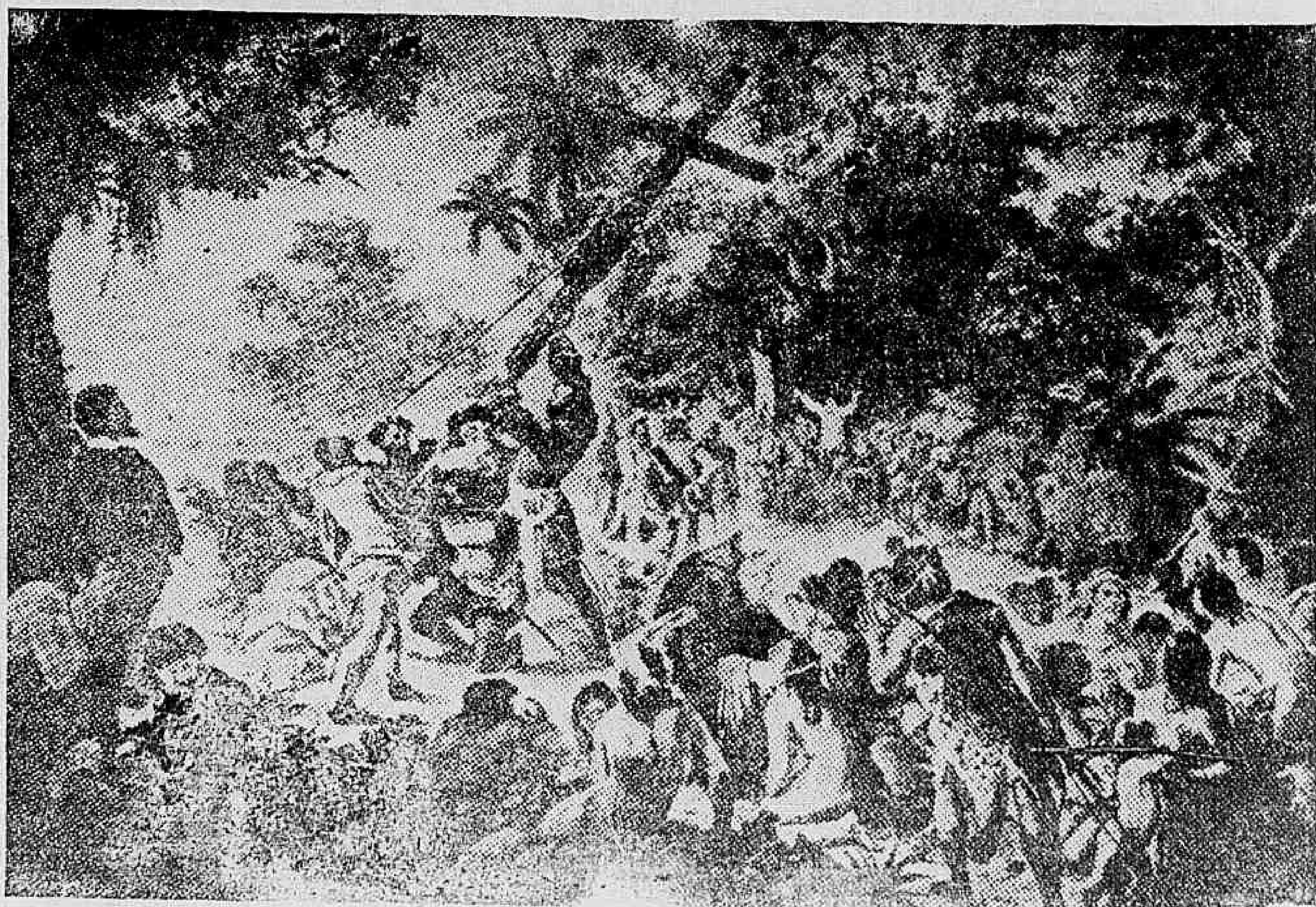
Desvendado o segrêdo a poucos, a pouquíssimos, de concerto com os infantes começou D. João a tratar dos preparativos duma expedição cujo objeto era justamente o assalto daquela praça, que mais de perto ameaçava a paz da Península. Ceuta deveria cair sob o assalto dos portuguêses. O Mestre assim o queria e para que lhe não falhasse a arremetida dispôs magnìficamente a expedição.

Tão bem guardado foi o segredo que pelo Reino correram os mais desencontrados boatos sôbre os ajustes que por tôda a parte se concluíam, e ninguém atinava com a intenção do Rei; no entanto todos viam que alguma coisa se preparava misteriosamente.

Era, de fato, uma nova Cruzada contra os infiéis que o Rei de Portugal ia levar a cabo.

Se ao Rei e aos Infantes animava a idéia de combater infiéis, grata aos seus espíritos de cavaleiros cristãos, a João Afonso, financeiro do Reino, também a idéia aprazia.

A êste não era o misticismo religioso, a propagação da Fé, a vitória do Evangelho que o tentava.



A Primeira Cruz Erguida em Pôrto Seguro
(Quadro do pintor brasileiro Pedro Peres)

Lisboa já então era um pôrto de mar importante, a meio caminho entre a Itália e a Flandres, mas o tráfego entre êstes dois reinos nunca se poderia fazer com segurança, enquanto o estreito não estivesse livre, enquanto os piratas infestassem as costas, e as armadas mouras de Ceuta pudessem atacar os navegantes. Era, portanto, a conquista dessa praça, um empreendimento duplamente interessante por reunir os interêsses espirituais e temporais do Reino, em uma única conquista a tentar.

A Espanha também veria com bons olhos a aventura portuguêsa. Era de Ceuta que os mouros de Granada recebiam socorros e reforços, e um ponto de apoio cristão ao longo e no ponto culminante da costa marroquina não era auxílio a desprezar nem tentativa a contrariar. Tôdas estas razões meramente políticas e comerciais juntou D. João I às outras de caráter religioso, que para a África o impeliam e o assalto da praça foi resolvido.

Às hesitações do Rei quanto à oportunidade da conquista, contrapôs o Infante D. Henrique as suas e conseguiu que o soberano em pessoa dirigisse a expedição.

Ceuta caíu e a sua queda foi o início do grande sonho africano que então começou a rutilar nos cérebros portuguêses.

A grande costa estendia-se ao longo do Mediterrâneo como um grande campo de aventuras, uma grande tentação de domínio, um complemento magnífico para a pequenina e heróica Nação, que principiava a estender as asas para mais dilatados vôos.

O Infante sonhara com o Portugal ultramarino e para realização dêsse grande sonho, Ceuta não lhe bastava.

Ainda neste devaneio magnífico se encontram reunidos os interêsses espirituais e os temporais, os cavaleiros de Cristo e João Afonso. Sabiam os primeiros que para além dessa costa marroquina existia um império lendário cujo soberano professava a doutrina do Evangelho. Os segundos não ignoravam que era através do Sudão africano que chegava à Tunes e ao Egito o ouro da África.



O Padre Bento de Góis, vestido de Armênio, a fim de poder chegar aos reinos de Cathay (China e Japão)

Queriam uns ir ao encontro dêsse rei cristão isolado entre infiéis, queriam os outros encaminhar para outros destinos as riquezas da África ignorada e dessas Índias misteriosas e distantes que as lendas apontavam como o Reino das pedrarias, o empório inesgotável de tôdas as riquezas do Mundo. Era por isso que Ceuta não bastava ao sonho do Infante.

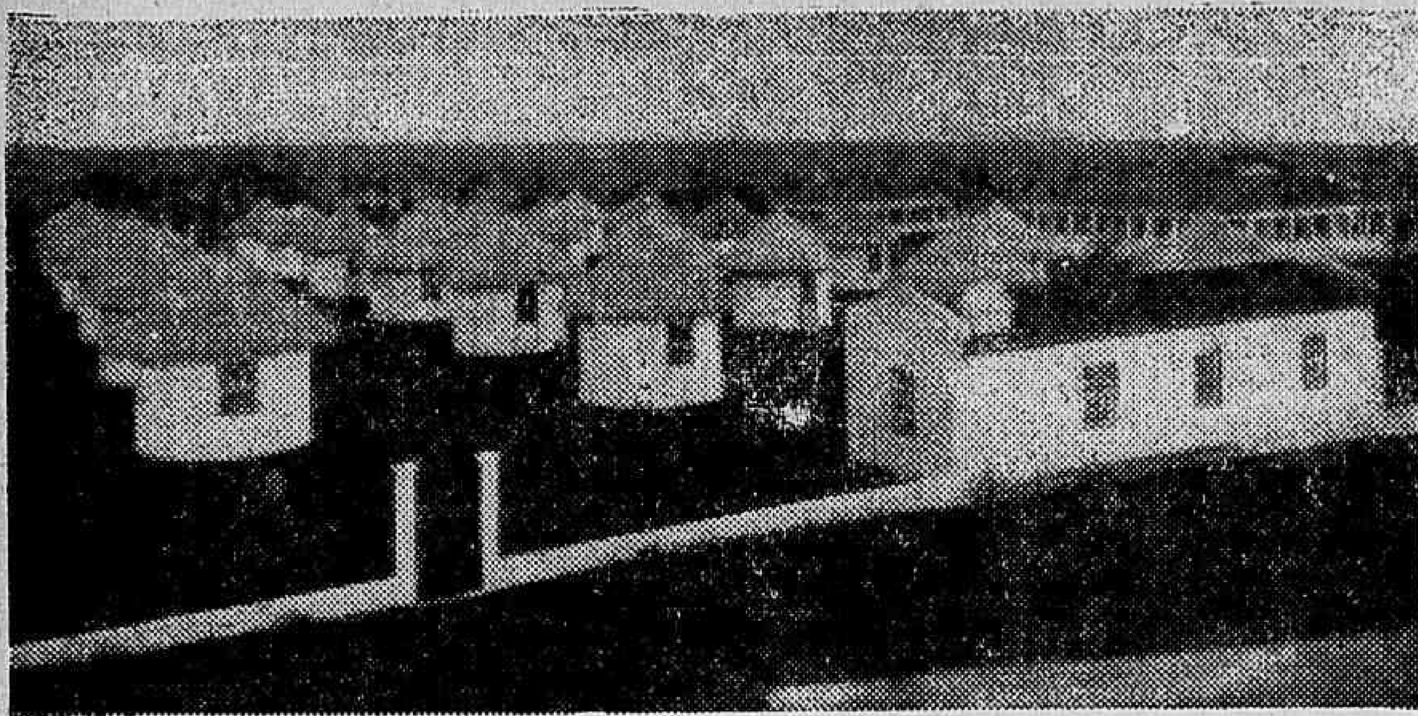
Morto o Rei, não descansou D. Henrique junto do irmão, para lhe pedir ordens para a conquista de Tânger. D. Henrique queria aproveitar o momento em que a Espanha estava entretida com os mouros de Granada.

Três anos levou a discutir esta emprêsa e na demora se explica o insucesso que teve. Foi nesse malfadado cêrco que D. Fernando, o Infante Santo, ficou cativo dos mouros. Ou êle ou Ceuta disseram os árabes, e as Côrtes preferiram Ceuta.

Desde que D. João I lhe vedou o intento ousado, de conquistar Gibraltar, como imprudência desnecessária, D. Henrique foi instalar-se no Promon-



Batismo do Rei D. João, do Congo, em 1491.
(Gravura do século XVI, da «Vera Descriptio», de Pigaffeta)



Moçambique — Enfermaria regional para indígenas.

tório e ali, na sociedade dos Cartógrafos, que o acompanhavam, concebeu mais vasto e útil plano.

Relatos de viajantes, dourados pelas lendas e lendas confirmadas pelos relatos dos viajantes, falavam de terras maravilhosas, continentes ignorados e ilhas perdidas na vastidão dos mares. Isso que a fantasia dava como certo, a ciência do tempo considerava como possível. O mar não devia ser a vastidão deserta e muito pequena seria a terra firme se a sua superfície se limitasse ao Mundo conhecido. Sôbre isso falavam os sábios e o Infante e cada dia que passava mais se ia radicando no seu espírito a idéia de mandar os seus homens à procura das terras ignoradas, perdidas naquele grande mar sem dono.

Era esta a Grande Cruzada, a maior de tôdas, a mais legítima e menos cruenta, aquela de que só haveria a colher domínios a acrescentar ao Reino e raças primitivas a civilizar. Nesta idéia se fizeram ao mar as primeiras caravelas do Infante.

Estava lançada a idéia civilizadora do descobrimento e quando elas voltavam com a notícia duma nova facha de costa ou dum arquipélago novo, duas vitórias tinham ganho os nautas do Promontório: uma traduzida em novas regiões, a juntar à coroa de Portugal; a outra representada por êsse desfazer de terrores e superstições que tornavam os Oceanos um reino vedado às pesquisas humanas.

Só em almas fortes, curiosas de desvendar, fôssem quais fôssem os riscos que defendiam, o Mistério das Águas, teria cabido êsse propósito de procurar o desconhecido, de rasgar a caligem do Mar Tenenebroso, de arrostar com êsses monstros que a tradição afirmava estarem sempre de vela a defender os segredos dos mares.

Os exércitos muçulmanos, mais ou menos numerosos, melhor ou pior apetrechados, eram exércitos de homens que a experiência cristã sabia vulneráveis e mortais. Êsses outros inimigos que os primeiros nautas do Promontório partiam a combater, eram fantasmas, demônios ou gênios que não morriam de tiros de besta nem de golpes de lança; eram entes sobrenaturais que o terror exaltado tinha criado, sêres irreais a que as nuvens, os ventos e as tormentas davam foros de verdadeiros e contra os quais não bastavam a simples valentia e a ciência de pelejar. No entanto, êsses homens foram ao encontro de todos os mêdos, dispostos a encarar os fantasmas e a seguir até às fronteiras do Vedado a rota que lhes fôra traçada.

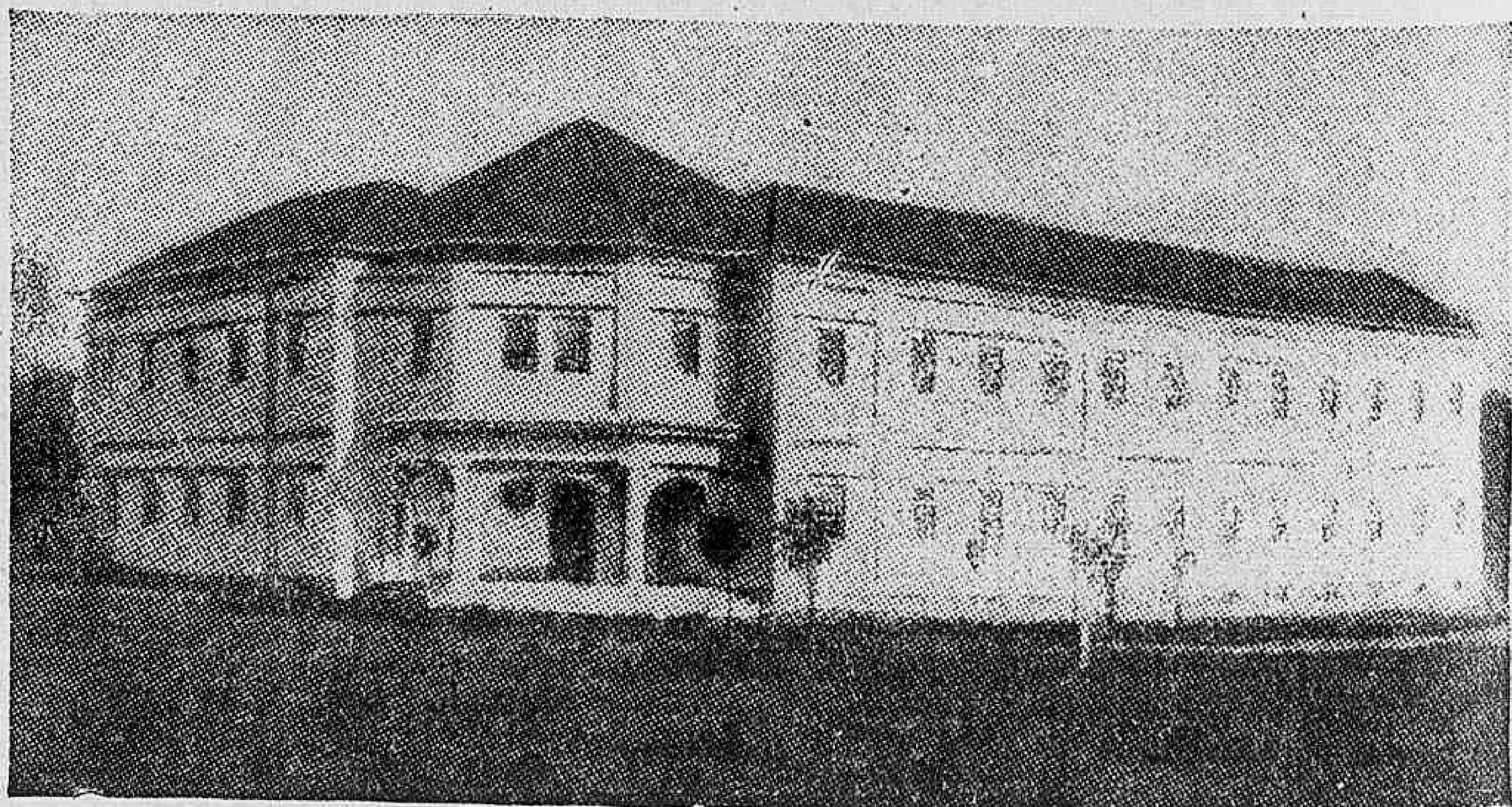
Foi mais do que ousadia. Foi uma visão profética da Verdade que só pôde caber em almas cheias de fé e em cérebros aptos para tôdas as concepções. Era o instinto civilizador da Raça a vencer a superstição e a desfazer as lendas que o terror do desconhecido criara em espíritos mais débeis. Era a primeira grande vitória da Inteligência clara sôbre a névoa fantasiosa e terrífica em que a mentalidade acanhada dêsse tempo envolvera todos os rasgos da curiosidade científica da aventura. As primeiras caravelas que partiram de Sagres foram bem os arautos da Civilização do Ocidente, que levaram unidos num grito, o nome de Portugal e o nome de Cristo, a milhões e milhões de almas que desejavam, sem compreender, o advento duma Verdade eterna.

Esta foi a mais bela das Cruzadas do Ocidente.

A luta contra os mouros, luta de ocupação e de domínio, em nome de um princípio religioso, guerra que se fazia para alargar o âmbito da cristandade, substituindo o dogma pelo dogma, padecia nos seus resultados de caráter teológico, de que enfermava. A Fé cristã, pelo fato da conquista, não brotava espontâneamente nas almas. O mouro submetido, aceitava o Evangelho não como lei rudimentar, mas como uma imposição que devia suportar e acatar para ter direito à existência.

Além desta diferença de credo, pouco ou nada o Ocidente podia oferecer aos árabes. No campo das ciências teria mais que aprender do que ensinar.

Outro tanto não aconteceu com a Cruzada Portuguêsa. Os habitantes das terras que os nautas iam descobrindo eram sêres virgens de tôda a civilização, almas selvagens em tôda a pureza do têrmo e, portanto, terrenos aptos e propícios ao lançamento e germinação da semente da Boa Nova, da Lei que prega a igualdade e a dignificação de todos os homens. A par da missão teológica de ensinar as gentes nos princípios da Fé, coube também aos Por-



Lourenço Marques — Casa de Educação para moças (Mis. Cat. Port.)

tuguêses iniciar êsses povos nos métodos e processos da civilização latina. Os missionários que ficavam nas terras descobertas e os colonos que do Reino para lá partiram levavam consigo a ciência das indústrias; ensinavam a tecer, a semear, a construir. Ajeitaram as mãos ociosas dos nativos aos engenhos e às ferramentas dos civilizados. Alargado o caminho dos mares, sucederam-se os descobrimentos, e as terras novas que iam aparecendo faziam esquecer dia a dia a África muçulmana. Cafim, Azamor, Arzila, Alcácer Sequir, foram abandonadas.

De todo o luso domínio no Norte africano, restavam apenas Ceuta, Tânger e Mazagão. Esta última ainda resistiu com brilho e êxito ao cêrco de 1562.



Padre Antônio Vieira — o maior orador, escritor e diplomata da sua movimentada época.

Rui de Carvalho, comandante da praça, cobria-se de glória e a vitória portuguêsa foi celebrada solenemente no Concílio de Trento.

Até ao sonho de D. Sebastião, pouco mais havia que dizer sôbre êsse domínio no Norte da África e dos resultados trágicos dêsse sonho; mais vale não dizer uma vez que nos propomos falar apenas de Portugal como arauto da Civilização do Ocidente. Uma simples nota: 354 anos depois da tomada de Ceuta nada possuíam os portuguêses em Marrocos. Campo mais vasto para essa obra era o Brasil, mais vasto e mais adequado para a realização daquilo que pretendiam fazer.

Foi aí, foi nesse domínio gigante que a obra civilizadora de Portugal operou maravilhas. Nem as gentes, nem a selva, nem as febres tolheram a missão colonizadora de Portugal, nesse território imenso que ainda hoje, séculos volvidos, tem mistérios e riquezas a desvendar!



O Padre Missionário Antônio de Andrade que, na China, adquiriu renome quase idêntico ao de São Francisco de Borja. Supliciado pelos idólatras, foi um dos primeiros — talvez o primeiro — mártires da Cristandade na China e Japão.

Ao longo da costa intérmina foram-se estabelecendo aldeias, levantando igrejas, agregando povoados. Aos poucos, porque mesmo que Portugal inteiro se despovoasse, escassa seria ainda a população para ocupar tantíssimas léguas de domínio, se foi realizando a imigração; devagar se foram lançando os alicerces dêsse novo império; as naus iam e vinham e enquanto elas faziam o caminho dos mares, os Portuguêses iam conhecendo a terra, iam desbravando as matas, iam sondando as entranhas das rochas à cata de metais preciosos.

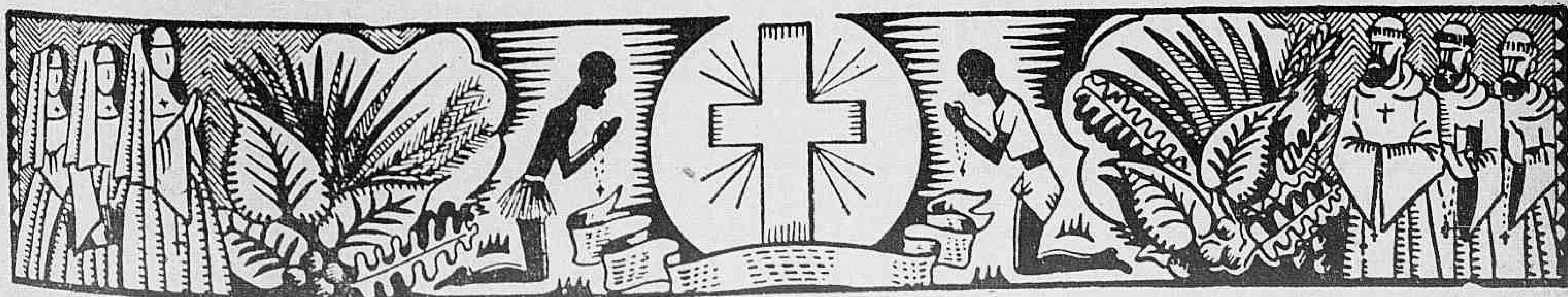
Os colonos da última terra africana do Norte, os habitantes de Mazagão, abandonada voluntàriamente a cidade, ali aportaram para construir o Mazagão brasileiro.

Tôdas as ambições de possuir terra lá cabiam, porque ela sobrava e então as aldeias se foram transformando em vilas e estas em cidades. A Civilização do Ocidente ia, pouco a pouco, criando para o Mundo uma das maiores nações.

E Portugal foi o arauto dessa Civilização européia, em tôdas as terras que descobriu, nos reinos que conquistou em todo o lugar onde chegaram os seus missionários, os seus capitães e os seus comerciantes.

Ainda hoje é fácil verificar a extensão da sua influência pelo que da nossa língua ficou nas terras onde aportaram e que foram seus domínios.

De Sagres partiu para o mundo a primeira mensagem da Civilização latina aos povos bárbaros de tôdas as latitudes; por isso querem os Portuguêses para êles uma glória que lhes não pode ser negada: a de haverem sido, em tôda a terra até então desconhecida, os arautos da alma e do cérebro da Latinidade Cristã.



NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Temos todos o dever de exprimir-nos com suficiente correção. A língua merece o nosso culto como um dos elementos mais eficientes da unidade nacional, que tanto prezamos".

JÚLIO NOGUEIRA

NOVOS PROGRAMAS

O Ministério da Educação vem de modificar programas de várias disciplinas do primeiro e do segundo ciclo. E lá está o português, com alterações profundas que demonstram o louvável intuito de dar ao ensino do vernáculo caráter eminentemente objetivo.

Medida importante foi a transferência da gramática histórica para o primeiro ano do segundo ciclo. Fica, assim, o curso ginasial com a gramática expositiva, exclusivamente.

O critério das unidades ainda foi adotado, com o que se mantém a flexibilidade tão conveniente. Parece-nos, contudo, que o programa poderia ser mais minucioso, no sentido de acentuar o cunho prático de que deve revestir-se o ensino.

Falar e escrever corretamente é o duplo objetivo de quem estuda um idioma. E tal só se consegue falando e escrevendo. Impõe-se, portanto, a realização de exercícios que concorram para o aperfeiçoamento da linguagem: leitura, ditado, composição. A leitura é fonte imediata de conhecimentos, contribui para a formação literária, aprimora o estilo, desenvolve a inteligência.

Mortimer J. Adler, no seu livro **A Arte de Ler**, (1) comenta: "Acho indiscutível que quem não sabe ler para adquirir conhecimento, não pode cursar o colégio. Não pode, mesmo, ser promovido a êle se fôr assim deficiente." E reproduz o testemunho do professor Mursell: "Os alunos de escola primária, ginásio e colégio lêem muito pouco. As revistas populares e os romances baratos são seus principais interêsses. As escolhas são feitas por ouvir dizer, por recomendações ocasionais e anúncios aparatosos. A educação não visa fazer um público de leitores conscientes ou bem informados. Como concluiu um investigador, não há indícios de que as escolas estejam desenvolvendo um interêsse permanente, ao considerar a leitura como uma atividade para as horas de lazer."

A observação aplica-se ao caso brasileiro: não há o gôsto da leitura. Nem a escola se tem esforçado por criá-lo e desenvolvê-lo.

O ditado é indispensável, porque, através dêle, o estudante exercita a grafia e a pontuação.

A correção de textos é outro exercício importante. Colocando a gramática depois da língua, tais exercícios prendem a atenção dos alunos mais rebeldes.

A composição é o mais completo dos trabalhos: mobiliza todos os recursos literários, gramaticais e culturais.

Quanto à análise sintática, cumpre especial cuidado, para que se não transforme em assunto de maior importância, como vem acontecendo, de tal forma que, alguns cursos, com mais propriedade, se denominariam **aulas de análise** ou **de gramática.** Não desprezamos o valor da análise. O conhecimento das funções é indispensável ao estudo da sintaxe. Dá a consciência do que se escreve. Mas é um **meio**, e não o **fim.**

Diretivas novas também se encontram nos programas do segundo ciclo. Na literatura, são focalizadas as escolas, desprezadas as biografias sempre decoradas e de nenhum valor (2). Feliz a orientação. Interessam, realmente, os movimentos literários, como expressão da sociedade, ainda que pese o conceito flutuando da expressão **escola literária.** Surgem as obras como ilustração e matéria prima para estudo e análise.

Valerá o curso de português, no segundo ciclo, como processo de iniciação literária, capaz de despertar a curiosidade para indagações mais profundas, em leituras nas horas de lazer.

★

CORRESPONDÊNCIA

W. R. (Nesta) — Pergunta sôbre os adjetivos correspondentes a **rato, neve, marfim, touro.**

De rato, temos **murídeo;** de neve, **níveo;** de marfim, **ebúrneo;** de touro, **taurino.**

Outros:

alabastrino	(de alabastro)
aquilino	(de águia)
argênteo	(de prata)
áureo	(de ouro)
auricular	(de ouvido)
avoengo	(de avós)
aurincular	(de tios)
cinéreo	(de cinzas)
cítrico	(de limão)
cúpreo	(de cobre)
digital	(de dedo)
eclesiástico	(de igreja)
esplênico	(de baço)
hepático	(de fígado)
ígneo	(de fogo)
plúmbeo	(de chumbo)
purulento	(de pus)
sulfúreo	(de enxofre)
trítico	(de trigo)
ungueal	(de unha)

O. T. (Nesta) — Há **esa,** com **s,** e **eza,** com **z.** A etimologia, sòmente a etimologia, aconselha o emprêgo. (esa ⟶ ensa, eza ⟶ itia). Temos: defensa ⟶ defesa; justitia ⟶ justeza.

Há **coser,** costurar, de **consuere;** e **cozer,** cozinhar, de **cocere.**

JOSÉ RICARDO NETO

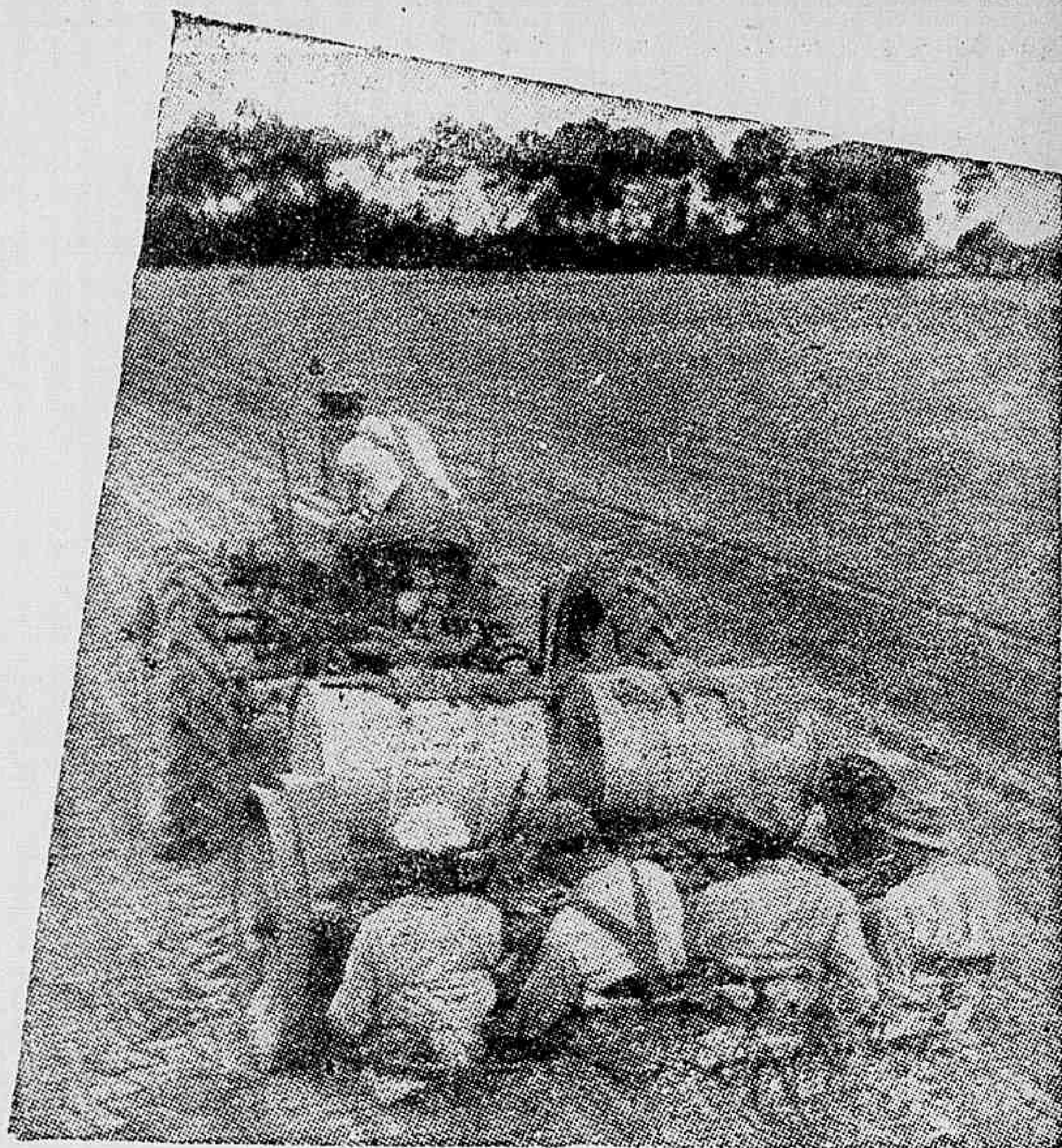
---

(1) Tradução de Inês Fontes de Oliveira.

(2) Não nos referimos, é lógico, à biografia dos grandes homens, daqueles cujos exemplos devem ser apontados e seguidos. A história é *a mestra da vida.*

TABACO

O calor de estufas de petróleo cura muitas toneladas da grande colheita de North Carolina



Equipamento com quatro homens que plantam, com precisão mecânica, as fileiras de tabaco

FALAREMOS, hoje, da rica zona tabaqueira de North Carolina (E. U. A.). A colheita do ano passado enviou ao mercado cêrca de mil milhões de libras da aromática fôlha. Desde então os campos permaneceram inativos, as casas de tabaco vasias, e apagadas as estufas. Porém quando os campos despertam do descanso invernal, na maior parte dos 282.600 hectares de terra ligeiramente ondulada, uma cultura de cobertura, de centeio ou de algarroba, termina seu mágico trabalho de revivificar a terra para a sementeira primaveril e por tôda a região os tabaqueiros se preparam para a nova colheita, que verá a extensão das plantações aumentada em 10%.

Com seu delicado tecido reticular, sua côr alaranjada escura, e alcançando até 60 cm. de comprimento, uma fôlha de tabaco "brilhante" é a descomunal descendente de uma diminuta semente, que se assemelha a um grão de pólvora pardacenta. São necessárias milhares dessas sementezinhas para se encher uma colher de uma onça. Uma delas pode se transformar numa planta de 182 cms. de altura, a qual, por sua vez, produz não só fôlhas de tabaco mas até um milhão ou mais de sementes. E três onças desta semente, ou seja um valor de seis dólares, chegaram para plantar um viveiro de 450 metros quadrados.

As sementeiras são feitas a mão, nos viveiros, durante o mês de janeiro, e logo, em tôdas as principais regiões tabaqueiras do Estado, cobrem-se as sementeiras ou viveiros com miríades de tendais de musselina branca, para protegê-los contra as geadas. Em cêrca de quatorze dias aparecem sôbre a terra os brotos de côr verde pálido. Nesse interim, os campos foram arados, adubados e umedecidos pelas chuvas prematuras e estão prontos para ser plantados.

Em fins de abril, quando o ar se acha tépido, começa o transplante, e a zona tabaqueira depressa recobra vida nova. Homens e mulheres, brancos, negros e mulatos, lidam nos campos banhados de sol. As crianças aproximam-se também, lançando gritos de alegria ao sentirem a terra recém-virada desfazer-se entre os dedos de seus pés descalços. Alí estão as mulas fortes e pacientes, atreladas às plantadoras que arrastam contìnuamente, durante todo o dia. Ou, em vez de mulas, podem ser encontrados tratores, mais rápidos e eficientes, e que estão ràpidamente substituindo a tração animal.



Cena num depósito, durante o leilão público

A plantação de tabaco tem um sistema próprio. Um grupo de quatro ou cinco trabalhadores arrancam as plantas tenras dos viveiros, empilhando-as em montões feitos no fim de cada fileiras e mantendo-as regadas até que sejam usadas. Outros grupos manejam as plantadoras, umas armações de madeira com duas rodas que têm três assentos e um barril com água. Sob a armação acha-se uma relha de arado para abrir o sulco. O assento da frente, sôbre o barril, cabe ao que guia, o qual maneja a parêlha de mulas que puxa uma carga de meia tonelada. Mas são os dois homens que vão no assento trazeiro os que atraem a atenção do espectador, com o rítmo singular da plantação de tabaco.

Instalados em seus assentos quase ao nível do solo, trabalham, um ao lado do outro, como se fôssem partes integrantes da u'a máquina. Um monte de plantas de 25 cms. de compri-

mento descansa junto aos seus joelhos e à medida que a plantadora avança continuamente no sulco, cada homem, com uma precisão perfeita, coloca na terra uma planta. E assim, apanhando e plantando, os dois homens trabalham ritmicamente, com precisão exata.

Trabalhando o dia todo, uma plantadora puxada por mulas pode cobrir dois hectares. Com uma plantadora de trator, que avança com velocidade dobrada e leva quatro homens para plantar, podem-se cobrir oito hectares com fileiras de plantas verdes e novas.

Durante as chuvas cálidas de maio e o calor maturativo de junho, devem os campos ser deservados constantemente e retiradas, a mão, as lagartas das fôlhas verdes. Pela última semana de junho as pontas floridas são



As fôlhas são colhidas ao amadurecerem, começando-se pelas de baixo. O melhor tabaco provém das fôlhas do centro do talo. A colheita de um campo leva cêrca de seis semanas

cortadas das plantas. Surgem, então, nas articulações das fôlhas, uns brotos chamados ladrões. Para se conseguir melhor tabaco, devem também êsses ladrões ser arrancados.

Em fins de junho as plantas de tabaco já estão tão altas, que as orelhas das mulas parecem periscópios ponteagudos, quando se balançam entre a ondulante extensão de verdura.

COLHEITA DAS FÔLHAS

A colheita do tabaco começa em julho e são necessárias de cinco a seis colheitas semanais para se colhêr tôda a cultura. As fôlhas próximas à terra amadurecem primeiro, mas as melhores são as do centro do talo e estas são colhidas no segundo ou terceiro arrancamento das fôlhas. Uma boa fôlha tem cêrca de 45 cms. de comprimento e de 30 a 35 cms. de largura, mas o tamanho varia. Algumas têm apenas o tamanho da mão de um homem, enquanto que outras alcançam até 60 cms. de comprimento. E o rendimento por hectare é assombroso. Um quilo de tabaco para cada quilo de fertilizante que se deu à terra. A aplicação de fertilizantes vem sendo aumentada gradualmente de 910 quilos para 1.350 quilos por hectare.

À medida que se arrancam as fôlhas suculentas, são essas amontoadas em reboques ou carros puxados por u'a mula, construidos especialmente para se adaptarem ao espaço estreito existente entre duas fileiras, e se transporta a carga à casa de tabaco. Esta é uma construção de formato cúbico, de quase 5 metros em cada dimensão, feita de troncos ou tábuas, terminando por um teto ponteagudo, de ripas. Aí são as fôlhas amarradas com barbantes em feixes chamados "mãos" — três ou quatro fôlhas em cada mão — e atado na ponta de varas de 1.35 cms. de comprimento, as quais são colocadas em sete fileiras. Uma casa de tabaco, cheia, assemelha-se a uma selva densa mas enfeitada de fileiras verdes escalonadas.

A cura do tabaco requer cinco dias de intenso trabalho e vigilância, se é feita com fogo de lenha, na estufa que se acha sob uma cobertura próxima à casa do tabaco. O fogo tem que ser alimentado dia e noite, para que uma corrente contínua de ar quente saía dos tubos da chaminé e penetre na casa de tabaco, circulando pela mesma para manter constante o processo de secagem.

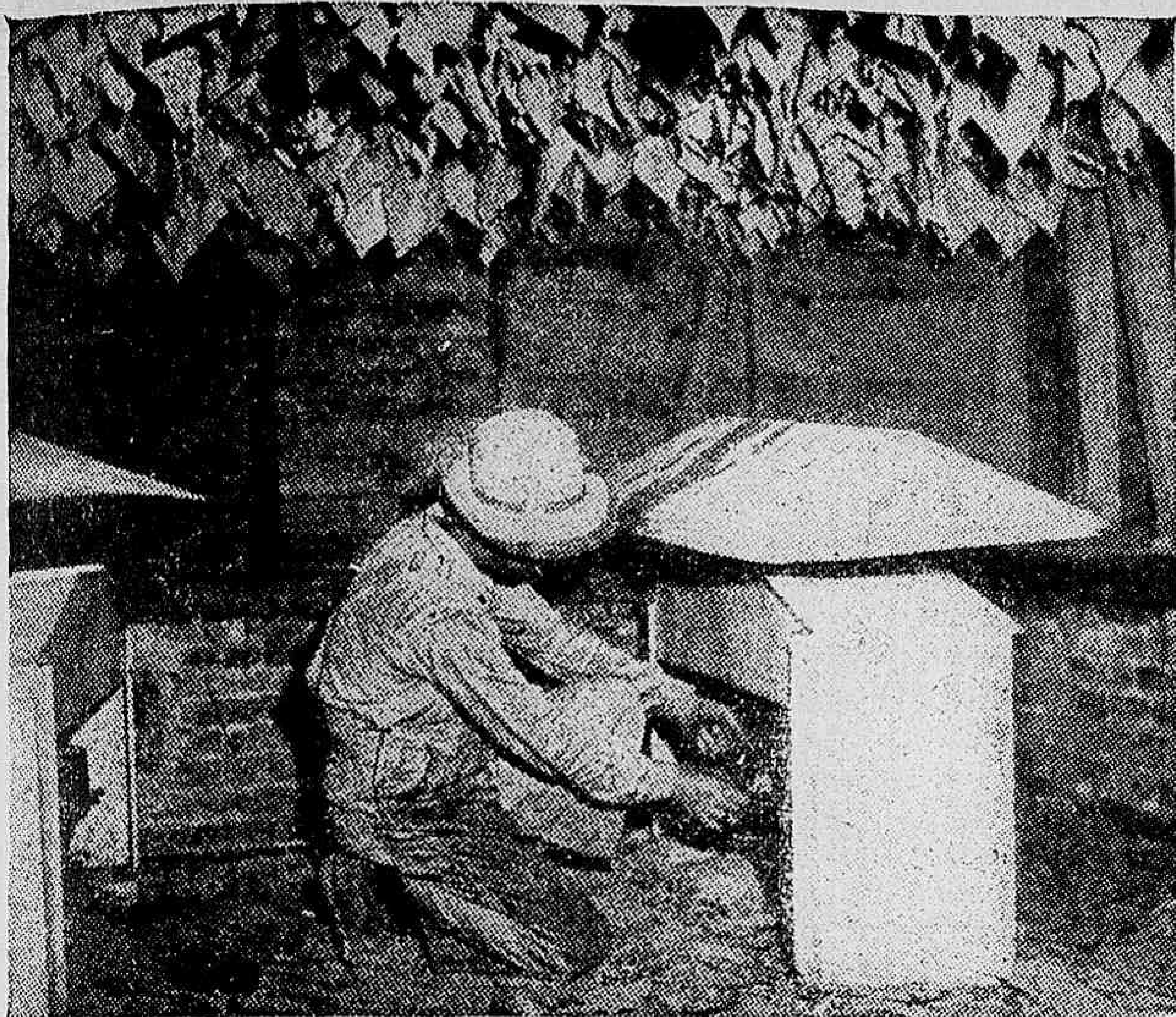
Para se obter melhores resultados, a temperatura deverá ser mantida entre 32 e 37º C um dia inteiro e uma noite, sendo depois gradualmente aumentada até 70-76º C nos últimos quatro dias. Mas nem mesmo os homens mais práticos podem regular devidamente o fogo de lenha.

Com as estufas de petróleo, a importante tarefa de controlar a temperatura torna-se tão simples como girar-se um trinco de porta. Um homem pode graduar as estufas e ir dormir socegado. Além disso, a cura por meio de petróleo rende mais tabaco que por meio de lenha. Com a combustão de petróleo, pode uma casa cheia de tabaco ser curada em quatro dias, em vez dos cinco que requer a secagem feita com lenha, e a economia de um dia de trabalho é de grande importância no atarefado período da secagem.

Seja utilizando o calor da combustão de petróleo, seja o da queima da lenha, o processo de cura torna o tabaco sêco e quebradiço, motivo pelo qual se deve deixar abertas, durante a noite, as portas da casa de tabaco, para que absorva a umidade do orvalho e do ar noturno. Depois de curados, ainda atados aos paus, são empilhados nos depósitos apropriados.

VENDA DE TABACO

Na época do mercado, em fins de agôsto, mãos ágeis



retiram os feixos das varas. Olhos e dedos, sensíveis à mais ligeira variação da côr ou textura, dividem o tabaco numa dezena de graus ou classes. Atam-no em maços, cada um ligado com uma fôlha de tabaco, e empilham os aromáticos feixes em carretas, carros ou caminhões. Em seguida, durante vários dias, os caminhos e estradas acham-se cheios de veículos de tôda classe, todos convergindo para os enormes depósitos, nas 38 povoações que contam com bolsas de tabaco em North Carolina.

Dentro dêsses depósitos provisionais, ou armazens, aglomeram-se também cultivadores, compradores das companhias tabaqueiras e os leiloeiros ou pregoeiros, visto todo o tabaco ser vendido em hasta pública.

Colocado de acôrdo com sua qualidade em grendes cestas de vime, pouco profundas, que acomodam 250 libras, entra o tabaco em leilão.

À medida que progride a venda, cultivadores, lançadores e leiloeiros caminham ao longo das filas de cestas que se estendem em todo o comprimento do edifício. Nenhum lançador grita sua oferta: um sinal, um piscar de olhos ou a contração de um dedo, diz ao leiloeiro o que êle necessita saber. E só os entendidos podem interpretar a linguagem especial com a qual pede maiores lances. No final de cada lance, todo o tabaco vendido é retirado do depósito para ser enviado às fábricas.

SISTEMA EMPREGADO POR UM GRANDE CULTIVADOR

O querosene, usado em seis estufas de quatro queimadores cada uma, para cada casa de tabaco, cura tôda a colheita de C. L. Hardy, que se diz ser o mais forte cultivador de tabaco claro ou dourado, do mundo inteiro. Os 400 hectares que o Sr. Hardy plantou em 1946, em suas terras ao redor de Maury, em North Carolina, renderam entre 1.450 e 1.600 quilos por hectare. Um total de quase 700.000 quilos. Isto representa 45.000 quilos mais do que o obtido com a cura pelo fogo de lenha; um dividendo líquido de U. S. $41,000, sem contar a economia de 50% obtida com êsse sistema de cura.

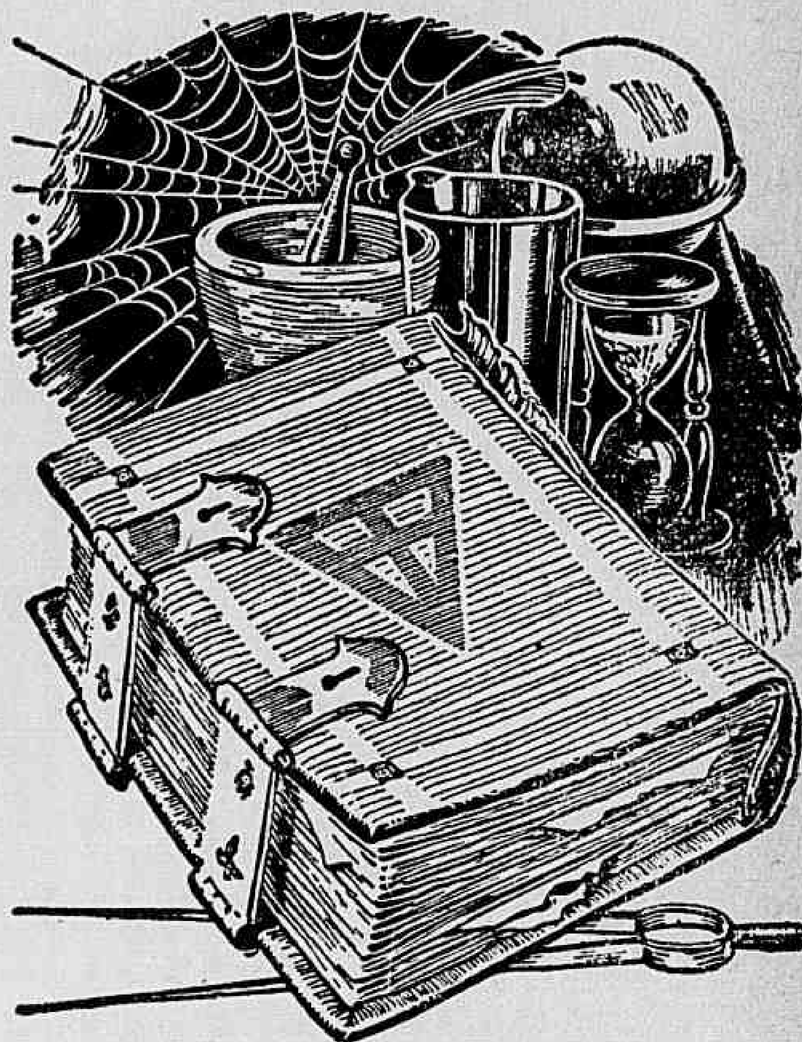
Seguindo o exemplo do Sr. Hardy, é o petróleo agora usado em mais de 75% das casas de tabaco nessa secção do Estado. Para seu próprio uso e para o de outros cultivadores que abastece, compra o Sr Hardy uns 400.000 galões de querosene em cada estação.

Nas quatro secções tabaqueiras de North Carolina, a procura de petróleo para êsse fim vem aumentando. Em 1945 as 40.000 casas de tabaco, que utilizavam petróleo, gastaram cêrca de 32 milhões de galões de querosene. E' provável que, no próximo mês de julho, 65.000 casas de tabaco empreguem êste combustível. Se tôdas as 220.000 casas de tabaco de North Carolina consumissem petróleo, o total anual seria de cêrca de 175 bilhões de galões.

Não só para curar o tabaco é o petróleo usado em North Carolina, pois as emprêsas comerciais de pesca da costa empregam-no, há anos, para curar o pescado. Deveria, entretanto, ser usado ainda mais extensamente.

Em uma estufa de petróleo, o tabaco fica por cinco dias, a uma temperatura controlada, para secar devidamente

SEGREDOS CONFIADOS A POUCOS



Os fatos pouco conhecidos da vida

Há certas coisas sobre as quais não se pode falar abertamente —*coisas no entanto que todos devem saber.* Verdades existem que são perigosas para alguns—mas que, em mãos dos que as compreendem, são antes fatores de *poderio pessoal e realizações.* Atrás dos relatos de milagres e mistérios dos antigos, há muitos séculos de sua secreta e paciente perquirição das leis da natureza—suas maravilhosas descobertas *sobre os processos recônditos do espírito humano e o domínio dos problemas da vida.* Outrora envolvidos em mistério para proteger-se contra a destruição pelo medo e a ignorância das massas, estes fatos constituem uma herança util para milhares de homens e mulheres que os usam hoje em dia em suas próprias casas.

ESTE LIVRO GRATIS

Os Rosacruzes (não é uma organizaçao religiosa), velha irmandade de ensino, conservaram sua secreta sabedoria por séculos em seus arquivos. *Convidam agora todos a participar da utilidade prática dos seus ensinamentos.* Escreva-nos hoje pedindo um exemplar gratis do livro *"El Dominio de la Vida."* Em suas páginas pode estar o segredo de uma nova vida de oportunidades para o leitor. Favor de mencionar se deseja o livro em inglês ou em espanhol.

Endereço: Escrivão B.D.Y.

Os ROSACRUZES

(AMORC)

San José California, E. U. A.

O ZEBU QUE O BRASIL NÃO CONHECE

Sabemos que o Brasil é, por assim dizer, o campeão do gado indiano, isto é, foi em nosso país que êle melhor se aclimou. E, hoje, já existe até o **zebu brasileiro** — o Indu-Brasil — produto de um trabalho paciente e realizado, de preferência, no Triângulo Mineiro, com magníficos resultados.

Todos sabemos, também, que o zebu veio para o Brasil diretamente importado da sua terra, a Índia, por particulares. Mas pouca gente, talvez, sabe que, das raças indianas, trazidas para a nossa pátria, nenhuma delas é **a melhor.**

Vieram o Nellore, o Gyr e o Guzerat, cada qual com as suas grandes e incontestáveis utilidades, um para tração, outro para leite e outro mais para carne — e todos com alto poder de cruzamento com o gado crioulo, e resistentes ao clima: sêca, umidade, forragem pobre, etc.

Entretanto, nenhuma dessas raças é a **melhor** da Índia. Segundo os técnicos hoje verificaram, após detidos estudos e experiências de tôda sorte, a raça mais interessante é a constituída pelo zebu Sindi, espécie que vive no Norte da Índia, isto é, no Paquistão.

Os nossos importadores tiveram que se limitar às raças que encontraram no sul da península indiana e, portanto, mais próximo dos portos marítimos visitados pelos navios que iam da América do Sul. Aliás, diga-se de passagem, o Paquistão é hoje uma nação independente e amiga do Brasil, nada impedindo que, oportunamente, se faça a aquisição de alguns exemplares do Sindi — o zebu vermelho do Paquistão — para cruzar com o nosso gado.

Segundo, aliás, os jornais noticiaram recentemente, é pensamento do nosso govêrno adquirir exemplares puros do zebu-Sindi, para tanto já tendo sido formada uma comissão técnica, que estuda, no momento, os processos mais práticos de promover a vinda dos primeiros zebus-vermelhos do Paquistão, que serão instalados preferentemente na ilha de Marajó.

Essa providência virá, sem dúvida alguma — e acima de tudo — incentivar a produção de leite, pois que a raça Sindi, rústica embora, como as demais raças zebu, é entre tôdas a mais leiteira e, igualmente, de grande porte.

Antes de nós outros países já descobriram as superiores bondades do zebu-Sindi. Nos Estados Unidos da América do Norte, por exemplo, já é êle conhecido em certas zonas, tendo sido efetuado o seu cruzamento com raças finas. Ali importaram quatro reprodutores dessa raça vermelha e com êles estão obtendo tipos muito interessantes de animais leiteiros de bom porte, na estação de pecuária de Beltsville, no Estado de Maryland.



A foto mostra belos exemplares do cruzamento experimentado pelos britânicos no Irã. Vê-se, à esquerda, uma vaca Sindi e, à direita o novo produto Sindi-Jersey.

Por sua vez, o Irã está obtendo excelentes resultados com a importação dessa raça paquistã, assim podendo transformar imensas e desoladas áreas, inutilizadas por sais — nos arredores de Abadan — no que já é, hoje, a mais moderna fazenda de gado leiteiro de todo o país.

Superior gado Jersey — famoso por sua elevada produção de leite — foi importado do Reino Unido e cruzado com as espécies do Sindi, do Paquistão, para produzir um forte cruzamento, capaz de resistir aos extremos do clima e de produzir, também, bom suprimento de leite. A fazenda a que nos referimos possui, atualmente, 189 cabeças, porém vinte e cinco novilhas Jersey puro-sangue já procriaram nos modernos currais de Abadan, apresentando produtos magníficos.

Esperamos, confiantes, que no nosso país os resultados do cruzamento do zebu do Paquistão com o gado crioulo alcance o maior êxito.

NO MUNDO DOS SELOS

NORUEGA — Nova série de selos, com a efígie do rei, considerado o monarca mais alto do mundo (1m,90) recorda a história dêsse país. Em 872, Herald Haarfago fundou a unidade da Noruega,



Noruega

que foi desfeita em vários reinados até à União de Kalmar, em 1397, quando essa União foi quebrada e o país passou a fazer parte da Dinamarca. A transformação da monarquia dinamarquesa colocou os dois Estados em pé de igualdade, tendo monarquias absolutas. Bernadotte reuniu a Suécia e a Noruega, logo que esta se desligou da Dinamarca, em 1814. Só em 1906 a Noruega obteve sua independência, escolhendo para rei Haakon VII, da casa real dinamarquesa. Invadida pelos Alemães, na última guerra, o seu povo reagiu valentemente, dando tremendas dores de cabeça ao comando nazista, até à libertação em 1945. Foram emitidos selos, em série especial, de três valores, em benefício das vítimas dos torpedeamentos.

GUATEMALA — Acaba de ser emitido sêlo que constitui novidade em filatelia. Tem o valor único de 5 centavos, nas côres azul e castanho. Comemora um «Plano Nacional Hospitalar», tendo um mapa geral, assinalando a localização dos vários hospitais que são construídos atualmente em diferentes regiões do país centro-americano.

HOLANDA — Uma série beneficente acaba de, como todos anos, ser emitida. Como os anteriores, têm um adicional, destinado à obtenção de fundos de amparo às obras culturais (artísticas em geral) e fundações médicas, sendo 50% para cada. Os motivos são cinco dos muitos castelos do país. Os valores são: 2 cent. mais 2 cent, violeta (castelo de Hillenraad, no Luxemburgo); 5 cents. mais 3 cents, vermelho (castelo de Bergh, no Geire); 5 cents, mais 4 cents, castanho avermelhado (Castelo de Hernem (também no Geire); 10 cents mais 5 cents, verde (Castelo de Rechteren no Overysel): 20 mais 2 cents, azul (Castelo de Moermond, Zeelândia).



Holanda

BRASIL — A 25 de julho surgiu um sêlo que muito deixa a desejar, como valor artístico (nulo). Trata-se de um sêlo de 60 centavos, nas côres marron e uma meia-tinta amarela, inspirado num quadro de Vitor Meireles sôbre a primeira missa no Brasil. Houve carimbo obliterador, que aqui reproduzimos igualmente.

Também o Dia do Filatelista Brasileiro, foi comemorado, em 1 de agôsto. Aproveitando a efeméride o Clube Filatélico do Brasil brindou em sua sede os associados com uma «Mostra de Selos do Brasil», derradeiras emissões do Império. Seguiu-se leilão que êsteve animadíssimo. Os Correios fizeram emitir um carimbo especial à efeméride.

No leilão efetuado na sede do Clube Filatélico do Brasil, por ocasião da citada Mostra Filatélica, em homenagem ao I Congresso Brasileiro de História da Medicina, os selos estrangeiros, sempre apresentados em lotes bem organizados, alcançaram preços relativamente baixos. Entre as peças mais interessantes, selecionamos os seguintes selos do Brasil: n. 87, novo, sem goma, vendido por Cr$ 50.00; 377 e 378, Pacelli, em quadras, novos, 3.ª tiragem, vendido por Cr$ 150.00; 377a/378a, idem, uma série tête-bêce, nova, Cr$ 80.00; Aéreos 49/51, quadra, nova, Cr$ 100.00; n. 4a, Condor, quadra, sem goma, não emitida, Cr$ 170.00; Aerograma Zeppelin, vôo Rio-Europa, com os 3 selos ns. 12 a 14, Cr$ 750.00; Chile n. 1, peça regular, cat., Yvert, Frs. 2.000, Cr$ 100.00; 1 pequeno lote de selos do Império, carimbos vários, catalogado, Cr$ 41.00, Cr$ 50.00; n. 431/432, Pereira Passos, quadra, nova, Cr$ 32,00.



Carimbo obliterador para sêlo do IV Congresso Internacional de Educação Católica



Carimbo para o sêlo de Druille Derby.

A LUTA



CONTRA



O TEMPO





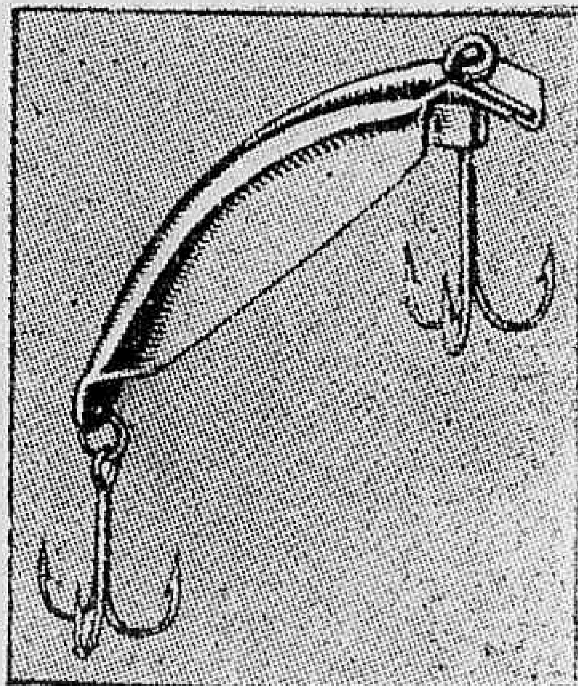
A melhor maneira de remover rugas e outras marcas da idade é evitar que as mesmas se formem. Essa é a finalidade da "máscara diatérmica", que é colocada cuidadosamente sôbre os pontos vulneráveis do rosto e papada em redor dos olhos e da bôca. Através dessa máscara passa uma corrente de alta freqüência (ver eléctrodos na gravura à esquerda, parte inferior). Deve ser repetida semanalmente ou cada quinze dias.

★

TATUAGENS: UMA SÉRIA AMEAÇA À SAÚDE!



Eis aqui um aviso aos que têm paixão pelas tatuagens (os marinheiros de tôdas as nacionalidades são loucos por êsse adôrno): **não se deixem tatuar antes de obter absoluta certeza de que o «artista» tatuador é homem amigo da higiene e, principalmente, que conhece ser ela indispensável ao seu trabalho.** Uma tatuagem executada por pessoa ignorante e com utensílios pouco limpos, em qualquer parte do corpo que, por sua vez, não tenha sido igualmente lavada e desinfetada, pode provocar uma séria inflamação do fígado e a conseqüente icterícia. Na Cidade do Panamá, não há muito, o exame cuidadoso feito em vinte e oito homens, recolhidos ao hospital do Exército, revelou como causa principal da sua hospitalização a icterícia infecciosa, provocada pelas agulhas e pincéis pouco asseados, empregados pelo tatuador. Por medida de precaução, tôdas as tatuagens deveriam ser terminantemente proibidas, até que os tatuadores adotassem processos e utensílios mais seguramente desinfetados e sob rigorosa inspeção das autoridades sanitárias.



PARA PESCADORES — Novo tipo de isca-peixe, de metal, não rotativa. Não enrola a linha e reduz ao mínimo a possibilidade de parti-la.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM NOVEMBRO DE 1951

1 — QUINTA-FEIRA: — Continua sem solução a questão da linha demarcatória para o território "tampão", dificultando as conclusões do armistício na Coréia. Os EE. UU. insistem na questão de ser examinada a política interna da União Soviética, a fim de comprovar seus bons propósitos pacifistas. — Ao longo da zona nevrálgica do canal de Suez, continuam ocorrendo conflitos armados entre patriotas egípcios e soldados britânicos. — Técnicos norte-americanos opinam favoràvelmente no sentido de ser feito um grande empréstimo para o reaparelhamento das estradas de ferro brasileiras. — Fontes militares americanas não negam que, em última instância, seus aviões bombardeiem a Mandchúria. — Explodem bombas no centro comercial de Buenos Aires, sendo efetuadas numerosas prisões de elementos suspeitos.

2 — SEXTA-FEIRA: — Os britânicos iniciam a evacuação de mulheres e crianças da disputada Zona do Canal de Suez, e 21 mil soldados britânicos transformam essa região numa verdadeira fortaleza ante a possibilidade de ter que enfrentar ataques no movimento de resistência egípcio. — Sabe-se que a 3ª Divisão de Infantaria do Exército britânico começará a embarcar hoje, em Portsmouth, a bordo dos porta-aviões "Illustrious" e "Triumph", com destino ao Oriente Próximo, enquanto cresce à onda de nacionalismo na Zona do Canal de Suez.

3 — SÁBADO: — Os delegados das Nações Unidas propõem a inclusão de Kaesong na zona desmilitarizada. Como se sabe, há três dias as conversações estão pràticamente paralizadas em conseqüência dessa questão de Kaesong, cidade que as Nações Unidas reivindicam e que os comunistas estão decididos a não abandonar. — O General Ensenhower chega a Nova York, procedente da Europa. — Observadores políticos estão convencidos de que o Presidente Truman e o General discutirão, secretamente, a campanha "Eisenhower para presidente", durante os dois dias de visita que o Supremo Comandante das Fôrças do Atlântico Norte fará a Washington. — O Sr. Presidente da República assina decreto criando a Comissão de Abastecimento do Nordeste.

4 — DOMINGO — Divulgado um relatório do Escritório Comercial do Brasil no Canadá, acêrca do intercâmbio comercial entre os dois países. — O Supremo Comandante das fôrças ocidentais conferencia com o Presidente Truman e o General Bradley, Chefe das Fôrças Armadas norte-americanas. — Conferido ao sociólogo e estadista francês Leon Jouhaux, o Prêmio Nobel da Paz de 1951.

5 — SEGUNDA-FEIRA: — Na sessão de encerramento da 5ª Assembléia Geral da O.N.U., cai a proposta da Rússia no sentido de ser discutida na sessão a instalar-se hoje a admissão da China Comunista. — Em Las Vegas explode a última das novas bombas atômicas de tamanho reduzido. — O Sr. Vice-Presidente da República visita o Centro do Comércio de Café, que comemora o cinquentenário de sua fundação. — Aprovado o projeto que concede anistia aos condenados por crime de injúria.

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5º - Rio

Racé

LABORATORIOS VINDOBONA DO BRASIL LTDA

Racé

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R — 1

6 — TÊRÇA-FEIRA: — Inaugurados, em Paris, os trabalhos da 6ª Assembléia Geral das Nações Unidas. — E' eleito Presidente da atual Assembléia o Sr. Luís Padilla Nervo, chefe da delegação do México. — Divulgadas declarações do Embaixador Pimentel Brandão, chefe da delegação brasileira. — E' lido perante o Parlamento britânico o discurso real, no qual se faz uma exposição da política a ser seguida pelo novo govêrno. Também o Primeiro Ministro Churchill fala perante o Parlamento. Nesses discursos são focalizados os problemas internacionais, principalmente os relativos às questões com o Egito e o Irã, tendo sido abordada ainda a situação financeira. — O Ministro do Interior, Marechal Beria, falando por ocasião da comemoração da revolução russa, diz que o Exército soviético está preparado para descarregar um golpe de morte contra qualquer agressor. — O Departamento da Agricultura norte-americano divulga um estudo sôbre a situação mundial do café. — Os comunistas rejeitam a proposta aliada no sentido de se passar a outro ponto das negociações, deixando-se em suspenso o relativo à demarcação de zonas. — A luta na frente da batalha caracteriza-se na disputa de posse de colinas estratégicas.

7 — QUARTA-FEIRA: — Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França lançam uma nova ofensiva de paz do Ocidente, desafiando a Rússia a cooperar para pôr têrmo à corrida mundial de armamentos. — O Presidente Truman, em seu discurso sôbre a redução internacional dos armamentos, irradiado para todo o mundo, apela à União Soviética para que aceite completas e pormenorizadas de desarmamento, inclusive a proibição definitiva da arma atômica. — A delegação russa apresenta oficialmente perante a Assembléia Geral da O.N.U. a proposta para que se inclua no temário a questão de convidar a China comunista a participar das Nações Unidas. — As Nações Unidas repelem a nova proposta comunista para assinatura formal do acôrdo de cessação do fogo na Coréia, na atual linha de combate. — O Presidente Truman comunica ao Congresso que os Estados Unidos facilitarão à Iugoslávia auxílio militar e econômico para conter qualquer possível ataque comunista nos Balcãs. — O novo Chanceler do Erário anuncia um corte drástico de 350 milhões de esterlinos nas importações britânicas, a fim de evitar que venha a nação à bancarrota e à fome. — O antigo couraçado brasileiro "São Paulo", de 19.200 toneladas, que rompeu as amarras que o prendiam aos rebocadores, ao norte dos Açores, domingo à noite, continua à deriva, em mar grosso, no oceano.

8 — QUINTA-FEIRA: — Discursam os chefes das delegações do Brasil, Holanda, Estados Unidos e Rússia. — O Sr. Dean Acheson apresenta um plano de desarmamento mundial. — Usando da palavra, em seguida, o Sr. Vishinsky, depois de atacar o Pacto do Atlântico, rejeita a proposta norte-americana, apresentando um outro plano de desarmamento. — O Embaixador Pimentel Brandão, falando perante a Assembléia Geral da O.N.U., prega a admissão de todos os paises que desejam colaborar com aquêle órgão. Declara também, em certa altura de sua oração, que à O.N.U. sòmente devem ser submetidos os casos para cujas soluções se tenham esgotados todos os outros meios. — Mais uma reunião infrutífera realizam os representantes comunistas e aliados, nas negociações para o estabelecimento do armistício na Coréia. Os vermelhos apresentam uma contra-proposta para a fixação da linha de demarcação de zonas, que foi imediatamente repelida. — Embarca para o Brasil, por via aérea, o Sr. Eugene Black, Presidente do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento. — Elevadas as taxas de operações bancárias na França.

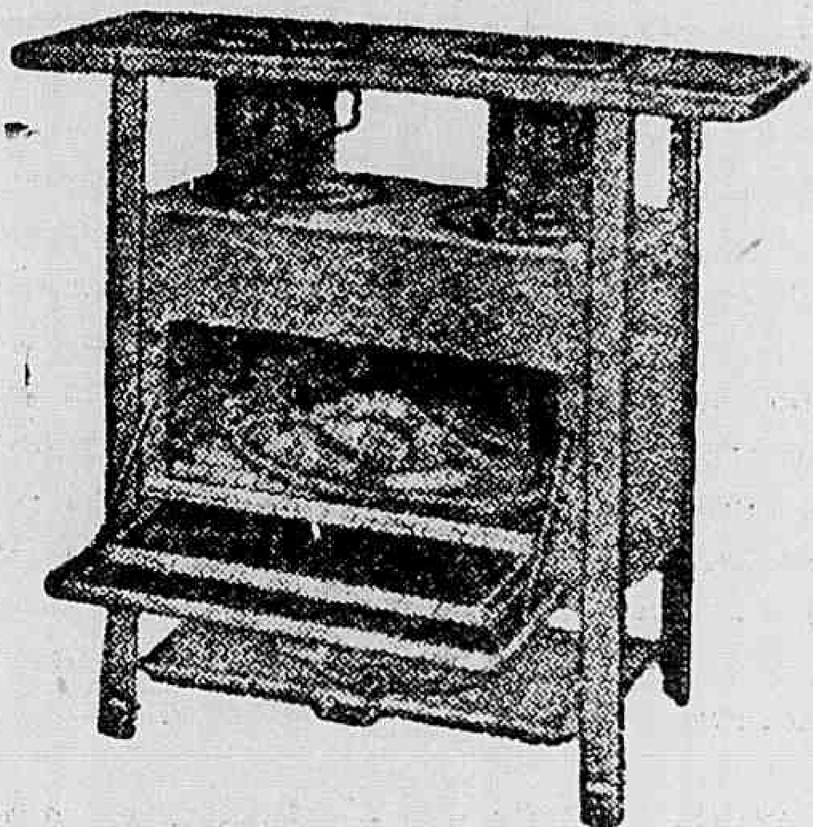
9 — SEXTA-FEIRA: — A Iugoslávia apresenta formalmante à ONU suas desavenças de três anos com a Rússia, e apela para a Assembléia Geral, no sentido de que detenha a crescente "pressão agressiva" do bloco soviético. — Apoio da Nova Zelândia ao plano de desarmamento das potências ocidentais. — A Comissão Geral resolve incluir no temário da Assembléia a moção ocidental sôbre a realização de eleições em tôda a Alemanha, não obstante as objeções soviéticas. — O rádio do Cairo, controlado pelo govêrno,

ALMEIDA COMERCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA
SUCC. DE L. B. DE ALMEIDA & CIA
RUA DOS ARCOS Ns. 28 a 42 — RIO
IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS
CHAPAS de ferro PRETAS, GALVANIZADAS e CORRUGADAS para portas de aço e coberturas — FERRO em barra chato — VERGALHÕES redondos e quadrados — CANTONEIRAS L — T — U — EIXOS para transmissões — VIGAS I e U — AÇO em barras, vergalhões e em lâminas para portas — TUBOS de ferro galvanizados, prêtos, vermelhos e de aço para caldeiras de tôdas as grossuras e comprimentos e outros materiais do ramo
FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS
OFICINAS mecânicas em geral — COFRES e portas para casas fortes — FOGÕES a gás lenha e carvão, de todos os tamanhos, marca PROGRESSO — FOGAREIROS a gás, carvão e álcool — PRENSAS para ladrilhos e escritórios — CADEIRAS para barbeiros e dentista, ALMEIDA PINHO — BANCOS para jardins — FERROS PARA ENGOMAR a carvão e gás, marca IDEAL — TAMPÕES E RALOS para esgôto e seus pertences — CAIXAS PARA GORDURA, CAIXAS AUTOMATICAS — PANELAS para cola — COLUNAS de ferro fundido para iluminação de jardins
TELEFONES: MESA TRONCO: 52-2104 — Secção de Vendas: 52-3102 e 22-0409 — Expediente: 22-1584 — Secção Técnica: 52-2103 — Contabilidade: 22-1342 e 22-2549.

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo crú ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"

RUA DAS MARRECAS, n.º 5

Fabricantes do afamado CHUVEIRO ELETRICO "REI"

difunde um apêlo à guerra santa contra os inglêses, por causa de Suez. O cheique Mohammed Abu Shedida, de uma das principais mesquitas desta capital, convoca os fiéis à guerra santa contra os "agressivos" britânicos, por ocasião das preces do meio-dia, que o rádio leva a todo o país. — Anuncia-se que sete nações da Liga Árabe talvez apresentem uma declaração conjunta sôbre sua atitude em face da proposta ocidental relacionada com a criação do comando de defesa do Oriente Médio. — O Senador republicano Zales N. Ecton declara que os Estados Unidos têm bombas atômicas táticas "em quantidade suficiente" para esmagar qualquer ofensiva que os comunistas possam deflagrar na Coréia.

10 — SÁBADO: — Rejeitada outra tentativa da União Soviética para levar a China Comunista ao seio das Nações Unidas. Ao mesmo tempo, o govêrno conservador britânico decide conservar a política de reconhecimento da China Comunista, deixada pelo govêrno trabalhista. — Os negociadores aliados e comunistas apresentam novas propostas de paz, numa tentativa para evitar um impasse nas negociações. — Os Estados Unidos, Inglaterra, França e Turquia anunciam o plano de criar um Comando de Defesa quadripartite para o Oriente Médio, e prometem ajuda militar a qualquer país que adira ao mesmo, definindo aproximadamente seus planos e as razões para levá-los avante, não obstante a porfiada oposição do Egito. — O Ministro do Interior argentino, Angel Borrenghi, anuncia que o estado de guerra interno, declarado em conseqüência do golpe militar de 28 de setembro, foi suspenso durante as eleições de hoje. — A Diretoria de Minas, do Departamento do Interior dos Estados Unidos, dá à publicidade um importante estudo sôbre o carvão do Brasil, mostrando que o nosso país conta com .. 480.500.00 toneladas métricas de carvão nas regiões já exploradas, e exortando-o a que continue a desenvolver êsses recursos.

11 — DOMINGO: — Mais duas sessões, u'a matutina e outra vespertina, realiza a Assembléia Geral das Nações Unidas. — Importante discurso pronunciou o Sr. Anthony Eden, que salientou os esforços dispendidos pelas nações ocidentais em prol da paz e da democracia. — Também usaram da palavra os delegados do Peru, Bolivia, Chile, Canadá Grécia, Ira-



JUVENTUDE ALEXANDRE

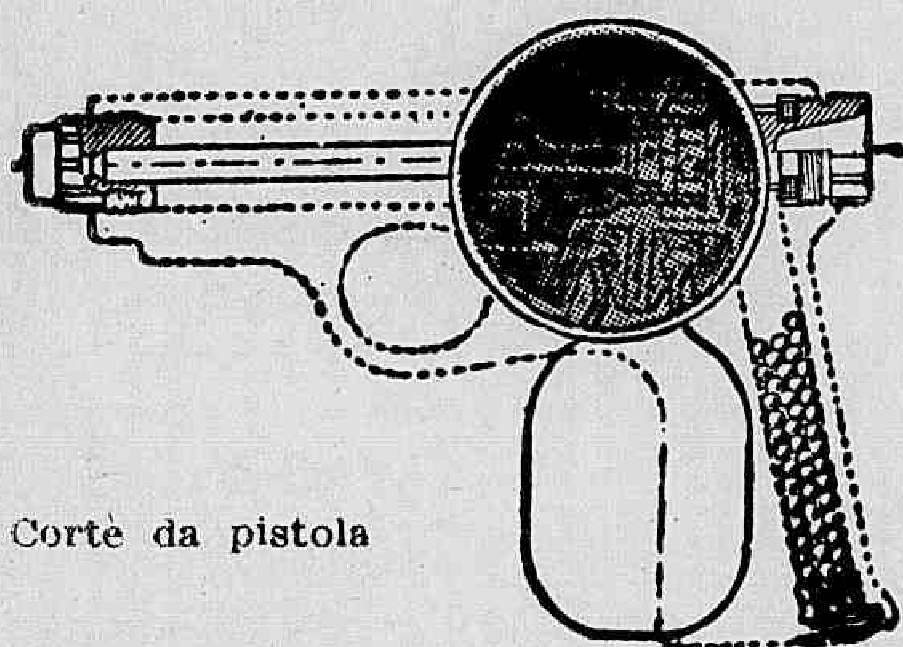
VIDA
VIGOR
MOCIDADE
DOS
CABELOS



Pistola "Pneuma-tir"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo.



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

Rua URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes.

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL.

Caixa de munição com 2.000 balins, com 2 membranas sobressalentes Cr$ 15,00.

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

que e Polônia. — Divulga-se, oficialmente, que o Primeiro Ministro britânico irá a Washington em janeiro próximo, a fim de conferenciar com o Presidente Truman. O Sr. Churchill disse que não deverá ser excluída a possibilidade de um encontro também com o Marechal Stalin.

12 — SEGUNDA-FEIRA: — Foram divulgados os resultados incompletos das eleições realizadas domingo último na Argentina. O General Perón é reeleito Presidente da República, com mais de 300 mil votos, enquanto o seu mais categorizado adversário, o Sr. Ricardo Balbin, obteve cêrca de 2 milhões. Para o Parlamento também os candidatos peronistas alcançam grande maioria. — A Câmara dos Comuns aprova a desnacionalização da indústria do aço. O projeto devolve a indústria pesada à iniciativa particular. — Anuncia-se que não houve qualquer progresso nas negociações de armistício na Coréia, devido à intransigência dos comunistas. Os aliados iniciam uma ofensiva limitada no setor central.

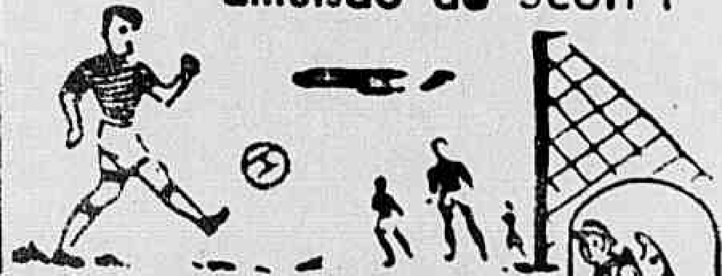
13 — TÊRÇA-FEIRAS: — Contra a votação do bloco soviético, são inscritas a queixa da China Nacionalista contra a Rússia, a criação de uma Comissão de Investigação para a Alemanha e os planos de limitação das fôrças armadas e de armamentos. — Realiza-se no Cairo o desfile, em rigoroso silêncio, de mais de 100 mil egípcios, como protesto pela ocupação da zona do Canal de Suez pelos britânicos. — O Primeiro Ministro Nahas Pashá pronuncia um discurso fazendo sérias acusações à Inglaterra. — O Papa pronuncia um discurso no qual exorta os homens a tapar "o abismo de desconfiança recíproca", com a solução pacífica dos problemas que afligem o mundo. — Noticia-se que com os resultados das eleições de domingo último na Argentina, o govêrno conquistou a maioria absoluta nas duas Casas do Congresso. — Divulgadas declarações do Presidente Perón à imprensa. — Dez altas patentes militares são afastadas do serviço ativo do Exército argentino. — O Departamento de Estado anuncia que fracassou as negociações que ali se processavam com o Primeiro Ministro do Irã, Mossadegh, sôbre a questão petrolífera entre a Inglaterra e o Irã. — Os importadores de café norte-americano protestaram contra o sistema de fixação de cotas de embarque em portos brasileiros.

14 — QUARTA-FEIRA: — Os representantes dos pequenos países ante a Assembléia Geral da O.N.U. temem tanto uma nova guerra mundial que fazem um apêlo às grandes potências para realizarem outra conferência e chegarem a um acôrdo em suas divergências. — A Índia apela, por sua vez, para os ministros do exterior dos Quatro Grandes, no sentido de que convoquem imediatamente uma reunião secreta, e concordem com o lançamento de uma "declaração de não guerra", como primeiro passo para o asseguramento da paz mundial. — Os negociadores vermelhos do armistício coreano declaram que "a cessação do fogo deverá vir agora ou nunca". — Centenas de milhares de egípcios, dirigidos pelo "premier" Mustafá el Nahas, de 73 anos de idade,

AGORA
sou o "craque" do meu time!



E não era, não senhor! Ir tavam-me até de 'molenga" e di iam que eu os ava de "mo eza". Um di aconse haram minha mãe a que me desse Emulsão de Scott que enriquece o sangue, combatendo a anemi e a debili ade. E hoje estou corado, forte e robusto. E o medo da fr que a des pareceu. E agora sou o primeiro a ser convida o para todos os esportes. O apelido ficou para tráz e às refeições nunca me falta a colherinha de Emulsão de Scott!



EMULSÃO DE SCOTT
Tonico das Gerações

marcham, silenciosamente, pelas ruas do Cairo, exigindo a evacuação das tropas britânicas de Suez e do Sudão. — O Primeiro Ministro iraniano, Mohammed Mossadegh, revela que oferecera a renda petrolífera do Irã como garantia de um empréstimo de emergência solicitado aos Estados Unidos, mas sem obter nenhum resultado. — O General Omar Bradley, chefe do Estado Maior Misto das Fôrças Armadas dos Estados Unidos, chega a Londres e, com o "premier" Churchill, discute questões militares. — O govêrno argentino anuncia uma reorganização quase total dos cargos de chefia no Exército, e publica mais uma lista de 97 chefes e oficiais das Fôrças Armadas, punidos com diversas penas, por sua participação no levante abortado de 28 de setembro último. — Os Estados Unidos e a Iugoslávia assinam um acôrdo pelo qual aquêles proporcionarão armas modernas aos comunistas anti-soviéticos de Tito. — O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamarati, um banquete ao Sr. Gordon Dean, Presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. — Realiza-se, na Academia Brasileira de Letras, a posse do novo acadêmico sr. **Austregésilo de Athayde.**

15 — QUINTA-FEIRA: — O Ministro do Exterior soviético, Andrei Vishinsky, repele as propostas ocidentais de estudo do desarmamento, alegando que as mesmas não satisfazem. — Os delegados do armistício voltam a reunir-se, assinalando-se, mais uma vez, certo otimismo por parte dos representantes das Nações Unidas. — O Ministro do Exterior do Egito, Salah El Din, inicia seu libelo contra a Grã-Bretanha, na Assembléia Geral das Nações Unidas, recordando que há um ano a mesma assembléia se reunira numa atmosfera empanada pelas sombras da guerra na Coréia.

16 — SEXTA-FEIRA: — O govêrno dos Estados Unidos decide não reconhecer ao Rei Faruk direito ao título de "Rei do Sudão". — O govêrno francês anuncia uma série de drásticas medidas, visando resolver o problema do "deficit" em dólares e livrar o país da ruina financeira. — Chegam a esta Capital 17 parlamentares do Congresso dos Estados Unidos da América do Norte. — Falece, nesta Capital, o engenheiro-civil e de minas, Sr. Martim Diniz Carneiro.

17 — SÁBADO: — A Organização das Nações Unidas propõem novo plano de armistício para pôr têrmo à



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

guerra coreana antes do Natal, plano que foi provisòriamente aceito pelos comunistas. Porta-vozes das Nações Unidas declaram que seria aceita a exigência comunista de uma zona tampão ao longo da atual frente de batalha, desde que os vermelhos concordassem em trocar prisioneiros de guerra e outros detalhes do armistício formal dentro de trinta dias. — Por 45 votos contra 5 (bloco soviético) e 5 abstenções, a Comissão Política da Assembléia Geral das Nações Unidas adota uma moção brasileira, apresentada pelo Sr. Mário de Pimentel Brandão, tendente a modificar a ordem do dia proposta. — O Primeiro Ministro do Irã adverte à Inglaterra que seu país "não suportará nenhuma coação econômica ou política, não importa qual seja sua natureza ou côr". — Revela-se que a nota entregue pelo Kremlin, em Moscou, aos altos representantes diplomáticos dos Estados Unidos, Inglaterra e França, se refere ao território livre de Trieste. — O Senador Robert Taft, que pleitea a candidatura presidencial pelo Partido Republicano, declara que "uma paz estagnada é preferível a uma guerra paralizada". Mais uma vez critica a administração por haver começado o que êle chama a "desnecessária guerra coreana".

18 — DOMINGO: — Reunida a Comissão Política, que elege presidente de seus trabalhos o delegado da Turquia Selim Sarper. — O Sr. Dean Acheson apresenta o plano de desarmamento das nações ocidentais, falando também a respeito o delegado da França, Sr. Moch. — O Chanceler britânico, passando em revista os problemas internacionais que afligem o mundo, diz que a situação é grave e mesmo perigosa. — Parte para o Brasil, por via aérea, o Cardeal Spellman. — Cinqüenta famílias holandesas se encontram preparadas para embarcar para o Estado do Paraná.

19 — SEGUNDA-FEIRA: — A Turquia repele a nota da Bulgária contra o fechamento da fronteira búlgaro-turca. — Noticia-se que nos violentos tiroteios trocados sábado e domingo últimos em Iamaile, entre inglêses e egípcios pereceram 14 pessoas, havendo entre elas dois oficiais britânicos. — Tanto inglêses como egípcios protestam enèrgicamente, atribuindo à parte contrária a responsabilidade pelas ocorrências. — O "premier" egípcio ameaça tomar represálias no sentido de expulsar os britânicos de seu território. — Os círculos ocidentais, repelindo a nova nota russa sôbre a questão de Trieste, declaram que o único fim do protesto soviético é perturbar os esforços no sentido de se conseguir uma solução satisfatória para aquêle território em litígio.

20 — TÊRÇA-FEIRA: — O Embaixador Pimentel Brandão, Chefe da Delegação do Brasil, apóia o plano de desarmamento apresentado pelas três grandes potências ocidentais. — Favoráveis ao referido plano manifestam-se também o Peru, Haiti e Irã. — O Chefe do Govêrno norte-americano pronuncia um discurso no qual criticou o Partido Republicano de usar a política externa como arma para a próxima campanha eleitoral. — Lançada uma bomba sôbre o Ministério da Aeronáutica da Argentina. — Violento incêndio irrompe no pôrto de Buenos Aires. — O Partido Nacionalista Independente do Uruguai aprova a emenda constitucional que institui o Conselho Federal, em substituição ao sistema presidencial do govêrno. — Na Câmara dos Comuns realizam-se debates sôbre a política externa. — Solicitadas garantias para que não seja empregada a bomba atômica na Coréia sem a anuência da Inglaterra. — O Primeiro Ministro Churchill, atendendo às considerações da oposição, decide não convocar sessões secretas para tratar da política externa.

21 — QUARTA-FEIRA: — O Sr. João Carlos Muniz, delegado do Brasil apóia as propostas ocidentais mandando substituir a antiga Comissão Balcânica, que operava na Grécia, por uma "Comissão de Observação de Paz". — Os comunistas fazem contrapropostas para o estabelecimento da linha de cessar fog-

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

na Coréia semelhante ao plano da O.N.U., feito na semana passada, para a consecução do armistício dentro de 30 dias. — O Gal. Alfredo M. Gunther, Chefe do Estado-Maior do General Dwight Eisenhower, diz que os Estados Unidos terão que acelerar o envio de armas para a Europa, a fim de alcançar o objetivo da Organização do Pacto do Atlântico de ter plenamente organizada uma fôrça defensiva adequada até fins de 1952. — Os chefes militares do Pacto do Atlântico, reunidos secretamente, confirmam a sua recomendação feita no sentido de que um Almirante americano seja nomeado Comandante Supremo do Atlântico Norte. — O General Hoyt Vandenberg, Chefe do Estado-Maior das Fôrças Aéreas norte-americanas, declara que na Coréia não há atualmente objetivos que autorizem o uso da bomba atômica. — O Primeiro Ministro Winston Churchill declara, aos trabalhistas de esquerda, na Câmara dos Comuns, que a Inglaterra continuará a permitir a manutenção das bases atômicas norte-americanas em seu território. — A Rumânia protestou junto aos Estados Unidos contra a violação de sua fronteira por um avião da Fôrça Aérea Americana, ao longo da fronteira húngaro-rumena.

22 — QUINTA-FEIRA: — Mais quatro países: Bélgica, Holanda, Egito e Austrália manifestam seu apoio, na Comissão Política, ao plano de desarmamento apresentado pelos ocidentais. — A Comissão Política Especial prossegue no exame da queixa da Grécia acêrca das ameaças que pesam sôbre a sua independência. — Círculos aliados declaram-se otimistas quanto à marcha das conversações de armistício na Coréia, chegando-se a dizer que talvez dentro de 30 dias poderá ter cessado ali as hostilidades. — Entrementes, os comunistas desfecharam violento ataque às posições aliadas, sofrendo tremendas perdas na sua investida. — O General Vandenberg declara que talvez se torne necessário bombardear as bases aéreas comunistas na Mandchúria. — O Papa Pio XII falando a cientistas declara que o descobrimento da energia nuclear é mais uma prova da existência de Deus. — O Bureau Internacional do Trabalho decide mandar uma Comissão de Inquérito à zona do Canal de Suez para apurar as queixas do Egito. — Dois soldados inglêses são assassinados em Port Said. — Técnicos norte-americanos estão trabalhando em planos para pôr em vigor as propostas da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, para o melhoramento do sistema ferroviário brasileiro.

23 — SEXTA-FEIRA: — Os negociadores comunistas e das Nações Unidas chegam a um acôrdo sôbre a "cessação de fogo antes do Natal". A Subcomissão conjunta acertou finalmente a fórmula para fixação da linha de cessação de fogo. — A delegação russa na O.N.U. faz circular uma nota pedindo que a alegada intervenção norte-americana nos assuntos internos da União Soviética seja examinada pela Assembléia Geral. — Segundo revelam os meios bem informados a permanência de Winston Churchill em Washington será de cêrca de uma semana e suas conversações com o Presidente Truman e altos funcionários do govêrno americano começarão no dia 3. — A Grã-Bretanha envia nota ao Egito, em têrmos enérgicos, declarando que as fôrças britânicas na Zona do Canal de Suez se conduziram com moderação ante a mais flagrante provocação dos egípcios, acrescentando que elas não se retirarão dali. — A Marinha de guerra norte-

LIMPE SEU SANGUE

para gozar perfeita saúde, ser forte ter bôa disposição; para combater o reumatismo e todas as doenças do sangue; para ter filhos robustos e normais; para auxiliar o tratamento da sífilis e suas manifestações; úlceras, feridas dartros, dôres nos ossos e articulações Tome SALSA, CAROBA e MANACÁ DE HOLLANDA, um depurativo de plantas medicinais usado com sucesso há mais de 60 anos! O sangue é a base da saúde; depure seu sangue com

SALSA CAROBA MANACÁ DE HOLLANDA

Dist.: DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA. —

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1: e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.

Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº....

NOME ....

RUA .... Nº

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

americana revela que um de seus aviões bimotores de bombardeio, sob comando da O.N.U., na Coréia, desapareceu desde 6 de novembro e "se presume perdido". A declaração não diz se o avião é o que a Rússia afirmou ter voado sôbre Vladivostok, sendo atacado por caças soviéticos. — Em nota dirigida ao Secretário do Tesouro, o Presidente Truman determina a suspensão de tôdas as concessões feitas à Rússia e à Polônia em acordos comerciais vigentes. — Chega a esta Capital o príncipe Ali Khan, da Índia.

24 — SÁBADO: — A União Soviética propõe que as Nações Unidas proíbam a bomba atômica e estabeleçam um órgão internacional para assegurar a observância dessa proibição. — O Conselho da Organização do Atlântico Norte iniciou a sua conferência em Roma disposto a resolver o problema do rearmamento para conjurar a agressão comunista sem destruir o equilíbrio econômico da Europa Ocidental. — O Ministro do Exterior russo, Andrei Gromyko, convida ao Kremlim os enviados da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Turquia, fazendo-lhes entrega de notas de protesto contra o estabelecimento do Comando do Oriente Médio. — Os Estados Unidos acusam a Rússia de ter atacado "sem aviso" um avião das Nações Unidas em "águas internacionais", perto da Coréia e a mais de 20 milhas da costa russa. — Chega o Sr. Ephraim Herbert Colman, novo Embaixador do Canadá no Brasil.





25 — DOMINGO: — "Depois de uma sessão que durou sete horas e meia os oficiais de Estado-Maior aliados e comunistas chegam a um acôrdo a respeito da linha de contato provisória. — A Infantaria aliada, apoiada por um mortífero fogo concentrado de artilharia e pela aviação, que realizou 240 incursões, ganha a batalha pela "Colina do Armistício", após 41 horas de combate. No *front* central, os comunistas atacam com efetivo de companhia, obrigando as tropas aliadas a recuar ao oriente do rio Puknan e a abandonar uma posição avançada ao sudoeste de Kumsong. — Segundo publicou o "Journal of Commerce", de Nova York, um funcionário do govêrno brasileiro teria declarado que o Brasil se verá obrigado a reduzir suas importações nos Estados Unidos, se êsse país continuar comprando menos nos mercados brasileiros.

26 — SEGUNDA-FEIRA: — Instalada em Bruxelas a Conferência Internacional de Emigração, de que participam representantes de numerosos países. — Reiniciam-se em Estrasburgo as reuniões da Assembléia Consultiva do Conselho da Europa. — Verificam-se, no Cairo, novas manifestações terroristas, tendo sido vítimas de emboscadas vários soldados britânicos. — O General Eisenhower pede que as nações do Pacto do Atlântico apressem a criação do Exército Europeu, com fôrças da Alemanha Ocidental, inclusive, a fim de que se possa enfrentar o problema da defesa da Europa Central. — O Supremo Comandante do Atlântico diz aos líderes militares dos Estados membros reunidos em Roma em conferência que não poderá haver tranqüilidade ou segurança para a Europa se algo de construtivo não fôr feito para a solução do problema de sua defesa central. — A Câmara dos Comuns derrota, por 382 votos contra 33, uma moção apresentada pelo trabalhista Elis Smith, com o objetivo de repelir o tratado de paz com o Japão. — O govêrno espanhol anuncia que os resultados finais das eleições de domingo mostram que cêrca de 90 por cento dos chefes de família votaram. — Reiniciam-se os trabalhos da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa de Portugal. — O deputado peronista Eduardo Colon pede aos tribunais federais a dissolução do Partido Socialista Argentino. — A Assembléia do Partido Liberal do Equador designa candidato à Presidência da República dêsse país o Sr. José Ricardo Chiriboga Villago, Prefeito de Quito. — A República Dominicana assina um acôrdo com os Estados Unidos, concedendo-lhes permissão para construir instalações em território dominicano, a fim de seguir e controlar projéteis radioguiados.

27 — TÊRÇA-FEIRA: — A Comissão Social da Assembléia Geral das Nações Unidas aprova um projeto de resolução francês, apoiado pelo Paquistão e pela Iugoslávia, visando concentrar os esforços e recursos das nações Unidas "para soluções concretas dos problemas sociais urgentes". — Os membros do Conselho do Pacto do Atlântico comprometem-se, numa resolução formal, dar ao General Eisenhower as fôrças de defesa que o mesmo julga necessárias à efetivação do Pacto. — Manifestações organizadas pelos "Partidários da Paz", em sinal de protesto contra a reunião, em Roma, do Conselho Atlântico, realizam-se em diversos pontos do centro da cidade. — Os delegados da O.N.U. e dos comunistas ratificam a linha provisória de trégua. — As operações militares limitam-se a atividades de patrulha e duelos de artilharia, depois de ratificada a linha provisória de trégua.

— O delegado brasileiro à Conferência sôbre as migrações apresenta objeções a respeito do deslocamento de refugiados e os problemas econômicos pelo mesmo suscitado. — Onze repúblicas americanas comprometem-se a contribuir com um total de 1.148.234 dólares para os projetos de ajuda técnica no Hemisfério Ocidental, durante o ano de 1952. — Termina na cidade de Guatemala a Convenção de Delegações Anticomunistas, que aprova as seguintes resoluções: 1) Destituição de todos os comunistas que ocuparem cargos públicos; 2) Dissolução do Partido Comunista, de acôrdo com a disposição constitucional que proibe a existência de partidos que tenham ligações internacionais; e 3) Que não se permita a entrada no país de comunistas estrangeiros, inclusive a de Lombardo Toledano, presidente da Confederação dos Trabalhadores da América Latina. — Iniciam-se em Buenos Aires os trabalhos das Jornadas Argentino-Brasileiras de Oftalmologia. — Reiniciadas em Montevidéu as atividades da VIII Conferência Interamericana de Advogados.

28 — QUARTA-FEIRA: — Cessa a luta nos setores-chaves da frente coreana, enquanto os delegados aliados e comunistas prosseguem em suas negociações para um armistício completo. — O Brasil apóia a queixa da Iugoslávia contra a intromissão da Rússia na sua política interna. — A Comissão de Tutela aprova, por 50 a 5, a proposta francesa de que o Conselho de Segurança admita a Itália como membro integral das Nações Unidas. — O Secretário do Exterior inglês, Anthony Eden, declara que a Inglaterra participará como "associada" no projetado exército europeu; não será, porém, membro total de nenhuma comunidade de defesa supranacional. — Sua Santidade o Papa Pio XII, falando perante os representantes da "Frente da Família Católica", relembra suas recentes declarações sôbre operações ilegais e princípios fundamentais de casamento cristão. — Sirenas estridentes chamam milhões no novaiorquinos aos abrigos, no primeiro exercício de alarma aéreo da cidade desde a Segunda Guerra Mundial. — Um comunicado oficial do Buckingham Palace anuncia que o Rei George VI empreenderá um cruzeiro por mar, no início da primavera de 1952, em companhia da Rainha Elizabeth, o que confirma as notícias sôbre a evolução favorável do estado de saúde do soberano. — A Grã-Bretanha proibe que seus soldados entrem nas três maiores povoações da zona do Canal de Suez, a fim de conseguir uma "trégua" e evitar os repetidos encontros entre as tropas britânicas e os egípcios. — O Japão notifica oficialmente aos Estados Unidos de que ratificou o Tratado de Paz, e expressou a esperança de que dentro em breve será admitido no seio da família de nações. — Chega a esta capital o navio de guerra francês "Jeanne d'Arc".

29 — QUARTA-FEIRA: — O Brasil, a República Dominicana, o Peru e a Venezuela fazem saber à Comissão Política das Nações Unidas que consideraram o plano de desarmamento ocidental mais praticável do que as sugestões russas. — O delegado brasileiro, Embaixador Pimentel Brandão, protesta contra os discursos de propaganda pronunciados pelos representantes de "certos" países. — A guerra volta a ser travada por terra e ar na Coréia, e o General James Van Fleet informa que as conjecturas sôbre a cessação das hostilidades foram resultados de uma má interpretação de suas ordens. — Os delegados comunistas indicam que estão dispostos a transigir na questão da retirada imediata das tropas estrangeiras da Coréia, surgindo com isso novas esperanças de que talvez seja possível sair do "impasse" em que haviam caído as negociações de trégua. — Por fôrça de golpe de Estado são derrubados do poder os governos da Síria e da Tailândia. — O Sr. Josué de Castro, do Brasil, é eleito presidente do Conselho da Organização da Alimentação e Agricultura da O.N.U., na sessão plenária daquele organismo.



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DEWITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

30 — QUINTA-FEIRA: — As Nações Unidas aprovam unânimemente a proposta de uma conferência secreta de desarmamento entre os Quatro Grandes, de dez dias de duração, tendo a Rússia concordado em iniciar as conversações hoje, em Paris. — Revela-se que conversações de paz na Coréia estão paradas devido à terceira obstrução oposta pelos comunistas às questões vitais, que são: 1º) A retirada das fôrças estrangeiras e 2º) o direito à inspeção dos armamentos por

ambas as partes. Com relação ao segundo ítem, os comunistas acusam os aliados de pretenderem espionar os segredos dos vermelhos. — Caças a jacto das Nações Unidas destróem o maior total de aviões comunistas na guerra coreana, abatendo onze, provàvelmente destruindo outro, e avariando 6 bombardeiros de tipo russo. — Anuncia-se que o presidente da Síria, Assem El-Atasi, resiste às exigências para que renuncie, feitas pelos chefes militares que demitiram o govêrno do "premier" Maarouf Dawalibi. — Por sua vez, Luang Pibul Songram, o "homem forte" da Tailândia, volta a ocupar o cargo de primeiro ministro, menos de 24 horas depois de ter sido deposto.

O PREÇO DO SACRIFÍCIO

O dramaturgo inglês, Terence Rattigan não é dos que se zangam com os gracejos divulgados a propósito das duas peças. E', até, um dos primeiros a rir, tratando de espalhar essas anedotas entre os amigos. Uma das últimas "histórias" a seu respeito se refere a uma peça teatral de sua autoria e que há quatro meses está sendo representada num teatro de Londres. Conta-se que o "ponto" foi pedir um aumento de ordenado ao diretor. Êste, porém, não concordou com o pedido e apresentou, por sua vez, as razões da negativa:

— Em primeiro lugar — disse êle — você já está ganhando um bom ordenado. Em segundo, não posso pagar o aumento pedido. Em terceiro, você nem precisa mais recitar os diálogos para os artistas, pois que todos conhecem os seus papéis de cor. De sorte que você só tem que ouvir, tôdas as noites, as tolices escritas pelo sr. Rattingan.

E o "ponto":

— E' êsse, justamente, o motivo da minha reclamação...

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

— MÁQUINA IMPRESSORA — Marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escovas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnição de ferro.

— GUILHOTINAS — marca AUGUSTA, com 1 metro de bôca, formato 66x96 cms., com motor Westinghouse de 1-HP e contrôle elétrico autônomo.

— Marca MARRIL & SONS com 1 metro e 49 cms. de bôca, 2 metros e 38 cms. de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

— QUATRO cavaletes com as respectivas caixas e corrediças de ferro.

— CORTADOR — Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

— BANHEIRAS — Quatro de pedra sabão para ácidos.

— FUNDIDORA MONOTYPE — Equipada para fundir tipos, fios, entrelinhas, vinhetas e tarjas. Equipamento: 1 bomba sobressalente, 1 molde para fundir tipos de corpo 18 a 24, 1 molde para fundir tipos de corpo 30 a 36. 1 molde para fundir fios de fantasia corpo 6 com matrizes diferentes. 5 matrizes para fios de corpo 6: lisos, finos, duplos, meio prêto, prêto e quadrado. 6 matrizes para fios corpo 3: finos, duplos, meio prêto e prêto. 1 molde corpo 2, 1 molde corpo 3, 1 molde corpo 6 para fundir entrelinhas e fios. 11 lâminas para moldes de entrelinhas e fios, correspondentes a cada corpo. 64 matrizes para vinhetas e tarjas. 71 matrizes de corpo 14, 18, 24, 30, 36 e 40 pontos.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

APRENDA PRATICAMENTE RÁDIO TELEVISÃO E CINEMA SONORO

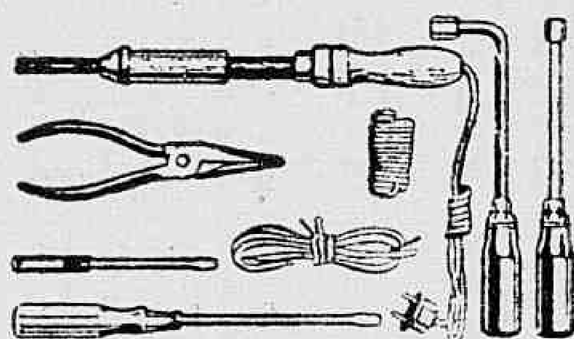


Sem sair de sua casa e aproveitando uns poucos minutos das suas horas de folga: dentro de pouco tempo V. S. estará perfeitamente capacitado para

MONTAR E CONSERTAR APARELHOS DE RÁDIO, DE TELEVISÃO, AMPLIFICADORES, EQUIPOS DE CINEMA SONÓRO, DE RADAR, etc.

V. S. poderá montar êste magnífico receptor de 7 válvulas para ondas curtas e longas.

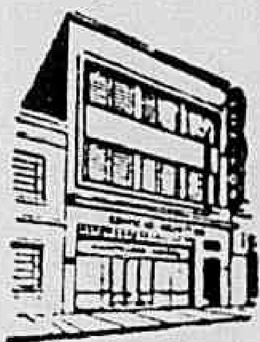
O nosso modernissimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradável e fàcilmente compreensível. Para o seu treinamento prático lhe forneceremos, inteiramente grátis, um jôgo completo de ferramentas, aparêlho de laboratório e peças para experiências.



Ser lhe-á enviado gratuitamente um jogo completo de ferramentas.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: CINCO MESES

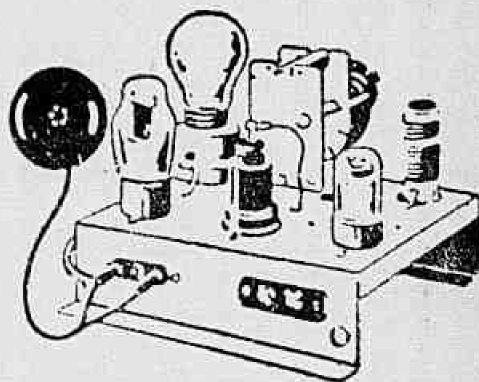
MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS



EDIFICIO MONITOR Sede propria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência. FUNDADA EM 1939

Êste é o curso mais eficiente, rápido e prático, pois V. S. mesmo sem nenhum conhecimento prévio, ficará habilitado em poucas semanas, a ganhar com biscates, muito mais que o custo dos seus estudos.

Decida seu futuro, enviando hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.



Receberá de graça os acessórios para construir muitos aparelhos de experiência.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - S. PAULO

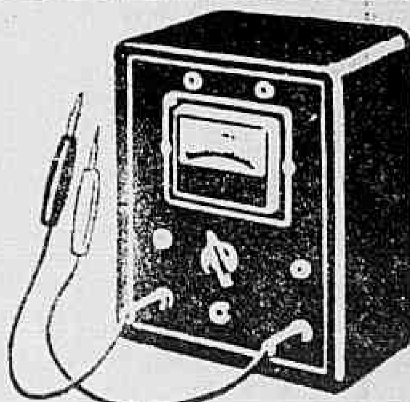
Sr Diretor: Solicito enviar-me grátis o seu folheto, como ganhar dinheiro no RÁDIO e na TELEVISÃO! R-17

NOME ....

RUA .... N. ....

CIDADE ....

ESTADO .... E. F. ....



...e receberá um magnifico volt-ômetro para facilitar os consertos, revisões, etc.

ANO NOVO

Tábua lunar (fases)
O Ano Horoscópico
Calendário Cristão
Elementos do cômputo eclesiástico, para 1952
Lições Bíblicas para as Escolas Dominicais
Como fazer um calendário (Cálculos do tempo, calendário cristão, cômputo eclesiástico, ciclo lunar, regras do áureo número e da epacta, ciclo solar, regra para a dominical, os dias, regra para os anos bissextos, festas fixas)
Entrada do sol nos signos do Zodíaco, em 1952
Eclipses do ano de 1952
Comêço das estações
Festas Nacionais Brasileiras
Correspondência dos diferentes calendários
Hora legal
Festas religiosas móveis
Festas religiosas fixas
Datas comemoradas pelas Igrejas Evangélicas
Calendário Israelita
Festas religiosas do Calendário Israelita
O Ano Ex-librístico
O Ano Aeronáutico
O Ano Artístico
O Ano Católico
O Ano Científico
Festa Pan-Americana
Os Mortos do Ano
O centenário da Agência Reuter
O centenário de Pinheiro Machado
Os dois mil anos de Paris
Centenário de Orville Adalbert Derby
O cinqüentenário do falecimento de Verdi
Centenário de Araújo Pinho
Centenário de Sílvio Romero
Centenário da Junta de Corretores
Centenário do Conselheiro Nuno de Andrade
Centenário do "Mês de Maria", no Brasil
O 5.º Centenário de Isabel, a Católica
Centenário de Manuel Quirino
Centenário de Ernesto Lassance Cunha
Centenário do Conselheiro Carlos de Carvalho
O 250.º aniversário do jornalismo
Centenário de João da Mata Machado
Centenário de Stevenson

Isto é uma parcela dos assuntos que enchem o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1952, à venda em tôdas as bancas de revistas do Brasil por Cr$ 25,00. Edição da

CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Maranguape, 15 — Rio

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXV — N. 8 — Janeiro — 1952

Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

1.º TORNEIO — JANEIRO-MARÇO

LOGOGRIFO — 1

HONRA AO MÉRITO

Ao brilhante dr. Lavrud:

"Provérbios Originais"
É' um livro precioso
Que *persiste* valioso — 6-2-4-6-4-9-7
Nos torneios literais,
Bela *narração escrita* — 5-1-8-9-1
Dum espírito elevado
Que tem sido laureado
Do edipismo na mesquita,
Demonstra *sentido claro* — 4-10-2-4-1
P'ra a *ignorância* acabar. — 8-1-3-9-7
Seu nome vai realçar
Como autor nobre e preclaro.
Êsse homem *que tudo sabe*
Ninguém o vence na pista,
Como o melhor charadista
A maior glória lhe cabe.

Heron Silpes (Canavieiras)



CHARADAS NOVÍSSIMAS

2 — Duas-duas — Não se deve fazer uma *declaração* para *arruinar* ou *envergonhar* alguéem.

Adolfo Tuchman (Rio)

---

3 — Três-uma — A *pessoa que resmunga produz* uma *vozeria confusa e incômoda*.

Centauro (S. Paulo)

---

4 — Uma-uma — Manejo com *desembaraço* qualquer *antiga peça de artilharia*, dizia um *fanfarrão*.

Jayreis (Salvador)

---

5 — Duas-uma — *Depois* de tomar *outra coisa*, é *conveniente* que você durma um pouco.

Levon (S. Paulo)

---

6 — Uma-duas — *Para reprimir a vaidade* devemos orar neste *período das quatro semanas antes do Natal*.

Eva Dio (Rio)

---

7 — Uma-uma — *Nada* como uma *simples* reunião em família no *dia do nascimento* de um filho.

Segon (Rio)

---

8 — Quatro-uma-duas — *Hospeda onde* tiver lugar e não *escarneça* da *hospedagem*.

Paulistinha (Rio)

---

9 — Duas-uma — Você não tem *juizo*, quebrou *até* a *pequena tina*.

Giuherme Tell (Rio)

---

10 — Duas-duas — O *inútil zombava* da minha aflição pela perda da *cópia de exemplar*.

Malta Tantan — C.E.C. (Santos)

11— Duas-duas — Êle é de *aparência* esquesita e *olhar estrábico*.

Roazo (Maranhão)

---

12 — Duas-três — *Qualquer das velas mais altas do navio* arrumada com *arte*, torna-o muito interessante.

Sertanejo II (Lavras, M. G.)

---

13 — Duas-uma — *Cresce* a minha *compaixão* por ti ao te ver cada vez mais *namorador* e cada vez mais ridículo.

Zytho (Rio)

COMECE BEM
O SEU DIA...

Com uma bôa dose de ENO que combate a prisão de ventre, garantindo bem estar todo dia e bom humor toda a vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

A Vida de Hoje Precisa do ENO



14 — Duas-duas — *Esbanjei* minha *cantiga* inùtilmente fazendo-lhe aquela proposta *relativa* a *terrenos*.

Plá (Rio).

★

ENIGMA FIGURADO — 50



Ravengar (Juiz de Fora)

CHARADAS SINCOPADAS

15 — Três (duas) — Num *sêlo* apenas, consegui escrever tôda uma espécie de *poema mordaz e satírico entre os gregos*.

Alô Tropina — H.C. (Rio)

16 — Três (duas) — O meu *segrêdo* foi bem guardado pelo *justiceiro*.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

17 — Três (duas) — Fato *que enfada* é dar-se um *giro* com o sol bem quente.

El Príncipe (Uberaba)

18 — Três (duas) — Tenho um *excelente* amigo na pessoa do *padre* da freguesia.

Farani (Salvador)

19 — Três (duas) — E' difícil acreditar que um moço *elegante* como você faça tal *mexerico*.

Fiote (Cuiabá)

20 — Três (duas) — Eis um terreno *fértil* para qualquer *vivente*.

Gil Virio (Andradina)

21 — Três (duas) — O *feiticeiro* foi prêso e *manietado*.

J. A. Pimentel (Itapaci, Goiás)

22 — Três (duas) — Com mêdo da *prisão* todo culpado *procura* inocentar-se.

Lutércio — H.C. (Rio)

23 — Três (duas) — Uma *autêntica* vontade de vencer, disciplina e *aperfeiçoa* a mente.

Nilva (Rio)

24 — Três (duas) — Devemos lembrar com *carinho* a nossa *Pátria*, embora estejamos distantes.

Matzuk — T.E. (Rio)

25 — Três (duas) — Com a *perda dos sentidos* o homem foi roubado num *bonito* relógio.

Dabiú (Rio)

★

ENIGMA

26 — Se pusesse aqui na bôlsa,
Milho queimado, Maria,
Diriam que você estava
Fazendo *feitiçaria*.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

27 — Soubessem, a fôrça que têm, os animais,
Certo que os lugares seriam mudados:
Iriam os homens p'ra o meio dos varais
e os burros, na boléia, mui bem sentados.

Desta verdade simples me lembrei, vendo
com tristeza, certa vez, um pobre animal,
em grande esfôrço, brutal e tremendo,
pesada carroça puxar num lodaçal.

Mais o burro, coitado, se esfalfava,
mais lhe surrava o carroceiro mau.
Com tal cena, que a calma me tirava
bradei: *Ignorante! Pára* com o pau!

Chico Bacamarte

28 — O livro cultiva o espírito
Como a pá lavra a campina.
— Eis um singelo ditado,
Que encerra grave *doutrina*.

Zytho (Rio)

29 — Ali, na agradável mansão
Da sertaneja cidade,
Encontrei rápida cura
Pra minha *debilidade*.

Sefton (Rio)

30 — Na mala onde puseste
A minha gaita de um fole,
Deitou-se um cafajeste,
Tão bêbado que estava *mo*...

Ferrameda

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

CHARADAS CASAIS

31 — Três — O *tratante* sempre encontra *facilidade* para suas falcatruas.

Conde de la Fére (Salvador)

32 — Duas — *Dia santificado*, para o nosso sacristão, é *farra* na certa.

Conselheiro (S. J. de Mipibu)

33— Duas — O *sovina* é um *centro* de egoismo.

Dr. Jofran (Rio)

34 — Três — Que intento *doido* é o da negra *maluca*!

Ed Vep (Maceió)

35 — Três — Estava tão *bêbedo* que até parecia *goma elástica*.

Fusinho (Bangu — Rio)



ENIGMA FIGURADO — 51



Ycaro (Santos)



(*Provérbios do Dr. Lavrud*)

36 — Três — "Ninguém *evita* a calúnia"
"Na sociedade atual
O egoismo já não é *falta*".
"Gracejar com seu igual"

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

37 — Duas — Todo o *manhoso* é pessoa que tem *má indole*.

Janota (Santos)

38 — Duas — Você confunde *alimento espiritual* com aquela *porção de massa achatada*.

Joleno (S. Paulo)

39 — Três — Com jeito e *cuidado*, podemos livrar-nos de qualquer *dificuldade*.

Mambira de Jiquitaia (Salvador)

40 — Três — *Faço trabalhar* o *auxiliar de campeiro*.

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (S. Paulo)

41 — Três — O *homem rústico* deve casar com mulher *lavradeira*.

Darwinho (Rio)

42 — Duas — Sempre tive *receio* de chegar-me a tal *agrupamento*.

Rafinha (Pôrto Alegre)

43 — Cinco — Pobre casal! O marido muito *magro*, a mulher demais *anêmica*.

Spartaco (S. Luís, Maranhão)

44 — Duas — Não gosto de *conversa longa*, sou *de poucas palavras*.

Tony (Perdizes, Minas Gerais)

45 — Duas — Aquela *poltrona* era ornada com belo *distintivo*.

Tutankâmon — T.G. (Rio)

AOS CALVOS E AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS

"AMARALINA"

(Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia)

Acabamos de receber uma grande remessa dêste providencial remédio. Com base de um vegetal raro, dá certeza absoluta de que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a comprovação em milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos eliminando totalmente a caspa e com a continuação, obedecido o que a bula determina, fará voltar os cabelos perdidos.

O PRODUTO É ENCONTRADO EM QUALQUER FARMÁCIA, DROGARIA OU PERFUMARIA.
ACEITAMOS PEDIDOS PELO REEMBÔLSO POSTAL A Cr$ 45,00 O VIDRO, LIVRE DE PORTE, DIRIJA-SE A:

M. M. BURLE & CIA. LTDA.
(Distribuidores)
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º — S-616 — RIO DE JANEIRO
FONES: — 32-9415 e 32-9309.

46 — Três — O charadismo é *muito importante* para quem *estuda*.

Satierf (Palmares, Pernambuco)

47 — Três — *Sinto grande prazer*
Quando alguém te *maltrata*
Porque fazes sofrer
A mulher que é sensata.

Violeta — G.C.N. (Recife)

48 — Três — No *eixo do carro* falta uma *roda*.

Segon (Rio)

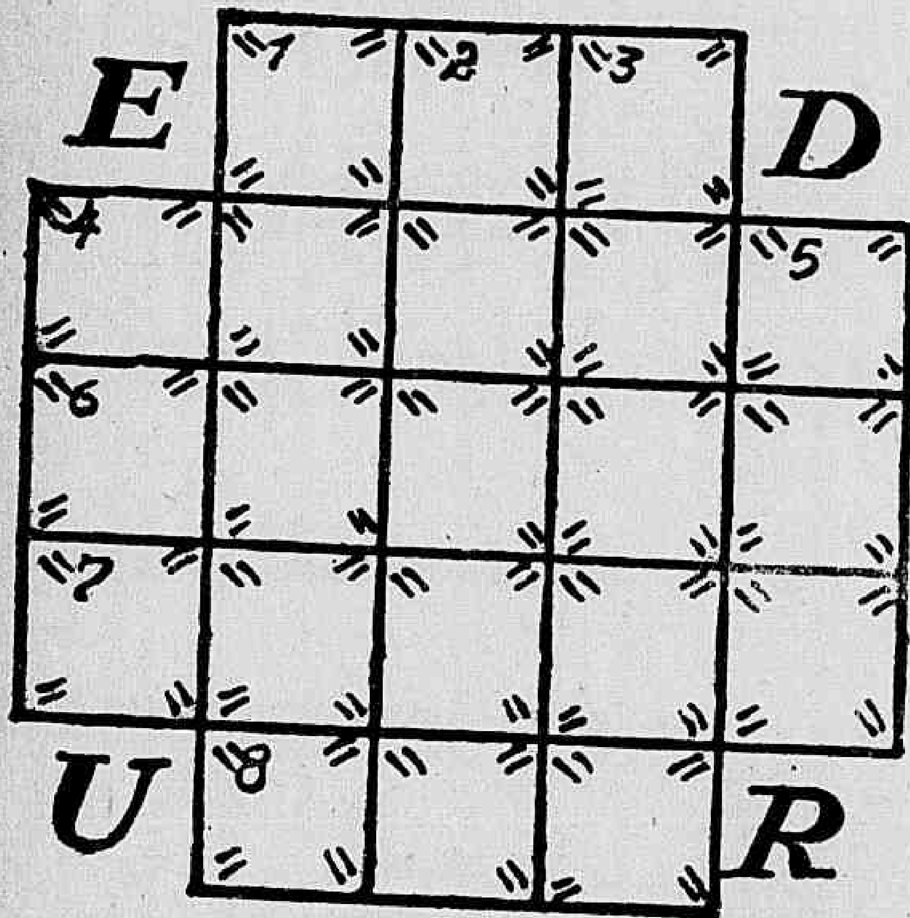
49 — Três — Nem sempre o sujeito *pouco desenvolvido* é de compleição *raquitica*.

Ycaro (Santos)

★

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



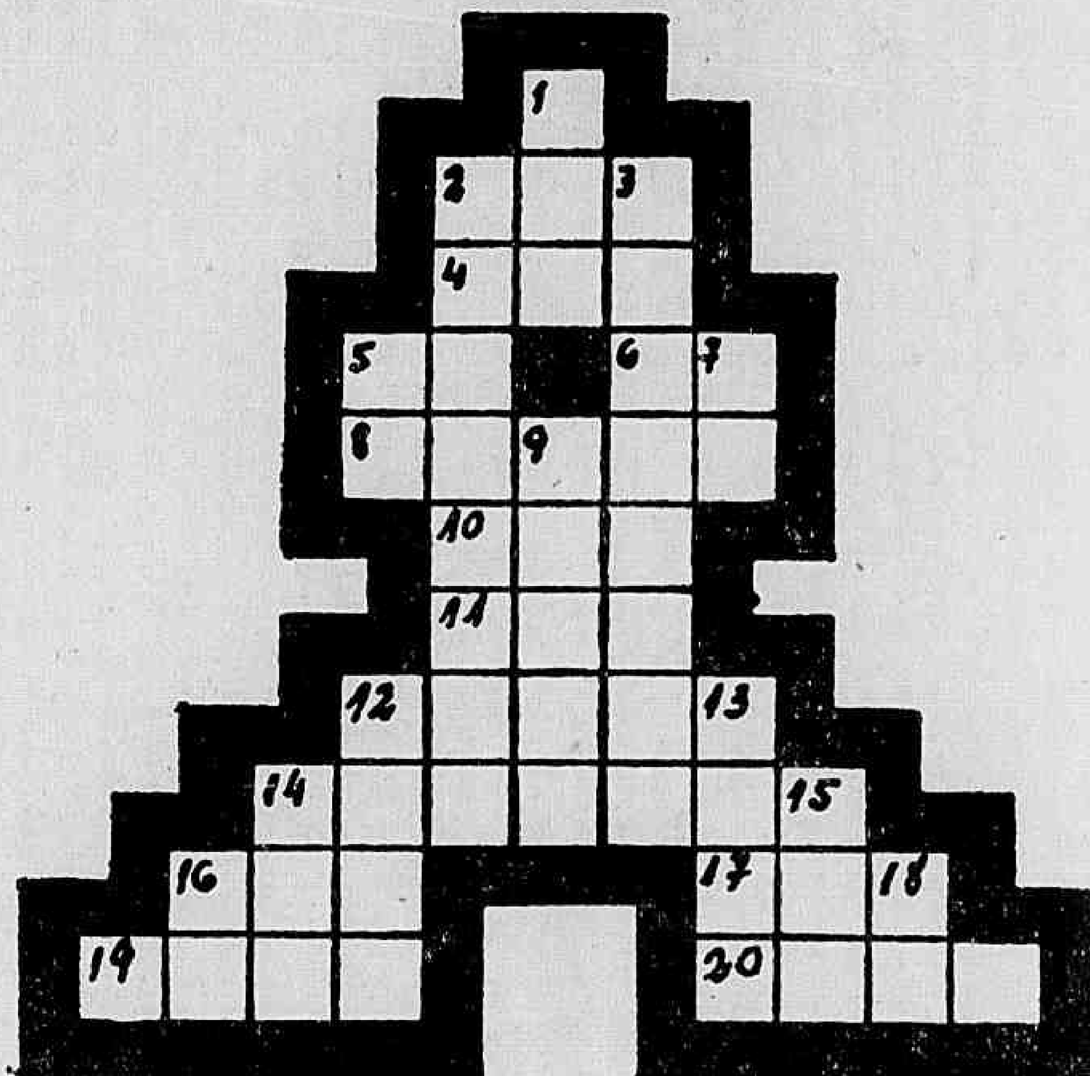
Edur (Cuiabá, M. G.)

Horizontais: 1 — Costura em que se não metem cordões; 4 — Gostar muito; 6 — Silvo; 7 — Duro como pedra; 8 — Graça, vivacidade.

Verticais: 1 — Nome comum para todos os pteridófitos da ordem filicales (pl.); 2 — Trigo espanhol; 3 — Natalício; 4 — Peça de vestiário formada de duas partes iguais; 5 — Orvalho.

Quer ser escritor?
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

PROBLEMA Nº 2



Ebandeira (Delmiro, Al.

Horizontais: 1 — Primeiro; 2 — Vila do Distrito de Coimbra; 4 — Ainda que; 5 — Rio da Sibéria; 6 — Simples; 8 — Cortar- retalhar; 10 — Lareira; 11 — Antiga montanha da Grécia ao N. da Thessalia; 12 — Árvore da família das terebintáceas; 14 — Suave; 16 — Medida antiga para líquidos e sólidos no Egito, cabriolé; 17 — Graça; 18 — Corta, fende; 20 — Bebida de arroz com açúcar e limão fermentado em água.

Verticais: 1 — Pimenta das Índias; 2 — Impostura; 3 — Rei de Tróia, avô de Anchises; 5 — Rio da Sibéria; 7 — Suf. designativo de agente; 9 — Gritar; 12 — Serra no Estado do Rio de Janeiro; 13 — Suco vegetal concreto. 14 — Afl. esquerdo do Rheno; 15 — Planta da Índia; 16 — Venha cá; 18 — Gaze da China

UM BOM PENTEADO COMPLETA A ELEGÂNCIA



Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados completam a elegância do homem e da mulher. Com o uso constante de FIXBRIL assegurará V. S. aquela inconfundivel elegância, propria das pessoas de bom gosto e apurada distinção. Alem de conservar o penteado durante todo o dia, FIXBRIL evita a caspa e a queda do cabelo.



fixbril

ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO.

SOLUÇÕES DE JUNHO

105 — Atrativos; 106 — Sobreviver; 107 — Fragaria; 108 — Bornear; 109 — Mareante; 110 — Peladura; 111 — Espera-Marido; 112 — Parcela; 113 — Pregador; 114 — Soturno; 115 — Comédias; 116 — Cadeixo; 117 — Frioleira; 118 — Maquia; 119 — Quinau; 120 — Rodamontada; 121 — Formigo; 122 — Univoco; 123 — Enguiça; 124 — Fado; 125 — Bandoleira; 126 — Mofina; 127 — Sangado; 128 — Desando; 129 — Baga; 130 — Náufrago; 131 — Aresto; 132 — Barata; 133 — Pombeiro; 134 — Enfesto; 135 — Confesso; 136 — Esfôrço; 137 — Numerosa; 138 — Estampado; 139 — Preposto; 140 — Finito; 141 — Moleira; 142 — Capeta; 143 — Medula; 144 — Polhastro; 145 — Fornaça; 146 — Marzoco; 147 — Maenga; 148 — Promessa; 149 — Tormenta; 150 — Recarga; 151 — Gangoso; 152 — Mandraca; 153 — Meada; 154 — Nuelo; 155 — Quem comeu o pato que lave o prato; 156 — Coma e cale.

★

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 5

Horizontais: 1 — Mocoa; 6 — Elami; 7 — Tenar; 8 — Inato; 9 — Ale.

Verticais: 1 — Meti; 2 — Olena; 3 — Canal; 4 — Omate; 5 — Airo.

PROBLEMA Nº 6

Horizontais: 2 — Mel; 4 — Casia; 6 — Oraxi; 7 — Morar; 8 - Otose.

Verticais: 1 — Pesaro; 2 — Marot; 3 — Lixas; 4 — Como; 5 — Aire.

★

DECIFRADORES

Janota, Julião Riminot, O Sineiro, Ziul, Lutércio, Plá, Nilva, Nostradamus, Cantagalo, Dr. Kean, Oicaroh, Durmel, Don Roal, Jotoledo, Irahydes, Eulina Guimarães, El Principe, Imara, Dupla Jorisa, Jayreis, Seamva, Pompeu Júnior, Dr. Zinho, Toberal, Major Agá, Buridan, Matzuk, Emidlej, R.A.C.H.A., Thisbe, Walter T. Chaves, Naná, Mosquito, Dalwa, Ranzinza, Waltinho, Ro-San, Malba Tantan, Caboclo, Edpim, Jotorácio, Sertanejo II, Bigi Neto, Seu Teixeira, Violeta, Botucarahy, Mambira de Jiquitaia, Arpetra, Lupe, Gato Prêto, Johanes Latium, Xixto, Aglaé, Ycaro, Ronega, Aufergo, Alvasco, Radge, Sônia, Sam, Alô Tropina, Zizinha, Kinsos, Chico Bacamarte, Binastro, Rafinha, Alguém, Édipo, Lujoca, Varetas, Leiria Dias, Ruvina, Antero, Dick, Envergonhado, Jocati, Ordisi, O. Janz, Padre Chagas, Juca Pirolito, Nami, Tencel, Lord, Régito, Viviane, Oidaleh, Sphynx, Plutarco, Donatila Borba, Milon, Debrito, Roazo, Spartaco, Júpiter, Zepenha, Lidaci, De Souza, Paraná, Diamante, Ralvo Ilvas, Sinhô, Ueniri, Centauro, Pele Vermelha, Paco, R. Kurban, R. Petrocelli — 52 pontos; Eva Dio, Paulistinha, Segon, Iza Abel, Gil Vírio, Welton, Notrya, Zizinho — 51; Conde de la Fére — 50; Tony 48; Nomisio Nuno — 47; Ed Vep — 45; Bisilva, fris — 36; Magali — 32; Dr. Barroso Cardoso — 31.

★

SANTOS CHARADISTA

Como órgão oficial do Circulo Enigmístico de Santos apareceu esta interessante revista. De boa apresentação e bem colaborada foi aceita com satisfação por todos os charadistas.

★

DR. JOSÉ PANTALEÃO NETO

E' o nosso querido amigo e antigo colaborador *Dr. Zepanta*, ilustre Juiz de Direito em Cururipe, Alagoas.

Dr. Zepanta, que estêve alguns dias nesta capital, trouxe-nos o seu cativante abraço.

★

MIRIAM

No dia 30 de outubro nasceu na cidade de Pôrto Alegre a mimosa *Miriam*, filhinha do nosso amigo e velho colaborador Odwal Janz.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados e Portugal 90.

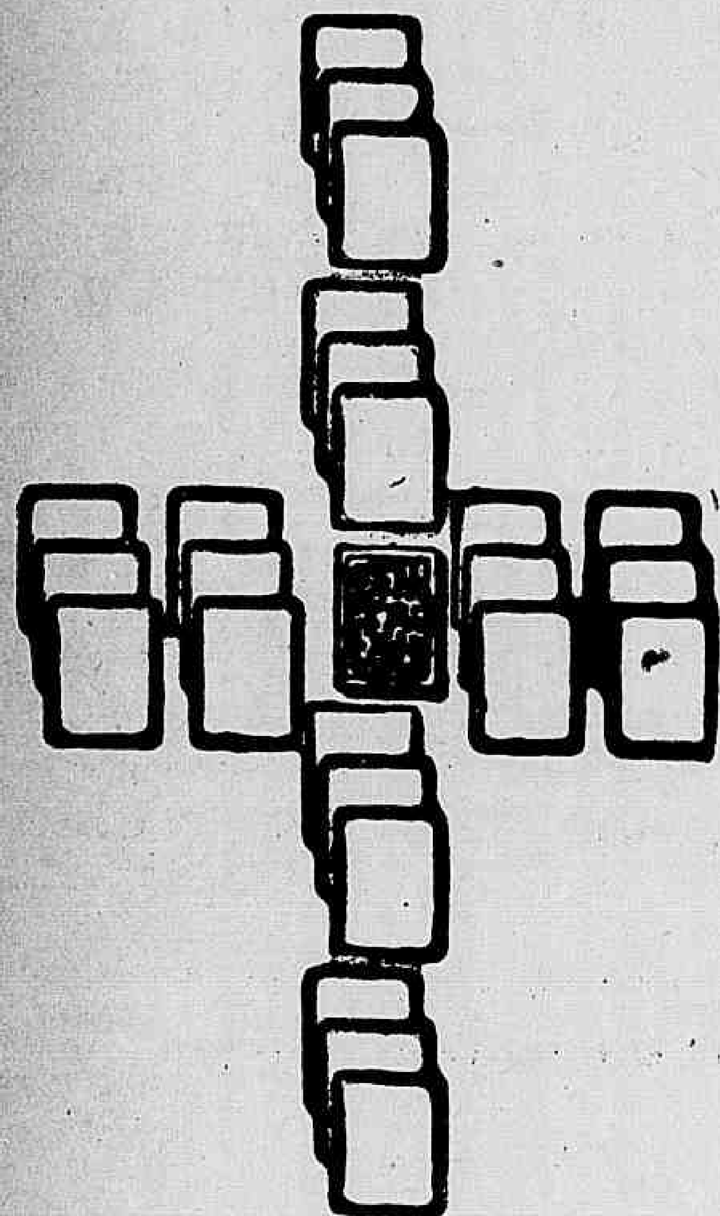
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida ao seu diretor

DR. LAVRUD

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

CARTOMANCIA

FLORISTA (Solteira, Rio de Janeiro) — Breve terá agradável notícia, trazida por uma carta. Em uma festa de rua, achará pequena jóia. Um homem de farda lhe prestará auxílio. Durante horas



Mapa em que têm de ser escritos os valores das cartas; deve ser cortado e enviado a esta redação, com o nome ou pseudônimo do consulente e local de onde vem.

de alegria, terá contrariedades. Um casamento feliz alegrará sua casa.

LÚCIA M. R. (Solteira, São Paulo) — Uma criança morena será vítima de inflamáveis. Noto uma mulher de côr, tentando envolver seu nome numa infâmia. Um pequeno atraso de correspondência, fará com que fique inquieta. Terá vida longa, com indícios de que no futuro alcançará êxitos.

BOBINHA (Solteira, Distrito Federal) — Um homem de sua família sofrerá um prejuizo monetário. Em horas de refeições, chegará pela porta da rua, agradável notícia. Uma mulher de pouca cultura, lhe dará bons conselhos. Receberá um significativo presente. Noto que no futuro, conseguirá ver seus sonhos realizados.

B. N. H. (Solteira, São Paulo) Em primeiro plano, noto o reaparecimento de um documento há muito perdido. Uma de suas amigas, breve lhe dará provas de deslealdade. Seus dias mais venturosos serão ímpares. Noto pequena contrariedade, motivada pela chegada de uma carta. Terá vida bem prolongada.

AMELITA (Solteira, B. Horizonte) — Um pequeno presente a fará mais ligada a alguém... Há perigo de ser vítima de intoxicação; tome cautela. Durante um passeio campestre, perderá um objeto de estimação. Uma jovem de sua amizade sofrerá decepção amorosa. Noto pequena mudança em sua vida financeira.

CABEÇUDA (Solteira, Rio de Janeiro) — Será apresentada a um jovem que lhe despertará vivo interêsse. Um ato religioso, brevemente, transformará sua vida. Há sinais de que os meses ímpares lhes serão mais venturosos. Noto pequena divergência entre dois jovens de sua amizade. Uma mulher de bom coração, ficará a seu lado, num caso de intriga.

ROCEIRA (Solteira, Barra do Piraí) — Uma pessoa de sua família será vítima de uma calúnia. Noto que durante uma pequena viagem, será alvo de comentários elogiosos. Encontrará um pequeno objeto, que usará como talismã. Para novos empreendimentos, procure dias pares.

MORENINHA (Solteira, Barra do Piraí) — Noto que há perigo de ser vítima de inflamáveis; tome o máximo cuidado. Vejo que um jovem de bons sentimentos, procura ocasião para lhe declarar sua amizade. Brevemente sua vida passará por agradável mudança. Terá existência longa e futuro calmo.

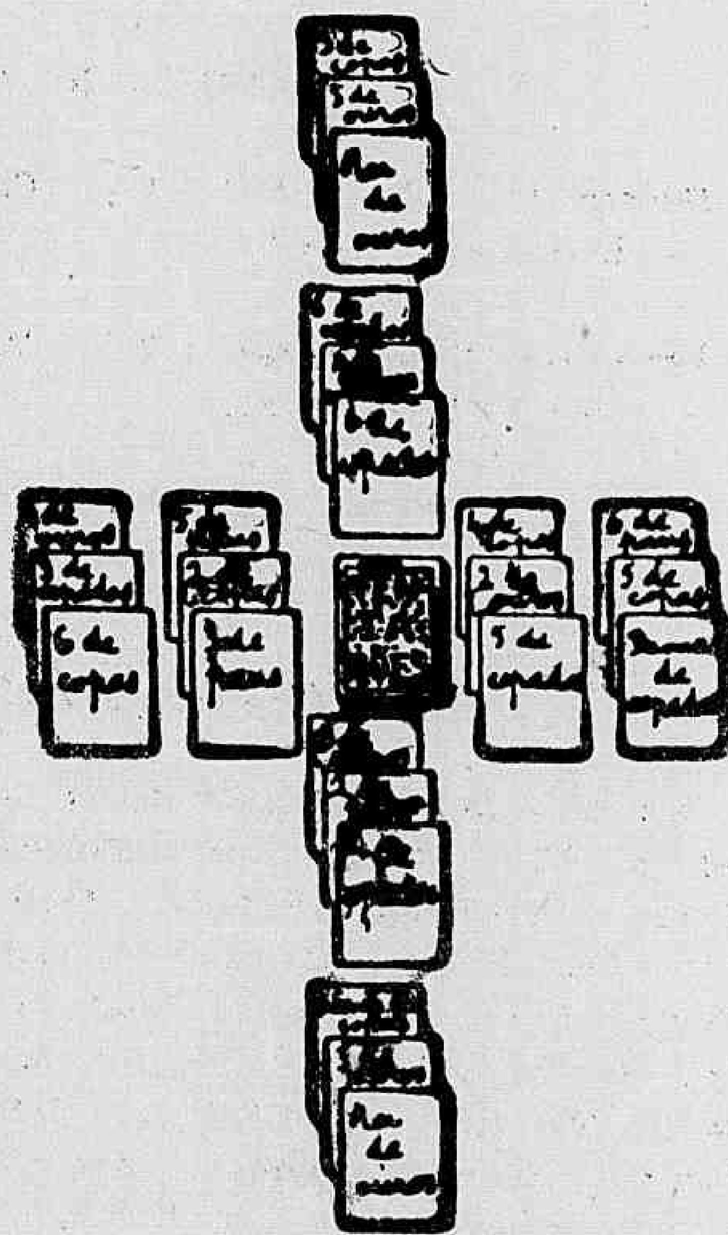
MARUJA (Solteira, São Paulo) — Vejo que um jovem de farda está muito interessado na consulente. Durante as refeições haverá pequena desinteligência nesta casa. Noto acidente vitimando uma criança. No porvir alcançará êxitos. Um ato religioso a emocionará muito.

ANA MARIA (Solteira, Estado do Rio) — Noto que seu nome será envolvido numa intriga. Será convidada para uma festa, onde obterá êxitos sociais. Um mimo de amor lhe será ofertado. Vejo que uma carta lhe dará notícias de alguém que há muito se ausentou. Use uma pedra verde.

LOLY (Solteira, Campo Grande, Distrito Federal) — A consulente esqueceu de preencher o mapa, fator indispensável para o estudo. Renove sua consulta e teremos prazer em atender.

TRISTONHA (Solteira, Morro Alto) — Em seu mapa noto algo de anormal, em relação a um caso de amor. Encontro também um impecilho fora de casa, transtornando um plano financeiro. Em horas de refeições, alguém lhe dirá frases de encorajamento. Receberá brevemente agradáveis notícias. Terá futuro ameno e feliz.

TUNANTE (Belém do Pará) — Em primeiro lugar, noto que terá vida longa e promissora. Suas cartas revelam um pequeno atraso num caso de dinheiro. Um pessoa entre suas amizades, lhe dará provas de grande afeição. Por intermédio de uma carta, saberá importantes assuntos. Um senhor lhe dará valioso apoio moral.



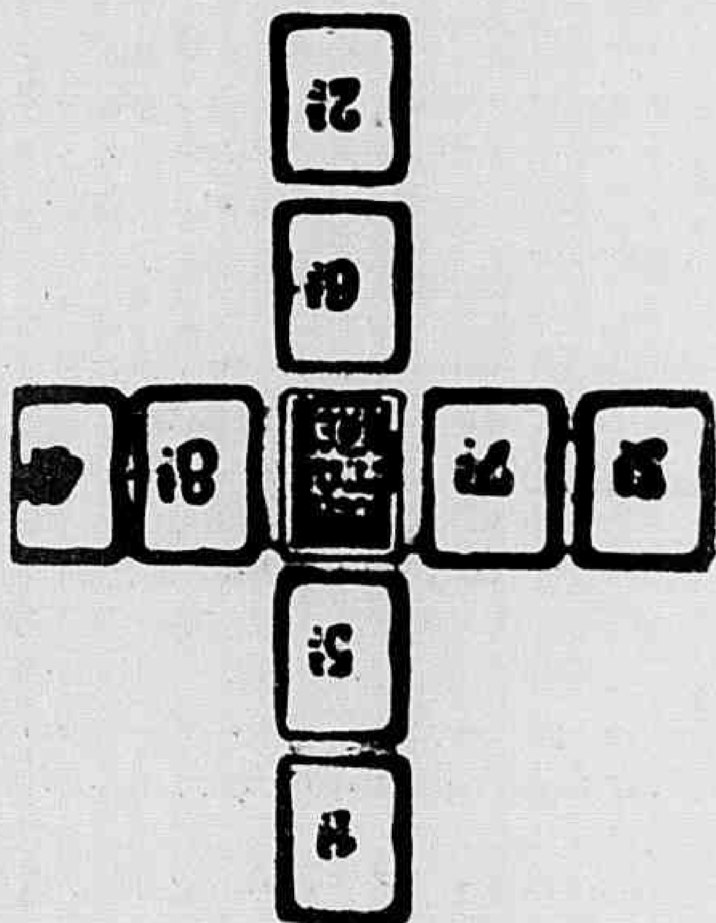
Modêlo de como tem que ser escrito o mapa.

CHUQUINHA (Flamengo, Distrito Federal) — Vejo a seu lado alguém que lhe dedica sincera afeição. Uma enfermidade passageira a vitimará, prendendo-a ao leito. Noto que seus dias felizes

serão as têrças e sábados. Uma mulher de bom coração estará ao seu lado, num caso de amor. Noto uma mudança em sua vida social e financeira.

ESPERANÇOSO (Distrito Federal) — OLGA ORSI TUTU (Braz, São Paulo) — MARIA DA GRAÇA (Rio de Janeiro) — MARIA TERESA DE MENESES MARQUES (Mooca — S. Paulo) — Os consulentes acima, esqueceram de juntar ao coupon, o mapa devidamente preenchido para o estudo. Aguardamos novas consultas. Até breve.

TUTUCA (Solteira, Rio de Janeiro) — Seu mapa revela que dentro em breve verá realizado um sonho há muito acalentado. Por meio de uma carta saberá que alguém se ausentará por motivo



Maneira de deitar as cartas em cruzeta, na ordem numérica em que estão dispostas.

de doença. Noto que seus dias mais propícios serão os pares. Terá vida longa e venturosa. Há indícios de enfermidade.

GRETCHEN (Solteira, Araras, São Paulo) — Procure se acautelar com os tóxicos, pois há perigo de ser vítima dêles. Uma de suas amigas se afastará por motivo de uma intriga. Noto a aproximação de alguém trazendo boas notícias. Um homem de meia idade lhe prestará auxílio, num caso de colocação. A seu lado está um jovem que lhe dedica afeição. Vejo que no porvir seu dias serão amenos e felizes.

SIR ANDRADE OLIVETI (Itajubá, Minas Gerais) — Em horas de refeições ficará a par da resolução de importante assunto. Um casal de sua amizade se desintenderá, por questões de pouca monta. Vejo uma mulher morena tentando conquistá-lo. De onde menos espera, lhe chegará valioso auxílio. Possui qualidades que o farão vencer na luta pela vida.

DENI L. MELIX (Casada, São Paulo) — Aparece pequena enfermidade acamando um ente querido. Uma de suas amigas a prevenirá contra uma intriga. Noto que durante uma reunião festiva, será comentada com elogios, uma boa ação. Uma pessoa de sua amizade se afastará, por motivo de negócios urgentes. Para novos empreendimentos procure os dias pares.

LYLA (Solteira, Distrito Federal) — Noto pequena tristeza causada por palavras inconseqüentes de uma jovem. Uma pessoa de sua família, sofrerá uma queda desastrosa. Um jovem que a admira em segrêdo, confessará sua afeição. Em horas de refeições saberá de boas notícias. Os dias pares lhe serão sempre mais felizes.

MARTA G. (Solteira, Distrito Federal) — Uma pequena quantia, há muito tempo emprestada, lhe será agora devolvida. Um homem de alta estatura, a porá ao corrente de importante assunto. Aparece pequeno arrufo amoroso, devido a mal-entendido. Procure usar sempre roupas de tonalidades claras. Noto pequena enfermidade vitimando-a.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV.BRIG.LUIZ ANTÔNIO,4289-S. PAULO
Peça prospectos

COUPON PARA A RESPOSTA

NOME OU PSEUDÔNIMO ....

SEXO ....

LOCAL DA CONSULTA ....

ESTADO CIVIL ....

IDADE ....

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos do Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 230 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45.00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo

... também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música

N. 416 DO ANO XXXV

EU SEI TUDO

N. 1 — 1952 JANEIRO

SUMÁRIO:

Divirta-se, Meu Bem (Conto — côres) 7
A "Boa Resposta" do Mês 10
Você... é "alguém"? 11
Defenda-se da Inflação 12
Os Homens desmaiam mais 18
A Morte ronda a Casa Branca 21
O êrro do Mordomo (Episódio real) 27
Bisturi, em vez de presídio 28
Esteja em dia com o Mundo 32
Não está direito! 33
O vizinho do lado 33
Como foi entregue a Goering a cápsula de cianureto de potássio 34
Apanhado em flagrante 34
Novidade no serviço de limpeza da cidade 35
Gente rara 35
Redutor de alta pressão sanguínea 36
Você teme o Divórcio? 37
O Dote de Nanette (Romance — continuação) 43
Cupido procura uma pista (Episódio real — côres) 51
Ainda nascem ciclopes (O terceiro ôlho) — Côres 52
Um homem que adora crianças 55
Ares campestres para "interiores" 56
Cérebros inquebráveis 58
Hitler e o mistério de sua morte (Continuação) 59
Não há cortina de aço para o amor 64
Cabelos para os calvos? 66
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) 67
Prisão aberta (Romance — continuação) 75
Os Portuguêses ao serviço da Fé e da Civilização no Ocidente 83
Nos Domínios da Gramática 88
Vida do Campo 89
No Mundo dos Selos 93
Memento, EU SEI TUDO (Novembro de 1951) 95
Charadas (Quebra-cabeças) 107
Cartomancia 112



A CAPA — Que é a "inflação", afinal? Para muita gente uma palavra muito vaga. Mas, se ouvirmos os técnicos em economia, o têrmo aparecerá complicado e confuso.

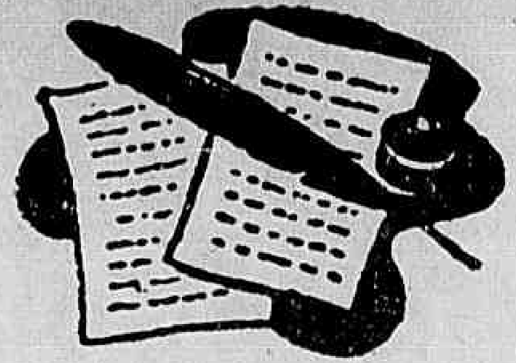
Porém, não há confusão com a alegoria da capa. Olhem bem para ela. Procurem mantê-la, bem viva, na memória. Poderá tornar muita gente mais cautelosa.

O perigo maior da inflação está em que, sendo uma grande ameaça, impressiona pouco. Alguns centavos, adicionados aos preços das coisas... Um pouco menos de dinheiro sobrando — ou faltando... Uma pequenina fração a menos, no valor do dinheiro. Mas, pouquinho a pouquinho, diàriamente, pode redundar na formação de um monstro, a inflação, que destruirá todos nós.

O problema merece uma ação mais rápida e certa do govêrno... e uma sólida ajuda de cada um de nós! O primeiro ato de defesa é, sem dúvida, reconhecer a existência do perigo. Olhem bem para a nossa capa. Ela ajudará muita gente a pensar no assunto.



O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado, com lucro.



CORRESPONDÊNCIA

JÚLIO CÉSAR LAMEGO — Belém — Pará — Não está ao nosso alcance dar a informação desejada. O segundo assunto será resolvido pela administração que se dirigirá diretamente ao amigo.

CLEMENTINA MARIA BORBA — Vitória — E. Santo — Ainda se prolongará por mais dois meses. Faremos todo o possível, embora vá demorar um pouquinho.

JOÃO CORREIA — Rio de Janeiro — Sua resposta não pode ser dada assim de imediato. Voltaremos, breve, a tratar do seu assunto.

CARMEN VILELA — S. Paulo — Sòmente dois romances de Gréville foram publicados. Mas pode estar certa de que outros virão. Podemos afirmar que não encontrará em nenhuma parte.

V. RIBEIRO DE MENEZES — Av. Angélica, 1040, Sta. Cecília, S. Paulo — Agradecemos a gentileza da fotografia que nos enviou.

AFRÂNIO PINHEIRO — Ribeirão Prêto — S. Paulo — Claro que sim. Entretanto, será indispensável que nos indique o seu endերêço completo.

PAULO K. SCHMIDT — São Paulo — Mais abaixo, nesta mesma coluna, encontrará informações sôbre a obra que estamos publicando. Sim; também pode ser adquirida nesta redação.

ARMANDO L. VIEIRA — Copacabana — Rio — Leia, por obséquio, o que respondemos ao Sr. Paulo K. Schmidt.



ATENÇÃO! — A obra «EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL», que estamos publicando em «cadernos», para que os leitores colecionem e formem, mais tarde, um livro, foi iniciada com o número de JUNHO do corrente ano de EU SEI TUDO. Os números atrasados podem ser encontrados nesta redação.